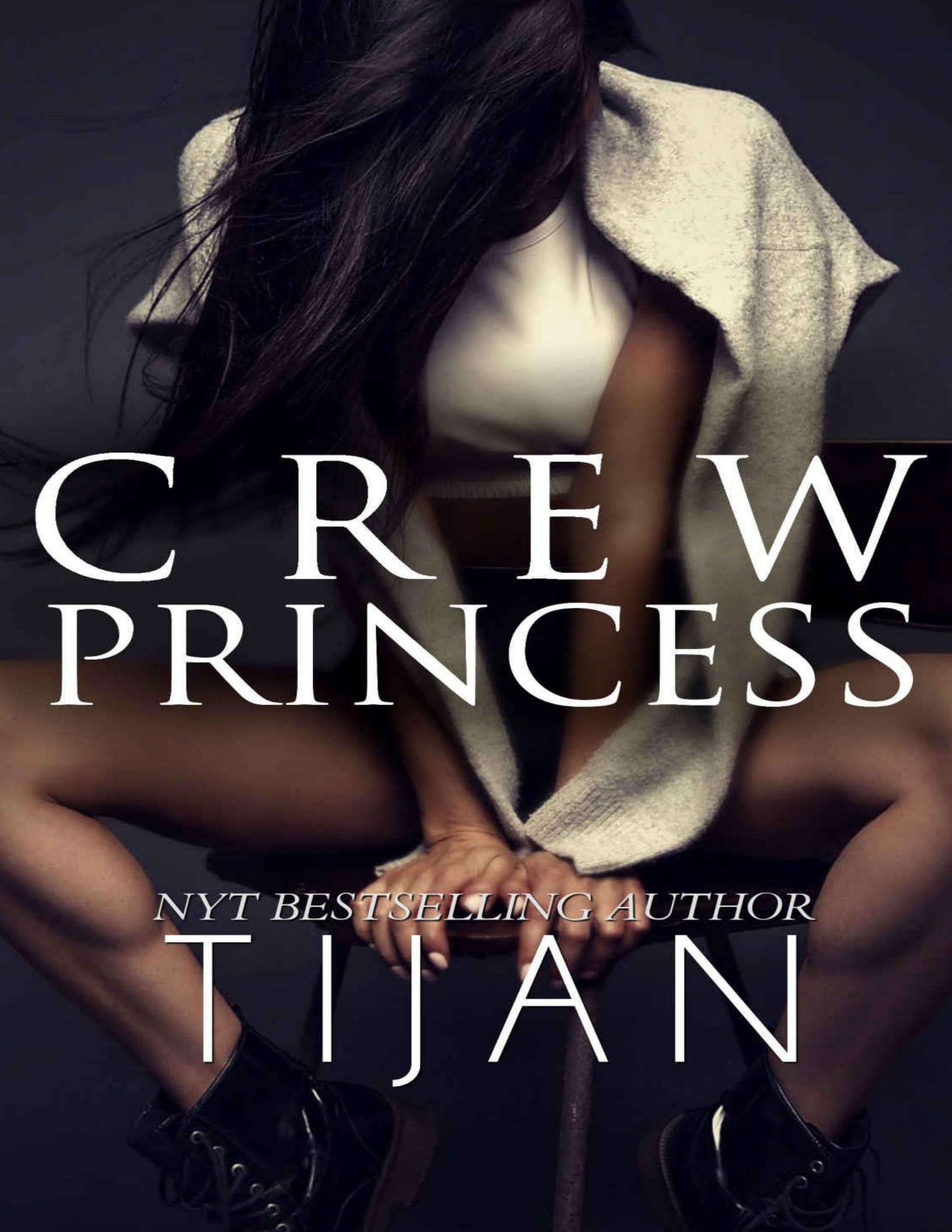

CREW
PRINCESS
NYT BESTSELLING AUTHOR
TIJAN



Luxury Traduções & Wicked Lady

AVISOS

Prezem pelos grupos, não distribuam livros feitos por nós em blogs, páginas de Facebook e grupos abertos.

Nunca falem sobre livros que foram feitos por nós para autoras, digam que leram no original.

Prestigiem sempre os autores comprando seus livros, afinal eles dependem disso não é mesmo?

CREW
PRINCESS
TIJAN

A presente tradução foi efetuada pelos grupos WICKED LADY e LUXURY TRADUÇÕES, de modo a proporcionar ao leitor o acesso à obra. Incentivando à posterior aquisição.

O objetivo dos grupos é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os e disponibilizando-os ao leitor, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto. Levamos como objetivo sério, o incentivo para o leitor adquirir as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, os grupos WICKED LADY e LUXURY TRADUÇÕES poderão, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que foram lançados por editoras brasileiras. Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução do grupo, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo WICKED LADY e LUXURY TRADUÇÕES de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

Parceria

Luxury Traduções & Wicked Lady

STAFF

DISTRIBUIÇÃO
Wicked Lady & Luxury Traduções

TRADUÇÃO
Lady Zsadist

REVISÃO INICIAL
Lady Parker

REVISÃO FINAL
Lady Dolce Gross & Lady K. Asher

LEITURA FINAL
Gaby Lux

CONFERÊNCIA
July Lux

FORMATAÇÃO
Lady Rexroth



CREW
PRINCESS
TIJAN

CREW LIVRO #2

Parceria

Luxury Traduções & Wicked Lady

CREW

Ordem Da Série

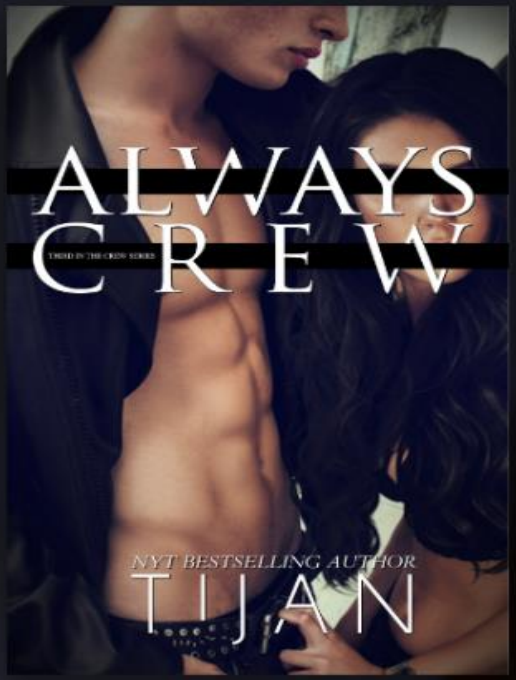
LIVRO UM



LIVRO DOIS



LIVRO TRÊS



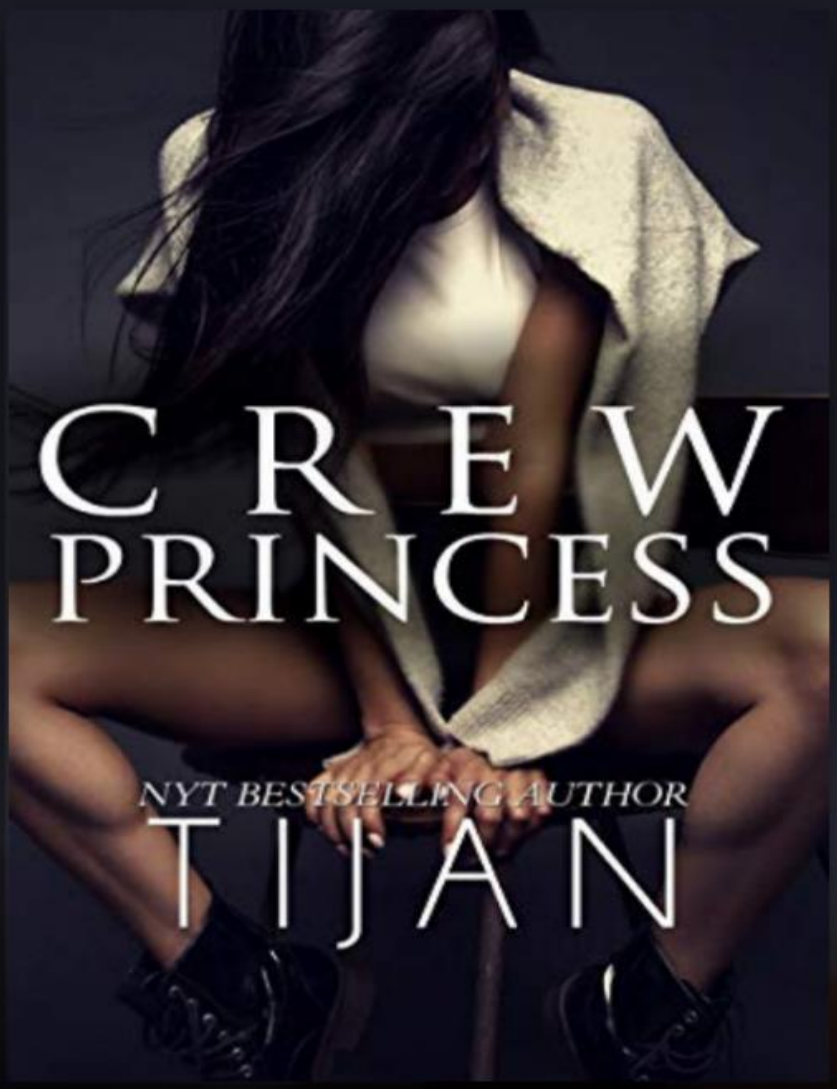
Parceria

Luxury Traduções & Wicked Lady

SÉRIE

CREW

LANÇAMENTO



DEDICATÓRIA

Dedicado a Amber Reynolds Moore, a sua família e aqueles que amavam Amber.

SINOPSE

Ser Crew é caminhar entre dois mundos.

Em um mundo normal: baile. Festas. Faculdade.

São as preocupações normais.

Em nosso mundo, lidamos com outras situações.

Policiais. Drogas. Brigas.

Esse é um dia típico para nós.

Mas e se não fosse?

E se chegasse um dia em que você quisesse parar?

Quando você considerasse deixar seus inimigos vencerem?

Quando você não revidasse?

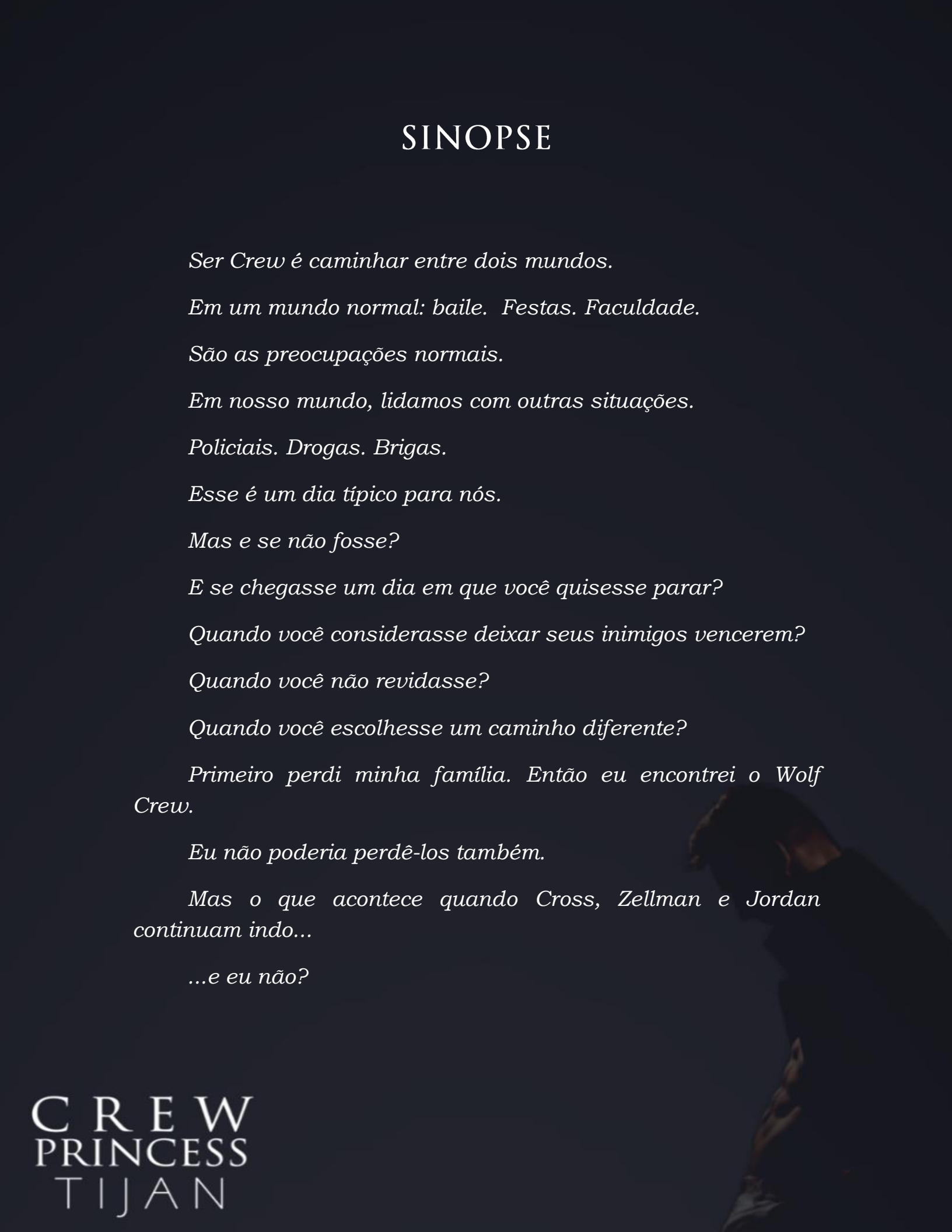
Quando você escolhesse um caminho diferente?

Primeiro perdi minha família. Então eu encontrei o Wolf Crew.

Eu não poderia perdê-los também.

Mas o que acontece quando Cross, Zellman e Jordan continuam indo...

...e eu não?



CREW
PRINCESS
TIJAN

PRÓLOGO

BREN MONROE

ENTREVISTA GRAVADA, PARTE 1

Delegacia de Polícia de Fallen Crest

Conduzido pelos detetives de polícia de Fallen Crest Broghers e Peyton.

Duração: cinco minutos.

POLÍCIA: *Foi estabelecido que Jordan Pitts, Zellman Greenly, Cross Shaw e você, Bren Monroe, foram responsáveis pelo recente ataque a Alex Ryerson, ex-líder da Ryerson Crew. Você confirma essa informação?*

BREN: *sem resposta*

POLÍCIA: *Depois que sua gangue atacou o Sr. Ryerson, ele permaneceu no hospital por quatro semanas. Você confirma essa informação?*

BREN: *sem resposta*

POLICE: *Vocês se importam de quase terem o matado?*

BREN: *Nunca o tocamos.*

POLÍCIA: **zombando* Vocês o tocaram, e nós sabemos disso. Ele ficou no hospital por um mês. Vocês se importam com isso?*

BREN: *sem resposta*

POLÍCIA: *Você recebeu instruções para não o prejudicar permanentemente. Isso também está correto, não é? Apenas nos dê algo, e podemos seguir em frente.*

BREN: *Eu quero meu advogado.*

POLÍCIA: **Suspiro* Isso encerra o interrogatório policial, parte um.*

CAPÍTULO UM

É de se imaginar que alguém superaria a violência.

Em certa idade, depois de causar tanta dor, ver tanto sangue, ouvir tantos gritos de agonia -uma pessoa seria capaz de se afastar, dar as costas e a necessidade não estaria mais lá. Certo?

Isso nunca funcionou para mim.

O desejo cresceu e cresceu até que foi demais para lidar.

Pode não haver mais um desejo de morrer dentro de mim, isso pode ter desaparecido, mas um desejo diferente surgiu. Eu queria encher as ruas de vermelho. Eu queria colocar terror nos corações dos normais, puni-los com alguns dos tremores com que acordamos. Eu queria que eles sentissem como era ter o poder contra eles.

Mas não pude fazer nada disso.

Ou pelo menos, não estava na hora.

— Bren.

Os sons ao meu redor permeavam minha mente, e me virei para a voz em meio aos gritos, risadas, espirros e copos sendo batidos.

Certo. Eu estava em uma festa na piscina.

Não é de admirar que eu estou me sentindo no modo assassina.

Quem não estaria?

— Bren!

Muita coisa mudou nessas dez semanas desde que uma amiga foi agredida, e particularmente no último mês. *Muita coisa.* Uma dessas mudanças está vindo em minha direção. Tabatha Sweets. Uma das garotas mais populares da nossa escola, uma que costumava me temer, e aqui está ela. Chegando até mim. Chamando meu nome. Agindo como se fôssemos amigas, o que realmente nos tornamos. Daí a parte de não me temer.

Ela ainda deveria.

Ela parou bem na minha frente. Ela não estava bloqueando meu sol porque eu estava escondida no canto do quintal, deitada atrás da churrasqueira, porque vamos ser sinceros, eu não estava aqui para socializar. Eu estava aqui por razões muito específicas: essa festa na piscina era na casa dos Shaw.

Cross Shaw era meu namorado.

Taz Shaw era minha amiga. Ela também era irmã de Cross.

E os outros dois caras da nossa equipe queriam se divertir. Zellman e Jordan.

Então estávamos aqui.

Eu estava aqui.

De má vontade.

E sonhando acordada com violência.

Vai saber.

Sentei-me, passei os braços pelos joelhos e suspirei. — E aí, Tabatha?

— O que você está fazendo aqui atrás?

Sua voz estava um pouco irritada com frustração, mas também confusão.

Experimental era a melhor maneira de descrever nosso relacionamento, e estou sendo extremamente generosa com essa palavra para descrever o que tive com Tabatha e seus subordinados. Você pode culpar todo o tempo que tive que servir no comitê de caridade, que foi renomeado para comitê de 'evento' como parte do meu serviço comunitário. Esfaquear

nosso antigo diretor terminou comigo meio que tendo outras amigas além de Taz.

Eu não tenho certeza de como isso aconteceu.

Algumas pessoas estavam atrás de Cross, e eu sabia que elas ainda mantinham a chama acesa. Quanto a Tabatha, ela e Jordan agora são um *casal*.

Sim. Também fiquei surpresa com o quão rápido isso aconteceu.

Eles passaram de um encontro oficial para um casal, e agora eram quase do tipo de casal apaixonado.

De qualquer forma, agora, a namorada do meu companheiro de equipe, que também era um pouco meu amigo (dependendo do dia e do meu humor, para ser sincera), estava sobre mim. Ela estava me olhando, com as mãos nos quadris.

Eu não podia mentir, no entanto. O desejo de puxar minha faca, apenas para segurá-la e saber que isso deixaria Tabatha desconfortável, era forte. Mas eu não puxei. Eu amadureci no ano passado. Viu? Aconselhamento e serviço comunitário podem reabilitar jovens delinquentes como nós.

— Onde estão os caras? — Eu ignorei a pergunta dela. Ela ainda não me conhecia?

Levantando-me, não esperei que ela respondesse.

Eu mesma fui atrás.

Zellman estava em uma espreguiçadeira, com sua foda rápida (Sunday) no colo. Monica (uma das garotas que ainda dava em cima do meu cara) estava ao lado deles, sentada no colo de outro cara (acho que um jogador de beisebol).

Jordan estava saindo da casa.

Ele me viu olhando para ele e parou, sua cerveja na mão. Ele levantou as sobrancelhas em dúvida, mas eu balancei minha cabeça.

Eu não precisava dele para nada.

Ele continuou andando, indo sentar-se em outra espreguiçadeira ao lado de Z. E eu sabia onde estava o quarto membro da nossa gangue.

Jordan. Zellman. Cross. Eu.

Nós éramos a Wolf Crew, a menor equipe no sistema de equipes de Roussou, mas também a mais perigosa.

Havia outras equipes. Os maiores, como o Ryerson Crew, ou o Frisco Crew, que surgiram no último semestre. Eles eram da nossa cidade vizinha e a sua escola havia sido queimada. A cidade era pequena demais para conseguir fundos suficientes para construir uma nova a tempo para o semestre de inverno, então eles foram transferidos 'pra' cá. Bem, metade deles foram.

Alguns foram para a Fallen Crest Academy, e um bom terço foi para a Fallen Crest Public School, mas o resto veio 'pra' cá. Frisco, Fallen Crest e Roussou formaram um triângulo estranho no interior da Califórnia, então essas eram as opções.

Nós ouvimos que os estudantes de Frisco que foram para a Academy cagaram nas calças com o quão rico e chique tudo era. A maioria das pessoas em Frisco era pobre como nós. A Academy era para os ricos. Havia exceções, mas é o que era.

Algumas de suas meninas tentaram seguir Tabatha por aí. Ela literalmente sacudiu duas delas pelos ombros.

Eu acho que é isso o que as garotas populares fazem? Eu não sei.

Todo esse relato foi apenas para dizer: eu não sou como eles.

Eu não sou como Frisco. Não sou como um Fallen Crusty, nem sou como um Normal (nosso termo para quem não faz parte da equipe de Roussou). O que eu sou? Minha equipe. Zellman. Jordan. Cross. E é isso.

E ao ver Jordan rindo tão facilmente com aquele cara alegre, senti uma contração no peito.

Eu não sabia o que era - ciúme, raiva, ou talvez estivesse apenas com fome. Mas o fato de eu sentir essa contração foi

suficiente para mim. Se eu tinha sentimentos sobre algo, nunca era um bom resultado, então eu pulava fora.

— Oh, não, não, não.

Comecei a passar por Tabatha, mas ela me bloqueou.

Os olhos dela brilharam com determinação e ela apertou os lábios. — Reconheço esse olhar em seu rosto. Você vai se esquivar. — Ela balançou a cabeça. — Você não pode pular fora.

— Eu não ligo. — Eu comecei novamente a me mover.

Ela me bloqueou novamente, sacudindo os cabelos enquanto o fazia. O movimento foi suficiente para chamar a atenção, e as conversas ao nosso redor começaram a diminuir.

Eu cerrei os dentes.

Tabatha estava na minha cara, e eu odiava quando alguém estava na minha cara, e eu estava a dois segundos de...

— Sweets. — A porta se abriu novamente. Taz saiu, com uma mão no quadril de biquíni, vestida exatamente como Tabatha. — Afaste- se de Bren.

Tabatha começou a se virar, rindo.

Taz não estava brincando. Ela assentiu para mim. — Ela está a dois segundos de colocar as mãos em você. — Ela

examinou o quintal. — Não é uma boa hora para isso, se você entende o que estou dizendo.

Haviam telefones apontando pra nós. As coisas não ficavam mais em segredo, não desde que os friscianos chegaram à cidade. E haviam rumores de um outro desenvolvimento, um que fez a maioria das pessoas ver estrelas e letreiros de Hollywood, mas eu não posso nem entrar nisso agora. Eu recebi um aviso e sabia que seria uma dor na minha bunda.

— Você está perto de se descontrolar? — Tabatha perguntou calmamente, recuando um passo.

Essa era sua qualidade redentora. Às vezes ela não tinha noção, mas outras vezes ela sabia me dar espaço. Ela recuou agora, um pedido de desculpas brilhando em seus olhos.

Eu podia mover meu queixo novamente. Não estava petrificado. — Eu não gosto de ser encurralada.

— Merda, — disse ela baixinho. Ela deu um passo para o lado. — Desculpe. Queria que você se divertisse.

Eu me senti um pouco mal agora, mas não o suficiente para me manter aqui, fingindo ser uma estudante normal do ensino médio. Eu estava literalmente em comichão, a necessidade de estar livre e vagando sozinha estava fazendo meu sangue ferver.

Taz tinha ido mais longe para o pátio de cimento, e eu pude ver o telefone na mão dela. Olhando pra cima, Jordan me deu um sorriso quando ele guardou *o dele*.

Agora eu entendi.

Ele ligou para Taz, e essa era uma boa maneira de lidar com isso.

Taz era doce com todo mundo, mas enquanto ela olhava para mim, eu estava sentindo aquela sensação de ansiedade novamente.

— Bren. — Taz começou para mim.

Eu sabia o que ela queria. Foi por isso que ela deu essa festa.

E minha mandíbula travou de volta no lugar. — Não. — Meus dentes também estavam apertados.

— Bren, por favor.

— Não. — Eu passei por ela, minhas mãos nos bolsos enquanto eu andava através da multidão.

Normalmente, as pessoas saíam do nosso caminho, mas eu não estava dando tempo a ninguém para perceber que eu estava vindo. Alguns chiaram quando passei por eles.

— Você precisa falar com ele.

Eu estava na escada. Eu parei, minha mão no corrimão. — Na verdade, eu não preciso.

— Bren, por favor. — A voz dela tremeu.

Eu parei. Sério?

Eu olhei para ela. — Eu sei que você estava bebendo, rindo e sentada no colo do seu namorado, dois segundos antes de Jordan mandar uma mensagem para você tirar Tabatha de cima de mim. Não me venha com lágrimas de crocodilo pensando que vai funcionar.

Uma lágrima caiu, deixando para trás um rastro molhado enquanto ela a deixava ir até o queixo. Ela fungou. — Sinto falta do meu irmão, Bren.

Não. A lágrima não era real.

Ou…

Podia ser.

Cross não ficava na casa deles nos últimos dois meses, desde que…

— Deixe isso pra lá, Taz, — veio uma voz atrás dela.

Alívio.

Eu não estava mais na mira.

Cross estava descendo as escadas, os olhos firmemente fixos nos da irmã e a mandíbula cerrada. Aquele queixo quadrado e forte, aquele que eu ansiava por beijar, tocar e passar minhas mãos. Seu cabelo estava um pouco mais claro que o normal, mas cortado curto e, se possível, ele estava mais forte nos últimos dois meses do que antes.

Jordan e Zellman gostavam de levantar pesos, mas isso era um passatempo para eles.

Para Cross, era diferente. Havia um conjunto de pesos no galpão de Jordan, e Cross passava algumas horas por dia lá agora. Os resultados foram surpreendentes. Com 1,80m, ele permanecia magro, mas estava muito mais definido do que antes. Seu estômago era uma tábua de abdominais, e se ele se virasse para o lado sem camisa, eu podia ver cada gomo de seus músculos.

Ele estava em uma missão e, além de levantar pesos e treinar com o namorado de Taz (que era boxeador), sua outra saída era eu.

Ele virou aqueles olhos castanhos para mim, e eu me senti tonta. Só por esse olhar, eu sabia que ele precisava gozar. Eu podia sentir minha própria necessidade aumentando novamente.

— Cross, — começou Taz, secando a lágrima.

Sua voz repentinamente se firmou. *Chocante*.

Ela inclinou o corpo para bloqueá–lo quando ele desceu as escadas, uma bolsa por cima do ombro. Ela estava com a mão no outro corrimão. — Você precisa falar com a mamãe.

Ele parou na frente dela, olhando para baixo. — Não preciso não.

— Cross...

— Ela traiu o pai, — disse ele friamente.

Sim. Isso aconteceu no último mês.

O corpo inteiro de Taz pareceu murchar. — Eu sei, mas ele a traiu primeiro.

Isso aconteceu também.

Então Cross: — Eles estão se divorciando, Taz. Se estou falando com eles ou não, isso não mudará nada.

E sim, isso estava acontecendo em geral.

Os tempos estavam agora um pouco tensos.

Então Jordan se aproximou e perguntou: — Ei. Nós estamos indo para a fogueira hoje à noite? Para o final de semana do distrito?

Final de semana do distrito. Eu tinha esquecido -e merda.

Tínhamos cerca de um mês de aula.

Isso significava que o baile era no fim de semana seguinte.

CAPÍTULO DOIS

Com Cross apenas dois centímetros abaixo dele, Jordan era o cara mais alto da nossa escola. O único que poderia ter competido foi o nosso último diretor, mas ele se foi.

Alguém o despediu...

Cross desceu os últimos degraus, tirando sua irmã para fora do caminho com uma mão gentil, depois desceu para que ele estivesse logo atrás de mim. Sua voz veio por cima do meu ombro, sua respiração me acariciando. — Nós vamos?

Jordan se aproximou, alguns passos atrás dele. O único sujeito da espreguiçadeira triplicou, então havia três deles agora.

Eu olhei em volta, Z não estava na roda. Onde estava Z? Algumas meninas vieram em seu lugar.

Sunday. Monica. Havia outra garota também. Lilac? Ela tinha uma queda por Cross. Eu não era sua fã. E eu tinha certeza que ela me odiava. Eu não a culpo. Eu sentiria o mesmo.

Veja. Mais evidências de quão longe eu tinha chegado.

Eu estava compreendendo agora, não era mais a Bren que puxa logo a faca.

Trabalho em progresso. Essa era eu.

— Sim. Por que não? — Ele encolheu os ombros. — Fallen Crest e Frisco trocaram as coisas. Pode ser divertido. A casa daquele drogado pegou fogo. Ouvi dizer que eles têm um novo lugar lá, em vez daquele posto de gasolina. Espere. Não é lá que fica a nova delegacia?

Um dos caras amaldiçoou. — Onde a fogueira será então?

Mais de dois telefones tocaram, mas Cross tocou a parte de trás do meu cotovelo. — Vamos. — Ele apontou para Jordan também, então nós três saímos dali.

Cross caminhou até a rua antes de parar.

— Olha, — Jordan começou, com as mãos no ar.

— Eu estou bem com isso.

Minhas sobrancelhas se ergueram.

No semestre passado, estaríamos nos atrasando. Fui eu quem sempre fez minhas próprias coisas, com Cross vindo me encontrar mais tarde. Mas desde que seu pai se mudou, desde que Cross se mudou oficialmente para o meu quarto, ele e eu trocamos de papéis.

Bem, eu ainda era a que fazia minhas próprias coisas, mas geralmente Cross era mais sincero sobre como nenhum de nós precisava ir em *todas* as festas. Ele estando bem com esta fogueira em Fallen Crest – *especialmente* lá – não estava... então eu entendi.

— A nova namorada do seu pai vive lá, não é?

Sim. *Outra* coisa que aconteceu. O pai dele se mudou rápido.

Cross mencionou que seu pai tinha uma nova namorada. Ele mencionou que ela trabalhava em Fallen Crest. Eu sabia que o pai dele havia se mudado para outro lugar, mas Cross não tinha me dito para onde. Fiquei surpresa que Cross sabia tanto quanto ele.

A maneira como todas as traições vieram à tona foi estranho.

Normalmente, ou talvez eu esteja assumindo errado, mas quando alguém trai, há um período em que um dos cônjuges fica chateado. Um pede perdão. O outro não dá. O cônjuge traidor se dobra, implorando mais e mais. E então há um tempo em que eles tentam resolver isso? Terapia talvez?

Mas não com esse divórcio.

Acontece que *ela* traiu. *Boom*.

Descobriu-se que *ele* havia traído novamente.

A parte do – novamente – foi uma novidade porque, aparentemente, ele a traiu há muito tempo, antes mesmo de Taz e Cross nascerem.

Mas então, eu não tinha certeza de como haviam sido os anos de casamento após seu primeiro caso (porque tinha sido um caso completo e não coisa de uma noite, e sim, isso importava) até o *boom*. Ele a traiu novamente. E então, aparentemente, a mãe deles se cansou, porque ela deu o troco.

Agora eles estavam se divorciando. Fim da história.

Mas voltando ao pai de Cross. Cross disse que ele estava no motel local a princípio, mas essa era a única coisa que fazia sentido.

— Droga, — Jordan suspirou.

Estávamos todos brincando aqui. Tudo o que eu sabia que tinha conseguido desde a primeira noite em que Cross se aproximou e disse que estava indo morar comigo. E Cross não compartilhar isso comigo não era um bom presságio. Ele deveria ter me dito isso.

O rosto de Cross ficou tenso. — Ela trabalha na Kade Enterprises, no RH. — Ele amaldiçoou, baixo e selvagem. — Ele foi morar com ela na semana passada. Minha mãe... — ele

apontou em direção à casa. — Tem um cara vindo e dormindo aí.

— O que Taz disse?

Sua mandíbula apertou. — Ela não sabe.

— Que porra é essa? — Jordan murmurou.

— Sim. — Os ombros de Cross pareceram ficar ainda mais tensos do que antes. Sua voz baixou. — Encontrei uma pilha de roupas no quarto dela. Ela estava escondendo–os, em uma sacola de roupa.

— Talvez elas sejam do seu pai?

— As roupas dele estão dobradas *sob as* dela nas gavetas.

Bem, lá vamos nós. Esse é um novo nível de ocultação.

Jordan estremeceu.

Um grito alto veio de dentro da casa, e o volume subitamente ficou ainda mais alto quando a porta da frente se abriu.

— Que que tá pegando? — Zellman nos viu e veio correndo pela calçada.

A porta se fechou atrás dele novamente, mas depois se abriu.

Tabatha estava lá, com a cabeça pra fora. — Vocês estão numa reunião de equipe?

Cross se virou, xingando.

Z e Jordan compartilharam um sorriso, e Jordan gritou de volta: — Dê-nos um momento, querida.

Querida.

Como o mel[1].

Jordan notou meu sorriso e estreitou os olhos. — O que?

— Vocês estão nos apelidos oficiais agora. — Mordi o interior da minha bochecha para amenizar o golpe. — Você vai dar a ela um anel de compromisso no próximo fim de semana?

Cross soltou uma risada breve.

Z começou a gargalhar.

Jordan bateu no peito de Zellman com as costas da mão. — Continue rindo, imbecil. Você parece um periquito.

Z apenas riu mais alto.

Jordan balançou a cabeça, passando a mão na mandíbula. — Vocês todos são idiotas. E sim. — Ele me lançou um olhar. — Estamos usando apelidos agora. Isso é normal? Eu só deixei

---

1 É uma referência que a autora fez, pois Honey pode significar tanto – querida – quanto – mel.

sair uma noite enquanto estávamos juntos. *Bebê*. Deus, eu odeio apelidos. Eu sempre os odiei. Meu pai chama minha mãe de *sweetheart* e ela o chama de *cupcake*. Eu nunca quis usar apelidos, mas merda, aqui estamos. — Ele gemeu. — Como eu paro isso?

Z franziu a testa, como se realmente estivesse pensando em seu dilema. — Termina com ela?

— O quê?! — Jordan o rodeou, atingindo-o novamente. — Que porra de sugestão é essa?

Zellman parecia imperturbável, apenas dando de ombros. — Uma honesta? Acho que você não pode usar apelidos quando estiver transando.

Cross bufou. — Especialmente quando seu pau está dentro dela. — Ele estava falando com Jordan, mas seus olhos estavam em mim.

Eu sabia onde ele estava indo com aquilo.

Nós estávamos no — eu te amo — por um longo tempo. O momento chegou mais cedo do que deveria, mas o que você faz quando seu melhor amigo/amante pega uma arma para cometer um assassinato e você está tentando impedi–lo? A frase saiu, e não era uma frase que pudesse voltar para dentro. E enquanto não usamos apelidos em públicos, usamos em particular. Como quando ele me chamou de *Bebê* na noite

passada, e eu ofeguei seu nome, empurrando meus quadris contra os dele. Meu apelido para ele pode ter sido do tipo — Jesus, acabe comigo, pelo amor de Deus.

— Eu odeio vocês, — anunciou Jordan.

Zellman estava radiante. Ele bateu no ombro dele. — Estou meio orgulhoso de você. Olhe para nós. — Ele examinou o grupo. — Eu tenho uma companheira de foda. Jordan está namorando, e Cross e você são apenas vocês. — Ele assentiu, ficando sério. — Todos nós estamos crescendo. Puta merda. — Seu rosto ficou claro, como uma lâmpada acesa. — Nos formamos em um mês. Que porra nós vamos fazer?

Eeeeee... agora o alfinete podia ser ouvido caindo.

Todos nós ficamos em silêncio.

Isso.

Bem aqui.

Esta conversa.

Isso era um assunto complicado.

Ou talvez fosse o meu assunto complicado.

Graduação significava mudança. Crescimento. Nós terminaríamos. Nós estávamos nos mudando. Nós estávamos

ficando. Nós estávamos, eu não sabia o que estávamos fazendo, e esse era o problema.

A maioria das equipes se separou depois da escola, com apenas uma ainda durando, mas mesmo essa -e eu estou falando sobre a equipe de meu irmão -se ramificou um pouco com seu líder normal, Channing, também conhecido como meu irmão, não é mais oficial, mas ainda está lá. Era uma área cinzenta.

Mas voltando para nós e para a conversa que *não estávamos* tendo.

Na hora, Jordan tossiu. — Então. Nós vamos para a fogueira hoje à noite?

Z abriu um sorriso largo. — Sim?

Cross acenou com a cabeça para Jordan, se movendo ao meu lado. Ele roçou seu braço contra o meu. — Sim. Quero dar uma olhada nessa mulher com quem meu pai está, ver como ela é.

— Entendi. Nós podemos fazer isso. Uma fuga ou você está pensando em outra coisa? — O olhar de Jordan mudou de Cross para mim e voltou.

Cross olhou para mim também.

Os pelos da minha nuca se arrepiaram. — O que você está realmente pensando?

— A Kade Enterprises sediará um evento hoje à noite em seu clube de campo. Eu sei disso porque Race me perguntou se eu ia. Os pais dele vão. Ele estava imaginando se eu poderia parar lá, já que eles o estão forçando a ir antes da fogueira.

— Espere. — Zellman levantou a mão. — Eu pensei que eles estavam se divorciando também?

— Eles estão, mas os dois ainda vão.

— A mãe de Race se mudou para lá, e seu pai é rico, — acrescentou Jordan. — Ele vai querer se misturar com os Fallen Crusties para os negócios.

— Merda. Essa é uma boa ideia.

Então, Jordan e Cross olharam para mim novamente.

Uma pedra bateu no fundo do meu estômago. Eu tinha bastante certeza do que ele ia perguntar, mas falei: — Você precisa dizer as palavras. Não posso fazer nada se você não me perguntar.

Cross não hesitou. — Quero invadir a casa dela, explorar o máximo possível.

— Bom ponto, — Zellman suspirou, já assentindo.

Era isso que fazíamos, nossa gangue.

Um de nós precisava de algo e estávamos lá.

O único problema era eu.

Eu ainda estava em liberdade condicional.

Mas eu assenti. — Quando vamos?

CAPÍTULO TRÊS

Eu amava Cross.

Melhores amigos desde a sétima série, membros de equipe -éramos inseparáveis, mas mantivemos as coisas platônicas enquanto ele era um pequeno garanhão. Tudo isso parou no início do ano letivo. As coisas correram de um jeito que nunca poderíamos nos recuperar, e isso era o *nós* que éramos agora.

Eu sentei ao lado dele na caminhonete. Eram quase dez da noite. Conversamos sobre Race ser nossos olhos e ouvidos no clube de campo – porque como o ajudamos no ano passado, ele retribuiu o favor. Ele concordou em ficar na festa (ignorando os pedidos de Taz para sair para a fogueira) e ficar de olho no pai de Cross e em seu encontro.

O telefone de Cross tocou mais uma vez. Estava tocando desde que deixamos Roussou. Jordan vira para um bairro elegante, no alto de uma colina. Todas as casas eram chiques.

— Qual é a última? — Jordan perguntou.

— Treze, — respondeu Cross.

Todos nós sorrimos. Taz havia pedido a Race pela décima terceira vez para ir à fogueira.

Cross enviou de volta um texto.

— O que você disse? — Zellman enfiou a cabeça pela janela traseira.

Cross colocou o telefone de volta no bolso, olhando por cima do ombro. — Eu disse a ele para nos dar trinta minutos; então eles podem sair.

— Trinta? — Eu perguntei quando Jordan parou na frente de uma mansão. — Você tem certeza disso?

Apenas olhando o lugar, eu poderia dizer que tinha segurança. Muita segurança. Havia um portão e uma câmera no topo.

Não era uma boa ideia.

— Merda. — Jordan bateu no volante, inclinando-se para ver melhor. — Cross. Cara-

Eu terminei por ele. — Escalamos a cerca, então eu garanto que um alarme está indo para a polícia, e eles não estão tão longe daqui -descendo a colina ali. Não podemos entrar aqui.

Cross olhou para a casa, uma veia saindo de seu pescoço. — Esta é a porra do endereço que ele deu à minha mãe. Estava escrito no papel ao lado do computador em seu escritório. Que porra sua namorada faz na Kade Enterprises? — Ele se inclinou

pela janela, como se a mansão ou a rua sofisticada pudessem nos dar as respostas.

Eu? Eu segui em frente. Eu sabia que não estávamos entrando naquele lugar, mas neste bairro? Eu não podia acreditar que as pessoas realmente moravam aqui. Todo gramado era bem cuidado, pelo menos os que podíamos ver através dos portões.

Não havia rachaduras na calçada. Algumas árvores tinham luzes de cristal nelas. Palmeiras pontilhavam as ruas. Todas as luzes da rua funcionavam. Uma senhora estava passeando com um cachorrinho em uma coleira rosa, e eu tinha certeza de que havia diamantes na coleira do cachorro. Talvez apenas lantejoulas? De qualquer maneira, eles eram ricos. Disso eu tinha uma droga de uma certeza.

Eu me senti duas polegadas mais alta.

A senhora nos olhou quando se aproximou e olhou diretamente para mim. A suspeita explodiu, com a mão no bolso.

— Tenho que ir, — eu murmurei.

O telefone dela estava saindo e ela ligaria para a polícia. Eu sabia.

Jordan xingou e moveu-se para colocar a caminhonete na mesma hora em que outra senhora apareceu. Ela bateu a mão na beirada da caminhonete.

— Que porra é essa? — Z quase caiu para trás, olhando ao redor para ver quem tinha dado o susto em nós.

Era uma mulher de meia idade e ela nos ignorou. Ela estava focada apenas na senhora que passeava com cachorro-de-coleira rosa, a que chamava a polícia. Ela sorriu largamente e levantou a mão, acenando, fazendo um grande negócio com isso. — Oi, Clara! Como vai você?

Sua voz estava alta também, e ela estava fazendo isso de propósito.

Z fez uma careta para ela. — Senhora, solte nossa caminhonete.

A mão dela apertou.

Jordan abriu a porta e deu a volta para o lado dela.

Ela continuou falando, a mão ainda no ar. — Como está Gordon? Você ligou para a empresa de Brentworth? Eu sei que eles são excelentes em defender seus clientes. — Ela deu uma risada forçada, mas foi calorosa. — Nunca importa se eles são culpados, e não se preocupe com o seu Gordon. Mesmo que ele demore um pouco, tenho certeza de que o enviarão para um tipo de lugar de acampamento.

A mulher que passeava com o cachorro tinha congelado, mas depois que a senhora segurando a caminhonete continuou, sua voz ficando cada vez mais alta, a passeadora de cães finalmente puxou o cachorro e puxou a bunda de volta por onde eles vieram.

— Senhora, — Jordan rosnou, agora ao seu lado. — Você precisa largar minha caminhonete. Agora.

Ela esperou, seus olhos seguindo a passeadora de cães até que ela dobrasse a esquina. Finalmente se afastando, ela retirou a mão e foi em direção à frente da caminhonete. Ela veio devagar, com as mãos estendidas como se estivesse sendo presa. Seus olhos encontraram os meus e os seguraram, até que nós quatro estávamos olhando para ela.

Ela levantou o queixo no ar, as mãos indo para os lados. — Eu conheço você.

Jordan subiu, do lado de fora da porta de Cross. Ele olhou para mim. Z saltou, chegando ao lado de Jordan. Ele olhou também.

Cross levantou o queixo em desafio. Seu tom era frio. — Quem diabos é você?

Ela o ignorou, seus olhos apenas em mim. — Você é a irmã mais nova de Monroe, não é? — Ela assentiu para si mesma. — Sim. Sim. É você. Eu conhecia sua mãe. Ela e eu

costumávamos correr por aí juntas. Enfrentamos todos os tipos de problemas. — Ela abaixou a cabeça, sua boca formando uma linha sombria. — Eu não disse isso a ninguém. Você me conhece?

Eu balancei minha cabeça. — Não.

Seu peito subiu e sua boca se abaixou antes de sua cabeça balançar novamente. — Imaginei isso. Eu não sabia se ela diria alguma coisa. Sou Malinda McGraw-Strattan.

Ela disse isso como se eu devesse saber.

Eu balancei minha cabeça. — Eu não te conheço.

As narinas dela se alargaram. — Você é irmã de Channing, certo?

Eu não respondi.

Os olhos dela se estreitaram. — O noivo de Heather Jax, certo? Ele propôs.

Eu ainda não respondi.

Ela bufou, — Você está falando sério? Ou você está brincando comigo? A melhor amiga de Heather é minha enteada. — Ela esperou novamente por uma resposta.

Eu sabia de quem ela estava falando, mas não até agora. Channing conhecia todos em Roussou. Heather conhecia uma

tonelada de pessoas de ambas as cidades. Alguém dizendo que os conhecia não significava nada para mim.

Mas a parte da melhor amiga se encaixou.

Uma pessoa precisava de uma árvore genealógica para entender todas as conexões, mas eu ouvi o suficiente para saber que ela estava falando sobre Samantha Kade -a atleta olímpica casada com um jogador profissional de futebol. Sim, mesmo alguém como eu, que não se importava muito com fama e nomes, ficou um pouco impressionada com isso. Mas não era por isso que eu me importava. Samantha era uma boa amiga para Heather. Era com isso que eu me importava, e o Patriota[2] era amigo de meu irmão. Eles vieram visitar algumas vezes. Toda vez eu desaparecia. Essa era a vida deles, não a minha.

— Sim. — Malinda estava me observando o tempo todo. — Agora você está entendendo tudo. Samantha é minha enteada. Eu me casei com o pai que a criou. — Ela olhou rapidamente para os caras, demorando-se em Cross antes de se mudar para Jordan, depois Zellman. — Vocês meninos praticam esportes?

Jordan não respondeu.

Cross não disse nada.

---

2 Patriota ou Patriot é chamado aquele que joga para o time de futebol americano Patriots.

Zellman olhou para mim, depois para ela e depois para os outros. — Nós somos... ela é uma amiga, certo? Não é uma inimiga? Posso responder a essa pergunta?

Jordan olhou para o céu. — Pelo amor de Deus, Z.

— O que? B. você nunca disse que conhecia a esposa do treinador Strattan. — Ele estendeu a mão, caminhando. — Eu jogo bola. Quero dizer, não na nossa escola porque nossa gangu é péssima, mas jogo nas ligas de verão. Estamos começando em maio. E eu sei tudo sobre o seu marido. Ele transformou o time de futebol do Fallen Crest Public. Eles foram para a Estadual depois que ele se transferiu.

Os lábios dela se curvaram. Os olhos dela estavam brilhando. — Você pratica esportes?

— Oh sim. Que cara não? — Ele olhou para trás, viu todos nós apenas observando e pigarreou. — O que? Como se Cross não fosse perguntar sobre o que está acontecendo. Vocês sabem que ele ia. Parem de me encarar. Eu estou apenas me adiantando.

O sorriso de Malinda ficou mais quente e ela se aproximou da porta. — Minha casa é a de trás. Estava tirando meu lixo e vi sua caminhonete desacelerando, sem ofensa, mas vocês não se misturam. E vocês realmente não se misturam a essa hora da noite. Eu sei que vocês não são um grupo de criminosos, mas um conselho amigável de uma mãe ursa para alguém que

considero conectado através da família. Porque Bren, querida, Channing e Heather são uma família para nós, então isso significa que você é da família. — Ela olhou para os caras. — Vocês todos podem querer sair. Estou bastante certa de que uma ligação foi enviada à polícia assim que vocês entraram na rua.

Os lábios de Jordan se estreitaram. — Se todos vocês são arrogantes assim, por que diabos você não tem um condomínio fechado?

Ela riu. — Porque isso custa mais dinheiro, e todos precisamos concordar com as mesmas regras. Você realmente não conhece esse bloco, não é? Temos um bom número de inimigos vivendo do outro lado da rua. Isso significa que nenhuma regra é acordada, portanto não há portão. Todos nós fazemos o nosso próprio.

O telefone de Cross tocou. Ele amaldiçoou assim que leu.

Jordan olhou para ele. — Eles já saíram?

— Merda. — Cross olhou para mim, indecisão clara em seu olhar.

Nós estávamos em um ponto ruim.

Mas não gostava de pedir ajuda.

Eu perguntei baixinho: — Podemos voltar?

Ele abaixou a voz. — Você sabe que não podemos entrar lá, mesmo que quiséssemos. — Ele segurou meu olhar, mas moveu a cabeça na direção dessa pessoa Malinda. — Você pode perguntar? Ou devemos descobrir isso de outra maneira?

A cabeça de Jordan estava abaixada. Eu sabia que ele estava ouvindo, sendo o mais próximo da nossa porta e janela aberta, mas ele não disse nada.

Z ficou quieto também, até que ele jogou as mãos no ar. — Já chega. Eu estou decidindo. Todos nós somos péssimos com coisas de computador, e é a única maneira de descobrir alguma coisa. — Ele acenou com a cabeça para a casa que estávamos saindo. — Você sabe quem mora lá? Você pode nos contar algo sobre ela?

Malinda olhou para a casa, ergueu as sobrancelhas e voltou-se para nós. Lentamente. — Você está perguntando sobre Marie? — Ela riu. — Marie DeVroe. Ela se mudou para cá há alguns meses, divorciada do marido.

Ela estava me estudando novamente.

Aqueles olhos. Quentes, em tons de terra, mas muito inteligentes também. Os cabelos castanhos estavam presos em um rabo de cavalo. Ela estava vestida de jeans e uma bela camisa -quase como nós, mas eu sabia que ela não era como nós. Eu não sabia por que ela continuava me olhando, como se devêssemos nos conhecer. Esse mundo de onde ela veio estava

a um milhão de quilômetros do meu. Sim, havia uma ponte, Heather e meu irmão, mas a ponte era longa e fina. Não havia muito espaço para eles irem e voltar, tanto quanto antes. Heather estava mais do lado de Malinda da ponte do que Channing, mas eu não estava na ponte. Eu não estava nem perto disso.

Cross estava esperando por um sinal meu, pressionando para obter mais informações ou não.

Eu estava cheia.

Os olhos de Malinda dançaram entre nós. Ela se endireitou, cruzando os braços sobre o peito. — TUDO BEM. Acho que estou começando a entender o que está acontecendo. Você quer saber sobre Marie? Vou te dar as estatísticas de pessoas ricas. E eu estou fazendo isso porque eu amava sua mãe. Ela era o melhor tipo de amiga que uma garota poderia ter, mas voltando a DeVroe. Ela tem dinheiro. Há rumores de que ela vem de dinheiro antigo do leste. Seu patrimônio líquido é de cerca de quinze milhões, mas isso é apenas fofoca, você vê.

Ela apontou para um portão mais abaixo. Não bastava esconder a enorme casa atrás dela, que parecia grande o suficiente para engolir quatro ou cinco casas. — Ela é discreta, está na casa dos trinta. Bom, pelo que eu vi. Até agora não se envolveu em nenhum escândalo. Ela trabalha com recursos

humanos para a Kade Enterprises e é freelancer como decoradora.

Cross zombou, empurrando para frente.

Com a reação dele, os olhos dela brilharam em triunfo. Ela o avaliou, inclinando a cabeça para ter uma visão melhor. — Oh, uau. Olhe para você. Você tem uma cara de modelo, não é? — Ela sorriu, batendo no queixo. — Essa mandíbula pode derreter a calcinha das mulheres em todo o país. — Ela olhou dele para mim. — Vocês dois são um casal? — Ela deu um passo para trás com um olhar conhecedor. — Acho que estou juntando as coisas. Ouvi dizer que Marie pegou um novo namorado, o conheci em um evento de trabalho recentemente. Ela foi chamada para decorar alguns escritórios novos. Hmmm... é alguém que você conhece? — Um sorriso puxou sua boca. — Seu pai, talvez?

Essa mandíbula deslumbrante dele se fechou, e ele se endireitou, olhando para frente.

A perna cruzada era como cimento quando ela começou, mas quanto mais ela falava, mais o cimento derretera para argila molhada. Ele não olhou para ela, mas estava ouvindo.

Eu sabia que ele se apegou a tudo o que ela disse.

Não éramos do jeito que ela era.

Ela estava quente. Eu não sabia dizer se ela estava confiante, mas ela veio até nós sem saber quem éramos nos fazendo parecer sólidos. Isso significava algo para nós, mesmo se estivéssemos sendo idiotas sobre isso. Zellman já estaria a meio caminho de ser seu melhor amigo, mas estava se segurando porque *estávamos* nos segurando. E eu estava me segurando, porque ela representava um mundo conectado ao meu no qual eu nunca pensei que entraria. Isso foi tudo. Eu não sabia como proceder. Confiar em adultos também não era o nosso forte.

Lembrei-me de Heather mencionando a mãe de sua amiga. Havia duas, se eu estava lembrando direito. Uma não era falada em tons quentes, mas a outra era. Imagino que era essa.

Dando a ela um aceno de cabeça e um pequeno sorriso, eu disse: — Obrigada.

— Aí está. — Ela baixou a cabeça em aprovação. — Heather falou sobre você. Eu sempre me perguntei, conhecendo sua mãe, mas nunca disse uma palavra -nem mesmo seu irmão sabe que eu conhecia a mãe dele. Você tem a beleza dela. Eu ouvi falar do seu pai. Sinto muito pelo que aconteceu. Você pode não saber, mas eu sou uma amiga. — Ela piscou para Zellman. — Eu não sou sua inimiga, você pode perguntar a Heather, no entanto... — Ela inclinou a cabeça para o lado. — Eu não acho que você vai, vai? Se estou lhe vendo bem, você

mantém seus assuntos pra si mesma. Esses caras fazem parte desses assuntos, não é?

Ela estava quase tendo sua própria conversa, mas estava certa. Cada uma de suas palavras me perfurou.

Ela bateu suavemente no capô de Jordan. — Você quer ouvir histórias sobre algumas aventuras loucas em que sua mãe se envolveu; você me procura. Vou lhe contar tudo sobre ela algum dia. — Ela recuou, circulando em torno de nós e dando um pequeno aceno. — Eu irei vê-los novamente, tenho certeza.

E com isso, enquanto Zellman a olhava (o único de nós acenando de volta), ela se foi. Esperamos um pouco e então Jordan começou a rir. — Porra. Não sei quem era essa senhora, nem nenhuma das pessoas de quem ela estava falando, mas ela nos entreteu.

Cross estava sorrindo junto com eles, o que aliviou meus ombros. O ar passou pelos meus pulmões mais livremente.

Jordan voltou e ficou ao volante.

Zellman pulou nas costas. Ele enfiou a cabeça pela janela enquanto Jordan ligava o motor novamente. — Você não sabe quem é Mason Kade? Ele foi convocado para os Pats[3] e já tem duas argolas. Você acredita nisso? Bren, você o conhece?

---

3 É uma referência aos Patriots.

— Não.

Eu não conhecia.

— Os amigos de Channing estão com ele.

Ele disse isso como uma declaração, mas era mais uma pergunta.

Eu não respondi, afundando no lado de Cross. — Apenas vamos para a estúpida fogueira.

Pela primeira vez em muito tempo, eu queria uma cerveja.

Cross disse: — Temos que pegar algumas de nossas próprias merdas. Os idiotas da Academy seguram a deles.

Por um breve segundo, eu tinha esquecido.

Mas sim.

Eu odeio os estudantes de Fallen Crest.

CAPÍTULO QUATRO

O fim de semana do distrito era uma longa tradição entre as três cidades.

Cada cidade realizava um evento. A fogueira em Fallen Crest era geralmente no domingo, mas as coisas mudaram com Frisco. A dança de rua era amanhã, mas eu não esperava ter nenhuma alegria. A rua que eles fecharam foi a que corria em frente ao bar do meu irmão e ao seu novo escritório de caçador de recompensas. Channing estaria lá, provavelmente ocupado expulsando qualquer pessoa menor de idade do seu bar, enquanto discutia a venda de bebidas extras para ganhar algum dinheiro.

Infelizmente, Channing também era um cumpridor da lei, o que significava sem bebida para menores. Eu, por outro lado, pegava o que estava debaixo do balcão, como sempre. Ainda assim, meu irmãozão estaria lá, e ele ficaria de olho -seu papel não oficial em Roussou.

Amanhã seria o dia em que eu tentaria desaparecer do olhar atento de seus homens.

Mas esta noite era uma questão diferente. O fim de semana do distrito costumava acender a fogueira em um monte

de colinas ao norte de Fallen Crest, mas desta vez era no lado sul e com vista para o Manny's, um local popular que minha futura cunhada dirigia.

Heather havia assumido o controle do Manny do pai e agora estava falando sobre fazer outras franquias. Às vezes eu esquecia aquele outro mundo ao qual Heather estava conectada – Channing também, já que ele estava participando de uma das franquias. Ou duas, talvez. Eu parava de escutá-los quando eles conversavam sobre essas coisas, geralmente saindo pela porta e encontrando Cross.

Hoje à noite, as coisas pareciam diferentes.

Não é Cross, mas o resto. O futuro. Fazia um tempo, desde que Zellman mencionou a formatura. E a mesma velha emoção paralisante subiu pela minha garganta, ameaçando sufocar meu oxigênio...

O braço de Cross caiu em volta dos meus ombros e ele me puxou para o peito. Ele empurrou uma cerveja gelada na minha mão e levantou a boca, pressionando um beijo ao lado dos meus lábios. — Você está bem?

Nós encontramos um lugar na parte de trás da festa na floresta.

Eu me acomodei em uma árvore que oferecia uma visão do Manny's abaixo. Nós podíamos ver todos os carros, ouvir os

clientes entrando e saindo. Heather saiu uma vez para gritar com o irmão e voltou. A porta se fechou atrás dela um segundo depois, o som ecoando no vale ao seu redor.

Isso era normal.

A familiaridade aliviou um pouco da minha tensão, mas agora eu tinha Cross para isso.

Enquanto eu descansava contra ele, sua mão caiu e começou a esfregar meu braço. Ele levantou a cerveja, dando uma golada e apenas esperando.

Ele sabia que eu falaria.

Às vezes levava um minuto.

— O que você vai fazer no próximo ano? — *Finalmente*.

Ele ficou rígido, sua voz baixa. — O que você quer dizer?

— Você sabe.

Mais tensão, então seu peito subiu. — Eu não sei.

— Besteira. — Eu me afastei, virando-me para encará-lo.

Cross nunca mentiu para mim.

Ele segurou meu olhar.

Eu escolhi este lugar por uma razão. Gosto da minha privacidade e a maioria dos outros me respeitava, ficando longe.

Apenas alguns membros da equipe Ryerson se posicionaram não muito longe de nós. Havia um punhado de outros caras espalhados por perto. Eu suspeitava que eles fossem de Fallen Crest porque eram desagradáveis e estavam vestindo camisas polo. Ninguém que eu conhecia de Frisco usava malditas camisas polo. Alguns deles estavam olhando, seus olhares permanecendo cada vez mais até Cross chegar.

Eu teria que lidar com eles em algum momento, mas eu estava adiando por causa dos meus pensamentos.

Eles estavam escuros – então, novamente, esse termo poderia ser usado para me descrever. *Eu* estava escura.

Cross olhou para eles, apoiando a cabeça na árvore. — Vamos falar sobre isso mais tarde.

— Sim.

Ele estava certo.

Não é?

Agora não era a hora.

Mas...

— Eu quero dizer isso. — Toquei a camisa dele, apertando uma mão nela. — Nós nos formamos em um mês, e ninguém falou sobre o depois.

Sua mão foi para o meu quadril, deslizando por baixo da minha camisa, e ele me puxou para ele. Minha perna roçou na dele e inclinei minha cabeça para trás para vê-lo.

Ele descansou a testa na minha, quase sussurrando: — O que isso importa? Estamos ficando com a equipe, e não importa o quê.

Abaixando minha voz também, eu disse: — Eu vou ficar.

Ele me puxou para mais perto e esfregou minha testa. — Eu sei que você vai ficar. Todos sabemos que você vai ficar.

— Mas, e vocês?

Cross levantou um ombro. — Você quer fazer isso agora? Aqui?

Normalmente não. Mas ver Malinda havia despertado algo em mim, uma urgência que eu vinha ignorando há muito tempo.

— Eu acho.

— Tudo bem. — Ele respirou fundo outra vez e me observou. Sua mão subiu por baixo da minha camisa, começando a explorar entre nossos corpos.

A minha fez o mesmo. Eu não pude evitar. Se Cross me tocava, eu o tocava de volta. Era assim que era.

— Eu me inscrevi em alguns lugares.

Minha cabeça levantou em surpresa.

Seus olhos estavam me esperando. — Alguns locais para os quais eu posso dirigir, e alguns locais não.

Merda. Minha língua estava pesada agora. — Onde você decidiu ir?

— Eu não decidi.

— Meu conselheiro está enraizando na minha cabeça que eu preciso ir para a faculdade ou eu vou morrer.

Ele riu quando sua mão se moveu mais para cima. Puxei minha camisa para baixo para que os outros não pudessem ver, mas senti seu dedo traçando meu sutiã antes de deslizar por baixo. Ele segurou meu peito, esfregando o polegar sobre o meu mamilo.

— É isso que os conselheiros do ensino médio fazem, mas temos tempo.

Nós temos, não é?

Ele se inclinou, seus lábios encontrando minha testa. — Temos muito tempo.

— Olha, olha, um casal tão feliz. Hummm?

Cross abafou um gemido, levantando a cabeça, mas eu não precisava perguntar quem era. Eu reconheceria a presunção do meu ex, mesmo se fosse surda. Erguendo a cabeça, me virei e me afastei de Cross.

Drake Ryerson ficou de pé, sorrindo para nós, com os dois da equipe ao lado dele. Alguns outros se reuniram com eles também, e os caras de Fallen Crest estavam mais cautelosos do que antes. Eles deveriam ter sido cautelosos antes também, mas eram arrogantes e ignorantes, exatamente como gostávamos deles. Os números deles foram comparados com os nossos de Roussou agora, então eles deveriam estar fugindo. Eles não estavam.

Nós veríamos o que se desenrolava. Se houvesse um confronto, mais viria correndo – para participar ou gravar.

— O que você quer, Drake? — Eu perguntei.

Tivemos que lidar com Drake algumas vezes desde que ele voltou para assumir o papel de liderança da equipe de Ryerson. A equipe recebeu o nome de sua família, mas, ironicamente, o único Ryerson na equipe era o líder. Alex, seu último líder e irmão mais novo de Drake por um ano, havia sido expulso e embrulhado para presente por nós chutarmos o traseiro dele.

Ele machucou um dos nossos, então a dívida já fazia muito tempo. Mas desde então, uma trégua provisória e

desconfortável havia sido convocada entre todas as equipes. Não havia mais uma fenda instável entre nós.

Mas nós não gostamos deles. E não ficamos calados.

Os olhos de Drake se moveram entre Cross e eu. Um sorriso perverso se espalhou por seu rosto. — Eu quase me sinto mal, atrapalhando o momento de vocês dois.

Ele estava certo. Nós raramente mostramos esse lado. E acabou agora.

Eu me mexi e Cross estava ao meu lado, pronto para sair.

Eu mantive minhas mãos ao meu lado e levantei meu queixo. — Eu não vou pedir novamente.

Seus olhos caíram e sua boca pressionou em uma linha fina. — Você não está sendo divertida, Bren. Você costumava ser fo...

— Eu pensaria melhor se você realmente deseja terminar essa afirmação, — disse Cross.

Um calafrio percorreu minha espinha.

Aquele não era o zangado Cross do divórcio de seu pai, ou o quieto esperando que eu decidisse alguma coisa. Era o Cross com o qual ninguém queria mexer, quem havia saído e se tornado o líder de nossa equipe.

Ele era perigoso quando falava assim – calmo e assustadoramente no controle, com uma promessa velada de retorno a fazer a ameaça tácita.

Drake também ouviu e parou. Ele estudou Cross de cima a baixo, em seguida, levantou o lábio com um sorriso de escárnio. — Bem. Você está certo. Isso foi rude da minha parte. — Ele bateu na lateral da cabeça. — Eu sou um idiota. Eu estava respondendo a ela como qualquer cara que esteve entre as pernas dela, não como o líder da equipe que sou.

Fechei os olhos, só por um momento.

Lá estava. A provocação.

Ele conhecia a lei das equipes. Ele sabia que eu não aceitaria isso e não retaliaria.

Abri os olhos e o vi esperando, olhando para mim. Eu sorri. — Realmente? — Um passo à frente.

Lutamos. Era o que fazíamos. O insulto foi para mim, então Cross esperaria meu movimento. Eu tomaria a decisão de avançar, quando quisesse. E se Jordan e Zellman descobrissem, eles viriam ajudar. Provavelmente Race também, porque era o que estava acontecendo este ano.

Race mudou-se para Roussou especificamente para lutar nos ringues subterrâneos. Ele estava treinando Cross, e o resto de nós não éramos nós mesmos, então Drake veio aqui,

escolhendo este lugar para começar uma briga -havia um ângulo.

— Porque aqui? — Eu perguntei a ele.

Ele sorriu. — Talvez eu só queira sentir suas mãos em mim novamente. — Ele olhou para Cross, segurando um momento antes de deslizar de volta para mim. — Nada? Nenhum de vocês?

Meu sorriso não foi pressionado. Isso o estava incomodando, então isso significava que eu continuaria. Eu não dava a mínima para a nossa reputação. Esses tiveram um motivo pelo qual se importaram.

Enfiei minhas mãos nos bolsos. — Eu vou ser honesta; estou gostando do quanto você quer que eu te dê um soco. — Eu estreitei os olhos, inclinando a cabeça para o lado. — Por quê?

A raiva brilhou em seus olhos. Ele apertou a mandíbula e deu um passo em minha direção. — Por que tem que haver uma razão? Talvez eu esteja com algum ressentimento pelo que vocês fizeram com meu irmãozinho.

Cross se aproximou de mim, acompanhando. — Vocês o deram para nós em uma bandeja de prata. E não o prejudicamos permanentemente, a seu pedido.

Os membros de sua equipe trocaram um olhar e um casal sussurrou nas suas costas.

Drake lançou-lhes um olhar irritado. — Você está certo. Foi estúpido da minha parte trazer isso à tona. Todos nós votamos e decidimos que era a jogada inteligente. — Seu sorriso foi forçado, mostrando os dentes brancos por um segundo. — Não há ressentimentos em meu irmãozinho, mas meu primo, por outro lado... — sua voz sumiu e, como se fosse uma sugestão, Drake olhou para trás.

Eu me movi apenas o suficiente para ver aquele primo, Race, subindo o caminho. Eles estavam festejando um pouco mais abaixo. Junto com ele veio um rastro de normais. Taz estava bem perto dele, segurando sua mão. Eu analisei o grupo. Sem Jordan. Sem Zellman.

As costas da mão de Cross roçaram as minhas para chamar minha atenção.

Nós compartilhamos um olhar. Se Race estava chegando, isso significava que nossos caras sabiam. Eles tinham algo planejado. Ou esperava que sim, porque não queria sujar minhas roupas esta noite.

— O que você está fazendo, Drake?

Dessa vez, foi Race perguntando, e ele parecia tão cansado quanto eu.

O sorriso de Drake aumentou. — Olha, é o primo que enviei para seduzir minha ex, e ele falhou.

Race engoliu, seus olhos passando para mim.

Cruzei os braços sobre o peito. — Ele se tornou nosso amigo. — Inclinei minha cabeça. — Você realmente está aqui em cima, esperando começar outra guerra de equipes? É isso que você está fazendo?

Ele parou com a minha pergunta, seus olhos firmes nos meus. — O que você acha-

E então houve uma explosão lá de baixo no vale.

Eu girei, meu coração batendo forte, mas não era do Manny.

Algumas pessoas gritaram. Outros engasgaram. Caras amaldiçoaram.

— Puta merda, são nossos carros! Nossos carros! — Os caras de Fallen Crest decolaram, correndo de volta colina abaixo. Um virou-se e apontou. — Vocês foderam com a gente. Isso é guerra. Não pense que não sabemos que foram vocês!

— Vamos lá, D! — Alguém gritou.

Cross franziu a testa, dando um passo à frente. — Isso é o que estava acontecendo?

Drake revirou os olhos, encolhendo os ombros. — Pensei que vocês estavam nisso. O que aconteceu? Zellman não lhe contou o plano?

Cross encontrou meu olhar. Race mudou para ficar ao nosso lado, Taz ainda segurando sua mão.

Os olhos de Drake se estreitaram quando ele inclinou a cabeça em direção a Race. — É por isso que você foi para o lado deles?

Taz ofegou em silêncio, afastando a mão de Race. Ela escondeu nas costas, desviando o olhar.

Drake a observou com uma leve curiosidade.

Race entrou na frente dela, revirando os ombros para trás. — O que é que tem? Foi você quem me disse para vir aqui. — Ele apontou para Cross e eu. — Eu não sabia no que estava entrando. Você sabia e não me avisou. Não fique bravo se não estiver me juntando à equipe da família como você queria.

Drake olhou para ele, toda a pretensão se foi. Este era seu verdadeiro adversário. Ele mostrou os dentes brevemente. — Eu queria que você assumisse pelo meu irmão. Amo o garoto, mas Alex é um cabeça quente. Você, você deveria ser inteligente. Você deveria liderar, para que eu não tivesse que voltar.

— Está certo. — O tom de Race era provocador. — Você estava na faculdade, certo? Como isso está indo para você? Abandonou o primeiro semestre, não foi?

Drake avançou, pegando a camisa de Race enquanto ele rosnava: — Escute aqui, seu merda-

— Acho que não. — Cross se colocou entre eles, usando o mesmo tom calmo, controlado e quase mortal.

Drake parou, com a mão no ar, e seus olhos se voltaram para Cross.

Ele recuou um passo, baixando a mão. Ele parecia confuso e piscou algumas vezes para recuperar o controle.

Eu olhei de Drake para Race, vendo um nível de animosidade que não tinha há algum tempo, pelo menos entre os membros da família. Então me lembrei: o pai de Race dormiu com a mãe de Drake. Os pais eram irmãos. Estava tudo bagunçado.

Olhei para Cross ao meu lado. Como se estivesse sentindo minha atenção, ele se voltou para mim e roçou minha mão, enviando arrepios no meu braço.

Eu queria ficar sozinha com ele. Agora mesmo. Esquecer todas as coisas ruins da vida, só ele e eu. Isso é onde estava bom, onde ainda estava certo.

— Certo, — Drake rosnou, passando a mão pelo cabelo. Ele apontou para sua gangue. — Vamos. Os policiais serão muito lentos para chegar até aqui, mas estão a caminho. — Ele saiu com um tiro de despedida para Race. — Vou dizer oi para o seu pai por você.

CAPÍTULO CINCO

— Você faça isso, — Race rosnou em suas costas, avançando, a cabeça abaixada como se ele fosse atacar.

Taz pegou seu braço, mantendo-o com ela, e todos esperamos até que eles estivessem mais abaixo, fora do alcance da voz.

— Race. — Cross sacudiu a cabeça na direção oposta.

Race assentiu, passando a mão pelo rosto. As bolsas sob seus olhos mostravam sua exaustão. Taz começou a vir com ele, mas Cross balançou a cabeça. — Só ele. Desculpa.

Ela soltou a mão dele, ficando parada.

Cross liderou o caminho. Race foi o segundo na fila. Eu fiquei na retaguarda.

Quando chegamos a outra clareira na trilha que ele havia escolhido, Cross se virou. Também não podíamos esperar, então ele falou rapidamente. — O que foi aquilo?

— Drake e eu?

— As explosões.

— Oh. — Race esvaziou. — Isso foi minha culpa. Eu deveria passar a palavra e esqueci. Aconteceu rápido e no último minuto. Eu vim aqui em busca da Bren quando soubemos que alguns dos Crusties foram capturados em Roussou. Eles estavam tentando queimar nossa escola.

— O quê?! — Cross e eu exclamamos.

Cross esclareceu: — Crusties da Academy?

Race assentiu. — Sim, e sim. Eles foram pegos e agora estão na delegacia de Fallen Crest.

— Quem os pegou?

Race olhou para mim e eu sabia. Aquele olhar dizia tudo. Eu tinha conseguido todos os dias da minha vida.

Eu dei um passo para trás. — Channing fez?

— Um da equipe dele.

Dei uma olhada para Race.

Ele revirou os olhos. — O que? Eles ainda são a equipe dele, e você sabe disso. De qualquer forma, alguns friscianos estão se perguntando se eles também queimaram a escola.

— Foda-se, — veio baixo de Cross.

— Eu sei.

Um novo pensamento veio a mim. Um pensamento afundando. — *Quem* fez essas explosões?

— Quem você acha? — Race gesticulou. — Quem nos enviou aqui em vez de virem eles mesmos?

Jordan. Zellman.

Agora a ausência deles foi explicada.

E foda-se.

Race passou a mão pelos cabelos, como seu primo fez momentos atrás. — Z estava quase ansioso para fazer isso, disse que não tinha muita ação por um tempo. — Race sorriu. — Muita paz, hein? Isso é uma coisa por aqui?

Cross bufou e voltou a ficar de pé. — Então, estamos em uma guerra de cidades agora?

— Acho que não. Eu não sei. Foi a escola esnobe que tentou fazer a coisa da escola, não a Pública. Podemos exilar todos os alunos da Academy dos eventos do fim de semana e lidar com eles.

Cross assentiu para Race, aprovando. — Olhe para você. Falando como um membro da equipe.

Race parou, seu rosto ficando vermelho ao luar. — Sim, bem. Eu gosto de certas pessoas em Roussou.

Depois que o caso de seus pais veio à tona e o divórcio foi resolvido, a mãe de Race comprou uma casa em Fallen Crest. Seu pai se mudou para Roussou, na casa de infância de Alex e Drake para ficar com a mãe deles. O pai deles havia se mudado, e eu não tinha certeza do que havia acontecido com ele, mas, a julgar por Drake e Race, as coisas estavam tensas.

Nós tínhamos que ir. Eu não deveria perguntar, mas... — Como você está? Com todas as coisas da família?

A cabeça de Race caiu. — Eu não sei. Estamos negociando. Minha mãe ainda está me deixando frequentar Roussou. É tudo o que me interessa.

— Se as coisas esquentarem, você pode ser um alvo.

— Eu sei. — Race olhou para Cross. — Estou indo e voltando agora -

— Você pode ficar no meu quarto, — disse Cross.

Eu estava tendo um momento. Bem aqui. Porque, enquanto a família de Race estava desarrumada desde o início do ano, a família de Cross estava intacta. Agora, as duas vidas foram alteradas por questões familiares, e eu, pela primeira vez, estava indo bem. Eu estava morando na casa de Channing. E sim, ele odiava que Cross estivesse lá comigo, mas ele não fez um esforço extra para causar uma brecha entre nós. Ele não

proibiu Cross de ficar conosco, apenas resmungava baixinho toda vez que nos via.

Tentamos não deixá-lo nos ver.

Ele manteve um toque de recolher rigoroso para nós. Tínhamos que estar em casa à meia-noite. Mas Channing sabia, eu sabia, Heather sabia, e Cross sabia que, se íamos sair furtivamente, iríamos nos esgueirar. Channing não podia fazer nada sobre isso.

As coisas estavam diferentes na semana passada, porque Channing estava muito envolvido em seu negócio de caçador de recompensas. Seus antigos membros de equipe estavam por perto muito mais. Onde Channing estava, eles estavam. Se Channing estava na casa, um desses caras geralmente estava estacionado na sala de estar.

Mas, pela primeira vez, fui eu quem tinha a casa mais estável.

Eu não tive o drama dos pais. Meu pai estava na prisão. Minha mãe estava morta. Eu tinha drama do irmão mais velho, mas sem divórcios, sem separações. Channing e Heather estavam indo bem.

Sim. Eu estava amando isso. Isso me fez a criança boa aqui?

Eu pensei sobre isso.

Nah. Eu ainda estava com problemas. Apenas não estava demonstrando atualmente. Eu deixei isso de lado.

Race estava dizendo a Cross: — pronto para isso?

O rosto de Cross ficou tenso. — Não acho que minha mãe esteja em posição de julgar agora.

Nós precisávamos ir. Sério.

A cabeça de Race balançou, as mãos nos quadris. Ele afastou os pés, ajustando sua postura. — Vou falar com Taz sobre isso, ver o que ela acha que sua mãe vai pensar.

— Diga a ela que é para sua segurança, e ela ficará bem com isso. — Ele começou a se afastar, mas parou. — Não foda minha irmã na minha cama. Não foda minha irmã.

Race apenas sorriu.

Cross fez uma careta. — Seu idiota.

Ele levantou as mãos. — Estamos namorando há, tipo cinco meses.

Cross apontou para mim. — Levamos nove anos. Olha para isso. — Ele deu um tapinha no peito de Race, começando a descer a colina.

Race deu uma risada. — Você teve uma vantagem em mim. Não conheço sua irmã quase toda a minha vida.

— Dê-lhe tempo. Você apreciará melhor em nove anos.

Cross se adiantou, acelerando o ritmo.

Race e eu começamos a segui-lo, mas o senti tentando me desacelerar. Eu podia ouvir pessoas se espalhando mais abaixo na colina. Nós precisávamos estar lá também. Então, tendo um pressentimento, fui com ele e parei de repente.

— Se você tem algo sobre o qual deseja conversar comigo, fala logo. Já deveríamos estar indo embora agora. — Eu acenei em frente.

Race fez uma careta. — Escute. — Ele coçou o pescoço e puxou a gola para longe antes de deixá-la cair de volta no lugar. — Eu... você é amiga de Taz e está namorando Cross. Como você lida com isso? Quero dizer... onde estão as linhas para você?

Eu estreitei meus olhos. — O que está acontecendo?

— É só uma pergunta. Quero dizer, se algo aconteceu que você acha que o outro deveria saber...

— Eu diria a Cross em um piscar de olhos.

Ele parou, com a mão ainda no colarinho. Então ele deixou cair ao seu lado. — Porra.

— Por quê?

Ele estava esfregando a testa agora.

Estes eram todos sinais de algo descendo pelo seu cérebro que eu não gostaria de ouvir. Mas é melhor resolver isso imediatamente do que deixar ferver e apodrecer. Isso nunca é bom. Eu deveria saber. Era o que eu costumava fazer.

— Desembucha, Race. O que está acontecendo?

— Merda. — Ele respirou fundo. — Você sabe que os pais deles estão se divorciando.

— Sim... — onde ele estava indo com isso?

Ele se virou, como se estivesse procurando uma rota de fuga. – Taz me disse que sua mãe pode estar se mudando com ela, onde quer que vá para a faculdade no próximo ano.

Esse tópico novamente. O futuro. Faculdade e – sirenes. Pare. Volta.

Eu pisquei algumas vezes. — O que? Repita?

— Taz ouviu a mãe no telefone na outra noite. O divórcio está indo rápido. O acordo pré-nupcial foi bastante sólido, e nenhum deles realmente está combatendo. Eu acho que eles estão brigando há um tempo. De qualquer forma, o pai deles está se mudando oficialmente para Fallen Crest -uma namorada lá ou algo assim -e a mãe deles, bem, ela vai com Taz aonde quer que vá.

— Oh.

Cross seria deixado em Roussou sem família. Sem irmã. Sem mãe. Seu pai já se foi.

Race estava me observando agora. — Ele vê o pai?

Aqui estava a linha hipócrita comigo. Eu exigi que Race me dissesse coisas que ele provavelmente não tinha o direito de me dizer, mas agora ele estava perguntando sobre Cross, e minhas lealdades sempre estavam com ele.

Eu olhei para ele.

Ele assentiu, aceitando isso.

— Bem... — Race apontou a cabeça em direção ao caminho. — Não quero colocar isso em seus ombros, mas acho que você dirá a Cross?

Ele ficaria sem sua família.

Ecos ecoaram na minha cabeça. Eu os senti no meu peito, meu coração apertando, me trazendo de volta para quando meu pai foi preso.

— Bren?

— Hã? — Eu olhei para cima.

Race tinha ido mais longe. Ele parou e viu que eu não tinha me mexido. — Você está bem?

Não, mas não importava.

CAPÍTULO SEIS

Havia incêndios a serem apagados. Literalmente.

Quando chegamos ao final da colina, cinco carros estavam em chamas. Zellman tinha feito *tudo* errado. A maioria das pessoas havia se espalhado. Estávamos por trás da correria, então eu não conseguia imaginar como seria quando todo mundo chegasse ao estacionamento. Os policiais estavam chegando, eu tinha certeza -tivemos sorte de já não estarem lá.

Assim que cheguei ao estacionamento, Zellman bateu na parte superior da caminhonete de Jordan. — Bren! Se apresse.

Cross estava atrás, com Zellman na frente, acenando pela janela. Jordan estava ao volante acelerando. Eles não conseguiram me pegar. Havia muitos veículos e pessoas no caminho, então eu virei ao redor, apontando para o extremo norte do estacionamento. Eles me encontraram, ligando o motor e parando bem na frente. Eu agarrei a caminhonete e pulei. Cross me alcançou e me levantou; eu fui para dentro em um segundo. Então nós caímos fora dali. Cross passou os braços em volta de mim e nos preparamos.

— Vai! — Ele gritou, batendo na lateral da caminhonete.

Um segundo depois, partimos. Sirenes coloriam o céu atrás de nós, os sons se aproximando cada vez mais. Tivemos que seguir o caminho totalmente oposto ao necessário, mas a viagem não foi tão ruim assim que saímos de Fallen Crest. Jordan diminuiu a velocidade quando chegamos às estradas secundárias, e Cross se estabeleceu ao meu lado, aconchegando meu pescoço. Sua mão passou pela minha camisa. — O que Race tinha a dizer?

Merda. Devo fazer isso agora?

Eu olhei para ele. Eu gostaria que ele me dissesse.

— Ele me disse que sua mãe vai se mudar para onde Taz estiver indo para a faculdade. E que as coisas são sérias com seu pai e a namorada dele. — Havia mais. Eu não podia adiar mais. — E que o divórcio está quase terminado.

Ele ficou quieto por um momento e depois rolou de costas. Ele manteve um braço me embalando, mas olhou para o céu.

Sua mão descansou em seu peito, nossos corpos saltando levemente. — Porra.

Ele ficaria sem sua família, a menos que...

Deus. Eu não conseguia pensar nisso.

... ele iria com elas?

Apenas o pensamento disso me atingiu com força no peito. A dor cortou através de mim e senti lágrimas brotando. E se ele fosse com elas? Eu deveria ficar aqui. Era assim que seria. Channing estava aqui. Roussou era minha casa. Era correr ou morrer, e isso significava minha casa também. Eu só sabia que não estava enviando minhas cartas. Aqui, eu poderia sobreviver. Aqui eu poderia viver. Em outro lugar... não era assim que deveria ser. Eu senti isso no meu intestino, então se ele fosse...

O que eu faria?

— Merda, — ele amaldiçoou novamente.

— Sim.

— Merda.

— Sim. — Eu senti uma lágrima se formando. Ainda não tinha caído.

Ele passou a mão no rosto, virando para mim. Vendo a lágrima, ele estendeu a mão e a sacudiu para longe. E porque ele me conhecia, seu sorriso era tão triste.

— Eu não vou. — Ele se inclinou, sua testa pressionada contra o meu ombro, no meu pescoço. Ele passou o braço em volta de mim e manteve nossos corpos juntos. — Eu não vou a lugar nenhum sem você.

Foda-se o futuro.

Quem precisava dessas coisas?

Senti outra lágrima pronta. Eu odiava essas coisas.

Eu não choro. Eu sangraria, mas não vazaria dessa maneira. Eu o alcancei. Eu precisava de uma maneira diferente de afastar meu súbito pânico cego, porque estava ameaçando me atropelar, me esmagar para despertar.

— Cross, — eu disse calmamente. Apertei a mão em sua camisa e o puxei.

Ele levantou a cabeça, os olhos surpresos, mas eu sei que ele viu meu tormento. O rosto dele se suavizou. Sua mão veio ao meu estômago, e ele deu um longo beijo no canto da minha boca. — Entendi.

Eu gemi, precisando de algo para afastar esses sentimentos.

— Shhhhhh, — ele sussurrou, olhando para garantir que Z ou Jordan não pudessem ver. Estávamos muito perto da parte de trás da janela. Avistando um moletom, ele sentou-se, agarrou-o e colocou-o sobre mim, então sua mão deslizou por baixo.

Agarrei seu braço, arqueando minhas costas um pouco.

— Não se mexa. — Ele pressionou outro beijo no meu ouvido. — Eles saberão.

Sua mão estava trabalhando enquanto ele falava, encontrando minhas calças, desfazendo o botão superior e depois movendo o zíper para baixo, apenas o suficiente. Ele depositou beijos na minha garganta e, em seguida, com um gemido, ele afastou a boca. Ele sentou-se, apoiando-se no cotovelo, a cabeça sobre mim como se estivéssemos apenas conversando.

Mas a mão dele. Aquela mão.

Estava dentro da minha calcinha, me esfregando, e eu o senti procurando minha entrada.

Agarrei seu pescoço, meus dedos cavando, assim como os dele deslizando dentro de mim.

Eu ofeguei, mas ele deu outro beijo na minha boca, me silenciando. Seus dedos entraram e saíram de mim, rapidamente, mas indo fundo, recebendo cada sulco. Deslizando. Retirando. Empurrando de volta.

Prazer pulsou através de mim, indo para os dedos das mãos e pés, até o pescoço, e eu gemi.

Ele sorriu de novo, enquanto me beijava. — Shhh.

Mordi meu lábio, assentindo. Eu amava Z e Jordan como família, mas não queria que eles fizessem parte disso. Fechei os olhos, sabendo que Cross continuaria o ato como se

estivéssemos conversando, enquanto seus dedos continuavam se movendo dentro de mim.

Estava construindo.

Espalhando.

Eu estava perto.

Mergulhando mais, deslizando, empurrando, segurando -o polegar pressionado no meu clitóris, e eu comecei a quebrar.

Um gemido gutural me deixou, mas eu mordi meu lábio com mais força. Meus olhos se abriram; eu precisava ver Cross. Ele me encarou com força, feroz. Seus olhos brilhavam com sua própria necessidade reprimida, e como se ele não pudesse se conter, sua cabeça caiu, sua boca firme na minha. Eu abri e sua língua entrou, comandando, e ele terminou comigo. Sensações rasgaram através de mim, quase antes de eu estar pronta, e consequentemente eu tremi. O clímax tirou algo de mim.

Afundei-me no chão da caminhonete, mas a língua de Cross varreu a minha, suavizando as consequências até que eu era uma poça.

Eu gemia, segurando sua bochecha.

Quando assenti para dizer que estava bem, ele se moveu para me abraçar novamente. Seu queixo enfiou no meu

pescoço, e ficamos assim o resto do caminho. Eu o senti; ele havia inchado contra seu jeans, e eu sabia que sua liberação era necessária também. Quando chegássemos em casa, eu cuidaria dele.

Seus olhos encontraram os meus e ele sorriu. Ele se inclinou. -— Eu nunca vou te deixar. Saiba disso.

A emoção entupiu minha garganta, mas eu apenas apertei sua mão e descansei minha cabeça em seu peito.

Casa. Eu só precisava chegar em casa.

CAPÍTULO SETE

Uma nota estava colada na minha porta quando chegamos em casa -não na porta principal, na porta do meu quarto. As luzes estavam apagadas, a porta do quarto de Channing estava aberta e não havia ninguém lá dentro, então não fiquei muito surpresa. Tirei a nota e li em voz alta: — Não entre em problemas. Fique em casa. Merda aconteceu hoje à noite e eu quero você em segurança.

Cross leu sobre meu ombro, uma risada leve aquecendo meu ombro. — Que bonitinho. Nos tratando como se fossemos adolescentes normais.

Ele passou por mim, entrando no quarto e largando a bolsa no chão. Ele tocou meu braço, seu dedo deslizando para baixo quando ele passou por mim no caminho de volta para a cozinha. — Eu estou com fome. E você?

— Não.

Depois de um momento, ele abriu a geladeira e eu o ouvi revirando. Enquanto ele se movia pela cozinha, li a nota novamente. Channing sabia sobre os alunos da Academy. Um da sua equipe os encontrou, então Channing estava na estação fazendo o possível para manter a paz entre as cidades ou estava

no trabalho. Oh inferno. Eu não sabia onde ele estava. Havia um punhado de lugares que ele poderia estar, então eu apenas peguei meu telefone.

Ouvi sons altos atrás dele quando ele respondeu: — Diga-me que você está em casa. Que vocês dois estão em casa.

— Estamos em casa.

— Cross e você?

Houve gritos atrás dele. Eu não conseguia entender as palavras.

Eu fiz uma careta. — Onde você está?

— O quê?! — Sua voz veio alta.

Eu comecei a me repetir quando ele falou sobre mim, ainda mais alto: — Sim. Eu sei. Estou falando com minha irmã. Me dê um minuto. — Ele voltou para mim: — Me dê um segundo. — Um momento depois, os gritos desapareceram e ouvi uma porta se fechar. — Estou no armazém.

O armazém era tecnicamente dele -um edifício situado em um lote de área plantada nos arredores de Roussou –, mas sua equipe o usava para sair.

— Por que você está aí?

— Porque alguns idiotas do ensino médio tentaram queimar sua escola hoje, e eu sei como essa merda começa, — ele se queixou. — Eu fazia parte disso nos meus dias, e não quero ruas sangrentas, pessoas dizendo que estão estuprando alguém e explodindo carros, o que eu acabei de ouvir que aconteceu na fogueira do fim de semana do distrito. — Ele parou, respirando com dificuldade. — Foram vocês?

Cross saiu da cozinha, encostado na parede enquanto cruzava os braços sobre o peito. Eu nem precisava colocar Channing no viva-voz. Eu sabia que Cross podia ouvi-lo claro como o dia.

Eu não respondi.

— Bren!

Tranquei os olhos com Cross, mas ele apenas desviou. Eu sabia que estávamos sentindo a mesma resignação. Este foi outro dia em nossas vidas.

— O que você quer que eu diga?

Channing xingou, depois xingou um pouco mais. Ele fez uma pausa e outra ladainha selvagem saiu. — Você está brincando comigo.

Suspirei no telefone. — O que você quer que eu diga? Que de repente nos tornamos pessoas diferentes? Isto é o que fazemos. É assim que vivemos...

— Então talvez você não deva viver mais!

Eu parei. Seis meses atrás, eu teria tomado essas palavras de uma maneira totalmente diferente. Agora, eu apenas fechei meus olhos por um instante.

— Bem. Vamos jogar esse jogo. Você sai, eu saio.

— Porra, Bren. Sua equipe fez aquilo com os carros? É isso que você está dizendo? — Sua voz falhou, mas ele estava mais calmo.

— Sim.

Outra maldição silenciosa baixinho. — Tudo bem. Um daqueles garotos que tentaram queimar a escola, está dizendo que Alex Ryerson o colocou nisso. Agora... — Ele latiu essa palavra antes que eu pudesse processar o que ele tinha acabado de dizer, e ele suavizou seu tom. — Não sei se isso é verdade ou não. O que eu sei é que, se o garoto está mentindo, ele está fazendo isso intencionalmente. Se ele não está mentindo...

Agora eu o cortei, minha mão quase quebrando meu telefone. — Se ele não estiver mentindo, Alex será despedaçado por todos. — Incluindo eu.

Os olhos de Cross se estreitaram em fendas, como eu sabia que eles fariam à menção do nome de Alex.

Channing falou, quieto e calmo agora. — Conte-me sobre Alex Ryerson. Ele voltou pra escola há uma semana, certo?

Channing sabia que Drake havia entregado seu irmãozinho para nós.

Ele também sabia que Alex estava no hospital havia um mês para se recuperar e voltou à escola sem uma equipe e com uma grande quantidade de pessoas que o odiavam.

Além de tentar usar sua gangue para espancar seu primo por questões de família, não por questões de equipe, ele colocou Taz no hospital quando ela entrou no fogo cruzado. Alex voltou para a escola como um cachorro espancado.

Eu retransmiti tudo isso para Channing. — Sim, ele voltou há uma semana. Houveram algumas brigas, mas isso é de se esperar depois do que ele fez. Ninguém que foi atrás dele como nós, no entanto. Eu acho que foram alguns de seus antigos membros da equipe empurrando-o, talvez alguns atletas.

— Tudo bem.

Não parecia estar bem. Eu assobiei enquanto relaxava minha mão.

Houve paz. Quase quatro meses completos de confusões menores, e agora isso? Repentinamente?

Cross empurrou a parede. Ele andou a passos largos, a mão estendida e um olhar decidido no rosto. — Me dê o telefone, — ele murmurou baixinho.

Eu entreguei. Meu intestino estava agitado, mas eu não podia fazer nada aqui. Eu sabia.

Cross colocou o telefone no ouvido e disse: — Com todo o respeito, Channing, mas se houver uma rivalidade entre cidades começando de novo, este não é mais o seu problema. — Seus olhos seguraram os meus, ferozes. — É a nossa vez agora.

Ele estava certo.

Channing comandou Roussou em seu tempo. Até certo ponto, ele ainda comandava, mas Cross estava certo. Isso era ensino médio. Isto era nosso.

Eu balancei a cabeça, pegando o telefone de volta. Não dei tempo ao meu irmão para discutir, dizendo sobre ele: — Vamos deixar você saber o que acontece.

— Bren! Cross-

Eu desliguei.

Eu fiquei lá, olhando para Cross. Tivemos que deixar a realização do que acabamos de fazer passar por nós. Totalmente. Porque agora, bem aqui, estávamos nos afastando de tudo o que havíamos feito antes.

Sempre seguimos Channing.

Ele era o padrinho da equipe, e sua equipe executava tudo, mas isso era diferente. Não eram eles pressionando contra um clube de motociclistas que desejava traficar drogas pela cidade - esse era o território deles. Isto era nosso.

Isso estava certo, o que tínhamos acabado de fazer.

Eu assisti a pulsação de Cross batendo no pescoço dele. — Podemos ficar no Jordan.

Isso parecia certo. Mais apropriado.

— O que dizemos a eles sobre Alex? — Eu perguntei.

Ele pensou sobre isso. — Podemos interrogá-lo primeiro?

Seus olhos seguraram os meus, uma escuridão brilhando deles. Eu vi e senti subir dentro de mim. Todo o caos que eu havia derrubado, toda a cura no aconselhamento que fiz nas últimas dez semanas, meu serviço comunitário, eu deixaria isso de lado, apenas se Cross me pedisse.

Eu assenti. — Vamos.

Mas quando ele começou a ir para a cozinha. Estendi a mão, lembrando-me da caminhonete, lembrando como ele não tinha conseguido sua libertação.

— Espere. — Puxei-o para mim, sentindo-o alinhar exatamente onde deveria. Pouco antes de sua boca tocar a minha, eu disse: — Temos tempo. Eu te devo uma coisa. — Minha mão deslizou por seu peito, indo para seu jeans, e eu abri sua calça.

Ele sorriu, movendo-se, seus lábios roçando os meus. — Estou pensando que gosto disso.

Eu o encontrei através da cueca e passei a mão em torno dele. Ele gemeu, mergulhando para me beijar completamente, mais duro, mais áspero.

— Foda-se, — ele murmurou.

Comecei a acariciá-lo quando ele ficou duro novamente, subindo.

A mão dele passou pelas minhas costas, depois deslizou para o meu quadril. Levantando-me no ar, Cross me levou para o meu quarto. Deixamos a luz apagada, fechamos a porta e fomos para minha cama. Ele estava sobre mim até que eu o empurrei, minha mão ainda subindo e descendo. — Retribuição.

— O quê?

Eu o empurrei, guiando-o a ficar diante da cama. Eu sorri para ele antes de puxar as calças para baixo e abaixar a boca.

— É a minha vez.

Suas mãos prenderam no meu cabelo assim que minha boca se fechou ao redor dele, e ele subiu. — Oh, porra.

Sim. Isso estava certo.

CAPÍTULO OITO

— Você sabe que seu irmão não vai deixar isso passar. Ele vai fazer alguma coisa.

Eram cinco da manhã. Estávamos acampados fora da academia de Alex Ryerson. Não queríamos pegá-lo quando ele saísse de casa. A entrada deles era longa demais, e Drake poderia estar lá. Alex não estava em uma equipe, então as regras eram diferentes para ele do que se Drake se envolvesse.

Eu resmunguei em resposta ao aviso baixo de Cross e me movi, descansando os pés no painel dele, com o café na mão. — Eu sei. Mas acho que vamos lidar com ele mais tarde.

As cinco da manhã eram muito cedo para fazer o que estávamos prestes a fazer, especialmente depois de Cross e eu não aderirmos à porra da regra de Channing. Nós só conseguimos dormir algumas horas atrás.

Cross bocejou, esfregando o rosto. Ele se virou, os braços cruzados sobre o peito. — Lembre-me por que não estamos na cama agora?

— Porque... — eu bocejei. — Porque queríamos agarrá-lo antes que mais alguém o pegasse. Além disso, queríamos evitar meu irmão quando ele chegasse em casa.

— Oh sim. — Cross me lançou um sorriso. — Essa é a verdadeira razão.

— Exatamente.

Mas caramba, era cedo. Eu precisava de um refil de café o mais rápido possível ou eu ficaria irritadiça. Ninguém queria isso.

— Já que estamos aqui, devemos conversar sobre as coisas.

Meu estômago revirou com o tom sombrio de Cross.

Eu olhei para encontrá-lo me olhando com a expressão resignada que nós dois usamos na noite passada.

Ele apertou os lábios. — Seu irmão foi gentil em me deixar ficar em sua casa, mas está prestes a terminar. Ele odeia estarmos fodendo debaixo do teto dele.

Eu resmunguei novamente. Foi tudo o que pude fazer para participar.

Eu amava meu irmão. Eu sempre o amei, mas nosso relacionamento era bagunçado. Tínhamos tido mais momentos bons ultimamente do que maus, mas ainda havia tempos ruins. Ele tinha oficialmente saído de casa quando nossa mãe morreu, mas ele tinha se afastado por anos antes disso. O fato de eu ainda estar em casa foi uma conquista, no que me dizia

respeito. Toda a besteira sobre não fazer sexo era apenas besteira. Channing não falou sobre quem ele havia transado, mas eu sabia que ele e Heather começaram a fazer sexo muito mais cedo do que Cross e eu.

Além disso, Channing mal estava em casa ultimamente. O estrito toque de recolher havia diminuído quando o negócio de caçador de recompensas começou a decolar, e o mesmo aconteceu com os jantares em família. Cross estava dormindo no meu quarto por quase um mês inteiro antes de Channing o pegar, e ele saiu, mas o que ele esperava?

— Você acha que ele vai fazer alguma coisa se começarmos a ficar no Jordan? — Cross perguntou.

— Sim. — Eu cerrei meus dentes juntos. — Mas não será como a maioria dos adultos lida com crianças em fuga, como chamar a polícia. Ele apenas chamará alguém de sua equipe para nós.

Eu sabia que estava certa. Moose. Congo. Lincoln. Chade. Qualquer um deles. Todos pareciam uma mistura de fisiculturistas profissionais (exceto Lincoln, que era magro), membros de um clube de motociclistas e SWAT. E quando usavam coletes à prova de balas para corridas de caça a recompensas, esses caras não brincavam.

Cross riu. — Eles não... eles não queimariam o galpão de Jordan... queimariam?

Nós compartilhamos um olhar e gememos.

Eles certamente fariam isso.

Eu balancei minha cabeça. — Não podemos ficar no Jordan.

— Porra.

Exatamente.

Mas isso era um problema para mais tarde, porque a caminhonete de Alex acabara de entrar no estacionamento. Estava na hora do jogo.

Cross e eu saímos, ambos sabendo imediatamente como lidaríamos com isso. Não foram necessárias palavras. Corri para dar a volta por trás, quando Cross atravessou o estacionamento, chegando a Alex no momento em que ele saiu de sua caminhonete, uma mochila na mão.

Ele fechou a porta, deu um passo e parou.

Cross estava ali, com os braços cruzados sobre o peito. — Ryerson.

Alex apenas suspirou, deixando a bolsa cair no chão. — Você está sozinho? — Mas, mesmo quando ele perguntou, ele estava me olhando, vindo atrás dele.

Eu não cruzei os braços. Minhas mãos estavam ao meu lado.

Alex balançou a cabeça. — Eu deveria ter poupado meu fôlego. — Ele suspirou, seus ombros se curvando para frente. — O que vocês querem?

A permanência no hospital não parecia ter afetado Alex. Ele ainda era robusto e quase tão musculoso quanto antes. Seu rosto redondo parecia um pouco mais duro, mas talvez essa fosse apenas a minha opinião. Seus olhos estavam um pouco juntos, afundados, mas não havia brigas esta manhã.

— Você enviou esses caras para queimar a escola ontem à noite? — Eu perguntei.

A cabeça de Alex disparou e seus olhos se arregalaram. — O que? Não, o quê?

— Por favor. Como se você ainda não tivesse amigos leais para lhe contar o que aconteceu ontem à noite. — Eu entrei, abaixando minha voz para não chamarmos atenção e também para Cross, que tinha ido ao status de estátua de gelo.

Tínhamos conseguido nossa vingança, mas nunca seria suficiente para Cross, não depois do que Alex fez com Taz.

— Estamos dizendo a você que um dos caras gritou e disse que você o colocou para fazer isso. — Eu levantei uma

sobrancelha. — Desde quando você se tornou tão amigável com os caras da Fallen Crest Academy?

Alex parou e recostou-se na caminhonete, cruzando os braços sobre o peito. — Estou confuso. Você está perguntando se eu tinha alguém queimando a escola ou dicas de como conseguir melhores amigos?

Cross se aproximou, seus olhos quase mortos. — Podemos acabar com você agora, e ninguém daria a mínima. Lembre-se disso.

Alex engoliu em seco, seu pomo de adão balançando para cima e para baixo. A cautela brilhou em seu rosto. — Estou dando a você atitude, porque não sou estúpido o suficiente para tentar algo como queimar nossa escola. Por que diabos eu faria isso?

Resposta fácil. — Porque então você não seria forçado a ir a Roussou, onde é odiado, abominado e detestado? — Eu dei a ele um sorriso tenso, estreitando os olhos. — Funcionou com Frisco. Todos esses estudantes estão sendo transportados para cá ou Fallen Crest. Nossa escola cai e sua família é rica o suficiente para quê? Educar você em casa, se eles decidirem que você não vai a outro lugar?

Cross se moveu. — Roussou é difícil de sobreviver se você é odiado, mas sua família tem dinheiro. Você é uma das exceções na cidade. Seria fácil para você ir para outro lugar,

talvez uma escola particular. Elas gostam de se orgulhar de serem mais seguras e de uma educação melhor do que em qualquer outro lugar por aqui. A Fallen Crest Academy vem à mente como uma dessas escolas.

O tom de Cross era levemente zombador. O meu estava apenas frio.

Alex olhou entre nós antes de levantar as mãos. — Não vou mentir e dizer que gosto de ir a Roussou agora. A merda é diferente. Não tenho amigos, ou sim, talvez um ou dois que tenham medo de deixar alguém saber que ainda são meus amigos, mas ninguém que faria essa merda. Eu nem jogaria os dados. Digamos que eu fiz isso, armei com alguém, sei que será divulgado quem está por trás disso, e depois? Eu sou mais odiado? Por todas as equipes *e* os normais? Por favor. Sou burro, mas não sou assim idiota.

Ele se inclinou para pegar sua bolsa. — Só estou sobrevivendo ao final deste ano. Eu tenho que fazer alguma escola de verão para recuperar o que perdi, mas depois de me formar, estou fora daqui. Não estou mais na vida de equipe.

Ele esperou para ver se o impediríamos, mas nenhum de nós fez um movimento.

Contornando a calçada, ele parou. — Ouça. Se liga no meu irmão, Tudo bem? Ele não voltou para assumir a gangue

Ryerson, não importa o que ele diga. Não sei por que ele está aqui, mas não é por eles.

Os olhos de Cross piscaram nos meus, uma pergunta ali.

Eu me perguntava a mesma coisa.

Alex viu o olhar. — Acho que ele também não voltou por Bren. Ele gostava de se intrometer em seu relacionamento antes, enviando Race aqui para tentar ficar entre vocês, mas estou dividindo uma casa com ele. Se ele se importasse com alguma dessas coisas, estaria me incomodando com sua equipe e Channing, mas ele mal está em casa.

— Ele está com a equipe?

— Não. Metade do tempo eles estão me ligando para descobrir onde ele está.

Outra caminhonete entrou e Alex soltou muito rápido. — Eu não posso dizer mais nada. E me faz um favor? Se você vai me questionar novamente, não faça isso na escola. Eu já sou um alvo lá. — Aumentando o aperto na bolsa, ele a jogou por cima do ombro e entrou.

Dois tipos de fisiculturistas passaram por ali, nos olhando, mas passaram sem dizer uma palavra.

Cross veio para ficar ao meu lado, de frente para a academia. — O que você acha?

Eu balancei minha cabeça, meu estômago revirando. — Eu não sei. Quando soubemos que poderíamos confiar em Alex Ryerson?

— Verdade. — O braço dele roçou o meu. — Eu odeio dizer isso, mas devemos obter mais informações do seu irmão, descobrir o que exatamente ele foi informado. Então, se for necessário, questionamos Alex novamente, mas da maneira da equipe.

O que significava violência, muita.

Eu balancei a cabeça, sentindo como se tivesse quarenta anos de idade. — Ainda não. Vamos dar uma passada no Jordan e contar a ele e a Z quando acordarem o que está acontecendo.

— Tudo bem.



Nós não tivemos a chance.

As notícias se espalharam quando acordamos no Jordan depois de algumas horas. Jordan nem sabia que estávamos lá

até descermos do loft que ele e seu pai instalaram no mês passado.

Nós o encontramos sentado nos sofás com Race, Zellman e Taz, conversando sobre o que Alex havia feito.

— Uau! — Jordan deu dois passos quando descemos as escadas, sacudindo e derramando um pouco de sua cerveja. — O que -quando vocês entraram?

Taz tomou um café. Ignorando Jordan, fui direto para ela e arranquei-o de suas mãos.

— Hum. Tudo bem. Vá em frente, sim... eu trouxe para você.

Eu sorri e afundei no assento ao lado dela. — Eu sinto muito. Vou pegar um café depois de beber isso. Eu prometo.

Race riu, entregando seu café a ela.

Z estava jogando uma bola no ar, mas a pegou e pulou sobre a cadeira para a cozinha. — Sem problemas. Vou preparar mais. — Ele riu, pegando um filtro. — Temos até café com sabor. Bam. Que tal isso?

Taz franziu a testa. — Hã?

— Nada. — Cross bocejou, esfregando a nuca antes de tomar o assento que Zellman acabou de sair. — Vocês ouviram falar sobre Alex?

Race resmungou. — Eu também não estou surpreso.

Taz virou a testa para o namorado, pegando a perna dele.

Jordan correu até a beira do assento. — Por que vocês estão aqui?

Cross olhou para mim. Desviei o olhar e tomei mais café. Eu não estava completamente pronta para entrar em tudo isso, mas ouvimos a exclamação de Zellman sobre como aquele — pedaço de merda do Alex que criou a coisa toda, — então já estávamos aqui.

Cross se levantou quando Zellman terminou o café e voltou para as cadeiras.

— Não, cara. Você parece destruído. — Zellman pegou um banquinho e o trouxe.

Cross esfregou a mandíbula, ainda de pé. — Se eu me sentar novamente, vou voltar a dormir. Nós... — ele me indicou. — ...tivemos uma noite agitada. Vocês ouviram o boato, então?

— Sim. — Jordan levantou o queixo. — O que você sabe?

— Ouvimos ontem à noite de Channing-

Eu pulei, me sentindo mais viva agora. — Pegamos Alex entrando na academia hoje de manhã. Não percebemos que todo mundo saberia sobre o boato.

Jordan acenou com isso, recuando em sua cadeira. — O filho da puta está tagarelando para todo mundo. Eles não querem a merda deles, então estão colocando a culpa em Ryerson. — Ele fez uma pausa, olhou para Race e corrigiu: — Eles estão culpando *Alex*, quero dizer.

Race olhou com raiva. — Muitos de nós, se você me perguntar. — Ele deslizou os olhos para mim no sofá, um calor fervendo lá. — Drake não deveria estar aqui.

Eu o saudei com o café de sua namorada. — Não poderia concordar mais.

Sentindo Cross me observando, esperei para ver se ele compartilharia o que mais sabíamos. Mas, apesar de Race e Taz serem amigos íntimos da gangue e da família, nada poderia torná-los parte da gangue dos lobos. Essa santidade ainda estava lá.

Jordan me observou interrogativamente e eu neguei em resposta. Ele sabia que havia mais a dizer, mas assentiu. A mensagem foi recebida.

Zellman virou-se no banquinho.

— Qual é o plano então? — Race olhou em volta.

— Desde que o boato acabou, seu primo deveria se transferir de escola, — disse Cross. — Seja verdade ou não, ele é um alvo.

Race disse: — Eu sei, mas isso é com ele. Ele cavou sua própria cova.

— Sete palmos dela. — Cross foi em direção à cozinha e ao café.

Taz olhou para baixo, mas se virou para ver o irmão se afastar por um momento.

— Você nunca respondeu, — Jordan me disse. — Quando vocês chegaram aqui?

— Esta manhã, depois de conversarmos com Alex.

Os olhos dele se estreitaram. Ele estava salivando ao ouvir o que não estávamos dizendo.

Eu sorri.

Ele coçou o nariz com o dedo médio.

Eu ri e depois tossi para encobri-lo quando Taz franziu a testa na minha direção.

— Então... — Zellman não tinha noção de tudo, esticando os braços sobre a cabeça. — Onde é a festa antes da dança de rua hoje à noite? — Ele olhou de Cross, para Jordan, para mim e de volta. — Festa, certo? Ou estamos fazendo outra coisa?

Cross estava voltando, uma caneca de café na mão. — Temos controle de danos depois do que você fez ontem à noite?

— Ele acenou para Z e depois mudou para Jordan. — As pessoas sabem que foram vocês que fizeram aquilo com os carros.

Zellman murmurou. — Foda-se isso. De jeito nenhum. Além disso, isso é vingança por todos esses anos atrás. Ainda ouvimos falar dessa merda com os irmãos Broudou. Faz muito tempo que explodimos *seus* carros.

Cross franziu a testa. — Exceto que esses caras não eram da Academy. Eles eram da Pública.

Zellman deu de ombros, voltando a girar o banco. — Quem se importa? Os dois são iguais.

Peguei um travesseiro e joguei nele. — Minha futura cunhada foi para lá. Eles não são os mesmos.

Ele pegou o travesseiro, incrédulo. — Sério? Você está atestando a escola pública?

— Não vou tão longe, apenas cumprindo minhas obrigações de cunhada aqui.

— E Heather está certa, mas ela não vai mais lá. — Ele levantou a mão, esfregando o polegar sobre os dois dedos da frente. — Ela está ocupada fazendo dinheiro agora.

Jordan tossiu. — De volta ao assunto em questão. — Ele assentiu para Cross. — Duvido que precisamos nos preocupar

com o retorno. Eles iriam queimar nossa escola. Eles foram pegos, e nós não. Está neles.

Eu ri. — Somos melhores em ser criminosos.

Jordan sorriu antes de descansar os cotovelos nos joelhos. Ele juntou as mãos. — Nunca ouvi falar de alguém da Academy ser um problema para nós. Teremos que descobrir a verdade, se Alex orquestrou ou não.

Cross assentiu, descansando um quadril no sofá ao meu lado. — Isso é o que eu estava pensando. Alex disse que não tinha nada a ver com isso, que ele é burro, mas não tão estúpido.

— Você concorda com ele? — Race perguntou.

Todos nos voltamos para ele.

— E *você*? — Cross perguntou

Race ficou em silêncio uma vez, com os olhos baixos. — Eu não sei. Por mais que eu realmente odeie meu primo, ele estava mal por machucar Taz. O filho da puta tentou se matar, e ele faria se vocês não estivessem lá.

Um dos nossos raros momentos de — mocinho. — Vamos esquecer a razão pela qual fomos lá em primeiro lugar. No grande esquema das coisas, isso realmente importa?

— Não consigo vê-lo mexendo no hospital, — continuou Race. — Drake disse a ele que voltaria à equipe se deixasse vocês darem uma surra nele por Taz. Então ele voltou e realmente riu na cara dele. Foi o que ouvi de qualquer maneira. Se ele fosse ficar chateado com alguém, eu acho que seria seu irmão. Não a nossa escola. Alex era o rei das merdas em Roussou. — Ele resmungou. — Ele se encaixou em cheio.

Eu franzi meus lábios. Houve um insulto lá? Então eu dei de ombros. Eu concordei um pouco com ele. Havia muitos bobões em nossa escola, apenas ninguém nesta sala.

Zellman ainda estava girando na cadeira.

Bem, talvez um. Embora o amássemos imensamente.

— Tudo bem, — anunciou Cross. — Vamos perguntar e ver o que acontece.

Todos assentiram, e o assunto foi decidido por enquanto.

CAPÍTULO NOVE

Race e Taz não tinham pressa de sair.

Eles ficaram até o telefone de Taz, o telefone de Jordan e até o telefone de Zellman começaram a tocar. As meninas queriam festejar, mas havia uma regra. Os pais de Jordan estavam bem se ele tivesse nosso grupo aqui, mas não havia grandes festas. Então todo mundo estava indo para a Tabatha.

Eu nunca tinha estado lá, mas era um grande local normal de festas, e quando chegamos lá, não fiquei surpresa. Eu tive que rir baixinho.

— O que? — Cross perguntou, estacionando sua caminhonete.

— Eu sempre penso em Roussou e Fallen Crest como algo do tipo nós contra eles. Nós somos os pobres e eles são os ricos. — Fiz um gesto para a casa de três andares de Tabatha. — Mas acho que estou entendendo errado.

Era óbvio que os pais de Tabatha estavam indo bem.

Eu sabia que a família de Race era rica, e os pais de Alex e Drake tinham uma propriedade enorme.

Cross estendeu a mão e pegou a minha na dele. — É uma mistura. Muitos pais dos normais trabalham para empresas em Fallen Crest, mas sim, acho que é um pouco mais distribuído do que a alguns anos atrás.

Também houve um *boom* nos negócios recentemente. Eu sabia que o bar de Channing estava atraindo estudantes universitários locais de uma cidade a trinta minutos de distância.

Meu peito apertou, um pouquinho. — Você já teve a sensação de estar sentado em um carro que não está se movendo, e tudo está passando por você?

Cross estava quieto, me estudando.

Por uma fração de segundo, eu estava de volta à minha antiga casa. Eu podia ouvir minha mãe vomitando com os tratamentos contra o câncer. Eu podia ouvir os gritos bêbados do meu pai. Eu podia ouvir Channing xingando ele diante do som inevitável de algo ou alguém sendo golpeado contra uma parede, depois pés batendo, correndo pela porta, e a porta batendo em silêncio.

Channing era o primeiro a sair. Sempre.

Meu pai não demorava muito tempo atrás dele, indo para o bar e depois o silêncio. Talvez um vômito ocasional do banheiro da minha mãe antes de ela se arrastar para a cama, apagar a

luz e dormir como se nada estivesse acontecendo como se nossas vidas não estivessem desmoronando.

Somente depois que o silêncio completo transcendia eu me levantava do canto em que estava enrolada.

Eu andava pelo corredor descalça e ficava como uma bola no final da cama da minha mãe, um cobertor puxado em volta de mim. Eu ficava lá até meu pai cair no corredor, voltando do bar. Às vezes ele tropeçava em mim e não sabia. Então eu voltava para o meu quarto, entrava na minha cama e desejava que Cross viesse ficar comigo.

— Bren? — Cross passou o polegar nas costas da minha mão.

Eu pisquei, assustada e voltando ao presente. — Desculpe. Eu... uh... — Sim. Minha garganta estava inchada. — Temos que contar a Jordan o que Alex disse sobre Drake.

— Eu sei. Nós vamos encontrar o tempo.

Concordei, ainda olhando a casa de Tabatha. Toda essa cena de festa não era a minha coisa habitual. Mas meu velho escárnio pelos normais não estava mais lá, não tanto. Foi mais uma cintilação.

As coisas *haviam* mudado.

— Você quer falar sobre alguma coisa? — Cross perguntou.

Eu balancei minha cabeça. — De modo nenhum.

Ele descansou a cabeça no encosto da cabeça. — Você quer beber na nossa colina?

Sim. Mas eu não estava pronta. Eu não estava de volta há tanto tempo. Eu não queria sentir as memórias.

— Não. Vamos a uma festa normal. — Eu sorri — Palavras que aposto que você nunca pensou que me ouviria dizer.

— Não, na verdade não. — Ele sorriu com carinho, olhando de volta para mim. Ele segurou minha bochecha. — Podemos pular a festa, a dança de rua. J e Z têm suas garotas. Eles vão ficar bem. Não há guerra de equipe agora.

Eu sabia o que ele estava oferecendo: um dia inteiro para eu me afundar. Iríamos a essa colina, beberíamos uma garrafa de uísque e eu procuraria um fantasma que nunca mais veria.

Eu balancei minha cabeça. — Sinto que algo está chegando, algo grande. Precisamos ficar com os caras até acontecer.

— Tudo bem. — Ele se inclinou, me beijando suavemente.

Andamos lado a lado até a casa.



Tabatha nos cumprimentou na porta com um sorriso caloroso e olhos vidrados. Ela estava feliz. Ela jogou os braços em volta de Cross, que endureceu e a empurrou para longe. — Que porra é essa?

Ela piscou algumas vezes, aquele sorriso desleixado se tornando mais desleixado. — Oh. Desculpe. — Virando-se para mim, seus olhos brilharam. Ela estendeu a mão. — Bre.

— Nem pense nisso.

Os braços dela caíram e ela riu. — Você é tão engraçada. Eu gosto de você. Eu costumava te odiar, então eu só tinha medo de você, mas eu gosto de você agora. Acho que você nunca me machucaria.

Ela estava se aproximando de território perigoso.

— Você é apenas latido e sem mor...

Jordan deu um passo atrás dela, com a mão no quadril enquanto a puxava de volta para o peito. — Amor. — Ele abaixou a cabeça, acariciando seu pescoço por um segundo.

— Hmmm, querido?

Havia os apelidos novamente. Só que desta vez não foi fofo porque Sweets estava me irritando. Eu tinha uma tendência a odiar quando as pessoas me diziam como eu era, principalmente quando eu não pedia.

Ele murmurou: — Bren não está em liberdade condicional por não ter mordido. Você pode se lembrar disso.

Ela estremeceu.

Eu esperei. Havia outra coisa que ela precisava lembrar: as mãos dela em mim. A violência podia ser desagradável para ela, mas era o nosso jeito bom, ruim, sujo ou apenas sangrento.

— Oh. — O sorriso dela deslizou.

Ela lembrou.

Ela piscou algumas vezes antes de recuar um passo, mais para Jordan. Ele cruzou os braços em volta dela, levantando a cabeça para piscar para Cross e eu.

— Que tal você e eu irmos a algum lugar privado? — Ele perguntou a ela. — Eu preciso de um tempo com a minha garota.

Ele a afastou, acenando para nós. — Z está lá fora, — disse ele ao se despedir. — Ele já fez dois barris.

— Merda. — A mandíbula de Cross se firmou e ele começou a avançar.

Havia pessoas por toda parte. Era quase quatro da tarde, e me perguntei quando isso teria começado. Provavelmente esta manhã. Normalmente as pessoas voltavam quando nos viam. Hoje não. Eles estavam por toda parte, correndo, pulando, caindo para trás, tropeçando. Risos bêbados, gritos e conversas arrastadas. Pegamos o final de uma garota dizendo à amiga para fazê-lo: — quebrar a bunda[4].

Cross me lançou um sorriso por cima do ombro.

Eu balancei minha cabeça. Péssimo conselho, em qualquer dia.

Lá fora não estava melhor. Tabatha tinha uma piscina e um quintal enorme. Um pequeno galpão branco estava no canto oposto, com uma cerca branca em volta. Um cara bronzeado e atlético passou pelo portão ao lado da casa, um cachimbo na mão e uma mangueira longa para canalizar. Seu boné estava virado para trás e ele tinha um tanquinho com os musculosos braços e usava sunga. Atrás dele, havia cerca de vinte amigos que se pareciam com ele.

— Isso aí! É aqui que é a festa. — Ele balançou a cabeça. — Legal. — Ele não estava conversando com ninguém em particular e, a princípio, ninguém prestou atenção nele, mas ele continuou. Ele entrou no quintal como se fosse seu. — Quem

4 No inglês a expressão é – break the ass, – seria algo como dar a bunda.

está pronto para a festa? Precisamos aumentar um pouco. Sim cara!

Mais uma vez, ele não estava falando com ninguém. Seus olhos se moveram sobre o grupo e, um por um, as pessoas começaram a notá-lo. Seu sorriso cresceu, sua cabeça ainda oscilando.

Eu verifiquei, mas não havia fones de ouvido em seus ouvidos.

Ele abriu bem os braços. — Então é uma festa de Roussou? Onde estão os anfitriões? Onde estão os tiros? Vamos lá pessoal. Eu pensei que todos vocês fossem durões. Eu me sinto enganado.

Cross parou ao meu lado.

Zellman estava perto do barril, mas ele se aproximou agora, seus olhos nesse cara.

— Que porra é essa? — Zellman rosnou.

Eu quase empalideci, o cheiro da cerveja era muito forte.

Foi quando o garoto da ducha nos viu e deu uma olhada dupla. Ele levantou o funil e apontou para mim. — Eu conheço você. Você é irmã de Heather Jax, não é?

Outro grunhido de Zellman, mas mais profundo. Ele avançou um passo.

Meus olhos se estreitaram. — Quem é Você?

— Eu sou Zeke. — Ele balançou o queixo quando disse seu nome e depois acenou para seus amigos que começaram a se espalhar ao seu redor. — Estes são meus caras.

Zellman deu outro passo, uma das mãos em punho ao seu lado. — Você é da Fallen Crest Academy.

Zeke olhou para ele um segundo, perplexo, então sua boca se abriu em outro sorriso ofuscante. — Inferno, sim, nós somos. Você ouviu falar de nós, hein?

Zellman que, normalmente, só quer beber e transar, levantou a cabeça. Seu tom era gelado. — Eu sei que vocês são os filhos da puta cujos carros eu explodi.

Ele tinha...

Não.

Espere.

Ele tinha. Ele disse.

Eu respirei um pouco. Isso o cimentou. Nós estávamos brigando.

O sorriso de Zeke deslizou e ele abaixou a cabeça. — Que porra é essa? Foi você?

Três de seus amigos avançaram. Eu quase podia sentir o cheiro da loção bronzeadora saindo deles. Pareciam surfistas que gostavam muito de levantar pesos. Zeke poderia ter sido um defensor de linha.

Um dos caras apontou a mão para Zellman. — Foi você?

Ele deu outro passo à frente. — Sim, filho da puta. Fui eu. Vocês mandaram seus amigos para queimar nossa escola.

O grandalhão começou a avançar, mas Zeke bateu a mão no peito, os olhos em Zellman antes de ir para mim, depois Cross. — Nós não fizemos isso. Esse pequeno idiota foi tratado, e ele está insistindo que um dos seus o fez fazê-lo. Sua luta é com um dos seus.

Zellman rosnou novamente quando a porta do pátio se abriu com um assobio. Jordan saiu dela, um monte de outros caras atrás dele. Procurei por qualquer um da gangue Ryerson, mas não havia. Estávamos cercados por normais. Ainda. Os atletas da nossa escola combinavam com os deles em tamanho e músculo. Eles simplesmente não tinham roupas tão brilhantes quanto as dos garotos da Academy. Aqueles caras usavam camisas vermelhas, neon azul e amarela.

Jordan empurrou a multidão que se reuniu para assistir. — Deem o fora. Vocês não são bem-vindos aqui.

— Sim? — As narinas de Zeke se alargaram. — Quem diabos é você?

— Esta é a casa da minha namorada.

Tabatha veio para o lado dele, com os braços cruzados sobre o peito vestido de biquíni. — Esta é a minha casa. Você não está convidado.

Os olhos de Zeke ainda estavam estreitos, passando por Tabatha, Jordan, Zellman, Cross e me encontrando.

Por que eu? Sério?

Uma garota só *não* podia brigar um certo número de vezes antes de seu escritório de condicional receber uma ligação. Eu tinha estado bem por tanto tempo.

— Você, — ele rosnou.

Sim. Lá se foi esse registro pacífico.

Movi-me por Zellman e Jordan, olhando de volta para ele. — Eu não gosto de ser mencionada desse jeito. Mude a porra da sua música.

Ele teve uma chance. Foi isso.

— Onde diabos você tem a ideia de que você-

Foi isso. Enfiei minha mão no bolso, tirei minha faca rapidamente, e eu estava do outro lado do quintal na próxima batida.

Ele parou de falar porque havia metal contra sua carne.

Ele congelou, seus olhos saltando para fora.

Inclinei-me para a frente, meu braço travado no lugar. — Você quer terminar essa declaração

Mas já era tarde para mim também.

Eu dei o primeiro passo, então o resto teve que me apoiar. Eles fizeram. Os caras perto de Zeke foram empurrados de volta. Não olhei para ver quem agarrou quem, mas esperei até todo o movimento terminar. Gritos. Xingamentos encheram o ar. Uma garota gritou e murmurou. Durante todo o tempo, eu esperei, meus olhos trancados com os de Zeke.

Eu estava deixando ele me ver, o verdadeiro eu. O eu que Tabatha Sweets às vezes esquecia. Porque no fundo, não importava o quanto a terapia e o serviço comunitário tivessem me reabilitado, ainda havia um animal feroz em mim. Demorou um segundo para voltar, mas estava lá.

Estava se alongando, acordando, e eu estava começando a ofegar pelo esforço necessário para me controlar.

— Você está me lendo, certo? — Eu perguntei, minha voz baixa.

Porque enquanto eu o deixava me ler, também olhei dentro dele. E ele era desagradável. Havia um bom pedaço de viscosidade e maldade nele, mas havia choque e medo. Ele estava com muito medo agora, e seu pomo de adão balançou, pressionando contra a minha faca, mordendo a si mesmo. Uma gota de sangue escorreu, deslizando por cima da minha faca.

Eu poderia ser presa por isso. Bem aqui. Era considerado agressão, e olhando nos olhos desse cara, tentei avaliar se ele era do tipo que corria para a polícia ou não.

— Você vai me contar? — Eu perguntei. — Você é engraçadinho? — E desde que ele mencionou Alex, eu acrescentei: — Você sabe o que fizemos com o último engraçadinho em nosso meio, certo?

Jordan falou, empurrando uma grande cabeça de vaca. — Ele passou semanas no hospital. Foi o que fizemos.

Zeke nunca olhou para longe de mim. Seu medo havia desaparecido, mas ele estava absolutamente imóvel. — Foram vocês também?

Eu não respondi, apenas inclinei minha cabeça para trás. — O que você vai fazer hoje, Zeke? Você vai dizer aos seus meninos para virarem e saírem? Você vai correr 'pros' seus pais

ricos? Contar sobre nós? Dizer a eles que uma garotinha com metade do seu tamanho enfiou uma faca na sua garganta? Ou você vai se virar, sair e festejar em outro lugar hoje? — Eu apertei, apenas uma polegada, antes de soltá-lo e dar um passo para trás.

Assim como Cross e Jordan de ambos os lados.

Não pude ver Zellman, mas o ouvi atrás de mim em algum lugar. — Pra fora. Não venham para outra festa em Roussou.

Zeke engoliu, seus olhos ainda em mim. — Achamos que era uma festa do fim de semana do distrito.

— O fim de semana do distrito é uma dança de rua para Roussou. Sempre foi; nunca houve uma festa privada antes, — disse Jordan.

— Então nos vemos lá. — Os olhos de Zeke se fecharam um segundo. Ele estremeceu visivelmente, mas quando os abriu novamente, ele me encontrou imediatamente.

— Zeke, — um de seus amigos chamou. — Vamos.

Eles estavam saindo, voltando pelo portão.

Zeke desviou o olhar do meu, examinando a multidão atrás de nós. Ele fez uma pausa, vendo alguém que conhecia e sua boca se achatou. — Essa garota fala por você também, Gramblin?

Um dos normais saiu da multidão, chegando ao outro lado de Cross, uma cerveja na frente dele. — Vocês tentaram queimar nossa escola. Isso muda as coisas.

— Pensei que você era melhor do que o seu sistema de equipes estúpido. — O tom de Zeke era provocador.

A maioria de seus amigos se foi. Três permaneceram, tensos e olhando o resto de nós com cautela.

— É o que você diz sempre que o encontramos em campo, — acrescentou Zeke.

Gramblin rolou os ombros para trás, uma das pernas começando a bater. — Sim. Bem. Não me lembro de uma vez em que realmente conversamos em campo. Normalmente, estamos espancando vocês.

Os lábios de Zeke se estreitaram. — É isso mesmo?

Aquele brilho maldoso que eu sabia que estava lá veio à tona, subindo, afastando o medo.

Eu sabia o que ele estava fazendo, mas não. Não vai acontecer.

Eu pisei entre eles, dizendo friamente: — Você não vai substituir um oponente por outro alvo. Seu problema é conosco, não com um Normal que, sem ofensa, não tem muito a dizer sobre esse assunto.

Zeke olhou para mim. — É assim?

A adrenalina reforçou sua confiança. Ele levantou a cabeça e o peito estufou. Ele estava esquecendo cuja faca havia pego sua garganta. Eu estava prestes a lembrá-lo quando Cross avançou, seu corpo inteiro tenso e pronto para lutar.

— Seu nome é Zeke Allen, — disse Cross, quase parecendo entediado. — Seu pai está no conselho da Kade Enterprises. Ele é dono de uma pequena parcela, não o suficiente para conseguir uma opinião, mas o suficiente para poder comparecer às reuniões do conselho para tomar café e comida de graça. Sua mãe acha que ela é uma socialite de Fallen Crest -vinho para o chá da tarde, eventos de caridade, esse tipo de coisa. Você é o mais velho da sua família. Você espera ir para a Universidade Cain e acha que pode ser como Mason Kade. Esse é o seu objetivo. Você tem a foto dele no seu armário e como sei tudo isso?

Agora sua voz era arrepiante. Ele olhou para Zeke como um predador avaliando sua presa. — Porque nós não apenas brigamos. Nós fazemos o nosso dever de casa. Quando me dizem que um grupo de moleques da Fallen Crest Academy está querendo queimar um de nossos prédios, é melhor você ter certeza de que eu descubro com quem lutarei a longo prazo.

O olhar de Zeke estava diferente agora. Um fio de consciência tomou conta dele, seu corpo inteiro enrijecendo. — Estou assumindo que você é o verdadeiro líder aqui?

Havia mais movimento em segundo plano, e então Race empurrou para o meu lado.

Zeke olhou por cima, estreitando os olhos, mas voltou-se imediatamente para Cross.

— Nós não temos um líder oficial aqui. Não é assim que trabalhamos.

Exceto que ele era, e *é* assim que trabalhamos em algumas coisas.

Eu peguei um pequeno sorriso de Jordan antes que desaparecesse.

Zeke assentiu, recuando. Suas mãos subiram. — Tudo bem. Entendi. Vocês todos são alguns durões doentios.

— Vamos. — Um de seus amigos bateu no braço dele e os quatro caminharam para trás, atravessando a cerca.

Nós esperamos. Um dos normais foi até o portão, observando. Ouvimos um monte de portas de carro sendo fechadas, motores rugindo e pneus descascando, e ele levantou um braço. — Eles foram embora.

— Foda-se, — disse Cross, baixinho.

— Como você sabia tudo isso? — Jordan perguntou a ele.

— Que porra você estava pensando? — Perguntei a Zellman.

— O que diabos aconteceu? — Race perguntou, procurando alguém com uma resposta.

Então, Cross suspirou. — Isso está realmente acontecendo agora. Merda.

Ele olhou para mim. Eu sabia o que ele estava pensando.

Estávamos em uma rivalidade entre cidades. Estava oficialmente começando.

CAPÍTULO DEZ

Todo mundo estava vulnerável.

Essa parte de rivalidades entre cidades era chata, mas era real. Você não sabia o que o seu adversário faria e eles iriam atrás de alguém considerado inocente ou fraco, ou se eles se levantariam e enfrentariam alguém igual a eles. Nós nunca brigamos contra esse grupo da Fallen Crest Academy.

Cross explicou que havia feito exatamente o que havia dito a Zeke. Ele ligou para algumas pessoas e perguntou quem administrava a escola. Todo mundo disse Zeke Allen, então ele conseguiu os detalhes sobre ele. Eu não sabia que ele tinha feito isso. Ninguém sabia, mas estávamos muito felizes com ele. Porque mostramos uma pequena vantagem sobre eles, eles saíram com uma pontada de medo. Esse pequeno espinho pode dobrar, triplicar, crescer e crescer até que nós fôssemos contra eles novamente. Guerra psicológica. Eu nunca soube que Cross era bom nisso, mas ele apenas me provou que estava errada.

Outra razão pela qual ele era nosso líder — não oficial, — como ele colocou.

Eu tinha certeza que, depois que os alunos da Academy saíram, a maioria dos caras no quintal tinha uma admiração

por Cross. Quando voltamos para dentro da casa de Tabatha, havia um novo sentimento de reverência e choque. E, claro, as meninas não eram imunes. Eu mesma precisei de um momento, embora o que precisássemos principalmente fosse de uma reunião de equipe.

As rivalidades exigiam um esforço organizado, então todas as equipes foram chamadas, e uma hora depois estávamos nos encontrando no porão da pizzaria de Rossou. Até alguns dos normais estavam lá: Tabatha e Sunday eram as líderes das meninas, e alguns atletas dos Normais haviam chegado, além de um cara do conselho estudantil. Ele continuou ajustando os óculos e puxando as mangas. Eu estava supondo que ele nunca fez parte de algo assim.

Chegando ao lado dele, perguntei: — Você precisa usar o banheiro?

Ele me encarou com um olhar firme por trás dos óculos. — Por quê? Porque parece que vou me mijar?

Bem, sim, mas também: — Você parece um pouco enjoado.

— Oh. — Ele franziu o cenho para si mesmo, com o rosto tremendo antes de balançar a cabeça. — Eu vou ficar bem. Eu tive um toque de intoxicação alimentar, mas isso foi há dois dias. — Ele me olhou com outro olhar, engolindo em seco. — Você sabe quem eu sou?

Essa foi fácil. — Você está no conselho estudantil.

— Sim. É por isso que estou aqui, mas você sabe meu nome?

Roussou não era supergrande. Eu deveria saber, mas não podia mentir. — Não leve para o lado pessoal. Eu tenho o hábito de não guardar nomes. É como eu sou. — Fiz um gesto na minha cabeça. — Preste atenção nos rumores. Sou um pouco confusa aqui.

Ele fez uma careta. — Todo mundo tem problemas. Você não é melhor do que o resto de nós com seus problemas.

Isso foi... eu não tinha certeza do que foi aquilo. — Tudo bem. Qual o seu nome?

— Sou Harrison Swartz. E sou o presidente do corpo discente. — Ele assentiu. — Muito obrigado.

Bem então. — Obrigado pelo seu serviço?

Ele se curvou para mim. — De nada. — Uma tosse, então ele gesticulou ao redor da sala. — E obrigado por isso. Você e sua equipe não percebem isso, mas Zeke Allen e seus amigos têm intimidado outros estudantes da nossa escola já tem um tempo.

Eu fiz uma careta. — Por que ninguém disse nada?

— O pai de Allen está bem conectado em Fallen Crest. Para quem eles iriam? A polícia? Nossa administração não se importa. O diretor Neeon riu deles.

Harrison era uns bons cinco centímetros mais alto do que eu, cabelo desgrenhado, penteado para trás com as pontas arrepiadas. Eu não sabia dizer se ele era considerado um cara bonito por baixo desses óculos ou se era *por causa* dos óculos. Pele clara. Olhos cor de avelã.

Percebendo que eu o notava, ele rapidamente colocou sua carranca de volta no lugar. — Eu sei quem você é, se é isso que você está se perguntando. Você é Bren Monroe. Você é da realeza. Channing Monroe é quem iniciou toda essa devas -tudo isso...

— Devastação.

Ele fez uma pausa. — Hmmm?

Eu vi através dele. — Devastação. Era o que você ia dizer. — Eu podia ver mais dele agora. — Você odeia isso, não é? Mas você também é grato. Você não gosta que há equipes em Roussou, mas também é grato porque agora nós estamos lutando com alguém que intimida *você*. Estou certa?

Ele empalideceu.

— Aposto que uma parte de vocês deseja que não haja equipes, mas uma parte de vocês se preocupa como seria Roussou sem elas. Estou perto?

Um gargarejo sufocado veio dele.

Eu me virei para inspecionar a sala, quase vendo-a sob uma nova luz. Eu tentei ver do ponto de vista dele. Os normais pareciam mais imponentes. Tabatha e Sunday pareciam mais bonitas, mas também desagradáveis. Os líderes de cada equipe pareciam mais durões, mais perigosos. Um fio de medo deslizou pelas minhas costas, e eu sabia que era assim que alguém como Harrison Swartz nos via. Eu olhei de volta para ele, tentando sentir a maneira como ele me via.

Perigosa. Mortal. E... o que mais eu estava sentindo dele? Solitária.

Bem, merda. Isso me deixou cambaleando. Ele estava certo, de alguma maneira. — Você acha que eu estou sozinha?

Ele empalideceu, outro som borbulhante vindo dele. — Como você... — Ele puxou a gola da camisa dessa vez. — Como você sabia disso?

Dei de ombros. — Um palpite. Você acha isso?

Uma risada desamparada veio dele. — Sinto que vou me machucar se continuarmos essa conversa.

Certo. Esfaquear. Porque era o que eu fazia.

Eu esfaqueei pessoas. É por isso que tudo isso estava acontecendo.

Eu senti uma pedra no meu peito. — Se você quiser, podemos parar de conversar.

Exceto que eu não conversava com estranhos. Exceto que eu não me abria. Exceto -por que diabos eu me importo?

Eu pensei que ele estava prestes a dizer algo, mas me afastei e fui encontrar Cross. Por que eu me importo com um garoto assim? Eu senti o seu julgamento. Ele olhou para mim, para nós, as equipes. Ele estava com medo de falar comigo.

Na verdade, eu não *sabia* se era isso que ele sentia, mas uma parte de mim entendeu. Eu me julgava o tempo todo. Por que invejar alguém? Eu me vi assistindo Harrison novamente. Se não houvesse um sistema de equipes, como teria sido sua vida? Ele estava sendo intimidado por algum idiota rico da Fallen Crest Academy, então quem diria que ele não teria conseguido isso em Roussou? Mas talvez, apenas talvez, não estivesse acontecendo por causa do sistema de equipes, por nossa causa.

Talvez, apenas talvez, não fôssemos tão ruins assim, afinal?

Então Jordan gritou: — Tudo bem. Estão todos aqui? Porque precisamos fazer um plano com *todos*.

CAPÍTULO ONZE

O plano era simples, mas eficaz. Todos teriam que andar em pares.

Era uma orientação mais encorajadora, mas notei que quase todo mundo de Roussou a seguiu durante a dança de rua naquela noite. Atravessando a multidão, Cross era meu parceiro e nosso trabalho era fácil: observar se há problemas.

Claro, isso não significava apenas os alunos da Academy. Cross e eu estávamos atravessando a estrada principal, a um quarteirão do bar do meu irmão, quando o senti passar atrás de mim. — Moose.

Merda.

Virei à direita, avistando o maior executor do meu irmão à minha esquerda, mas depois freiei.

Congo, uma versão menor de Moose, estava lá.

Seguimos reto, e Lincoln estava lá, uma cicatriz percorrendo todo o rosto, tatuagens ao redor do pescoço e braço.

Recuando, ouvi Cross assobiar: — Foda-se! — Então ele foi empurrado para o lado e as mãos me agarraram.

— Ei, prima.

Eu fiz uma careta, ouvindo a voz de Scratch antes de ser firmemente guiada pela rua e para o beco dos fundos. Uma vez que estávamos entre dois edifícios, Scratch me soltou, mas ele se mexeu para que sua mão estivesse nas minhas costas. Ele manteve um dedo solitário lá, me cutucando à frente. — Seu irmão mais velho quer conversar.

Eu me virei e bati na mão dele. — Saia de cima de mim.

Cross ficou ao lado.

Moose, Congo, Lincoln caíram na fila, junto com outro dos caras do meu irmão, Chad. Grande, ruivo e peludo, ele era baixinho ao lado de Moose. Vendo sua barba, eu esfreguei minha mandíbula. — Deixando crescer?

Chad sorriu. — Talvez. Eu não decidi. A enfermeira com quem estou namorando está adorando.

Eu levantei uma sobrancelha. — Uma enfermeira, hein? Isso é conveniente.

Ele encolheu os ombros.

Lincoln deu um passo à frente, o silencioso e mortal do grupo. — Seu irmão está preocupado. Isso é tudo.

Scratch lançou-lhe um olhar de lado. — Cara, essa merda não funciona com Bren. Ela é uma Monroe. Essa aqui tem coração de gelo. — Ele cutucou meu ombro.

Eu bati fora. — Toque-me novamente e cortarei seu dedo na próxima vez que você desmaiar.

Orgulho brilhava em seu sorriso, mostrando os dentes brancos. Ele nem sequer piscou um olho. — Lá está ela. A felicidade doméstica fictícia pode ter feito você ficar mole. — Ele riu. — É bom saber que minha prima selvagem ainda está aí. — Ele enfiou as mãos nos bolsos e se afastou, mantendo um olho em mim enquanto fazia isso.

Era inútil lutar. Cross sabia disso também. Esses caras formavam a equipe mais antiga de Roussou.

Meu irmão estava saindo do bar quando nos viu chegando.

Ele parou na nossa frente e seus homens formaram um círculo, nos dando uma bolha de privacidade. Ao redor, as pessoas entravam e saíam do bar dele, provavelmente indo para a dança de rua. Mas estava chegando o horário da noite, então a multidão só aumentaria. O bar de Channing geralmente tinha uma fila dobrando a esquina e na metade do quarteirão, especialmente em uma noite de fim de semana.

— Ah. — Ele parou na nossa frente, cruzando os braços sobre o peito. Seu olhar mudou de mim para Cross e de volta

novamente. — Os dois pequenos ingratos que dormem sob o meu teto, fodem sob o meu teto e comem toda a minha comida. — Ele nos chocou, balançando a cabeça. — Eu lhes digo 'pra' fazer uma coisa e vocês fazem o oposto. — Seu rosto endureceu e seu olhar se fixou em mim. — Onde foram ontem à noite?

— Tecnicamente, ficamos em casa.

— Bem. — Ele deu um passo mais perto. — Onde vocês foram hoje de manhã?

— Alex Ryerson chega à academia por volta das cinco da manhã, — disse Cross. — Fomos conversar com ele.

Channing mudou seu olhar para o meu namorado, apertando o queixo. — Um pássaro me disse que sua equipe foi conversar com Malinda McGraw antes da fogueira em Fallen Crest.

Cross e eu trocamos um olhar.

— *Tecnicamente*... — Eu estava falando muito essa palavra hoje à noite. — Sra. McGraw-Strattan conversou conosco. Nós não fomos vê-la, nem a conhecemos até que ela veio á nossa caminhonete.

— Malinda vive em um bairro rico. O que vocês estavam fazendo lá?

— Foda-se, — disse Cross baixinho. — A nova namorada do meu pai está lá. Eu estava curioso.

Channing estreitou os olhos, estudando-nos novamente. — Você satisfez sua curiosidade?

Sim. Meu irmão sabia que não estávamos lá para o 411[5] dos vizinhos.

Ele acrescentou: — Preciso lembrá-lo de que minha irmã *ainda* está em liberdade condicional?

— Não foi assim.

Exceto que foi. Eu me virei, mantendo meu rosto para a frente quando Cross olhou para mim novamente. Channing não era estúpido. Ele não havia chegado à sua posição em Roussou por sorte -lutando, sendo cruel e inteligente foram os principais ingredientes.

Ele precisava se distrair. — Sra. McGraw-Strattan disse que conhecia a mãe.

O olhar de Channing se voltou para o meu.

— Você sabia disso? — Eu adicionei.

— Você está falando sério?

---

5 É um código policial utilizado para obter informações.

Eu assenti. — Foi o que ela me disse. Disse que não havia contado a ninguém que a conhecia. Suponho que ela quis dizer você e Heather.

Channing recuou um passo, sua mão esfregando sua mandíbula. — Sim. Eu quero dizer não. Ela nunca me disse isso.

Eu realmente não me importo com o que a Sra. McGraw-Strattan disse, mas eu sabia que Channing sim. Isso o incomodaria o resto da noite e seria suficiente para estimulá-lo a dirigir até Fallen Crest e perguntar a ela. Eu era tão pequena quando nossa mãe morreu que eu não podia dizer qual tinha sido seu relacionamento com ela, e era outra coisa além de tantas coisas que Channing não falava.

Ele foi assolado pela culpa – culpa por me deixar sozinha naquela casa, culpa por me abandonar em geral até nosso pai ir para a prisão e Channing me levar, e sim, esse era o ás na minha manga porque funcionava. Considere-o distraído.

Channing olhou para baixo, ainda esfregando a mandíbula. — Não conheço Malinda tão bem, mas já estive por aqui o suficiente. Heather mais ainda. Ela te contou e não a nós?

Recuei um passo, dei um pequeno aceno de cabeça. — Nos alertou para deixar o bairro, disse que alguém provavelmente

ligou para a polícia no segundo em que entramos nas ruas também.

Ele grunhiu, um breve sorriso mostrando. — Provavelmente. Heather é mais reconhecida, mas cara, nós não vamos lá há muito tempo. Acho que só estive em casa algumas vezes. — Ele se virou para Cross. — Você conseguiu a informação que queria?

Eu recuei mais um passo.

Cross se mexeu, aproximando seu quadril do meu, quase roçando em mim. — Eu sei sobre a senhora, mas é isso. — Sua voz era firme, controlada. — Eu vou descobrir o resto.

Era uma boa maneira de dizer a Channing para ficar fora disso. Todos nós sabíamos disso. Os caras dele também, e alguns riram.

Observando nossa proximidade e como eu me afastei dele, Channing deixou cair a mão. Os olhos dele brilharam. — Tudo bem garoto. Eu ouvi você, mas o problema é que você está demorando muito para descobrir. Você está em minha casa e eu entendo a necessidade emocional que Bren tem por você, e essa é a única razão pela qual estou permitindo isso. Entendeu? Um ano antes, você seria forçado a se deitar com Jordan ou Zellman, e minha irmã teria sido enviada para fora do estado...

— Foda-se!

Ele me ignorou. — Então, se você me disser para cuidar do meu próprio negócio mais uma vez, não vou me importar com o quão irritada minha irmã ficará. Vou abrir sua cabeça. Entendeu?

— Channing! Cale a boca! — Tentei me mover entre eles, mas foi Cross quem me afastou do caminho.

Ele se aproximou, encarando Channing.

Naquele momento, percebi o quanto eles se pareciam. Ambos bronzeados. Ambos com cabelos loiros escuros. Ambos musculosos. E ambos maus. Channing era mais extrovertido, enquanto Cross gostava de ficar nas sombras, a menos que precisasse dar um passo à frente.

Ele estava avançando agora.

O ar chiou ao nosso redor. Os cabelos na parte de trás do meu pescoço se arrepiaram, e eu contive um arrepio, estendendo a mão sobre meu corpo com uma mão para tocar meu outro pulso.

— Eu não ligo para o seu pessoal estar aqui. — Cross falou baixo, quieto, mas muito claramente. Ele não estava vacilando, e ele não estava olhando para longe. Ele estava segurando firme, olhando de volta para o meu irmão. — Eu não me importo com o respeito que devemos à sua equipe não quando

você ameaça meu relacionamento com sua irmã e não quando se envolve com *minha* vida familiar.

— Eu te disse-

Cross elevou o queixo. — Eu não ligo. Com todo o respeito, estou lidando com minhas coisas muito melhor do que você fez na minha idade.

Isso foi um tapa direto no rosto de Channing, e ele notou, suas narinas dilatadas. — Realmente?

Cross suavizou seu tom. — Não estou dizendo isso para insultar você, apenas um lembrete. Você está vindo para mim como se fosse me expulsar, quando nós dois sabemos que o verdadeiro problema não sou eu. O aniversário de Bren está chegando. Ela terá dezoito anos e, se decidir não confiar em você para obter comida e abrigo, não há nada que você possa fazer sobre isso. Exceto eu. Fui eu quem a segurou.

Cross deu um passo atrás. Virando-se para mim, ele acrescentou suas últimas palavras: — E você também sabe disso.

Ele havia despido tudo e deixado todos expostos, porque ele estava certo.

Channing respirou fundo, seu peito subindo e segurando antes que seu olhar deslizasse para o meu.

Mordi meu lábio. Sim. Ainda havia problemas conosco, e certamente comigo.

Ele piscou algumas vezes, a testa enrugada antes de levantar a cabeça, olhando o céu. — Porra. *Foda-se*! — Expirando, ele se concentrou em mim. — Seu namorado acabou de me dar uma lição, e aqui estava eu, pensando que estava no controle.

Minha garganta inchou. Eu não sabia como responder a isso.

Aparentemente, nem Cross, porque ele ficou quieto.

Por fim, Channing disse calmamente: — Você fica em casa. Você entendeu?

Os olhos de Cross ergueram-se para ele.

Channing assentiu para ele. — Você também. Merda, não é o ideal, mas você está certo. — Seus olhos se fecharam por um momento, e uma ameaça sinistra pairou no ar entre nós quando ele disse: — Não engravide, Bren. Eu falo sério.

— Eu não vou. Eu não estou. Estamos sempre seguros.

Eu me mexi, minha barriga esquentando e se elevando.

— Jesus. — Channing olhou para cima novamente, apenas por um momento. — O que eu preciso saber sobre esta rivalidade de cidades?

A tensão no ar havia diminuído.

Meus pulmões podem respirar mais uma vez. Estávamos no negócio de gangue. Esse foi um bom meio termo para nós, um terreno de união.

Cross falou por nós. — Isso é nosso para lidar.

— Cross, — disse Channing.

— É coisa do ensino médio. Esse é o nosso terreno. Não é seu.

— É meu se for ferir as pessoas da comunidade.

— O que? Você vai lutar contra um monte de alunos da Academy? Você precisa afrouxar as cordas, nos dar alguma liberdade. Nós cuidaremos disso.

— As pessoas se machucaram na última vez que isso aconteceu. Alguém quase foi estuprado.

— E aquele cara foi para a prisão. Eu ouvi a história, e esse cara era um dos nossos.

— Broudou não era um dos nossos, — Channing sussurrou de volta.

— Ele era de Roussou. Você sabe o que eu quero dizer.

Channing olhou para ele, pensando. Suas mãos caíram e seus ombros se soltaram. — Bem. Vou recuar se você fizer uma coisa.

Cross e eu esperamos.

— Você vem a mim antes de passar por cima de uma linha da qual não pode sair. Você me ouviu?

Cross assentiu.

O olhar do meu irmão me perfurou. — Bren? Preciso que você me dê sua palavra.

Forcei minha cabeça para cima e para baixo. Minha garganta queimou.

— Não há esfaqueamentos, especialmente em funcionários da escola e, especialmente, sob vigilância por vídeo. Você me entendeu?

Bem. Eu ganhei esse. — Eu te escutei.

— Bom. — Ele soltou um palavrão baixinho, olhando Cross. — Você é uma merda assustadora.

Então meu irmão se virou, dando um tapa nas costas de Cross com mais força do que precisava ser, mas Cross mal se mexeu. Ele entendeu e, com um aceno de cabeça, meu irmão entrou no escritório de caçador de recompensas. Seus caras o seguiram, exceto meu primo.

Scratch se aproximou de mim. — Se houver uma situação que você não possa falar com ele, ligue para mim. Tudo bem?

Eu assenti.

Ele levantou a mão, o mindinho esticado. — Prometa-me, Bren.

Enganchei meu dedo no dele. — Prometo.

Isso foi bom o suficiente para ele. Ele se virou, seu ombro esbarrou no meu, e ele me deu um sorriso quando se moveu para o começo da fila, se escondeu atrás dos seguranças da porta e deslizou para dentro do bar que ele possuía com meu irmão.

— Por que eu sinto que acabei de escapar de um urso na minha garganta? — Cross murmurou.

Eu resmunguei. — Porque você fez isso. — Eu olhei para ele. — Essas coisas sobre mim...

Eu me parei.

Cross esperou, ouvindo o que eu não sabia dizer. Ele estendeu a mão, segurando meu pescoço e me puxando para perto.

— Eu estou com você, — ele disse suavemente antes de se inclinar para a minha boca.

Era tudo o que eu precisava.

CAPÍTULO DOZE

Relativamente falando, a dança de rua ocorreu sem intercorrências.

Eu digo *relativamente* porque era Roussou, era uma dança de rua, e você sabe como são as nossas vidas. Mas, quanto à rivalidade da cidade, nada aconteceu. Houve algumas encaradas dos Crusties, Academy e Public, mas eles permaneceram do seu lado da cidade e nós continuamos do nosso. Como nos velhos tempos, ou foi o que Heather me disse uma vez.

Então agora estávamos no terceiro dia do fim de semana do distrito.

A festa de Frisco era na floresta, semelhante à fogueira que Fallen Crest deveria fazer. Ambas tiveram fogueiras, mas Frisco envergonhou Fallen Crest. A fogueira principal era do tamanho de um prédio, quase iluminando o céu.

— Eu acho que estou apaixonado por fogueiras. — Zellman parou quando nos aproximamos. O estacionamento estava cheio ao máximo, com carros na estrada de cascalho nos dois sentidos por uma milha inteira.

Olhei em volta, notando que não havia casas. Havia um campo à nossa direita e bosques espalhados à esquerda, com a fogueira em uma clareira que unia os dois. Tinha grades de metal ao redor para mantê-lo contido. Caminhonetes haviam sido posicionadas ao redor do campo e perto da floresta, com os portões abaixados e os chãos cheios de refrigeradores.

O rap estava tocando, mas não muito alto. As pessoas estavam conversando, rindo e bebendo. Quando nos aproximamos da festa, um cara estava levando uma garota para o campo. Outra garota estava cambaleando, suas amigas tentando segurá-la na posição vertical. Um cara caminhou até ela, curvou-se e jogou-a por cima do ombro. Suas amigas começaram a dizer algo para ele, mas ele se virou.

— Ela está bêbada. Ela precisa ir para casa e dormir. Leve-a, ou eu vou levá-la.

Duas das amigas resmungaram, mas uma de má vontade foi com ele. Eles passaram por nós sem olhar.

Zellman franziu o cenho para eles. — Eu não os reconheço. Eles devem ter sido enviados para Fallen Crest.

— Jordan!

Ao nos virarmos, vimos Sunday liderando a investida, mas foi Tabatha quem o chamou.

Sunday, Monica, Tabatha e Lilac? E cerca de quatro outras garotas se reuniram. Taz estava andando atrás com Race ao lado dela. Mais caras de Roussou estavam atrás de Race, principalmente atletas. Eu reconheci Harrison caminhando na retaguarda, puxando a gola e franzindo a testa ao redor.

— Baby. — Tabatha se mudou ao redor de Sunday e Monica, indo para o lado de Jordan, aconchegando-se nele. O braço dele repousava sobre o ombro dela.

Sunday parou na frente de Zellman, ambos avaliando um ao outro.

Ela fez uma careta para ele, os braços cruzados sobre o peito. — Vou sair com alguém de Fallen Crest na próxima sexta à noite.

— O baile é sábado.

Ela levantou um ombro. — Eu ainda vou com você.

Ele franziu a testa.

A carranca dela diminuiu para combinar com o cenho dele.

Então, ele deu de ombros. — Tá.

— Tudo bem, — ela retrucou antes de girar nos calcanhares e ir embora. Monica foi rápida, murmurando para Zellman: — Você é um idiota.

Ele assistiu elas irem antes de virar para todos nós. Vendo nossa atenção, ele enfiou as mãos nos bolsos. — O que? Eu não vou ser forçado a ter um relacionamento. Ela quer namorar outros caras, tudo bem por mim. — Ele murmurou, uma coisa muito não-Zellman, e seguiu atrás delas em um ritmo mais lento.

— Ei, Z! Espere. — Alguns caras dos Normais se apressaram para alcançá-lo.

Jordan franziu o cenho para ele, apertando o braço em torno de Tabatha. — Eu sou o parceiro dele para o sistema de amigos.

Tabatha gemeu. — Seja meu parceiro. — Ela sorriu para ele, batendo os cílios.

Jordan olhou para ela, seus olhos suavizando antes de prender Cross e eu com um olhar suplicante. — Por favor?

Todos nós sabíamos o que ele estava perguntando.

— Tab, quem é seu parceiro? — Taz se aproximou do outro lado de Tabatha, Race completando o círculo enquanto andava entre Taz e Cross.

O sorriso de Tabatha se apertou. — Lila é.

Lila! O nome dela era Lila.

Lila falou por trás dela. — Estou aqui! Sistema de amigos aqui. — Ela abriu caminho entre Tabatha e Taz. Ela levantou a mão. — Olá a todos. Estou aqui. Estou levando a sério toda essa coisa de rivalidade.

Jordan fez uma careta para ela. — Você deveria, porque é sério. As pessoas foram para a prisão da última vez por causa dessa merda.

O sorriso dela desapareceu e ela piscou algumas vezes. — Desculpe?

O resto dos caras passou por nós com Harrison atrás deles, andando sozinho.

— Harrison! — Eu acenei para ele.

Ele parou, olhando para mim. — Eu? — Seus olhos se arregalaram e ele examinou o resto do grupo, demorando-se em Jordan e depois em Cross, que o observava com a cabeça inclinada para o lado.

— Sim. Você. — Eu acenei para ele. — Venha aqui.

Ele deu um passo e depois parou. — Por quê?

— Quem é seu amigo?

A boca dele se achatou. — Ele está em casa.

— Que porra é essa? — Jordan latiu para ele. — Você não deveria estar aqui então. Não é seguro.

O olhar de Harrison ficou cauteloso. Ele sabia muito bem o quão perigoso poderia ser, mas isso era para outro dia. Eu balancei minha cabeça em direção a Lila. — Você tem um novo parceiro para a noite.

— Desculpe? — Disse Lila.

Eu a ignorei. — Conheça Lila. Lila, conheça Harrison.

— De jeito nenhum-

Eu sorri. — Se eu te ver sem ele a um metro e meio de distância, eu a colocarei no hospital. — E porque eu não tinha certeza se ela era uma garota do tipo engraçadinha, acrescentei: — Você não saberá como chegou lá. Você não saberá quem realmente a colocou lá, mas você acordará e só terá que culpar a si mesma.

Ela fervia.

Tabatha estava sorrindo, mordendo o lábio.

Taz franziu a testa.

— O que? — Lila cuspiu, apontando para Harrison. — Por que você não está dando a ele a mesma ameaça?

— Porque ele é o presidente do conselho estudantil. Mesmo bêbado, sinto que ele cumpre todas as leis e não quebra nenhuma regra.

— Ele quebrou uma regra vindo aqui hoje à noite.

Harrison tossiu, segurando uma mão. — Uh. Tecnicamente, não o fiz porque me certifiquei de entrar com o pessoal da Roussou e estava planejando ficar perto da multidão da Roussou hoje à noite.

— Por que você está aqui? — Lila saiu do grupo, encarando-o. Suas mãos encontraram seus quadris.

— Porque é fim de semana do distrito. — Ele falou como se isso fizesse sentido. — Eu sou o presidente do nosso corpo discente. Se acontecer algo que possa nos afetar na escola, prefiro ter conhecimento em primeira mão. — Ele fez uma pausa. — Por que você está aqui?

Lila não teve resposta.

Tabatha riu. — Ela está aqui porque espera que Cross e Bren se separem de repente e possa ter sorte.

Lila girou, empalidecendo. — Cadela!

Tabatha acenou com a mão. — Dê o fora, Lila. Acho que não há mais lugar para você no meu grupo de amigos.

O sangue escorreu do rosto de Lila, deixando-a branca como um lençol. — O que? Por quê?

— Porque eu não gosto de como você falou com Harrison agora. Ele já foi aceito em Yale. — Tabatha estava presunçosa com o braço de Jordan sobre ela. A mão dele curvou-se ao redor do quadril dela. — Aposto que você não sabia disso, hein?

Os olhos de Lila se arregalaram quando ela olhou para Harrison, seu comportamento muito mais tímido.

Harrison olhou para Tabatha. — Você não deveria contar a ninguém.

Tab deu de ombros, esticando-se quase preguiçosamente sob o braço de Jordan. — Harrison, você foi meu vizinho a vida toda. Você nunca canta seus louvores. Deixe-me ter esse momento.

Ele resmungou, mas puxando a camisa novamente do pescoço, ele começou a avançar. — Vamos lá, Lídia. De repente, preciso de uma cerveja.

Ela foi atrás dele. — É Lila...

Então eles foram engolidos por outro grupo de estudantes, que não reconhecemos. Eles nos encararam e Jordan suspirou. — Deixe-me adivinhar. Fallen Crest acaba de chegar.

Com certeza.

Zeke Allen estava bem no meio, com os braços carnudos em volta dos ombros de duas meninas. Seus homens estavam alinhados atrás dele, a maioria com os braços em volta de uma garota também. Eu estava tendo déjà vu em um filme dos anos 90 do ensino médio.

Diminuindo a velocidade ao passar, Zeke deu um sorriso gelado até chegar a mim. Então cresceu calculista. — Temos pessoas em comum, — disse ele. — O treinador Strattan e Malinda McGraw são meus vizinhos. Você sabia disso, Monroe?

— Cai fora, Allen. — Jordan soltou Tabatha, avançando para me bloquear.

Cross ficou ao lado dele. Race surgiu ao meu lado.

— Nós vamos ter um problema hoje à noite? — Cross perguntou, sua voz calma.

Zeke parou de seguir, seu sorriso caindo ao ver Cross. — Não, cara. Quero dizer, vocês podem ter um problema hoje à noite, mas não nós. Estamos todos relaxados.

Seus amigos riram, os sons estridentes e quase degradantes de alguma forma.

Zeke avançou, as meninas com ele nos dando olhares desagradáveis também. Ele levantou a cabeça em um aceno de cabeça. — Não hesite em entrar em contato, Monroe. Posso lhe

emprestar meu advogado de família. Desde que você tende a ter problemas com a lei.

— Que porra é essa?

Agora Cross estava chateado. — Estou ficando muito cansado da obsessão dele por Bren, — disse ele, para que apenas nós quatro pudéssemos ouvi-lo.

Jordan abaixou a cabeça. — Sim. Eu também.

Race falou. — O que foi isso sobre um advogado?

Jordan balançou a cabeça, observando o resto do grupo passar por nós. — Quem diabos sabe. Talvez sobre sua liberdade condicional ou algo assim?

Cross se virou para mim. — Você sabe do que ele está falando?

Eu balancei minha cabeça. — Não. Suponho que ele esteja focado em mim porque meu irmão conhece Mason Kade. Talvez? É um exagero, mas... — Dei de ombros, estudando Zeke novamente enquanto o grupo deles tomava refrescos na primeira caminhonete. — Não tenho nada a ver com eles. Ele descobrirá, e será isso.

Eu esperei.

Cross resmungou. — Eu duvido. O cara quer entrar nas suas calças.

Eu balancei minha cabeça de volta para ele. — Você acha? — Isso não parecia certo.

— Eu sei disso. — Ele bateu no meu braço. — Eu reconheço o olhar. — Ele tocou meu queixo. — É o mesmo olhar que Harrison tem.

Demorou um segundo. — De jeito nenhum! — Eu comecei a rir.

— Sim, bem. — Ele deu um passo para trás, abaixando a mão para o lado. — Cuidado com Harrison.

Ele sabia que eu já estava em alerta máximo sobre Zeke.

Não concordei com Cross, mas ainda assenti. Ele via coisas que eu não via às vezes. — Sim, tudo bem.

— Eu concordo com Cross, — acrescentou Race.

— Você também não. — Eu gemi.

— Aceite de alguém que estava interessado no início da escola. — Ele falou baixinho, e eu sabia que era para Taz não ouvir. — Eu também vejo isso em Harrison, e o cara é esperto, mas não gosta de garotas. Uma paixão pode se transformar em algo mais sério depende de como ele está com medo de Cross.

Cross sorriu. — O filho da puta de Yale deve molhar as calças.

Race riu. — Sim. Eu sei. Eu também estava. — Ele estava mentindo... mais ou menos.

Revirei os olhos, saindo do grupo. — Temos que encontrar o Zellman. Sistema de amigos e tudo.

— Espere. — Cross agarrou a parte de trás da minha calça. — Jordan, assistiremos Z hoje à noite. Nos encontra depois?

— Sim. — Jordan levantou a mão em reconhecimento antes de desistir e se aconchegar em Tabatha. A mão dela deslizou pelo pescoço dele. Eles permaneceriam assim o resto da noite se não escapassem por alguma privacidade mais tarde.

— Espere. — Race e Taz estavam vindo atrás de nós. Ele jogou o braço em volta do ombro dela também. — Vamos com vocês.

— Segurança em números? — Eu provoquei.

Taz me deu um sorriso. — Mais como eu quero sair com meus amigos de verdade hoje à noite.

Pareceu uma boa ideia. Eu poderia passar algum tempo com Taz.

CAPÍTULO TREZE

Duas horas e três cervejas depois, eu estava sóbria.

Taz não podia dizer o mesmo. Ela tinha passado do limite, e Cross e Race estavam balançando a cabeça. Eu era mais aberta e receptiva. Sim, eu me surpreendi. Taz não estava arrastando suas palavras, mas ela me disse pela oitava vez como me amava e me via como irmã.

Depois da nona vez, Cross terminou a cerveja. — Tudo bem. — Ele se virou para Race, que estava em um tronco paralelo a nós. — Estou pensando que é hora de minha irmã voltar para casa.

Race deu a Cross um leve aceno de cabeça. — Você já tentou levá-la para casa quando ela fica assim? — Ele ergueu as sobrancelhas. — Não é tão fácil. Sua irmã fica nervosa.

— Foda-se, sim! — Ela arrotou, erguendo a cerveja no ar e ficou de pé. Pulando no tronco, ela gritou quando começou a escorregar. — Ei, pessoal!

Agarrei suas pernas, firmando-a.

Eu acho que Taz nem percebeu. Ela levantou a cerveja mais alto, sua camisa levantando do movimento. — Quem é Roussou?!

Uma alegria se levantou.

— Inferno, sim, nós somos!

— Sim!

— Nós!

— Uhul.

Ela esperou até eles se acalmarem, arrotar de novo e gritar: — Levantem suas cervejas, filhos da puta! Porque somos Roussou e estamos orgulhosos! Infernoooo sim!

Outro rugido passou pelo grupo mais próximo de nós, viajando para os outros caminhões, junto com algumas queixas.

Cross gemeu. — Como eu disse. — Ele bateu na perna de Race. — Leve-a para casa, filho da puta.

Race olhou para trás. — Você a leva para casa. Ela é sua irmã.

— Ela é sua namorada.

— Meninos, sério. — Tabatha se aproximou, sentando no tronco vazio em frente ao nosso fogo.

Ela estava sozinha. — Onde está Jordan?

— Verificando Zellman.

Apontei para a caminhonete mais próxima. Zellman estava atrás, uma garota no colo dele. — Ele está ali. E o objetivo de um sistema de amigos não é sair enquanto seu parceiro está checando outra pessoa. — Eu me levantei, já examinando a área.

Eu não estava avaliando enquanto estávamos sentados, principalmente porque era bom relaxar e conversar com Taz e Race. Mas agora, vendo nove caminhonetes espalhadas pela área, fogueiras muito menores por toda parte e todas as pessoas andando por aí, fiquei um pouco surpresa com quantas pessoas estavam aqui. O lote era enorme, e quem sabia quantos estavam na floresta.

— Onde ele está? — Eu perguntei baixinho enquanto Cross e Race subiam em seus troncos.

Eu não pude vê-lo.

— Mas que merda, — Race rosnou, lançando um olhar a Tabatha. — Você vacilou, Sweets.

Ela estava toda calma e relaxada, mas agora ela estava conosco. — O que? Até onde ele poderia chegar...? — Ela parou quando começou a procurar também.

— Em que direção ele foi? — Cross perguntou.

— Eu-— Ela engoliu em seco, começando a empalidecer. Ela apertou a cerveja. — Eu não sei. Ele acabou de dizer que iria checar Z e depois me encontrar.

Eu olhei caminhonete por caminhonete.

Caminhonete um, sem Jordan.

Cross se moveu para ficar ao meu lado. — Em qual você está?

Ele sabia o que eu estava fazendo.

— Estou na dois agora, vou para as próximas três.

Ele girou. — Procuro na última caminhonete então. Race, verifique o estacionamento. Tabatha, estude a linha das árvores.

Trabalhamos em equipe. Taz começou a torcer por Roussou.

Tabatha gemeu baixinho. — Oh meu Deus. E se algo aconteceu com ele? Oh meu Deus... — Ela não calou a boca.

A dois estava limpa.

Três iguais.

Quatro, ainda sem Jordan.

Cross estava em contagem regressiva enquanto limpava o final da linha. — Oito. Sete. Seis.

Nós dois estávamos no cinco ao mesmo tempo. Ainda sem Jordan.

— Ele se destacaria. Ele é o cara mais alto daqui, — disse Race. — Porra, galera.

Era hora da decisão agora.

Eu peguei meu telefone, digitando uma mensagem quando Cross pressionou o telefone no ouvido.

Falei enquanto meu polegar se movia sobre as teclas — Tabatha. — Minha voz estava calma, mas minha pressão arterial não. Estava subindo todo o caminho.

— Sim? — Ela correu para o meu lado. — O que posso fazer para ajudar? Sinto muito, gente. Honestamente. Ele me enviou aqui. Eu não pensei -confio em Jordan. Ele geralmente sabe o que é o melhor a fazer...

Eu a cortei. Suas divagações não estavam ajudando. — Preciso que você envie uma mensagem de grupo para o maior número de pessoas possível. Agora precisamos de olhos para encontrar Jordan. Mensagem. Depois, conversa em grupo em todas as suas mídias sociais.

— Tudo bem. Eu posso fazer isso rápido. — Ela pegou o telefone e deixou cair na pressa. Ela pegou de volta e largou de novo. — Merda! Merda! Merda! Tudo bem. — Ela respirou fundo, exalando profundamente. — Eu posso fazer isso. Eu posso fazer isso.

— Sim, nós somos ROUSSOU, E ESTAMOS ORGULHOSOS!

Como ela já estava gritando, puxei a camisa de Taz e disse: — Comece a aplaudir o nome de Jordan.

— PORRA ORGULHOSO -JORDAN! JORDAN! JORDAN!

Os telefones estavam iluminando. As pessoas estavam começando a olhar em volta. A notícia estava se espalhando, e aqueles que não estavam checando seus telefones começaram com seu canto.

Cross se virou para mim. — Vamos nos mover. É hora de começar a olhar.

Eu concordei, saindo do meu celular.

— O que deveríamos fazer? — Race deu um passo em nossa direção.

Taz ainda estava empurrando o punho no ar, liderando os cânticos. Fiz um gesto para ela. — Cuide dela. Se Jordan está realmente desaparecido, a pressão é boa contra quem o

machucou, mas se ele não estiver desaparecido, não queremos dar ideias às pessoas erradas. Você entende?

Ele assentiu, passando a mão pelo rosto. Bolsas pareciam aparecer sob seus olhos. — Essa coisa toda de rivalidade é real, não é?

Cross grunhiu, sua mão tocando minhas costas. — Receio que sim. E nossa equipe fez essas explosões de carros. Temos de ir.

Tabatha se juntou a nós, exclamando: — Oh meu Deus! — A mão dela bateu no ar. — Alguém disse que o viu indo para a floresta.

— Uh...

Nos viramos. Zellman se juntou ao nosso grupo. Ele segurou o telefone no ar. — Por que estou recebendo mensagens sobre Jordan? — Ele olhou para Taz, os dois punhos no ar agora. — E quando sua irmã se tornou líder de protesto? — Ele olhou ao redor. — Onde está o Jordan?

Eu lutei contra o desejo de bate-lo na parte de trás de sua cabeça. — O quanto você está bêbado?

— Eu estou sóbrio. Eu estava brincando o tempo todo. — Ele sorriu, balançando as sobrancelhas. — Se você souber o que quero dizer.

Eu gemi. Nós sabíamos.

— Tabatha, de que lado da floresta? Direita ou esquerda? — Cross perguntou.

— Hm... — Ela afundou os dentes no lábio inferior, os dedos voando sobre o telefone. — Eu estou perguntando.

E um segundo depois, ela pulou e apontou para a esquerda. — Lá.

Havia duas seções principais de floresta, uma que subia uma colina e outra que se espalhava pelos fundos do campo. Havia um rio além da linha das árvores, mas isso era Frisco. Não estávamos familiarizados com o terreno aqui.

Ela apontou a colina, perto dos alunos da Academy.

Uma seção inteira de pessoas estava subindo a colina. E enquanto estávamos assistindo, um cara se virou, fez movimentos agudos com os braços e todos rapidamente correram para trás como se algo estivesse prestes a acontecer.

— Isso não é bom. — Cross.

Tab viu o grupo se afastando. — Oh, porra.

— JORDAN! ORGULHO DE ROUSSOU! JORDAN! ORGULHO DE ROUSSOU!

Taz havia mudado.

Zellman enfiou o telefone no bolso. — O que vocês estão esperando? Vamos, porra. Não tenho medo de alguns malditos Academys.

Cross e eu trocamos um olhar.

Se algo estivesse acontecendo com Jordan, ele precisaria de uma fuga.

— Existe uma estrada lá atrás? — Eu perguntei.

Zellman pegou um garoto passando por nós.

— Ei! — O cara gritou, bebendo cerveja do copo.

Z ignorou tudo isso. — Você é de Frisco?

O cara engoliu nervosamente. — Uh, sim. Por quê? Eu vou para a sua escola agora, no entanto.

Cross apontou para a colina. — Existe uma estrada lá atrás?

— Uh... — Ele olhou, precisando de um segundo.

Zellman rosnou. — Responda. Agora.

— Uh... — Seus olhos dispararam para Zellman antes de assentir. — Sim. Sim. Há sim. O rio corta as colinas, mas sim, há uma estrada. Cerca de uma milha, se você continuar em linha reta, vai acertar.

— Obrigado, — disse Cross.

Zellman empurrou o cara para longe, rosnando novamente: — Obrigado.

O cara recuou alguns metros, mais cerveja derramando em sua camisa. Seus olhos estavam arregalados quando ele nos olhou. — Isso tem algo a ver com o seu membro da equipe?

Zellman girou, começando pelo cara.

Cross agarrou o braço de Zellman, segurando-o e se adiantou. — Talvez. O que você sabe?

— Uh... — Ele olhou para o telefone, de volta para Cross, para o telefone...

— Pelo amor de Deus. — Zellman se lançou, pegando o telefone das mãos. Ele leu o que estava na tela, seu corpo inteiro endurecendo. — Que porra-

Pudemos ver o sangue escorrer do rosto do cara. — Acabei de receber esse texto. Juro! Não tenho nada a ver com isso.

Cross pegou o telefone da mão de Zellman, mostrando-me enquanto ele lia ao mesmo tempo.

Zellman se lançou para o cara, mas Race o bloqueou. — Espere, Z. Esse cara pode ser útil.

O cara em questão começou a se mover para o telefone. Race pegou sua camisa, segurando-o no lugar.

Número desconhecido: *Puta m*** !!O membro da equipe Wolf foi atacado.*

O cara apontou para o aperto de Race nele. — Há um vídeo.

Cross clicou nele e meu estômago caiu, despencando no chão.

Jordan estava no chão. Caras que eu não reconheci o circulavam, movendo-se enquanto socavam e chutavam.

— Temos de ir! AGORA!

— Pegue nossa caminhonete, — disse Cross a Race. — Vá 'pra' essa estrada. Se ele está lá em cima, temos que parar com isso. Vamos precisar de uma fuga.

Race sacudiu a cabeça. — Entendi. — Ele soltou Z e o cara.

— Ei! Meu telefone.

— Eu preciso disso. Você pode recuperá-lo na escola. — Cross estava mandando uma mensagem para a pessoa que enviou o vídeo, e nós já estávamos correndo.

Pudemos ouvir Taz: — ROUSSOU -que diabos?!

Não precisava de um palpite para saber que Race a havia agarrado e a arrastado com ele para o estacionamento.

Tabatha estava correndo ao meu lado, com o rosto manchado de lágrimas. — O que eu posso fazer? Me diga o que fazer.

Cross jogou o telefone do cara para ela. — Fale com a pessoa. Descubra tudo o que puder e envie-nos as informações.

Ela pegou o telefone enquanto corríamos com força total.

Era hora de bater algumas cabeças.

CAPÍTULO QUATORZE

Deixando as pessoas pra trás, eu sabia que estávamos chamando a atenção. Nós não nos importamos. Girando para a esquerda, fomos para a floresta. Uma trilha de pessoas subia a colina e, quando atravessamos as primeiras árvores, ouvimos seus gritos.

Eu estava me esforçando, meu coração batendo forte, mas não consegui entender a voz de Jordan.

Nós continuamos.

A trilha era estreita. As árvores bloqueavam a luz da lua, mas havia luzes à frente e as pessoas na trilha estavam com os telefones, ajudando a mostrar o caminho. Passamos correndo. Algumas pessoas gritaram, e um casal olhou para trás, depois cambaleou para fora do nosso caminho. Uma garota ofegou.

Outra, — Puta merda!

Então, — Devagar!

E as risadas. Algumas pessoas acharam isso engraçado.

Eu queria voltar e socá-los, mas Jordan precisava de nós.

Graças a Deus Zellman permaneceu sóbrio esta noite. Graças a Deus todos nós permanecemos.

Zellman e eu éramos os que costumavam ter problemas. O resto entrava para nos salvar ou nos apoiar, mas não Jordan. Nunca Cross. Isso não era normal. Então, novamente, tive a sensação de que Jordan foi pego.

Isso não importava. Fosse o que fosse, estávamos voando para lutar. Não importa quem era contra.

O telefone de Cross se acendeu e ele leu a tela, ainda funcionando.

— São alguns atletas da Academy, — disse ele, sem fôlego. — Eles estão à frente. — Ele guardou o telefone e ganhou velocidade.

Nós estávamos bem atrás dele.

Isso era uma coisa que eu tinha para mim -eu podia correr quase tão rápido quanto os caras. Longa distância não era para mim. De jeito nenhum, mas eu sempre fui abençoada com velocidade. Estávamos nos aproximando da multidão e podíamos ver os atletas se esquivando. Alguns estavam se aproximando para dar um soco e depois se afastando.

Covardes. Todos eles.

Quando chegamos à clareira, vimos Jordan tentando ataca-los. Ele estava quase de joelhos, mas sua cabeça estava levantada. Seus olhos estavam semicerrados. Sangue seco em seu rosto.

Ele balançou, seu punho quase pegando um cara por sorte antes que outro aparecesse por trás dele e lhe desse um soco na nuca.

Ele estava caindo.

Meu estômago revirou.

Um punho acertou ao lado do queixo. Sangue espalhado por toda parte. Ele sacudiu a cabeça e foi como se eu o visse em câmera lenta. A cabeça dele virou para o lado. Sangue. Suor. Lágrimas. Tudo isso escorria pelo rosto dele, e exaustão.

Eu não sabia quanto tempo ele estava tentando lutar com todos eles, mas seus ombros estavam caindo.

Ele caiu de joelhos, com a cabeça baixa.

Era como se ele estivesse pedindo uma pausa, uma pausa, para poder ter uma segunda chance. Em algumas brigas, isso era concedido. Eu sabia que não seria com esses caras. Eles eram covardes. Nenhum deles teria chance contra Jordan, um por um. Eles tiveram que lutar em grupo, como hienas, e estavam gargalhando como elas também.

Quanto mais nos aproximávamos, mais calma me sentia.

A raiva estava lá, a necessidade de vingança, para proteger um dos nossos, mas eu atenuei isso. Uma tempestade inteira me retorceu por dentro, mas por cima encontrei uma paz serena. Eu precisava disso. Era uma habilidade que eu estava desenvolvendo. Silenciando a mente. Eu poderia causar o maior dano assim. Eu veria coisas que eles não veriam. Nossos oponentes. Nossos inimigos. Quem quer que estivesse nos machucando, eles se machucariam. Eles seriam rasgados em pedaços.

Nós os destruiríamos.

Todos nós nos movemos para as margens do caminho, entrando fervendo e rápido, mas silenciosamente e pelos lados. Se as pessoas olhassem para trás, olhariam no meio da passarela. Procurariam uma silhueta. O olho saltaria automaticamente sobre a escuridão.

Eu me preparei, esperando alguém gritar nossa chegada, mas até agora nada. Talvez as pessoas por quem passamos não tenham nos reconhecido. Talvez tenhamos tido sorte.

Talvez devêssemos ter o elemento surpresa.

Talvez, apenas talvez, o universo estivesse do nosso lado dessa vez.

Nós estávamos quase com eles.

O corpo inteiro de Jordan estremeceu enquanto ele tentava ofegar. Quando limpamos o último caminho, um dos atacantes interrompeu a formação. Ele se moveu, seu punho levantado e levantando atrás dele. Ele estava vindo para Jordan pela retaguarda direita.

Jordan não sabia que o soco estava chegando.

Então o cara olhou para cima e nos viu. Os olhos dele se arregalaram.

Vi tudo isso em câmera lenta também.

Sua boca começou a formar uma palavra, gritar e anunciar nossa chegada, assim como seus olhos saltaram para os meus. Eles pegaram e seguraram, e eu deixei que ele visse a calma mortal em mim. Ele percebeu. Naquele momento, ele viu tudo em mim.

Este não era o nosso primeiro dia de violência.

Nós nos divertimos nisso.

Nós nos destacamos.

Dei outro passo, mais um, e depois lancei. Cross estava derrubando os caras de costas para nós, e quando um começou a cair, eu o usei como um banquinho. Corri pelas costas dele, afastando-me dos ombros e depois estava voando no ar.

O cara me viu, horror e choque se formando em seus olhos, e ele não podia se mover. Ele estava congelado, apenas me observando vir. Ele tentou se desviar do caminho, mas teve o pensamento de me agarrar ao mesmo tempo. Sua mão surgiu em defesa, mas não foi suficiente. Foi uma deflexão fraca, e meu pé o encontrou, meu calcanhar fazendo um golpe limpo. Com a força do meu salto e todo o meu corpo atrás do chute, seu corpo caiu para trás no chão. Fui com ele, aterrissando e dando o impulso de dar um soco no pescoço dele.

Ele se dobrou, ofegando.

Mas eu fui embora, girando e agarrando o braço de seu amigo entrando para salvá-lo.

Eu era menor que a maioria desses caras. Eles eram atletas. A maioria trabalhava em seus corpos, levantando pesos, e eu não conseguia lutar contra eles naquele nível. Mas velocidade, graça e conhecimento? Eu poderia lutar com eles com essas qualidades. E esperteza.

Eu estava pensando, de cabeça clara. Eles não estavam.

Eu olhava para trás mais tarde e percebia que não havia gritos. Deveria haver gritos, xingamentos pelo menos. Não havia nenhum.

Eles estavam torcendo por seus amigos enquanto lutavam com Jordan. Mas nós aparecemos, e nada. Eles estavam calados.

Depois que usei o braço para me sustentar, subi pelo corpo dele e me joguei para trás para poder vira-lo. Então joguei minhas pernas para cima e chutei em tesoura o próximo cara no rosto ele foi o terceiro cara que eu derrubei.

Depois de tudo isso, olhei para cima.

Eles correram.

Todos correram, nenhum ficou para ajudar seus amigos. Disse tudo ali.

— Bren, — Jordan ofegou, caindo.

— Jordan! — Eu corri para o lado dele, pegando-o exatamente quando seu rosto quase plantou no chão. Ajoelhei-me lá, segurando-o. Eu o aninhei contra mim, mas estava assistindo Cross e Zellman. Ambos estavam brigando, fazendo um trabalho rápido com os dois caras restantes.

Zellman atacou seu cara, jogando-o no chão e voltando a pousar soco após soco. O oponente de Cross tentou apressá-lo. Cross pegou o braço dele e torceu, colocando o ombro no peito do sujeito. Ajoelhou-se, virando-o e depois deu um soco final. Ele nocauteou o cara e depois fez um balanço. Quando ele viu Zellman, ele correu para afastá-lo do cara.

— Z. — Ele resmungou, empurrando Zellman de volta.

— Não. Deixe-me com ele! Eu odeio esses filhos da puta. — Zellman agarrou Cross, tentando se libertar.

Zellman estava carregado. Ele não parava e, vendo isso, Cross gritou com o sujeito: — Dê o fora!

O resto fugiu, exceto os inconscientes no chão. Ele foi o último de seus amigos e assentiu, mal. Levantando-se, ele começou o caminho que tínhamos acabado de usar. Ele cambaleou, caindo, levantando trôpego e indo um pouco mais antes de repetir o processo. Depois que o vimos cair três vezes, ele conseguiu recuperar o fôlego e começou a correr devagar, desaparecendo em uma curva.

Cross soltou Zellman, que ainda estava falando alto e xingando. — Que porra é essa, cara!

Cross o ignorou, vindo até mim e ajoelhando-se. — Jordan?

— Esses idiotas me atacaram. Eu não sabia o que estava acontecendo até já estar no chão. Eu não pude revidar a princípio. — Todo o seu olho direito estava fechado e inchado. — Cross. Bren. — A voz dele tremia. — Eu pensei... pensei que ia morrer hoje à noite. Se eles não tivessem parado... se tivessem continuado...

Um calafrio passou por mim. Eu o segurei mais apertado.

Não essa noite. Não no nosso turno. Cross e eu trocamos um olhar nunca.

Estávamos completamente sozinhos na colina.

— Deus! Filhos da puta! Eu só quero... por que você me segurou? — Os braços de Zellman estavam no ar. Ele os estava girando, como se estivesse se aquecendo para uma corrida. Seu peito arfava. Os olhos dele estavam selvagens. — Eu...

Empurrei Jordan para os braços de Cross e caminhei até Zellman. — Qual diabos é o seu problema?! Lutamos com a mente limpa. — Eu queria torcer o pescoço dele, e minhas mãos se ergueram, formando punhos.

Zellman os viu, o movimento o acalmou por algum motivo, e ele deu um passo atrás. Seus braços abaixaram para os lados. — Bren?

— Que porra você estava pensando? Você apenas continuou falando sobre esse cara. — Lembrei-me da hostilidade de Zellman no dia anterior. — Você está louco desde a festa de Tabatha. O que está havendo com você?

Ring! Ring!

Cross estava ajudando Jordan a se levantar quando seu telefone tocou, silenciando nossa discussão. Ele puxou para fora assim que eu vi as luzes. Vermelho e azul iluminavam o céu.

Eu murmurei, — Merda, — quando Cross atendeu o telefone.

— Sim? — Ele ouviu quem estava do outro lado. — Entendi. Taz pode se conectar ao meu telefone, então liga o meu GPS. — Ele afastou o telefone e apertou alguns botões antes de deslizá-lo de volta no bolso.

Zellman voltou para mim, xingando baixinho.

Cross disse o que todos sabíamos. — Os policiais estão aqui. — Mas então ele acrescentou o que não sabíamos. — Eles têm trinta carros lá em baixo.

Minha boca quase se abriu. — Trinta?

Sua mandíbula estava apertada, seu rosto sombrio. — Race os viu entrando no momento em que ele entrou na estrada à frente. Eles viram as luzes piscando, mas não os policiais reais quando estavam saindo do estacionamento. Meu palpite é que eles saíram pouco antes da polícia chegar àquela última colina. — Cross apontou para trás. — Nós não podemos ir lá em baixo. Eles vão nos prender.

O que significava que tínhamos cerca de uma milha de caminhada pela frente.

Lembrei-me do que o cara de Frisco havia dito. — Ele disse: vá em frente e nós chegaríamos à estrada. Certo?

Uma caminhada de uma milha era boa, à luz do dia, quando um de nós não estava lutando para ficar de pé.

Como se estivesse lendo meus pensamentos, Jordan grunhiu e empurrou Cross para longe. — Eu posso andar sozinho.

Ele não conseguiu. Ele começou a cair.

Cross o agarrou junto com Zellman, e eu corri para frente.

— Deixa comigo. Deixa comigo. — Mas Jordan estava ofegando enquanto dizia isso, e sabendo que ele não ouvia a razão, Cross e eu simplesmente nos posicionamos nos lados dele. Jogamos os braços sobre os ombros e Zellman entendeu. Ele pegou o telefone para iluminar o caminho.

— Vamos.

Não havia mais nada a dizer, não até chegarmos à estrada e levar Jordan a um hospital.

Tínhamos andado três metros quando ouvimos os primeiros gritos e, como um, olhamos para trás.

As luzes vermelhas e azuis estavam lá, mas não estavam se movendo. O que *estava se* movendo: lanternas.

Zellman parecia confuso. — Eles estão vindo atrás de nós.

CAPÍTULO QUINZE

Não podíamos ir rápido. A perna de Jordan estava machucada o suficiente para que ele precisasse que continuássemos com ele.

Percebendo isso, ele saiu debaixo de nossos braços. — Vão, pessoal. — Ele acenou para a frente, parecendo destruído. — Sério. Vão. Eu posso não ter tantos problemas desde que serei pego.

Era um ponto válido, mas meu intestino estava tocando alarmes desagradáveis e barulhentos.

Eu balancei minha cabeça. — Não, Jordan. Você tem que vir conosco. — Eu compartilhei um olhar com Cross. Nós teríamos que carregá-lo. Jordan tinha mais de cem quilos. Seria necessário nós três.

— Vamos. — Cross estava na frente dele. — Não seja idiota. Entendeu? Você vai ficar nas minhas costas.

Os olhos de Jordan estavam arregalados, incrédulos, mas Cross se abaixou, inclinou a cabeça para o lado de Jordan e gritou. Ele o pegou no estilo de bombeiro.

Minha boca ficou aberta.

A visão de Jordan enrolado nos ombros e no corpo de Cross -sim. Era errado minha boca começar a salivar. Babando.

Maxilar apertado, rosto sombrio, Cross grunhiu. — Vamos.

Ele liderou o caminho em uma corrida leve quando Jordan gemeu e estendeu o telefone para iluminar o caminho.

— Eu nunca vou viver isso, não é?

Zellman e eu ainda estávamos boquiabertos.

Aquilo era quente.

Z fechou a boca com um estalo. — Droga.

Era tudo o que ele tinha a dizer. Eu estava no mesmo comprimento de onda.

— Gente! — Cross gritou. — Vamos!

Uma leve risadinha escapou de Zellman antes de começar e acelerar para alcançá-lo. Eu estava logo atrás dele, meu estômago fazendo todas essas manobras de pulo flutuando. E aquelas lanternas ainda estavam vindo atrás de nós.

Zellman correu em frente, seu telefone misturado ao de Jordan para iluminar um caminho a pé. Eu subi pela retaguarda, mantendo um olho nos policiais atrás de nós. Eles estavam tão atrasados que sabíamos que não podiam ver

nossos telefones, mas depois de dez minutos correndo em um ritmo leve, ouvimos um grito da direita.

Eu nem estava assistindo aquele lado!

— ELES ESTÃO AQUI!

Mais gritos e as lanternas começaram a acenar, quase freneticamente.

— Nosso 11[6]! Eles estão no nosso 11!

— Oh cara. — Zellman veio ao meu lado.

Cross nunca parou. Ele apenas continuou, tentando acelerar o ritmo.

Nós não íamos conseguir. Aquele grito deu um salto neles e eles estavam se movendo e fazendo isso rápido.

— Eu não quero deixar Jordan para trás, — eu sussurrei.

A voz de Z estava calma. — Eu sei.

Mas...

— Ei! — Um galho estalou, e Zellman e eu pulamos para trás, girando.

Nossas luzes se acenderam e uma garota estava lá. Ela era alta, pernas longas, esbelta e graciosa. Seu cabelo estava preso

6 O número serve para dizer a direção que eles estão.

em um coque bagunçado. Ela levantou um braço, apertando os olhos e piscando sob a luz repentina.

— Uau! Eu venho em paz, companheiros terráqueos. Eu juro. Nerd do livro. É tudo o que sou.

Mantivemos nossas luzes apontadas para ela.

Eu dei um passo à frente. — Quem é você?

— Hm... — Um fio de cabelo caiu sobre seu rosto, e ela o colocou atrás da orelha, mordendo o lábio. — Podemos ir para os nomes depois? Quero dizer, não me mate nem nada, mas eu meio que vejo o que está acontecendo. — Ela apontou para as lanternas recebidas.

— Gente! — Um grito abafado de Cross. — Qual é a merda do problema?

— Oh! — Ela se virou, sua mão subindo em uma saudação vulcano, seus dedos bem abertos. — Eu venho em paz. Eu juro. — Ela mordeu o lábio inferior novamente. — Merda, — ela sussurrou. Ela olhou para baixo de repente. — Vocês todos provavelmente me acham super assustadora, não é? Merda, merda, merda. — Ela estava sibilando para si mesma, virando-se, os ombros curvando-se para a frente. — Eu sou tão estúpida. Por que eu me aproximei assim?

— Garota estranha. — Zellman deu um passo à frente, sua voz firme. — O que você quer?

— Certo. — Ela retrucou. Sua camisa estava fora de moda, mas ela não parecia perceber. — Posso te ajudar. Quero dizer... — De novo com o lábio mordendo.

Minha paciência estava se esgotando.

Eu rosnei: — Chegue ao ponto, porque você está nos impedindo de tentar não sermos presos!

Seus olhos se arregalaram e ela empalideceu, mas funcionou.

As palavras saíram dela: — Euseiondevocêspodemseescondereelesnãoosencontrarão. Querodizer, sevocênãoestiverpulandonaágua.Juroqueéseguro.

Ela disse tudo isso. Sim. Uma palavra. Sem fôlego.

Z e eu trocamos um olhar, nossas sobrancelhas levantadas.

Ele grunhiu, um leve sorriso puxando seus lábios. — Eu não sei se devo ficar impressionado ou confuso. — Ele pensou sobre isso. — Acho que estou excitado.

Cross voltou. — Gente, o que está acontecendo?

Ela pulou na trilha conosco, acenando com as mãos. — Tudo bem. Sim. Se vocês não se importam de pular na água -eu juro que é seguro -então me sigam. Vocês podem se esconder lá,

e será totalmente seguro. Eu prometo. Quero dizer, estará frio, mas acho que todos vocês viverão. Espero, pelo menos.

— Quem é você? — Cross latiu.

Jordan levantou o telefone para olhar para ela também, franzindo a testa.

— Hum... vamos fazer isso mais tarde. Eu apenas, hum... apenas confie em mim. Estive aqui ontem com meus pais, então sei onde fica esse poço de água...

— Um poço de água?! — Zellman avançou.

Ela deu uma risada nervosa que terminou em um suspiro. — Estamos ficando sem tempo.

Eu me virei para Cross e Jordan. — Eu não posso ser presa.

— Não fizemos nada de errado, — resmungou Zellman. — Quero dizer, por que estamos correndo? Jordan foi pego. Tanto faz. Você sabe o que eu quero dizer.

Cross avançou em direção à garota. — Menores bebendo e festejando. Se eles invadiram uma festa do fim de semana do distrito, eles não se importam. Temos que ir com a garota. — Seus olhos se voltaram para os meus. — Você está certa.

Zellman gemeu. — Ótimo.

Jordan levantou a cabeça. — Cale a boca, Z. Você não é o único ferido ou em liberdade condicional.

Os olhos da garota ficaram grandes, as sobrancelhas subindo pela testa. — Um de vocês está em liberdade condicional? O que?

Zellman fez uma careta para ela. — Não.

Jordan revirou os olhos.

Cross disse: — Ninguém está em liberdade condicional.

Dei um passo em sua direção, suavizando minha voz. — Olha, nós temos que ir se vamos mesmo.

Rezei para que ela não voltasse atrás e de repente corresse para o lado, ou pior, comece a gritar pelos policiais. Porque ela poderia fazer. Ela mesma disse isso. Ela era uma nerd de livros e essa parte parecia certa.

Eu não ligava para estereótipos, mas enquanto ela era linda de rosto, era um rosto novo. Sem maquiagem. Ela usava um capuz de manga longa sobre shorts jeans e tênis. Suas habilidades de falar não emitiam a sensação mais suave e sofisticada. Nós éramos os criminosos, e agora ela sabia disso.

— Oh Deus. — A voz dela combinava com as mãos trêmulas. — Tudo bem. Sim. Tudo bem. Não acredito que estou

fazendo isso. Tudo bem. — Ela se virou e fez um sinal para nós seguirmos. — Está aqui.

Cross assentiu para mim.

Eu precisava fazer um ponto com ela. Ela era uma garota. Eu era garota. Ela precisava ser manuseada com cuidado, ou ela poderia fugir.

Fui para perto dela e perguntei baixinho, acelerando o ritmo: — Então, você estava aqui ontem?

Ela estava liderando no caminho oposto da estrada, de volta para a polícia. Ela quase tropeçou em um tronco. Agarrei seu braço, firmando-a, e ela conseguiu sorrir para mim. — Obrigada. Porcaria. Eu sou péssima com essas coisas. Eu não deveria ter vindo.

— Mas você está aqui, — insisti. Estávamos sem opções além de largar Jordan e correr nós mesmos. E isso não aconteceria.

— Sim. — Um suspiro longo e prolongado. — Meus pais estavam aqui em cima. Eles estão trabalhando em um projeto mais prático. Eu meio que fui trazida com eles.

Mais quatro degraus, descendo uma subida íngreme e ela parou. — Está bem aqui.

Aqui?

Acendi meu telefone, balançando-o sobre a terra. Ela estava certa. Havia um buraco no meio e era grande o suficiente para uma pessoa pular de cada vez.

Zellman e Cross vieram atrás de nós. Ele se abaixou, ajudando Jordan a se levantar.

Zellman se aproximou, colocando o telefone diretamente sobre o buraco. — Merda. — Ele olhou para cima. — Você não pode ver nada lá dentro. Tem certeza de que vai para a água?

Ela respirou fundo, dando um passo à frente. — Sim. Quero dizer, eu vi ontem.

— Ontem? Você nunca pulou nele?

— Não... — Sua cabeça subitamente levantou. — Mas eu serei a primeira agora. Eu prometo. Eu só estou... — Ela ainda estava vacilando.

— Qual é o problema? — Perguntou Cross.

— Eu estou, uh... — Uma risada engatada em um ligeiro soluço veio dela. — Estou com medo da altura.

— Oh. Tenho certeza de que pular em um buraco escuro à noite ajuda totalmente. — Zellman era sarcástico.

Eu bati no braço dele.

Ele me lançou um olhar. — Ela é uma estranha, e agora ela está tentando nos convencer a quem sabe o quê? Isso é um buraco para ursos? Pode ser um buraco de urso.

Jordan fez uma careta. — Os buracos de urso são uma coisa? Realmente?

— Oh meu Deus! Eu vou. — E sem mais delongas, ela fez exatamente isso. Ela correu para a frente e desapareceu no buraco. Um segundo depois, ouvimos um respingo e depois: — Eu estou bem. Estou nadando para o lado.

Agora nós realmente teríamos que pular.

O braço de Cross roçou o meu. — Nossos telefones.

Eu terminei por ele. — Serão destruídos.

— Não! Não! Aguente. — Zellman estava enfiando a mão nos bolsos, pescando coisas. — Aha! — Ele tirou três preservativos. Ele acenou para eles, sorrindo. — Eu sabia que isso seria útil.

— Você está falando sério?

— Sim. — Ele deu de ombros, já rasgando um e colocando o telefone dentro dele, depois amarrando o final. — Talvez eu tenha mais do que dobrá-los. Temos que tentar, pelo menos.

Ele estava certo.

Eu odiava que ele estivesse certo, mas não sabia o porquê.

Era errado colocar nossos telefones em preservativos, mas tempos desesperados, medidas desesperadas.

— Oh! — Jordan cavou nos bolsos agora também. — Espere. Eu tenho um saco. Isso aí!

— Uh... gente? — Sua voz se levantou da água. — O que está acontecendo?

— Estamos chegando, — falei entregando meu telefone para Jordan. — Aqui. Um de nós tem que ir lá com ela.

Assim que ele pegou, Cross agarrou minha mão. Ele me puxou, seus lábios roçando os meus, e então eu sorri, dando um passo para trás. Eu estava no ar por um segundo.

— Oh!

Splash!

Mergulhei na água e estava congelando, mas com um chute, levantei-me. Assim que apareci, comecei a me mover para o lado. — Eu estou bem. E limpa.

— Estou aqui.

Fui em direção a ela, ouvindo seus dentes baterem. — Qual o seu nome?

— Aspen.

Seus dentes estavam rangendo juntos.

Isso não era bom. — Você será capaz de lidar com isso? Talvez tenhamos que nos esconder um pouco.

— Uh-huh. — Ela não parecia tão certa, no entanto.

— Chegando! — Um grande respingo se seguiu, a água ondulando com o peso.

— Z.

Ele apareceu e nadou, agarrando meu braço.

— Estamos limpos.

Outro respingo, um respingo maior.

— É o Jordan.

Z nadou de volta para puxá-lo.

— Eu sei nadar, idiota. — A irritação era grossa em seu tom, mas também ouvi a dor. — Ah. Câimbra na perna. Porra!

E por fim um último respingo.

Um segundo depois, Cross não parecia afetado: — Estamos todos bem? — Ele começou, vindo até mim. — Bren?

— Aqui. — Eu o senti puxando minha camisa e me virei, ligando nossas mãos, puxando-o para frente. — Temos que nos mover. A garota já está com muito frio.

— Eu estou b-bem!

Até Zellman bufou. — Sim. Certo. Você vai ter hipotermia.

— Eu tenho uma sacola de roupas secas na margem. — Ela engoliu em seco. — Logo à frente.

— O que disse?

Eu rosnei, falando sobre o que Jordan ou qualquer outra pessoa possa dizer. — Não temos tempo para isso. Temos de ir. — Peguei a blusa dela. — Todo mundo se segura. Você lidera o caminho. — Eu dei um tapinha no braço dela, e quando Zellman e Jordan estavam se abraçando, e Jordan estava segurando o ombro de Cross, começamos.

Ficamos em silêncio, nadando por cerca de trinta segundos quando ouvimos vozes acima. Luzes brilhavam no buraco.

— Ei! Aqui está um buraco no rio.

— Por aqui!

Pudemos ouvi-los atravessando o mato acima, suas vozes ficando mais claras. Mais e mais luz veio brilhando, mas estávamos longe o bastante. Eles não podiam nos ver.

— Eles não estão lá. De jeito nenhum. Eles iriam para a estrada. Vamos continuar varrendo o chão.

A mão de Cross apertou a minha. Ele me puxou de volta, passando os lábios pela minha testa, antes de voltarmos a nadar.

Quem quer que fosse essa garota, nós lhe devíamos. Grande momento.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Aprendemos duas coisas quando nadamos até a margem mais abaixo do rio. Primeira, Aspen estava acampando. Havia uma barraca e ela correu para dentro para trocar de roupa. Segunda, dois de nossos telefones ainda funcionavam: o de Zellman e de Cross. Os dois que haviam sido ensacados duas vezes e colocados dentro do saquinho de Jordan sobreviveram à jornada. O meu e o Jordan, ambos com apenas um preservativo, não conseguiram.

Precisávamos ter um funeral de telefone, mas tínhamos coisas mais importantes para lidar. O primeiro trabalho foi dar o fora dessa fuga. Os policiais haviam descido a colina de volta, então Cross ligou o telefone para ligar para Race. Ele caminhou rio abaixo, procurando a estrada.

Sua voz viajou até nós. — Sim. Taz está sincronizada comigo? Você vê onde estamos? — Uma pausa. — Não. Tivemos que ir pelo rio para nos esconder da polícia. Você viu eles? Eles podem fazer uma varredura na estrada onde você está. — Uma pausa mais longa. — Sim.

Ele virou.

Os faróis começaram a crescer, vindos do sul.

— Eu acho que te vejo. Estacione lá em cima. Jordan está machucado. Nós o levaremos. — Uma batida. — Você tem roupas limpas aí em cima? Ou cobertores? — Um aceno de cabeça. — Tudo bem. Iremos daqui a pouco.

Cross desligou, voltando. Ele começou a retransmitir sua conversa. Eu parei ele. — Nós ouvimos.

A barraca foi aberta, e Aspen saiu, puxando o capuz por cima da cabeça. — O som viaja sobre a água. — Ela olhou de volta para onde ainda podíamos ver o brilho dos policiais, as lanternas haviam diminuído, mas as luzes do carro de polícia ainda estavam piscando.

Todo mundo ficou quieto por um segundo, todos nós - como um -no mesmo comprimento de onda.

Então, Jordan perguntou, quase gentilmente: — Então, hum... você estava acampando aqui hoje à noite?

Zellman interrompeu: — Sozinha? E cara, por que aqui?

— Zellman. — Eu xinguei baixinho.

Ele deu de ombros, sem olhar para mim. — Apenas dizendo o que todos estamos pensando. — Ele deu à tenda um olhar superficial, sua boca levantando em um leve desprezo. — Essa merda é estranha. Quem acampa sozinho? Ou que garota acamparia sozinha?

Jordan suspirou.

Eu queria bater em Zellman. Novamente.

Cross se pôs de pé, perto de mim.

— É estranho, pessoal. E não é seguro. — Zellman continuou. — Você é antissocial ou algo assim? Você estava acampando para espionar a festa?

Ela ficou rígida com a última pergunta. Os olhos dela arderam, arregalando-se. Sua boca apertou com força.

Oh Deus.

Ela estava.

Isso era estranho... ou triste.

Zellman havia violado tantas regras de etiqueta... um silêncio constrangedor caiu sobre o grupo.

Então Jordan murmurou: — Ignore nosso amigo. Ele é idiota noventa por cento do tempo e ignorante os outros dez...

— Ei!

— Temos muito a agradecer por esta noite. Se você não tivesse nos ajudado, teríamos... — Jordan olhou para mim.

Eu estaria em apuros. Muito.

Eu assenti. — Sim. Obrigada. Zellman não quis ser ofensivo. Ele simplesmente não está dizendo isso da maneira certa. — Eu olhei para ele. — De uma maneira sensível.

— Oh. — Ela riu, mas era oco, forçado. — Não foi nada. Quero dizer, vi os policiais chegando e imaginei que deveria tentar fazer o que pudesse para ajudar.

Olhei para a tenda dela e meu estômago mergulhou sobre si mesmo. O lugar inteiro parecia triste. Solitário. Então, novamente, quem eu era para julgar? Alguém me assistindo observar minha casa antiga poderia pensar a mesma coisa. Eles poderiam me julgar também, e estariam certos.

Os faróis piscaram atrás de nós antes de desligar.

Cross pigarreou. — Eles estão aqui.

— Finalmente! — Zellman bufou, indo até Jordan e abaixando-se para colocar o braço em volta do ombro. Eles começaram a subir a margem.

Cross tocou a parte interna do meu pulso, acenando para Aspen, que rapidamente se virou para olhar para o rio. De costas para a caminhonete, os braços cruzados sobre o peito.

Eu balancei a cabeça e me demorei quando ele se apressou a entrar embaixo do outro braço de Jordan.

— Você precisa de alguma coisa? Comida ou...?

— O que? — Ela girou de volta para mim, sua boca em uma expressão feroz. Ela inclinou a cabeça para o lado. — Espere. Você acha que eu sou sem-teto?

Eu não fazia ideia. Eu disse isso. — Eu... você é? — Eu exalei uma respiração irregular. — Quero dizer, se você é, não estou tentando julgar. Onde você vai à escola?

Ela deu um passo para trás, com o rosto comprimido como se eu tivesse cometido a maior ofensa possível.

Eu xinguei baixinho. — Se você não é, me desculpe. E se você é, eu não ligo. Nós devemos a você, eu devo a você. Você pode vir conosco, ficar na minha casa. Meu irmão seria um coração mole para você. Confie em mim.

Ela ficou quieta por um momento, sem olhar para mim, e então disse com firmeza: — Estou bem. E eu não estava mentindo sobre nada. Eu só queria ajudar.

Eu era a pior pessoa do mundo.

Eu queria consertar as coisas com ela, mas também podia ler os sinais de que ela tinha terminado comigo. Ela queria seu espaço, então eu assenti e comecei a me virar. — Tudo bem. Obrigada por tudo. De verdade.

Ela não respondeu, mas eu a vi acenar com a cabeça lentamente quando ela virou as costas para mim, novamente olhando para o rio.

Com o coração pesado, me arrastei para subir até onde o SUV de Race estava esperando por nós. Taz estava nos fundos e, quando a porta se abriu, ela tinha um cobertor pronto para mim. O calor me atingiu, junto com o cheiro de família.

— Quem é aquela lá embaixo? — Race perguntou.

Zellman bufou. — Alguma estr-

Eu o interrompi com firmeza: — Alguém que devemos. Ela nos ajudou.

— Isso é bom. — Race colocou o SUV de volta à estrada, mas em vez de virar para o sul, ele foi para o norte. Teríamos que percorrer todo o caminho de Frisco antes de ir para o leste e depois para o sul em direção a Roussou.

Viajamos um pouco, aquecendo, antes de Race falar. — Vocês deveriam saber sobre o show de merda que aconteceu lá atrás.

Cross olhou. — Que show de merda?

Taz se inclinou sobre o assento, colocando o braço entre o namorado e o irmão. — Os policiais. Palavras para vocês. Eles não prenderam nenhum aluno da Fallen Crest Academy ou estudantes da Public de FC.

— O que?

— Eles reuniram todos e perguntaram a que escola frequentavam, — disse Race. — Todos os estudantes de Roussou foram presos.

— O que?! — Jordan se levantou, fez uma careta e recuou.

Zellman disparou para frente. — Está falando sério?

Race assentiu. — Sim. E há vídeo disso. A mesma conta que recebeu o ataque de Jordan recebeu a batida policial. É assim que eles estão chamando.

— E os estudantes Frisco que vão para Roussou agora?

— O mesmo. Os que foram transferidos para Roussou foram presos. Os que foram à Academy ou ao FC Public foram todos liberados.

— Como eles podem se safar? Isso é legal?

Race encolheu os ombros. — Quem sabe? Quero dizer, eles poderiam dizer qualquer coisa para justificar isso.

Choque correu através de mim, se espalhando. As pessoas poderiam ser presas em festas do ensino médio. Se estavam bebendo ou drogados, sim. Se você estava em uma gangue, você era alvejado. Mas o resto... mesmo aqueles que não estavam bebendo?

— Todos eles? — Eu perguntei.

Race assentiu. — Todos eles. Sóbrio ou não. Todos foram presos.

Cross olhou por cima do ombro para mim, mas o que havia para dizer? Parecia errado. Parecia injusto. Parecia que algo estava acontecendo, era o que parecia.

Eu endureci por dentro, e todo o sentimento de que algo estava chegando apenas cresceu. Eu não sabia que tipo de tempestade era, mas sabia que seria grande e parecia que estava à nossa porta, pronta para explodir nossa casa a qualquer momento.

Eu só esperava que todos nós sobrevivêssemos.

— Temos que contar ao seu irmão, — disse Cross.

Eu concordei, meu pescoço rígido. — Eu sei.

CAPÍTULO DEZESSETE

O aroma do café me acordou, mas foi o cheiro de torrada e o som de ovos sendo fritos que fizeram meu estômago roncar. Saindo do braço de Cross, usei o banheiro, escovei os dentes e vesti uma calça e uma camisa antes de ir para o corredor.

As costas tatuadas do meu irmão me cumprimentaram primeiro. Suas tatuagens cobriam a maior parte de seu corpo, e ele se virou, um brilho no rosto.

— Eu não aguento mais isso, Bren. — Ele levantou a espátula. — Se Cross vai morar aqui, ele precisa descer as escadas. Você sabe, onde há dois quartos? E um sofá. Ou, pelo menos... — Ele focou seu olhar por cima do meu ombro.

Eu tive um segundo de aviso antes que uma mão se curvasse em volta da minha cintura.

— Pelo menos acorde antes de mim e desça as escadas de agora em diante? O que você diz? Você pode fazer isso?

Cross parou em mim, pressionando um beijo na minha testa antes de se afastar. Andou descalço até o balcão da cozinha, puxando um banquinho e sentando-se.

Channing o observava, ainda encarando. — Certo. Sente-se, Cross. Só estou aqui para fazer seu café da manhã e *também* servir para você.

Cross sorriu, passando a mão pelos cabelos. Ele o deixou bagunçado, mas parecia bom.

— Faça-me um favor. — Cross abaixou a cabeça, ainda sorrindo para Channing. — Talvez nos informe quando voltar para casa à noite, e eu ficarei feliz em definir meu alarme para que eu possa descer as escadas antes de você chegar em casa.

Channing disparou para sua altura máxima. Ele girou, colocando a espátula no balcão.

Um zumbido encheu o ar. Cross nunca havia desafiado Channing antes. Ele tinha respondido uma ou duas vezes, mas nunca assim. Não com um toque de desrespeito.

Meu irmão ficou tenso e rígido. — Você está falando sério...

Cross começou a rir, largando as mãos e se inclinando para trás. — Não. Deus não. Eu só estou te dando uma merda. Sim, vou dormir aqui em baixo a partir de agora.

— Oh. — A luta fugiu do meu irmão, mas ele demorou a pegar sua espátula. Seus olhos se estreitaram, ele deu a Cross e a mim um olhar ardente. — Isso irrita meus nervos. — Ele apontou a espátula para mim. — E não me importo com como eu era quando tinha a sua idade. Eu não me importo se eu era

pior que você. Eu sou o adulto agora. Esta é a minha casa, e... — Sua irritação estava diminuindo. Ele voltou para os ovos, falando normalmente. — Você é melhor que eu, de qualquer maneira. Você vai ser melhor do que eu também, quando tiver a minha idade. Você terá suas coisas juntas muito antes de mim.

Cross e eu trocamos um olhar, franzindo a testa.

— Uh, tudo bem. — Eu estava cansada demais para discutir ou perguntar sobre o que ele estava falando.

Meu irmão estava indo muito bem. Ele não tinha ido para a prisão. No meu livro, isso estava indo muito bem. Passando por ele, fui até a geladeira e peguei um pouco de leite. — Cross, você quer suco?

— Por favor. Suco de laranja.

Depois disso, fizemos nossa rotina de café da manhã ou a rotina que tínhamos quando nós três estávamos juntos na cozinha.

Como era um espaço pequeno, uma pessoa normalmente ficava de fora. Cross era essa pessoa hoje de manhã. Peguei os pratos e os entreguei. Cross os levou para a mesa. Talheres vieram a seguir. Ele colocou a mesa, preparando tudo para a bandeja de ovos. Eu derramei o suco, e ele colocou o copo no lugar dele. Derramei o café, adicionei leite. Cross colocou as xícaras do Channing e os pratos. Acrescentei os condimentos, e

nos sentamos quando Channing terminou com a última torrada. Ele trouxe o prato empilhado, carregando a bandeja de ovos na outra mão.

Ele sentou na cabeceira da mesa, e Cross e eu sentamos um ao lado do outro.

— Sem Heather? — Eu perguntei quando Cross começou a pegar alguns ovos. Peguei um pedaço de torrada.

Channing colocou dois no prato. Ele balançou a cabeça, pegando o mel. — Sim. Ela tem amigos que vieram à cidade ontem à noite, então ela está em Fallen Crest.

Cross endureceu. — Falando em Fallen Crest...

Ele contou a Channing o que aconteceu na noite anterior.

— Você tem certeza? — Channing perguntou assim que terminou. Suas sobrancelhas estavam juntas, baixas. — Eles só prenderam os meninos de Roussou?

— Foi o que eles disseram. Não fomos à escola para questionar ninguém, mas se Race disse isso, eu acredito nele.

Channing desviou o olhar em minha direção. — E aquela garota, seu nome era Aspen?

Eu assenti. — Você conhece ela?

Ele balançou a cabeça, levando a torrada à boca. — Não, mas... há algo sobre esse nome... você tem um sobrenome?

— Não. Ela se fechou quando eu me ofereci para que ela voltasse para casa conosco.

— Eu vou lá, ver se eu vejo a barraca dela ou não. Se ela realmente é uma sem-teto, não posso deixá-la ficar lá fora.

Eu não conseguia imaginar o que ela pensaria, vendo um cara tatuado se aproximando. — Talvez leve Heather com você? — Embora nenhum de nós tenha emitido sentimentos quentes e confusos.

Channing resmungou, sorrindo. — Sim. Talvez. Eu posso chamar Ava. Ela se parece com um cordeiro comparado a nós. — Ele suspirou, sentando-se na cadeira. — Eu não gosto disso, nada disso. Os policiais nunca aparecem nos eventos de fim de semana do distrito. É um respeito pela tradição. Eles costumavam gostar quando as três cidades se davam bem, na maior parte.

— Eu estava pensando que era uma atitude nova.

Channing assentiu, pegando seu café. — Parece que isso significa que parte disso é da minha conta. — Ele jogou a Cross uma sobrancelha levantada. — Ouviu isso? Lidar com a polícia é o que eu faço. Isso *não* é ensino médio. Isso é uma merda da *comunidade*. Essa é a *minha casa*.

Cross balançou a cabeça, sacudindo os olhos para cima, mas não completando o teste completo. — Tanto faz. — Mas ele estava sorrindo. — Muito velho, na minha opinião.

— Velho, minha bunda. — Channing sorriu de volta antes que ele ficasse sério novamente. — De verdade, no entanto. Qual é o seu plano na frente da equipe? Eu sei que vocês vão fazer alguma coisa.

Cross olhou para mim.

Eu disse: — Nós vamos descobrir.

Nós não tínhamos conversado sobre isso. Todo mundo estava exausto depois de levar Jordan ao hospital e ficar de olho nele. O resto da noite foi sombrio. Vê-lo na sala de emergência, sendo empurrado, cutucado e interrogado por uma enfermeira que nos conhecia pelo nome era tão normal que não deveria ter sido. Mas essa era essa vida.

O que aconteceu com Jordan, ficamos loucos por isso, já estávamos jurando vingança, mas por baixo de todas essas emoções havia algo que não deveria estar lá. Aceitação. E isso me fez zumbir um pouco, mas eu não sabia o porquê. E não um zumbido bom, um zumbido ruim. O tipo de zumbido que era um aviso.

A coisa mais fácil a fazer era desligá-lo, ignorá-lo.

Eu estava na fase de ignorar agora.

Channing abaixou a caneca lentamente, as sobrancelhas se juntando. — Algo mais que eu deveria saber? O ataque de Jordan normalmente não recebe essa reação de vocês dois.

Cross levantou a cabeça. — Hã?

Eu olhei. Ele estava piscando como se estivesse perdido em pensamentos também.

— Jordan. O seu membro da equipe. Ele foi atacado ontem à noite.

— Oh. — Cross se inclinou para a frente, apoiando os cotovelos na mesa. — Sim. Vamos descobrir o que fazer, nosso próximo plano de ação.

Channing recostou-se. — Tudo bem...

Era óbvio que ele não acreditava em nós, ou estava preocupado com a maneira como não estávamos reagindo. Eu também estava -em uma parte escura de mim.

E depois de terminar o café da manhã e me arrumar para a escola, esse pensamento continuou me atormentando.

Eu estava fora de sangue na noite anterior, meu coração disparado. Podíamos não ter chegado a Jordan rápido o suficiente. Precisávamos chegar lá, salvá-lo, depois despejar danos naqueles que o estavam machucando. Mas meu irmão estava certo – a retaliação não tinha sido a primeira coisa em

minha mente hoje de manhã – e isso estava acontecendo agora. Fugir e depois se esconder da polícia tinha precedência. Depois a viagem de emergência. E eu continuava me lembrando da última vez que estivemos na sala de emergência, quando levamos alguém para salvar sua vida.

Voltando e voltando.

Cross e eu estávamos indo para a caminhonete dele quando ele perguntou: — Você está bem?

Eu balancei a cabeça quando ele ligou o motor. — Sim. Apenas tendo pensamentos estranhos. — Lembrei de que ele também estava aéreo mais cedo. — E quanto a você? Você está bem?

Ele parou, olhando para mim antes de balançar a cabeça acenando. — Sim. Estou totalmente bem. — Então ele se afastou do meio-fio, e eu sabia mais uma coisa naquela manhã.

Cross estava mentindo.

CAPÍTULO DEZOITO

Cross sorriu quando estacionamos na escola. — Veja. Temos uma festa de felicitações.

Taz, Sunday e Tabatha estavam de pé no meio-fio, mochilas, bolsas na mão e a escola em segundo plano. Os estudantes estavam atrás delas na calçada.

Estacionamos do outro lado do estacionamento e, assim que saímos, as meninas se aproximaram para nos encontrar no meio do caminho.

— Finalmente! — Taz exclamou, espetando-nos com um olhar aquecido. — Estamos esperando por trinta minutos, e são trinta minutos que nunca teremos...

Tabatha pousou a mão no ombro de Taz, com um sorriso calmante no rosto: — Ela teve três expressos esta manhã.

— Mas ela não está errada, — murmurou Sunday, afastando-se de nós e olhando através do estacionamento.

Seguindo o olhar dela, vi o resto de seus amigos, incluindo Lila e a outra garota de Frisco que havia se juntado ao grupo de Tabatha. Bem no meio delas estavam Jordan, Zellman e um monte de atletas.

Cross se aproximou de mim e eu disse baixinho: — Por que sinto que estamos sendo engolidos pelos normais?

Ele riu brevemente, sua mão roçando a minha. — Uh, porque nós estamos. — Ele acenou a cabeça para o grupo. — Estou indo para lá. A equipe precisa planejar mais tarde.

Eu balancei a cabeça em resposta. Ele estava certo, e Channing também. As prisões estranhas à parte, cabeças precisavam rolar pelo que fizeram com Jordan.

— Jordan não conseguiu fechar o punho esta manhã. Ele não conseguiu escovar os dentes esta manhã. Ele me chamou para que eu pudesse ajuda-lo. — Tabatha disse assim que Cross estava a alguns metros de distância. Ela engoliu em seco, piscando algumas lágrimas. Sua voz ficou rouca. — Eu tenho esse vídeo gravado na minha cabeça. Não consigo tirar isso da cabeça. Sei que acreditei que o sistema de equipes às vezes é imprudente e estúpido, mas meu Deus, se vocês estão procurando por membros temporários, me inscrevam. — Ela me olhou ferozmente, com os olhos brilhando e o queixo erguido.

Sunday balançou a cabeça. — Você está brincando comigo? Seu namorado foi atacado. Grande surpresa. Ele está em uma das equipes mais brutais aqui. Eles são um alvo ambulante. Bem-vinda à minha vida no ano passado, constantemente preocupada com Zellman. E também, supere. Você está esquecendo aquela outra coisa pela qual todos

passamos? Você sabe. — Ela se aproximou de Tabatha, cruzando os braços. — Quando todos fomos presos, exceto esses caras. — Ela inclinou a cabeça em direção a Taz e eu.

Tabatha exalou profundamente, fechando os olhos. Ela tocou as têmporas, esfregando um círculo antes de dar um passo para trás. Olhando para cima, ela tossiu. — Eu não esqueci. Só estou preocupada com alguém além de mim. — E com isso dito, ela avançou, indo direto para o espaço de Sunday. — E qual é o seu problema? Todos assinamos o mesmo pedaço de papel. Todos nós fizemos o mesmo acordo. Nem sequer é uma dificuldade. Estávamos todos empolgados com isso de qualquer maneira...

— Espere. — Eu levantei uma mão. — O que vocês estão falando? Qual acordo? Que pedaço de papel?

As duas garotas congelaram e se separaram. Os olhos de Tabatha nadavam de culpa, e Sunday se recusou a olhar para mim.

Taz perguntou calmamente: — Sunday?

Sunday olhou para cima.

— Não podemos conversar sobre isso, — disse Tabatha. — Ninguém pode falar sobre isso, mas confie em mim. Você vai descobrir... — ela se interrompeu, seus olhos se movendo sobre o meu ombro.

Eu estava apenas me virando para olhar quando alguém pigarreou.

A sra. Cooke, secretária do escritório da frente, levantou uma sobrancelha levemente pintada a lápis. — Senhorita Monroe, sua presença é solicitada pelo diretor.

— Quando?

Ela fungou, olhando para mim com quase desdém. — Agora.

Taz riu quando a Sra. Cooke voltou para dentro, andando pelos grupos de estudantes como se estivesse andando por um campo de esterco. Ela continuou puxando o paletó e passando as mãos pelos lados da saia.

— Hum... eu estava com você ontem à noite e desde que você chegou na escola hoje, — observou Taz. — Eu sei que você não foi presa, então minha pergunta para você: o que você fez para ter problemas?

Eu bufei, ajustando minha alça da mochila por cima do ombro. — Quem diabos sabe? Respirar, talvez? — Eu balancei minha cabeça em direção à escola. — Vou entrar, guardar minhas coisas primeiro.

— Nós vamos com você. — Tabatha moveu-se para o meu outro lado. — A campainha vai tocar em breve de qualquer maneira. — Ela olhou para Sunday, mas ela já tinha ido.

Sunday estava na metade do caminho para onde seus outros amigos ainda estavam de pé e rindo, circulando os caras. Cross estava nos observando e ele inclinou a cabeça em questão.

Dei de ombros em resposta, murmurando: — Diretor.

Ele franziu a testa, mas eu gesticulei para Taz.

Ele assentiu.

— Faça-me um favor? — Eu perguntei a ela quando entramos. — Diga ao seu irmão onde eu fui convocada? Ele está perguntando.

— Oh sim. Oh, ei! — Ela tocou meu braço.

Tabatha parou, mas Taz dobrou o queixo para baixo. — Hum... podemos, uh... — Ela fez um gesto entre nós, depois disse apressada: — É sobre o meu irmão.

— Oh! — Tabatha voltou para trás, mãos para cima. — Sim. Entendi. Vejo vocês na aula.

Taz e eu continuamos pelo corredor. As pessoas me notaram e se afastaram, abrindo caminho até o meu armário. Taz não se moveu para abrir o dela. Ela mexeu na mochila, olhando para baixo.

Finalmente, ela suspirou. — Foda-se. Meu pai ligou e me deixou uma mensagem. Ele também está tentando entrar em

contato com Cross. Ele... — Ela olhou para cima, mordendo o lábio. — Ele e sua namorada, Marie. — O nariz dela enrugou. — Mas de qualquer forma. Eles convidaram Cross e eu para jantar.

— Quando?

— O primeiro jantar foi há algumas semanas atrás. Cross não apareceu e você nunca disse nada... — Ela deu de ombros. — De qualquer forma, papai quer tentar novamente. Desta vez, ele acha que tem mais chance de ter Cross aparecendo se eu convidar você. Ele chamou Race também.

Eu estreitei meus olhos. — Você está me pedindo para ir pelas costas de Cross?

— O quê? — Os olhos dela se arregalaram. — Não! Deus não! Eu não sei. — Ela balançou a cabeça. — Olha, Cross está lidando com tudo isso do jeito dele, mas eu tenho que aparecer. Você me conhece. Não posso deixar de aparecer se meus pais me pedirem alguma coisa. Cross, por outro lado, pode literalmente dizer 'foda-se' para eles, e ele ainda é o favorito deles. — Ela gemeu. — Mas de qualquer forma. Isso não vem ao caso. Se Cross não for, você ainda pode vir? Por mim? Eu preciso de suporte. Race, embora eu o ame muito, ainda é um menino, e às vezes ele não tem noção. Ele adora a mãe e odeia o pai, então ele não entende o que está acontecendo agora. Eu poderia ir com outra pessoa lá para me apoiar, sabe?

O código da equipe era claro em uma situação como esta. Eu não poderia dizer ou fazer nada, exceto reportar a Cross. Código da namorada... um pouco diferente.

Suspirei. — Olha, eu não posso garantir que Cross irá, mas eu posso ir como sua amiga.

— Você irá?! — Ela atirou para frente, suas mãos agarrando meus braços. Ela me sacudiu de emoção. — Você está falando sério?

Eu já sabia que isso era uma má ideia. Meu intestino já estava recuando. — Sim. Claro que sim, — falei assim mesmo. — Quando é a coisa do jantar?

— Oh meu Deus! Estou tão feliz por você vir, e é no próximo domingo. Eles queriam esperar até depois do baile.

— *Ahem.* — Uma garganta foi limpa, parecia que também era limpa regularmente. Nós olhamos para cima. Um professor estava nos observando de uma sala de aula aberta. — Acredito que sua presença tenha sido solicitada em outro lugar, senhorita Monroe.

Taz e eu trocamos um olhar. Desde quando um professor aleatório sabia das minhas visitas ao diretor?

Mas arrumando minha bolsa, peguei uma caneta e fechei o armário.

— Você não quer o livro da sua primeira classe? — O professor perguntou.

Taz agora abriu seu armário, agindo como se de repente ela não estivesse prestando atenção.

Ela estava.

— Não. Você nunca sabe quanto tempo eu estarei lá. Obrigada pela preocupação, Sr. Ortega. Significa muito que você se importa.

Ele bufou, voltando para dentro da sala de aula.

Cross e o resto estavam entrando, e ele parou na minha frente. — O que está acontecendo?

Eu balancei minha cabeça para a esquerda. — Sua irmã irá informar você, e certifique-se de perguntar a ela sobre o próximo domingo também.

— Cai fora! — Taz disse assim que comecei a avançar.

Eu sorri para ela por cima do ombro, depois peguei meu ritmo.

CAPÍTULO DEZENOVE

— Bren. — O diretor Broghers acenou com a mão em direção à cadeira em frente à sua mesa.

Ele deve ter tingido o cabelo porque seu frizz meio branco normal com um tom avermelhado estava vermelho escuro agora. E ele aprendeu a pintar o cabelo. Suas sobrancelhas eram geralmente espessas, mas hoje estavam aparadas.

Ele ainda era magro e estava distraído esta manhã. Embora recém-colorido, seu cabelo parecia mais bagunçado do que na semana passada. Estava literalmente aguentando. Seu olhar estava focado em seu computador, e ele xingou baixinho, passando a mão sobre o queixo pontudo antes de clicar em algo, depois se sentando e se concentrando em mim.

— Senhorita Monroe.

Eu assisti recentemente *The Matrix* e fiquei tentada a corrigi-lo dizendo: — Sr. Anderson — em troca. Ou talvez eu estivesse apenas sentindo falta do diretor Neeon. Quem sabia. Eu duvidava do último.

Em vez disso, dei-lhe um sorriso de boca fechada. — Deixe-me adiantar isso. O que eu fiz?

Ele franziu a testa. — O quê?

Fiz um gesto dele para mim, depois ao redor da sala. — Você. Eu. Esse cômodo. Sou chamada aqui quando estou com problemas. Lembra?

— Oh! — Ele piscou algumas vezes. — Você não está com problemas. Bem, é sobre a sua liberdade condicional, então acho que é sobre o que você ainda está com problemas.

Oh aquilo.

Eu esfaqueei o último diretor.

Memórias divertidas.

— Eu entendo. — Eu não entendo.

— Hum... — Ele pigarreou, seus olhos voltando para a tela do computador. — Então, eu estou lendo sobre o que aconteceu ontem à noite. — Ele olhou para mim, as sobrancelhas arqueadas levemente.

Ele não disse mais nada.

Eu também não.

Ele se inclinou para frente. — Você quer me informar?

— Sobre o que?

— Noite passada?

Uh... tenho certeza de ter assistido documentários suficientes na Netflix para saber o que isso era. Armadilha. Eu estava indo jogar o cartão de sonsa.

— Do que você está falando?

— Tenho certeza que seus amigos já a informaram sobre ontem à noite.

Novamente. *Armadilha*. Eu precisava dar a ele a definição?

— Sim... — Eu me inclinei para frente quando seus olhos se iluminaram em triunfo. Descansando os cotovelos na mesa dele, balancei minha cabeça. — Eu ainda não estou te entendendo, Sr. Bro.

A boca dele se afinou. — Você está brincando comigo?

— Parece que você vai ter que me dar o 411 dessa vez.

Ele esqueceu quem eu era. Realeza da equipe. Meu pai estava na prisão. Meu currículo estava cheio de experiência em lidar com figuras de autoridade como ele. Eu estava em *liberdade condicional*.

Ele murmurou algo baixinho e recostou-se na cadeira. Ele colocou os dedos sobre o peito. — Estou ciente de que você e a senhorita Bagirianni...

— A *Exibida.*

Ele continuou, me ignorando. — Tivemos uma discussão há algumas semanas. Você manifestou interesse em cumprir o restante de suas horas por meios diferentes dos do aconselhamento e do comitê de eventos. Correto?

Oh.

Porcaria.

Aquilo.

Ele leu meu rosto e riu. — Posso dizer pela sua expressão que você se lembra da conversa.

Eu tentei limpar da minha memória, na verdade. Engoli um nó na garganta. Eu não tinha contado a ninguém. Não ao Cross. Não ao Channing. Ninguém. Embora, de alguma forma, a notícia tivesse saído porque eu mesma ouvi os sussurros de Hollywood.

— Essa coisa passou depois de tudo?

— *Essa coisa*, como você se refere a ela – uma série de documentários que foram a Fallen Crest para filmar – ficou clara para a produção? Sim, e... — Ele se inclinou para a frente, a cadeira rangendo. — Eles pediram para vir a Roussou para mais filmagens e entrevistas.

Isso. Essa coisa toda de que ele estava falando era o meu pior pesadelo.

A exibida me trouxe um mês atrás. A produção original tinha sido sobre Mason Kade e sua esposa, Samantha -a história deles. Ela era uma atleta olímpica. Ele agora tinha dois Superbowl. O projeto foi executado na ESPN, e foi um sucesso.

Isso foi bom, até elegante. Não era problema meu. Não tinha nada a ver com a minha vida.

Então *Exibida* disse que havia um interesse suficiente na dinâmica da cidade que outro projeto havia tido sinal verde. A equipe de filmagem estava voltando, mas para fazer uma nova história sobre a rivalidade entre Roussou e Fallen Crest.

O diretor Broghers pigarreou. — A senhora Bagirianni pediu que você ajudasse uma de suas equipes de produção, para ajudar os habitantes locais por causa de sua conexão única com o Sr. e a Sra. Kade.

Eu cerrei os dentes. Meus braços cruzaram sobre o meu peito, e cada músculo do meu corpo endureceu. — Eu não tenho conexão com eles.

Ele começou a falar, mas não.

Eu me afastei, meus braços ainda cruzados sobre o peito. — Não tenho nenhum problema com o jogador de futebol ou a grande corredora, mas não os conheço. Ele é amigo do meu irmão. Ela é amiga da noiva do meu irmão. *Eles estão* conectados às *suas* vidas, não à minha. Eu não. Não a minha

equipe. E eu disse à Exibida obrigada, mas não, obrigada. Eu pedi uma opção diferente porque eu terminei com o aconselhamento e o comitê de eventos está encerrado para o ano. O baile foi o último evento deles, e eu não tive nada a ver com isso.

Sem esperar um pouco, ele atendeu logo depois que eu terminei. — E estou lhe dizendo que a senhora Bagirianni não está mais oferecendo aconselhamento como parte de seu horário de estágio. E porque você optou por não ajudar no planejamento do baile, faltam dez horas para cumprir sua obrigação.

Ah...

Ele não tinha terminado. — Examinei todas as outras opções e nenhuma delas tem uma abertura para você. Então, isso significa que você tem uma escolha: cumpra seu horário ajudando uma das equipes de produção ou vá ao juvie[7]. — Uma daquelas sobrancelhas masculinas feitas se curvou. — Sua decisão.

Eu olhei para ele. — Meu irmão pode encontrar uma alternativa

7 É como se fosse uma prisão para aqueles que são menores infratores.

— Não, ele não pode. — Ele estava tão suave agora. — Isso exigiria muita papelada. Eu teria que assinar todo tipo de coisa, e estou lhe dizendo que não estou disposto a fazer isso.

Abri minha boca, uma discussão pronta para derramar. Eu não sabia o que ia dizer, mas meu Deus, seria bom.

O diretor levantou a mão. — E acabei de falar com seu irmão. Expliquei o projeto, a conexão com o amigo dele e lamento estourar sua bolha, mas seu irmão está realmente de acordo com isso.

Considere minha porra de bolha estourada. Ele amarrou uma granada e puxou o pino.

Minha boca se fechou.

Meu irmão. Minha própria carne e sangue. Channing me vendeu.

O Sr. Bro riu novamente. — Eu posso ver que você está chateada, mas eu não entendo. Eu realmente não entendo. Por que você não quer ajudar essa equipe de câmeras?

Eu o espetei com um olhar.

Ele tinha que entender e estava se fazendo de bobo agora.

O Sr. Broghers pode ter hesitado quando substituiu o diretor Neeon pela primeira vez, mas ele avançou bastante nos últimos meses. Eu vi o cálculo em suas profundezas.

Equipes de produção significavam atenção. Eu não me importava com quem eles falavam; se eles viessem a Roussou, haveria comentários e declarações sobre o sistema de equipes. Era inevitável, e o que então? Mais atenção.

Eu não sabia o que as câmeras pegariam, como seriam editadas, mas eu sabia que já havia uma plateia esperando. O programa ESPN tinha sido nacional. Isso também seria?

Ter um foco nacional em nós não era bom, nem um pouco.

— Bren? — Ele chamou.

Um pensamento diferente veio à mente, e eu me endireitei. — Você fez isso?

Sua boca mergulhou um pouco.

Eu corri para a beira do meu assento. Minhas mãos se curvaram em torno de sua mesa. — Esse documentário era sobre os amigos do meu irmão. Isso, Roussou, não tem nada a ver com eles. Você fez isso?

Ele engoliu em seco.

— Você pediu que eles viessem fazer outra série sobre Roussou especificamente?

Os pontos estavam começando a se conectar agora.

A escola usava câmeras no semestre passado para acabar com o sistema de equipes. Não havia acontecido muita coisa, mas temíamos que eles fossem nos atingir. Nada veio disso.

Agora isso. A equipe de produção. Eu sendo forçada a ajuda-los, uma das únicas duas meninas em uma equipe...

Talvez eu estivesse tirando conclusões precipitadas, me adiantando. Talvez não tenha nada a ver com as gangues.

— Eu não sei, Bren. — O rosto do Sr. Broghers não tinha expressão, não revelando nada. — Posso apenas dizer que você conhecerá a senhorita Sallaway em um momento, porque *estará* ajudando a equipe dela, e nós dois sabemos disso.

— Quem é a senhorita Sallaway?

Alguém bateu na porta de seu escritório quando ele se levantou.

— Ela é uma das produtoras às quais você será designada, — disse ele. — Ela será a sua procurada para obter instruções sobre como ajudar, e um conselho? — Ele deu a volta na mesa até a porta, mas parou antes de responder. — Eu seria muito útil para ela. Se ela não está feliz, eu não estou feliz. Você precisa de mim feliz, considerando que precisa que *eu* assine seus papéis de liberdade condicional. Acredito que a redação de seus documentos é que você deve 'cumprir todas as horas com

as expectativas do supervisor da escola' e, desde que Bagirianni assinou, essa pessoa agora sou eu.

Ele abriu a porta, e tudo que eu conseguia pensar era que era oficial.

Eu também precisava esfaqueá-lo.

CAPÍTULO VINTE

Eu estava brincando.

Talvez.

— E não há tempo como o presente, — disse Bro.

Eu comecei a ficar de pé, e ouvir a presunção em sua voz enviou um calafrio na minha espinha. Fui devagar, mas sabia que tinha que jogar bola. Tribunais e juvie não eram coisas com as quais eu queria lidar durante o resto do meu ano.

— É um momento ruim, Kenneth?

Kenneth.

Eu me virei para ver uma mulher apertando *a* mão *de Kenneth*. Ela parecia jovem, mas eu acho que ela era cinco anos mais velha que eu? Minha altura, cabelo esbelto e elegante, ruivo. Suas raízes eram mais vermelhas que o resto do comprimento, então parecia que ela tingiu mais escuro.

Vestia jeans e camisa branca, com um lenço azul infinito enrolado frouxamente em volta do pescoço.

Broghers estava apertando sua mão, seu sorriso muito ansioso. — Não, não, — ele jorrou.

Eu lutei muito para não revirar os olhos, mas parabéns para mim, eu ainda não tinha desejado puxar minha faca. Reabilitação - era real e trabalhosa.

Suas bochechas estavam cheias de cor. — Este é o momento perfeito, na verdade. Você pediu um assistente local e eu tenho a garota aqui. Também estávamos conversando sobre o documentário.

Os olhos da mulher flutuaram em minha direção, e eu vi uma nitidez neles. Eu também peguei um flash de algumas outras emoções, mas ela as mascarou rapidamente. Seus olhos se estreitaram e ela estudou meu rosto enquanto Kenneth continuava falando.

Quando ele terminou, ela estendeu a mão. — Olá! Eu sou Rebecca. Você pode me chamar de Becca.

Eu não disse uma palavra.

Eu também não apertei a mão dela.

Um gargarejo envergonhado ecoou da garganta do diretor e ele pegou minha mão, encaixando-a manualmente. — Esta é Bren, Bren Monroe. — Ele riu nervosamente, completo com um leve soluço no final. — E ela está encantada por estar ajudando, certo, Bren? Certo? Ou... — Ele baixou a voz. — Você sempre pode escolher a outra opção.

— Opção? — Rebecca entrou mais no escritório, seu olhar flutuando entre nós. Ela puxou a mão de volta. — Está tudo bem? — Havia uma ponta afiada em seu tom.

— Sim. Sim! Está tudo bem. Certo *Bren*?

Eu precisava ter um minuto comigo mesma.

Havia uma tempestade se formando. Meus ossos sacudiram com sua destruição iminente. A velha Bren estava balançando a gaiola, onde eu a havia enfiado, trancada. Eu não a deixei sair – nem depois de esfaquear o diretor Neeon, nem depois do ataque de Taz, nem depois de ver Cross com uma arma na mão, nem depois de convencê-lo a fazer algo que o levaria para longe de mim.

Minha vida brilhou na minha frente naqueles momentos, e eu rezei. Eu tinha barganhado. Eu prometi.

Eu fiz todo o possível para convencer Cross do que ele ia fazer.

Ele entrou naquela casa de qualquer maneira.

Mas ele salvou a vida de Alex em vez de toma-la, e ela clicou comigo. Eu tinha conseguido minha barganha e, depois disso, me comprometi a mudar.

Funcionou.

Até agora - até que fui forçada a fazer algo que não queria fazer. Eu sabia, só sabia, que de alguma forma isso iria me sair pela culatra e machucar minha equipe. Eu sabia, mas era isso ou juvie.

Eu prometi que nunca iria para a prisão. E eu não me importava qual era o nome da instalação, juvie era prisão.

Foda-se Kenneth. Eu tomei minha decisão, mas foda-se ele.

Olhando para ele e jurando que, quando eu tivesse a oportunidade de machucá-lo, eu o faria, limpei minha garganta e forcei um sorriso no meu rosto.

Eu senti como se estivesse quebrando gesso enquanto balancei minha cabeça. — Sim. Tudo está bem. Oi. Eu sou Bren.

— Oi. — O sorriso de Becca foi mais fácil, aliviado. Ela colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha. — Monroe é seu sobrenome? Alguma relação com Channing Monroe?

— Não. — Eu atirei um olhar ao meu diretor. Se ele estava me forçando a fazer isso, eu estava forçando-o a ficar quieto. E não era realmente que eu queria manter Channing em segredo. Eu só não queria lidar com mais nada. Meu irmão era um idiota desleixado quando era mais novo. Se ela o conhecesse...

— Oh, — disse ela. — Conheci um Max Monroe quando fui para a escola em Fallen Crest.

Oh... toda a luta me deixou.

— Você conheceu?

Ela assentiu. — Ele era meio-irmão do Channing. Não sabia que havia tantos Monroes nessa área. — Então ela aumentou a potência do seu sorriso e pegou o telefone. — Tudo bem. Bem, disseram-me que todos assinaram suas renúncias?

— Sim. Eles assinaram, — Sr. Bro entrou na conversa. — Todo mundo. Você deve ter uma lista dos alunos em seu email. Enviei isso mais cedo esta manhã.

— Ótimo. Perfeito. Podemos nos instalar em uma sala dos fundos? A privacidade é importante para essas entrevistas. Queremos que os alunos se sintam confortáveis.

— Ah sim. — Ele estava perto de jorrar de novo, pegando algumas chaves, ele apontou para a frente. — Se você sair, eu vou fechar a porta e mostrar o caminho. Já temos a sala preparada.

Afastei-me quando estávamos mais longe na área da recepção, vi Jordan na mesa, uma mão deslizando e hematomas por todo o rosto.

Becca o viu ao mesmo tempo e ela ofegou.

Ele não reagiu, apenas olhou para mim, seu olhar se movendo para onde o diretor estava trancando.

— O que está acontecendo? — Ele perguntou.

Abri a boca, mas o Sr. Bro entrou. — Ah, Sr. Pitts. Sua mãe ligou com a nota do seu médico. — Eu o senti se movendo atrás de mim, e os olhos de Jordan se arregalaram, em pânico quando registrei o que estava prestes a acontecer.

Girando, vi a mão do diretor descer. Ele estava prestes a me tocar no ombro, e instantaneamente, a necessidade de lutar tomou conta de mim. Meus dentes arreganharam e meus punhos estavam abertos.

Jordan estava ao meu lado num instante. — Não toque nela.

O diretor Broghers reagiu, seguindo seu comando. Sua mão se enrolou e se retraiu para o lado. Ele parecia confuso, como se não soubesse o que fazer por um momento.

Becca assistiu a troca. Ela havia se movido para o lado, com uma bolsa que eu não tinha notado antes agora puxada para sua frente. Ela segurou-a perto, mas não parecia assustada com o que tinha acontecido. Apenas curiosa. Ela inclinou a cabeça para o lado, me observando, e então, porque o Sr. Bro ainda não havia pronunciado outra palavra, ela assumiu.

Com a mão estendida, ela atravessou o espaço, um sorriso educado no rosto. — Sallaway. Você pode me chamar de Becca. Qual o seu nome?

Jordan olhou para a mão dela, passando mais firmemente atrás de mim, então eu era uma barreira agora.

Notando o movimento, Becca pigarreou, mas seu sorriso não se apagou. Ela assentiu e murmurou para si mesma: — Interessante.

— Este é o Sr. Pitts. Jordan Pitts.

O Sr. Bro finalmente se recuperou. Ele puxou a gravata e se aproximou dela, seus olhos brilhando para mim. Ele parecia ter se lembrado do que aconteceu na última vez que alguém me tocou contra a minha vontade.

Ele tentou reunir um sorriso. Eu sabia que esse era seu pedido de desculpas.

A velha Bren, ela esteve lá. Ela estava ficando cansada de ser testada, e eu soltei um suspiro profundo, empurrando-a de volta para baixo. Ela precisava se sentar.

— É, uh... — Becca perguntou ao Sr. Bro, com um aceno discreto na direção de Jordan.

— Ah. Infelizmente não.

— É, um... — Outro discreto aceno para mim.

Ele balançou a cabeça em silêncio. — Mas ela deverá auxiliá-la de qualquer maneira.

Auxiliar?

— Ela vai? — Jordan disse. Então ele cutucou a parte de trás do meu cotovelo, baixando a voz para que eu pudesse ouvir: — Você está bem?

Eu dei-lhe um pequeno aceno de cabeça. — Mais tarde.

Ele assentiu de volta.

O diretor se moveu ao nosso redor. Ele estava conversando com a secretária e eu sabia que tinha razão em não trazer meu livro didático do primeiro período. Aparentemente, estávamos indo para o fundo da biblioteca, uma sala que quase ninguém usava, a menos que quisessem bagunçar durante o horário escolar.

— Equipe de câmera? — Jordan perguntou. — Que porra é essa?

— Senhor. Pitts, — advertiu a secretária quando ela pegou o telefone. — Linguagem.

Jordan sorriu para ela, balançando as sobrancelhas. — Vamos lá Marjorie. — Ele apontou para o rosto, piscando e gemendo. — Piedade. Estou pensando e me movendo mais devagar que o normal. — Ele me cutucou novamente.

Becca não deveria ter sido capaz de ver o movimento, mas eu tinha a sensação de que ela não estava perdendo nada.

Ele se inclinou e sussurrou no meu ouvido. — Os policiais querem me questionar sobre a noite passada. Cross disse para esperar para conversar com todos antes de decidir a história.

Eu não poderia dar a ele minha opinião -não minha opinião real. Pessoas intrometidas estavam ouvindo, então eu sussurrei: — Que história? Estivemos em casa ontem à noite, lembra?

Jordan ficou calado e o Sr. Broghers pegou o que precisava.

— Tudo bem. Certo. Senhorita Sallaway, vamos lá. — Ele se moveu ao nosso redor em direção à porta do escritório.

— Becca, por favor. — Ela começou a seguir, lançando um olhar furtivo por cima do ombro para Jordan e eu. — Ou Rebecca.

Ele fez uma pausa, um sorriso genuíno no rosto. — Rebecca então. E sou Kenneth, como já disse. — Ele acrescentou uma risada nervosa de soluço.

— Isso é nojento. — Jordan gemeu atrás de mim. — Ele é, tipo, trinta anos mais velho que ela.

Concordo.

Becca passou por ele no corredor.

O Sr. Bro quase deixou a porta fechar, tão ansioso para agradar, mas então ele se lembrou de mim e voltou, uma nuvem se formando em seu rosto. — Senhorita Monroe? — Não havia dúvida em seu comando. Ele estava apenas fazendo o papel.

— O que está acontecendo? — Jordan sussurrou.

— Eu te conto depois, — eu sussurrei de volta, começando a avançar. — Não diga nada. Eu já menti para o diretor idiota sobre a ontem à noite.

A cabeça de Jordan se afastou. — Ele estava perguntando?

— Bren!

Eu só podia concordar antes de sair para o corredor, e então fomos para a biblioteca.

Mas o lado positivo, eu sabia que Cross tinha sala de estudo na biblioteca, e bônus duplo, era durante o primeiro período. Se a Senhorita Becca estava intrigada com Jordan e eu, ela seria consumida por Cross.

Eu estava meio ansiosa por isso.

CAPÍTULO VINTE UM

Eu tinha razão.

Assim que entramos na biblioteca, vi Cross na mesa. Ele se virou quando nos aproximamos, e o Sr. Bro gemeu ao mesmo tempo em que Becca parou.

— Oh meu Deus, — disse ela. — É assim que os estudantes do ensino médio se parecem hoje em dia? — Ela estreitou os olhos, como se estivesse pensando. — Então novamente...

— Senhor. Shaw. — Os ombros do diretor Broghers subiram, seguraram e caíram. Tão dramático. — O que você está fazendo aqui? Por que você não está na aula?

Cross saiu da mesa, dando um passo para o lado para que ele pudesse me ver melhor.

O Sr. Bro se colocou entre nós. — Acho que não. Monroe está aqui para ajudar Rebecca hoje. Ela foi dispensada de suas aulas.

As sobrancelhas de Cross se ergueram. — Ela foi?

— Eu fui? — Eu ecoei.

Becca ficou em silêncio, absorvendo tudo.

— Senhor. Shaw. A razão de você estar aqui. Estou esperando por isso.

Se ele pudesse pisar o pé e fugir sem parecer uma criança fazendo birra, eu não tinha dúvida de que o diretor faria isso. Havia um ligeiro gemido em sua voz também.

— Eu sinto muito. — Becca deu um passo à frente, estendendo a mão. — Você é... — Ela balançou a cabeça com espanto. — Você é maravilhoso. Puta merda.

Cross não apertou sua mão, mas ela não pareceu notar. Ela deu um passo atrás, olhando-o da cabeça aos pés. — Alguém lhe disse que você poderia ser modelo?

Meus pensamentos exatamente.

— Você pratica esportes? — Ela adicionou.

— Uh... — Cross virou-se para mim. — O que você está fazendo aqui? O que está acontecendo?

— Senhor. Shaw! — O diretor latiu.

— Calma, Kenneth. Ele tem o primeiro período aqui. Sala de estudos.

Kenneth? Cross murmurou para mim, um sorriso brincou em seus lábios. — Nós não podemos usar a cafeteria. Alguém da

diretoria disse que era muito parecido com a hora social. Você sabe, com toda a conversa e lanches. Você nos enviou para a biblioteca, já que não há salas de aula vazias. Lembra?

Becca apontou entre nós. — Espera. Esses dois estão em um...

Kenneth revirou os olhos levemente. — Eles são um casal, sim.

Becca parou de falar, mas sua boca permaneceu aberta. Os olhos dela ecoaram entre nós. Como se estivesse tomando uma decisão, ela cruzou as mãos e deu um passo para trás.

Eu podia ler os pensamentos de Cross: *Que porra é essa*? Eu me perguntava a mesma coisa.

— A sala dos fundos está pronta para nós? — Kenneth perguntou à bibliotecária, que estava sentada no balcão, esperando.

Ela pegou as chaves e se moveu, percorrendo nosso pequeno círculo. — Vou abrir as portas.

Becca começou a seguir, mas o diretor esperou, seus olhos redondos em Cross e eu.

Eu não me mexi. Cross também não.

Então Cross suspirou. — Realmente? Nós nem podemos conversar? Ela não vai a lugar nenhum.

Kenneth mordeu o interior de sua bochecha, parecendo pensar sobre isso. — Bem. — Ele suspirou, se rendendo. — Mas seja rápido. Monroe está terminando o resto de suas horas com este projeto. É importante e não quero que nada estrague isso.

Sua ameaça era clara. Ele não *nos* queria estragando nada, nossa equipe.

Ele se afastou e Cross se aproximou de mim, ainda observando nosso diretor passar pelas mesas dos estudantes. — O que diabos está acontecendo?

Eu o preenchi o mais rápido que pude e com o que pude dizer. O Sr. Bro viria latir para eu segui-lo a qualquer segundo.

— Kenneth? — Essa foi a primeira pergunta de Cross.

Eu sorri. — Sim. Não é demais? Não sabia o primeiro nome dele.

Cross sorriu. — Tudo bem, mas *Kenneth à* parte, você está preocupada com esse show?

Eu olhei para ele. — Você não está?

Ele deu de ombros, encostando-se na recepção. — Eu não sei. Quero dizer, por que nós? Não tem nada a ver conosco, certo? É sobre os amigos do seu irmão. Certo?

— Acho que não.

— O que você quer dizer?

Eu cheguei mais perto. — Eles já fizeram esse show com o pessoal de Kade. Por que voltar? E por que sinto que *isso* tem a ver com as equipes?

Cross se endireitou. Eu tinha toda a atenção dele agora. — Você acha que isso é algo contra nós?

— Não sei se somos nós especificamente, mas as equipes. Sim. Quero dizer, sabemos que eles estavam começando a se mover contra o sistema de equipes no semestre passado.

— Sim, mas... — Cross se interrompeu, pensando, apertando a mandíbula. Então ele xingou baixinho. — Você está certa. Eles não foram capazes de se livrar do sistema. Qual é o último esforço que alguém pode fazer?

Um sentimento doentio se enraizou desde que fui chamada ao escritório do diretor. — Acender um holofote sobre nós?

— Parecemos gangues de merda para o mundo exterior. As pessoas não gostam de equipes. Eles as odeiam. É assim como eles vão ver tudo. Eles vão falar sobre a violência. — Seu olhar se concentrou em mim. — Eles vão falar sobre você. Mas... — Ele deu um passo para trás novamente. — Quem realmente falaria? Se você é normal, mantém a boca fechada. Se você é membro da equipe, mantém a boca fechada. Não devemos nos preocupar.

Mas eu estava preocupada. E pude ver que ele também estava agora.

Ele amaldiçoou novamente, passando a mão pelos cabelos. — Isto não é bom.

— Falando em não ser bom, vi Jordan no escritório. Ele mencionou a polícia?

— Sim...

— Monroe!

Lá estava, aquele latido que eu sabia que estava chegando.

Kenneth estava entre duas estantes de livros, com a gravata jogada por cima do ombro. Ele apontou a mão na minha direção. — Você está vindo?

Cross mudou para ficar atrás de mim, roçando contra mim. — Por que estou tendo pensamentos ruins sobre Broghers? — Ele esclareceu: — Coisas que poderíamos fazer para calá-lo.

Eu sorri. — Eu não acho que brincar com o carro dele faria isso.

— Vimos como o último diretor reagiu quando Jordan namorou sua filha.

— Bren!

Eu tive que ir. — Sim, mas ele se foi, afinal, — eu chamei por cima do ombro.

Cross não respondeu, mas ele me observou, e aqueles olhos castanhos aveludados se suavizaram antes de arder. Eu podia ler sua mente. Ele precisava de mim, e eu estava lá com ele.

Eu suprimi um gemido. O desejo podia rugir através de mim a qualquer momento, e estava se espalhando amplo e rápido, por todo o meu corpo.

Os olhos dele escureceram. Ele estava me lendo também, e seus lábios tremeram. Ele murmurou, mais *tarde*.

Eu balancei a cabeça, forçando-me a virar e me afastar dele.

Kenneth bufou em impaciência e se afastou quando entrei no corredor que dava para a seção dos fundos.

— Vou mudar o seu namorado para uma aula diferente durante esta hora, — ele me informou. — E não me force, porque eu *poderia* bani-lo da biblioteca pelo resto do ano. E sim, enquanto você ajuda a senhorita Sallaway, passará a maior parte do tempo na biblioteca.

Eu não sabia o que pensar sobre isso.

Isso me disse que a presença de Cross seria uma grande ameaça para esse projeto e também o investimento de Kenneth. Todos os fatos que precisávamos saber para o que estava por vir.

— E o meu tempo de aula? — Eu perguntei.

— Eu conversei com seus professores. Como ainda temos poucas semanas no ano letivo e você não está cursando a faculdade, eles concordaram em fornecer um trabalho modificado para concluir. Haverá testes extras para você fazer, os quais você precisará estudar e eles fornecerão os materiais de aprendizagem específicos que você precisará.

— Mas -— eu estava cambaleando. Isso era legal?

— Este é um cenário especial, e sim, eu recebi permissão do seu tutor, — ele retrucou. — Expliquei o escopo geral do projeto e os estudos extras que você teria que fazer para passar nas aulas. Mas sejamos honestos. Você é inteligente. Você faz um trabalho mínimo na sala de aula para passar nos exames, e a maioria de vocês já completou a maioria dos requisitos necessários para se formar. O último mês é um mês para você, e os sêniores serão liberados dentro de duas semanas. Portanto, não, você não encontrará uma brecha para sair deste projeto. Você está em liberdade condicional. A lei exige que você esteja aqui, eu exijo que você seja útil e eu sou seu juiz, júri e possível carrasco. Entendeu?

Com isso, ele voltou para a sala onde eu podia ver um cara de câmera parado na porta aberta, a lente apontada em nossa direção.

Sim.

Duas coisas me atingiram ao mesmo tempo:

Um, o que quer que ele tenha gravado lá seria destruído.

Dois, eu *realmente* precisava começar a trazer minha faca para a escola comigo novamente.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Becca tinha um banquinho logo atrás da câmera, à direita.

Depois de ver toda a configuração da câmera, fiquei impressionada, mas também nervosa com a direção de tudo isso.

Becca conversou um pouco mais com a bibliotecária e depois com Kenneth. Outro casal mais velho, provavelmente com cinquenta e poucos anos, também estava lá. Todos eles conferiram.

A bibliotecária saiu primeiro.

O diretor em seguida.

Becca permaneceu naquele círculo, sua cabeça inclinada com os outros dois, e tive a sensação de que talvez fossem os verdadeiros chefes. Eles continuaram revisando uma lista e apontando itens ali, conversando com Becca. Ela assentiu até que eles fizeram uma pergunta.

Ela apontou para mim. — Ela, — disse ela.

Eles olharam para mim.

O cabelo da mulher era quase prateado, mas não parecia velho para ela. Parecia real. Com seu corpo magro e seu cabelo preso em um coque solto para enquadrar seu rosto angular, ela poderia ter sido uma modelo em seus dias. Braços longos, pernas longas. Havia uma leitura intensa em seu olhar quando ela me olhou de cima a baixo.

Ela não falou por muito tempo. O homem também não, mas foi ela quem me puxou para dentro e me manteve em cativeiro. Eu queria mudar de roupa, ajustar minha camisa, arranhar meu rosto. Mas sob o olhar dela, eu não pude. Kenneth às vezes era um idiota. Becca era jovem e inteligente, mas com essa mulher, não havia nada. Ela era uma parede impermeável. Era como se ela estivesse alcançando dentro de mim, e ela podia sentir meus pensamentos e emoções interiores, no entanto. E assim, a velha Bren ganhou vida.

Eu quase suspirei.

Ela estava sendo despertada cada vez mais hoje, e eu não estava gostando. Eu tinha um equilíbrio. Arranque muito fundo dentro de mim, e aquela velha Bren sairia, e ninguém queria isso. Nem eu.

Foda-se isso. Bem. Se essa velha fosse me psicanalisar - porque era isso que eu sentia que ela estava fazendo -eu deixaria que ela me visse completamente. Eu estava de pé no canto, mas sob o peso do foco deles, saí direto, quase para o

centro da sala. Eu fiquei de frente para eles diretamente -braços ao meu lado. Ombros ‘pra’ trás. Cabeça erguida.

A mulher também se endireitou, erguendo o queixo. Ela usava uma saia longa e solta com um suéter de cashmere sem mangas. Ela também tinha um cachecol infinito, mas era muito mais rico do que o que Becca estava vestindo.

Eu peguei um breve sorriso, seus olhos brilharam, e então ela assentiu. Eu fui dispensada.

Eu me senti como um animal em um leilão. Alguém me deu sua última e miserável oferta e a venda foi decidida. Saindo depois da minha matança.

— Tudo bem. Parece um bom plano, — disse Becca, e os outros dois saíram pela porta lateral.

Becca se virou e veio em minha direção. — Vamos trazer a primeira garota?

Um zumbido animado encheu a sala, e Becca bateu palmas. — Vamos começar com isso. — Ela se aproximou de mim, abaixando a voz. — A primeira garota que estamos entrevistando é essa. — Ela puxou uma pasta e o rosto de Tabatha Sweets olhou para mim. — Temos uma lista geral de perguntas para fazer com ela, mas enquanto a aquecemos e a deixamos confortável para a câmera, eu gostaria que você anotasse algumas perguntas mais pessoais. Você sabe, apenas

perguntas que você talvez deva perguntar a ela – as perguntas que ela não vai querer responder. Você pode escrevê-las à medida que a entrevista também acontece, qualquer coisa que você deva perguntar.

Que porra?

Ela se afastou, falando com sua equipe, e eu estava meio ciente da porta se abrindo novamente. Alguém entrou e eu ouvi a voz de Tabatha.

Eu comecei a ler as perguntas, mas olhei para cima, ouvindo como Tabatha não estava soando como ela mesma. Ela estava com os braços em volta de si mesma e estava puxando ferozmente a parte inferior da blusa. Seu cabelo caíra para a frente para cobrir um olho, e ela desviou o olhar ao redor da sala – como se não pudesse ver completamente ninguém, mas estivesse tentando identificar sua localização através do som.

Até o olhar dela me encontrar. Ela parou, voltou atrás, e então o sangue escorreu de seu rosto

— Ah não. — Os dentes dela encontraram o lábio inferior.

Eu olhei pela reação dela às perguntas, e foi aí que eu sabia que meu intestino estava certo.

Havia perguntas gerais de aquecimento sobre o que ela tomara no café da manhã, perguntas gerais sobre ela, sua idade, sua família e, em seguida, toda uma outra lista de

anotações. *Se o assunto estiver tenso, encontre um terreno comum. Irmãos mais novos irritantes? Faça-os rir. Passatempos favoritos. Fale sobre o que os faz ficarem animados. Vá para perguntas mais difíceis assim que a confiança for estabelecida.*

Meu coração tinha passado do meu estômago, até os pés.

Cheguei a outra seção.

Você está em uma equipe?

Conte-nos sobre o sistema de equipes.

O que você não gosta nas equipes?

O que você gosta nas equipes?

Este era o meu pior pesadelo.

Eu olhei para o nome de todo o maldito projeto: *The Crew Gang World.*

Eu me senti tonta, vendo manchas. Partículas de ar estavam nadando e minha pele estava muito quente para mim. Eu tinha que sair de lá. Eu precisava.

— Você está pronta?

A voz alegre de Becca irritou meu pânico, e eu levantei minha cabeça. Minhas mãos agarraram sua prancheta. Minhas juntas estavam brancas. Eu iria quebra-la se não me controlasse.

O que fazer? O que fazer?

Isso ia acontecer com ou sem mim.

Eu tinha que parar com isso. Eu precisava. Eles nos interpretariam mal. Seríamos crucificados, difamados. Engoli em seco, formando um nó na garganta. Eu vi o ódio que saiu contra os amigos famosos de Channing. Havia amor e adoração, mas tanto ódio também. Seríamos piores. Não éramos uma história de sucesso, um casal adorável que tinha filhos lindos. *Gang World*. Esse é o título que eles estavam usando.

— Tudo bem. — Becca estava tão calma e suave. Por que ela estava calma?

Engoli em seco, sentindo-me começando a engasgar, e então ouvi um murmúrio de vozes e as luzes se apagaram. Os holofotes brilhavam e batiam no meio, em uma cadeira alta em frente à câmera, estava Tabatha.

— É hora de gravar.

Becca se inclinou para a frente em seu banquinho, e ela estava tão quente, tão suave, quase sedutora quando ela fez sua primeira pergunta. — Você está um pouco nervosa?

Empurrei Tabatha contra a secadora no banheiro. — Que raio foi aquilo?!

Eu estava na cara dela. Eu não me importei.

Eu era a valentona. Eu estava ameaçando. Eu estava cumprindo todos os estereótipos, mas estava lívida e, por trás de tudo isso... estava com medo.

Aterrorizada.

Minhas mãos tremiam -o resultado de ter que ficar sentada lá o tempo todo enquanto Becca levava um tempo. Ela conversou com Tabatha. A fez rir. A fez suspirar. Pouco a pouco, Tabatha relaxou. Ela ficou confortável. Ela sentiu pena de Becca ao contar suas histórias sobre sua infância. Ela se sentiu conectada a Becca, e eu peguei o brilho nos olhos do jovem produtor. Toda essa merda que ela estava dizendo, não achei que fosse verdade. Isso não importava. Ele serviu a seu propósito e, depois de criar uma relação, Becca começou com as perguntas reais.

Assim que terminaram e Tabatha saiu, anunciei a necessidade do banheiro. Eu estava na sua cola, e eu agarrei seu braço e a empurrei no banheiro assim que tive uma chance.

A campainha do terceiro período tocou e alguém tentou abrir a porta. Empurrei-a para trás, chutando a porta por baixo dela.

— Ei! — Veio uma voz do outro lado.

— Use um banheiro diferente. Este aqui está ocupado.

— Vou me atrasar.

— Você já está atrasada. Dá o fora!

Ela fez. Eu a ouvi reclamando, mas ela saiu. O chiado dos sapatos desapareceu e eu me virei, me sentindo como um predador com a minha presa. Mas eu não queria comer Tabatha. Eu queria rasga-la em pedaços.

Eu dei um passo para trás. — Você tem um minuto para derramar tudo. Um minuto!

Lágrimas já estavam rolando pelo rosto dela, mas ela não as estava enxugando. Ela enfiara as mangas nos punhos e as ergueu, depois deslizou pela parede até bater no chão com um baque. Eu acho que ela nem percebeu.

— Eu... eu precisava, Bren! Você não foi presa! Eles não fizeram você assinar esse papel! Eu tive que assinar! Eu precisei. — Ela estava tagarelando, do jeito que estava na última hora, derramando segredo após segredo do sistema de gangues para aquelas câmeras. Eu fiquei enjoada enquanto

ouvia, mas também com frio e com força. Eu era um robô assassino até o fim, e minha raiva havia encontrado seu alvo.

— Que papel? — Eu exigi.

— Eu fui presa! Você não foi.

Ela começou a se levantar.

Eu a empurrei de volta para baixo, de pé sobre ela. — Explique tudo, ou juro, Tabatha, que colocarei Jordan contra você em cinco segundos. E eu não vou inventar nada. Eu direi a ele a verdade. — Apontei para a biblioteca. — O que você fez lá deve ter seu traseiro espancado por qualquer um de nós. Ninguém fala. Ninguém! Você não está isenta porque é a namorada de Jordan...

— ELES ME FORÇARAM! — Ela arfava, suas lágrimas continuavam. Ela soluçou, ofegando. — Eu não posso.

Eu rosnei.

A cabeça dela estava baixa. — Eles nos fizeram assinar acordos de confidencialidade e documentos de não divulgação. Se eu lhe disser isso, eles podem processar minha família.

Eu me ajoelhei. Eu não dei a mínima. — Estou ficando sem paciência. Fale, ou farei coisas das quais você e eu nos arrependeremos.

Quando ela levantou a cabeça, seus olhos procurando, ela viu a verdade.

Eu choveria o santo inferno sobre esta escola se ela não me dissesse o que estava acontecendo.

— É por isso que eles nos prenderam na festa na noite passada.

Finalmente.

Rendição.

Minha raiva diminuiu um pouco. Ela estava falando.

— Continue, — eu disse.

A cabeça dela dobrou para baixo. A luta a deixou completamente. Sua voz era tão fraca, pequena. — Todos os alunos daquela festa que foram para Roussou receberam um acordo. Nós fomos separados. Metade de nós foi para a estação Fallen Crest e metade foi para a nossa. Eu não sei - talvez reduzir o tempo desde que eles estavam acabando? Mas eu sei que todos os alunos foram levados para uma sala. Um policial, um advogado, alguém da escola e os pais foram escoltados. Eles ficaram lá por vinte minutos, o mais longo ficou quarenta. Quando a porta se abriu, os pais estavam apertando as mãos e o aluno assinando um monte de papéis.

— Você disse que um representante da escola?

— Sim. — Ela parecia tão cansada. Ela levantou a cabeça, descansando contra a parede, mas suas lágrimas ainda corriam. Ela fungou, limpando a parte de trás da manga sobre um lado do rosto. — Reconheci o diretor Broghers, e então o superintendente entrou. Esse professor, Ortega, entrou mais tarde. Eles giraram, como se estivessem dando um tempo um ao outro.

Eu estava doente do estômago. A necessidade de expulsar o que havia lá dentro, enquanto crescia, atravessando minha raiva. Eu sabia o que eles fizeram. Eu tinha tudo conectado, mas precisava que ela falasse em voz alta. Eu precisava saber que era real, que tudo estava realmente acontecendo do jeito que eu temia.

— Continue. — Minha voz estava rouca agora, rouca.

Ela suspirou. — Chegou a minha vez. Meus pais entraram na estação, me viram algemada, e minha mãe simplesmente quebrou. Era confuso e embaraçoso, e ela estava culpando Jordan antes mesmo de saber o que havia acontecido.

Ela fez uma pausa, seu lábio inferior tremendo.

Eu esperei até que parasse, até que ela parasse de engolir além da dor.

— O que aconteceu?

— Eles me ofereceram um acordo: divulgação total e participação neste projeto para sair. Sem encargos. Sem multas. Nada no meu registro.

— Quais taxas eles cobraram de você?

— Isso importa? Eles encontrariam algo. Menor de idade bebendo? Havia drogas naquela festa. Você sabe que Frisco ainda está negociando. Invasão mesmo. Os policiais disseram que o proprietário da terra falou da festa, queixou-se de todos os adolescentes que vandalizaram seu campo. — Ela bufou. — Isso é treta. Qualquer pessoa presa precisa conversar com as câmeras e trabalhar com elas. Caso contrário, cobranças. Eu não quero lidar com liberdade condicional ou mesmo serviço comunitário. Não neste verão. Não antes da faculdade. Se minha faculdade descobrisse isso, eles poderiam me expulsar. Eu estou indo para uma faculdade particular no próximo ano. Eles podem achar que eu não sou a melhor para eles, e bam, eu estou fora. O que então? Faculdade Comunitária?

Me afastei e fiquei de pé, rangendo os dentes. — A namorada do meu irmão foi para a faculdade comunitária. Ela está indo muito bem. Não pense que seu futuro seria arruinado se essa fosse sua última possibilidade.

Eu fui para a porta, sem precisar ouvir mais nada. Ela derramou os detalhes. O que se seguiu foram as justificativas,

as desculpas, a conversa de vítima. Eu não ia sentir pena dela. Ela escolheu assinar esse papel. Todos eles fizeram.

Todos eles poderiam queimar no inferno.

Eu arranquei a porta e comecei a abrir a porta quando ela falou.

— O que você vai dizer ao Jordan?

Eu não olhei para trás.

Tabatha era normal. Eu tinha derretido, meio que esquecendo isso nas últimas semanas. Eu lembrei agora.

— A verdade, — eu disse a ela. — Você está a venda.

Eu dei três passos antes de Taz estar na minha cara. Um passe de banheiro em suas mãos, ela parou surpresa, depois correu para mim. — Ei! Eu só estava pensando -não conversamos sobre o baile. Tipo, de tudo. Isso é estranho.

Olhei por cima do ombro.

Se Taz fosse lá... se Tabatha aparecesse, eu não tinha certeza do que diria. Ou faria.

Eu ainda estava chateada, além de chateada.

Essas câmeras estavam aqui para atrapalhar nossas vidas -a minha vida - e não estava certo.

— Bren? Olá. — Taz acenou com a mão na frente do meu rosto, dando um passo para me encarar enquanto eu tentava evita-la. Mas eu não poderia fazer isso, não com ela.

— Eu o quê?

— Formatura. — Ela franziu a testa para mim, acenando com a passagem do banheiro no ar, distraidamente. — É neste sábado. Eu sei que todos nós estamos alugando uma limusine juntos, mas o que você está vestindo? Monica perguntou sobre o salão esta manhã, e eu assumi que você estava, mas então percebi que nunca conversamos. Isso é super estranho.

Eu queria gemer. Essa *conversa* era super estranha. Eu não ligo 'pro' baile.

— Uh, sim. Talvez. Eu não sei.

Eu precisava encontrar Cross. Eu precisava contar para os caras. Eu precisava descobrir meus próximos passos, porque Becca viria me procurar, e o que eu faria então? Eu queria queimar essa escola, mas tinha certeza de que os caras não aceitariam isso. E daí? Esperar pacientemente? O que eu poderia realmente fazer?

— Bren. — Taz abaixou a voz, aproximando-se. Preocupação filtrada em seu rosto. — Você está bem?

— Você quer a resposta curta? — *Não. Não.*

Mas eu menti porque sabia o que tinha que fazer. — Estou bem. Só... preocupada com o baile. Você está certa.

Eu precisava voltar para aquela sala. Eu precisava sentar lá para todas as entrevistas.

Eles queriam que eu lhes desse perguntas específicas para cada pessoa, então eu faria isso – perguntas que não tinham nada a ver com a vida das equipes.

Eu sentaria. Eu perguntaria. Eu espionaria.

E então eu decidiria o que fazer -com os caras, mas apenas com os caras. Eu não reagiria. Eu não colocaria ninguém na cadeia ou deixaria a escola algemada. *Isso é o* que eu faria.

— Bren. Formatura. Você tem ou não um vestido? — Taz estava tentando ser engraçada. — Esse é o grande debate que está acontecendo aqui.

Um vestido? Porra.

Baile de formatura era um grande negócio para as meninas normais. Não era o meu estilo, mas estávamos indo. Taz implorou e implorou, e todos desistimos há um tempo atrás. Eu tiraria isso da minha cabeça, e não. Eu não tinha vestido.

— Eu...

— Estou apenas brincando! — Taz bateu no meu braço, saltando para trás. — Claro que sim, mas de verdade, o dia do

salão. Está dentro? A mãe de Monica marcou o compromisso. Está no Fallen Crest Country Club. Sua mãe conhece um gerente lá ou algo assim, e eles têm esse spa agora. Estamos reservadas lá naquela manhã. Você quer andar junto? Devemos estar lá às nove.

— Uh... sim. Certo.

Formatura. Merda.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Silêncio. Silêncio total e completo.

Eu me forcei a voltar para a biblioteca, voltar para a sala e sentar lá enquanto eles traziam outro aluno. Depois foi o almoço, e eu não aguentava mais. Nós quatro nos encontramos na arquibancada perto do campo de futebol.

Ninguém estava aqui fora durante o almoço. Se estavam, nos viam e se afastavam. Instintos de sobrevivência.

Acabei de contar tudo para os caras.

Grilos.

— Ela falou sobre nós? — Jordan finalmente perguntou, seus ombros apertados ao redor dele.

Eu assenti. — Ela não nos nomeou, mas não escondeu mais nada. Eles pediram seus pensamentos sobre o sistema de equipes. Ela deu a eles. E eu estou citando ela 'não gostei do sistema no começo, mas recentemente mudei de ideia'.

Sua voz era bruta. — Ela elaborou?

— Ela disse a eles que tinha namorado em uma equipe? Não. Ela falou sobre a Ryerson Crew e a nova de Frisco, mas

ficou calada sobre nós. — Mas eu sabia que era apenas uma questão de tempo. — Eles descobrirão. Você sabe que eles vão. Ela disse que todo mundo tem que dar total cooperação.

— A gangue Ryerson não está aqui hoje. — Cross olhou ao nosso redor. — Eles não assinaram essas folhas.

Eu nem tinha notado.

Como se estivesse lendo minha mente, ele me disse: — Você foi sequestrada em um escritório ou na biblioteca esse tempo todo. Você só teria notado de manhã e quem percebe então?

Isso era verdade. Eu estava de pé para entregar as notícias de merda, mas eu me sentei agora, virada para os outros.

Zellman ficou quieto, meio que se virou.

— Z? — Eu perguntei.

— Esses crusties da Academy fizeram parte disso. Eles têm que fazer.

Eu compartilhei um olhar com Cross. Jordan fez uma careta.

Z balançou a cabeça. — Eu não sei o que isso significa, mas eles têm que estar envolvidos nisso. Eles atacaram Jordan na nossa frente. Nós estávamos lá. Ryerson Crew estava lá. A única razão pela qual consigo pensar que eles teriam feito isso

naquele momento é porque sabiam que os policiais estavam chegando. Eles sabiam que não podíamos retaliar, e inferno - talvez pensassem que seríamos presos e não teríamos tempo para pensar em vingança. — Ele rosnou. — Eu odeio aqueles idiotas da Academy. Putos ricos que pensam que podem se safar de qualquer coisa.

Eu estava enlouquecendo aqui, mas... — Alguma chance da Sunday sair com um daqueles caras da escola?

Ele balançou sua cabeça. — Não mais. Não depois que eu contar a ela o que eles fizeram. Ela vai larga-lo em um segundo. Ela também foi presa. O idiota não a avisou.

— Eu não entendo a conexão, — disse Cross, mais meditando do que zangado. Ele se levantou, começando a andar com a cabeça inclinada para trás. — Eu entendo a diretoria trabalhar com a polícia. Entendi. Tudo isso faz sentido do lado deles, mas...

— Por que o diretor idiota insistiria que Bren os ajudassem? — Jordan interrompeu. — Eu não entendo isso. Eles sabem que Bren está em uma equipe? — Ele olhou para mim.

— Eu não sei. Não consigo imaginar alguém que não conte a eles, mas essa Becca não está agindo como se soubesse que eu estou.

— Você disse que ela conhece Channing?

Eu olhei para Cross. — Ela perguntou se eu era parente dele. Eu disse que não, e então ela disse que conhecia Max.

— Espere. Quem é Max? — Zellman perguntou.

— Meu meio-irmão. Nós realmente não o conhecemos enquanto crescíamos.

— Oh. — Z franziu a testa. — Sinto muito, Bren. Eu não sabia.

— Eu não falo sobre ele.

Os caras trocaram um olhar, e Jordan tossiu. — E você fala sobre todo mundo na sua vida?

Eu sorri — Touché. Não é grande coisa de qualquer maneira. Max tinha uma mãe diferente e foi para Fallen Crest Public. Ela não deixou que ele nos visse, quase nunca.

— Ainda. Isso é péssimo. Sinto muito, B.

Jordan passou a mão na mandíbula. — Eu sei que Bren jogou uma bomba sobre nós hoje, mas tenho os policiais esperando para falar comigo depois da escola. Meus pais tiveram interferência, dando-me o dia para ir à escola, mas sabemos que eles aparecerão em uma viatura se eu não for até lá assim que a última campainha tocar. — Ele olhou para todos nós. — O que eu digo?

— Nada. — Cross resmungou, sentando-se ao meu lado. — Protocolo usual. Por que isso é mesmo uma pergunta?

— Porque há um vídeo desses idiotas me provocando. É por isso.

Zellman apontou: — E esses caras estavam na festa.

— Não, eles não estavam, — respondeu Cross.

Todos se viraram para ele, esperando.

— Se eles estivessem lá, teriam sido presos. Eles não estavam. Por que discriminar apenas um grupo? Portanto, ninguém vai dizer que eles estavam lá.

— Cara. O vídeo, — veio de Zellman.

Cross encolheu os ombros. — Será usado se algo legal acontecer, mas eu aposto que eles simplesmente ignoraram. Se eles sabem sobre isso.

— Então, o que devo dizer?

— Diga que você não sabe quem pegou você. Eles deixaram você cair, e tudo depois disso foi um nevoeiro.

Outra batida de silêncio enquanto Jordan digeria isso. — Tudo bem. — Ele assentiu. — Eu posso fazer isso.

Ele se virou para mim. — Kenneth perguntou sobre mim?

Zellman riu. — Kenneth. Eu amo isso.

— Ele estava pescando sobre a noite passada em geral, tentando ver se eu cairia. Ele não mencionou especificamente você.

— Bom, é isso eu acho.

— Estamos fazendo alguma coisa, certo? — Zellman ficou de pé. Enfiando as mãos nos bolsos, ele começou a andar para Cross. O riso foi feito. Eu reconheci aquele olhar em seu rosto. Todo mundo fazia. Ele estava impaciente e queria ação.

Eu fiquei quieta.

Cross era o mais inteligente de todos nós, então eu faria o que ele dissesse. E desde a luta pela hierarquia do semestre passado, Jordan seguiu as instruções de Cross também, então era realmente uma decisão de Cross.

Z sabia disso. Ele parou de andar e todos nós assistimos ao nosso líder oficialmente não oficial.

Cross balançou a cabeça. — Eu não sei, pessoal. Eu acho que há muitas partes se movendo e perguntas sem resposta. Precisamos de mais informações antes de fazer qualquer coisa.

— E o sistema de amigos que tínhamos adotado para a rivalidade da cidade?

Cross balançou a cabeça. — Quero dizer, eles te pegaram por causa dos carros. Se Z estiver certo, eles nos deixarão. Acho que todo mundo deveria ficar no sistema de amigos, só por segurança, mas estou preocupado que a Fallen Crest Academy vá machucar outra pessoa? Não. Eu vou transmitir isso? Também não.

Zellman rosnou, chutando uma pedra na arquibancada. Ele bateu em outro banco antes de cair. — Foda-se isso. Eu quero arrebentar a cabeça de alguém.

A boca de Cross se achatou e ele se levantou. — Por que você não vai transar? Afirmar seu domínio na Sunday?

Ele torceu o nariz. — Eu não quero um relacionamento.

— Vale a pena perde-la? Porque parece que ela está indo.

Cross levantou um bom argumento, e Zellman sabia disso. Ele não teve uma resposta, mas explodiu com uma miríade de xingamentos, as mãos cerradas em punhos e saiu correndo dali, voltando para a escola. As arquibancadas tremiam de seu momento.

Jordan esperou até que Z estivesse na metade do caminho de volta à escola, longe do alcance da voz. — Ele não está chateado porque Sunday está pressionando-o para estar em um relacionamento. Ela está gravida. — Ele encontrou cada um dos nossos olhares. Sem piscar. — Z não está apaixonado por

Sunday. Todos sabemos disso, mas ele se importa com ela. O pai do bebê é um garoto da Academy. O idiota quer que ela aborte.

Oh uau. Eu não esperava por isso.

— Ela não estava bebendo neste fim de semana?

— Ela estava agindo. Você sabe como é. Se ajustando para sobreviver, e tudo mais. — Jordan suspirou, de pé. — O que eu faço com Tab?

Cross e eu trocamos um olhar.

— Ela não está em nossa equipe. — Eu estava estendendo um ramo de oliveira aqui. Veja? Passos. Este foi um grande problema para mim. — Eu não gosto do que ela fez, mas ela foi vaga. Isso ajuda.

Jordan não respondeu a princípio. Mas seus ombros caíram. — Sim. — Ele parecia exausto. — Ela deveria ter me dito, no entanto. Não posso contornar isso. — A dor brilhou em seus olhos e ele piscou algumas vezes, uma máscara caindo sobre o rosto. — Eu vou precisar beber hoje à noite. Encher a cara.

Cross se inclinou para a frente, os cotovelos apoiados nos joelhos. — Então vamos fazer isso. Ninguém, exceto Wolf Crew.

— Merda. Soa perfeito.

Jordan ficou de pé. — Vou encontrar Zellman, garantir que ele não esteja fazendo nada estúpido.

Eu perguntei: — Você vai ficar bem?

Seus olhos encontraram os meus, a dor queimando novamente. — Não, mas é por isso que tenho vocês. Esta noite.

Cross e eu ecoamos: — Esta noite.

Eu esperei até ele descer as arquibancadas, indo em direção à escola.

— Eu ajo normal lá dentro?

Cross soltou um suspiro profundo, inclinando-se para a frente mais uma vez. — Merda. Sim. Por que eles miraram em você?

Dei de ombros. — Tenho certeza que vou descobrir.

Ele olhou para mim. Minha mão levantou para descansar em suas costas.

— Converse com seu irmão sobre essa garota Becca, — disse ele. — Veja o que ele tem a dizer.

— Tudo bem. — Esfreguei suas costas em círculos.

Havia coisas mais profundas acontecendo agora, no entanto. Zellman estava sofrendo por alguém com quem se

importava. Jordan se sentiu traído por alguém com quem se importava. Nossos outros dois membros precisavam de nós.

— Esta noite, — murmurei.

Cross sentou-se, levantando o braço em volta de mim e me puxando para dentro. Ele acariciou minha orelha e deu um beijo na minha testa. — Esta noite. — Ele deu um beijo nos meus lábios. — Por que sinto que sempre preciso de você? Por que nunca consigo o suficiente de você?

Eu me afastei, apenas o suficiente para olhá-lo nos olhos. — Porque você precisa?

Ele sorriu. — Eu te amo.

— Eu também te amo.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Depois da escola, depois de uma rápida viagem para conseguir telefones, relatei a Zellman e Cross como foi o resto do dia. Como anotei tudo o que alguém disse em suas entrevistas. Como uma vez eles me viram tomando nota, eles se fecharam. Como isso foi um *bom* sinal.

Zellman caiu na caminhonete, com a perna no painel. — Eu vou dizer que é um bom sinal. Talvez as pessoas calem a boca. As equipes não são da conta de ninguém, mas da nossa.

Cross não respondeu. Nem eu. Na verdade, não havia mais nada a dizer, ficamos à espera de Jordan. Estávamos fora da delegacia, e ele entrou para fazer sua declaração.

Seus pais foram com ele.

Não tínhamos permissão e, quando ele voltou, os dois pais apenas balançaram a cabeça para nós. Ele se aproximou, deu-nos um resumo, que era que ele não disse nada. Ele não conseguia se lembrar de como conseguiu as contusões e o rosto cortado.

Policiais não estavam felizes. Seus pais não estavam felizes. Ninguém ficou feliz, exceto nós.

Bem, tecnicamente, porque Zellman não estava feliz.

Ele queria dirigir. Jordan disse que não.

Zellman disse que Jordan parecia um paciente de hospital.

Jordan não se importou.

A discussão foi resolvida quando Cross pegou as chaves e as jogou no estacionamento.

— O primeiro que pegar as chaves, dirige.

Zellman avançou.

Jordan agarrou sua cabeça na palma da mão e o empurrou para trás. Z recuou e Jordan já estava no meio do caminho. Ele pegou as chaves, mas Zellman estava de bom humor. Eu entendi. Foi uma jogada idiota que Jordan fez, mas também foi meio bom ver que parte da cabeça idiota de Jordan ainda estava lá.

Depois de *tudo* isso, saímos da cidade.

Tivemos uma parada ao norte de Fallen Crest e Frisco. Nós a encontramos por acidente uma vez, quando estávamos saindo para dar uma volta, e só voltamos algumas vezes. Mas hoje foi uma noite para a praia.

Nós temos bebidas, cobertores. Líquido mais leve para o fogo. Comida para grelhar se os caras ficassem ambiciosos, mas

se não o fizessem, passamos por um drive-thru na última cidade antes do nosso lugar.

Jordan e Zellman estavam na frente. Cross e eu ficamos atrás, e foi uma viagem difícil, mas estávamos lá. Jordan parou na estrada de cascalho que nos levou para mais perto da praia. De lá, era uma caminhada pelo penhasco até a nossa pequena alcova.

Um pequeno riacho se juntou ao oceano, deslizando entre duas cordilheiras de rocha, e era lá que geralmente sentávamos.

— Estamos aqui, — disse Jordan, a caminhonete parando pouco antes d'ele e Zellman saírem.

Eles vieram ao porta malas e todos pegaram algo para carregar, com os braços cheios, começamos a caminhada.

Não demorou muito, mas era íngreme o suficiente para precisarmos ir devagar ou arriscar quebrar o tornozelo.

— Deus. — Jordan parou no fundo e inclinou a cabeça para trás para respirar fundo. — Por que o ar parece mais leve aqui do que em casa?

Z passou por ele, resmungando: — Não deveria ser. Nós aprendemos o porquê na escola, mas foda-se, se eu sei. Eu apenas sei que não é. Você pode respirar mais fácil porque Tab não está te procurando aqui.

Ah. O tom de Jordan era irônico, vendo Zellman pisar à nossa frente. — Certo. A voz da lógica, essa aí. — Ele sorriu fracamente. — Quem é o estudioso da nossa gangue agora?

— Foda-se, cara! — Zellman levantou o dedo médio. — Procura no Google essa merda. Eu estou certo. — Ele fez uma pausa. — Sobre as duas coisas!

Jordan não respondeu. Ele abaixou a cabeça, fechou os olhos e, com um suspiro suave, começou a avançar.

Cross e eu seguimos. Zellman escolheu o local perto do riacho e jogou seus itens no chão. Enfiando as mãos nos bolsos, ele gritou por cima do ombro: — Vou procurar merda para queimar.

— Agora esse é o Zellman que reconheço.

A voz de Jordan era alta o suficiente para ser ouvida, mas Zellman não reagiu. Ele acabou de descer a praia.

Jordan começou a vasculhar as sacolas quando Cross começou a desdobrar as cadeiras, colocando-as em círculo. Meu trabalho era pegar algumas pedras e delinear onde o fogo iria, mas eu sabia que haveria uma conversa. Eu demorei a avançar. Eu queria ouvir isso.

Os olhos de Cross se voltaram para os meus, e eu dei-lhe um pequeno aceno de cabeça. Agora ou nunca.

— Por que você e Z estão brigando? — Ele perguntou.

Jordan não olhou para cima, ainda vasculhando as sacolas. Ele pegou líquido mais leve e fósforos. — Porque passamos todo o nosso tempo juntos. — Uma batida. Ele olhou para cima. — Quero dizer, você e Bren estão realmente fodendo, mas ele e eu não. Você entende o que quero dizer.

— Ha ha. — Eu entrei, dando um tapa em seu ombro.

Jordan riu, pegando a comida 'pra' grelharmos. Acho que ele estava se sentindo ambicioso, afinal.

Ele encolheu os ombros. — Eu não sei. Nós dois estamos apenas chateados, e discutindo um com o outro. Isso é tudo. Nós ficaremos bem. Dê-nos bebida, algo para grelhar, algo para queimar, e deixe-nos reclamar esta noite. Voltaremos mais tarde, revigorados e essa merda.

Eu não gosto que os membros da minha equipe estejam sofrendo. Isso me rasga por dentro, mas dane-se se não fossem as situações eu não poderia fazer nada sobre isso.

— Sinto muito, Jordan.

Ele olhou para mim. Um pequeno sorriso. — Obrigado, B. Nós vamos superar. Sempre fazemos.

Eu queria acreditar nisso.

Eu não acreditei.

O telefone de Cross tocou e, um segundo depois, o meu também. Eu olhei para baixo. Era Taz e, olhando para cima, eu nem fiz a pergunta antes de Cross estender a mão e pressionar o botão de rejeição.

Quando o guardei no bolso, o telefone de Jordan começou a tocar. — Isso é sobre o jantar de domingo?

Cross girou de volta. — O que?

Jordan também rejeitou a ligação, colocando o telefone de volta no bolso. — O que está acontecendo? Domingo?

Eu abri minha boca.

Cross falou sobre mim, seus olhos quentes nos meus. — Realmente? Você vai contar a eles?

Fechei a boca, machucando meus pulmões por um segundo.

Seus olhos brilharam um aviso, e senti a dor cortar meu peito. Ele não confia em mim? Sério?

— Uh... — Os olhos de Jordan se estreitaram, uma dureza brilhando lá. — Quer me dizer por que devo lidar com uma garota que eu amo falar sobre coisas que eu normalmente não gostaria que ela falasse, enquanto você está dizendo para sua garota ficar quieta sobre algo que talvez devêssemos saber? Hummm?

Sim. Ele não estava feliz. De modo nenhum.

— Não é nada sério.

— Vai se foder.

Cross olhou para ele, mas Jordan não estava recuando. Ele se aproximou, olhando para Cross pelas duas polegadas que tinha sobre ele.

Um arrepio percorreu minha espinha, colocando todo o cabelo na parte de trás do meu pescoço na posição vertical.

Eu poderia usar Zellman agora.

— Ei. — Eu dei um passo à frente, minha voz suave.

Eu manobrei até ficar entre eles, e então minhas mãos foram para Cross. Ele era como cimento, e seus músculos do peito tremeram sob as minhas mãos, mas seus olhos nunca deixaram os de Jordan.

— Ei.

Eu empurrei Cross um pé antes de virar para ler a cena.

Ambos estavam aquecidos, mas Jordan não estava tão bravo.

Eu falei com ele primeiro. — Você está machucado.

— Porra, estou ferido. — Ele apontou o dedo para Cross. — Talvez minha paciência esteja se esgotando. Você tem merda acontecendo em sua casa e não está nos dizendo nada sobre isso. Que porra é essa, hein? Hã?! Estamos aqui esta noite por minha causa. Porque eu te contei a merda que acontece comigo e com Z. E você -você não está dizendo nada para nós. Onde está a confiança aí, *mano*?

Droga.

Ele tinha razão. Ele tinha muitos pontos.

Fiquei quieta e olhei para Cross.

Ele desviou o olhar, encarando a praia agora.

— Bren? — Jordan perguntou. — Você pode me preencher? Que. Jantar. No domingo?

Fechei os olhos. Só precisava de um segundo aqui.

Eu estava oficialmente sendo convidada a escolher a equipe ao invés de um relacionamento e, assim, as palavras de Cross voltaram para me assombrar, algo que ele disse no semestre passado. — *Sua primeira lealdade é com a equipe, mas a minha é com você.*

Senti meu coração ser arrancado, exatamente como tinha sido então. Ele tinha na mão. Ainda estava batendo, bombeando, mas ele estava me segurando em cativeiro.

Como se sentisse o que estava acontecendo dentro de mim, Cross finalmente tomou a decisão por mim.

— Você sabe que meus pais estão se divorciando, — disse ele.

— Sim. Quero dizer, é disso que se trata...

— Meu pai tem outro filho.

O que?! Choque ricocheteou através de mim, vibrando para frente e para trás até que eu estava quase balançando em meus pés.

— O quê? — Eu me mudei para Cross.

Ele se afastou, balançando a cabeça. — Eu não posso nem explicar tudo, porque é tudo tão seriamente fodido. — Ele respirou fundo. — Meu pai teve um caso há muito tempo. Ele sempre esteve no trabalho, mas eu não sabia do caso até um mês atrás.

Um mês... Ele sabia há um mês e não tinha me dito.

Eu tentei não me machucar com isso.

Mas isso doeu.

Jordan me lançou um olhar de pena. Isso não ajudou.

Merda. Merda. Merda.

— O relacionamento dos meus pais está todo fodido por um ano inteiro. Eu não sei. Não sei o que aconteceu. Uma parte de mim não quer saber, mas eu sei que o que quer que tenha acontecido naquela época, eles superaram. As coisas estavam bem, e então minha mãe o traiu. E eu não sei... — Ele se virou para o oceano, sua voz tão bruta.

Senti uma lágrima brotando e pisquei. Enfiei um nó na garganta.

— Não conheço os detalhes, mas sei que a nova mulher dele é com quem ele teve um caso, e o garoto está em Fallen Crest. Ele está no último ano este ano.

Jordan parecia uma estátua.

Nenhum de nós conseguiu falar.

— Taz não sabe.

Oh... eu estava quase caindo neste momento. Eu sentei em vez disso.

Jordan soltou uma risada estrangulada, afundando ao meu lado. — Isso é... — Ele se inclinou para frente, descansando os braços sobre os joelhos. — Puta merda, Cross. É isso... eu nem sei o que é isso. — Ele virou a cabeça, inclinando-se para olhar Cross. — Você tem um irmão, cara?

Cross não respondeu, ainda encarando o oceano.

Ele piscou algumas vezes e eu vi uma lágrima escorregar. Ele ignorou, olhando para nós. Nova emoção brilhou através dele. Vi-o ultrapassar uma parede, e o tormento ali teve o nó na garganta dobrando de tamanho.

Eu me levantei. Eu só tinha que segurá-lo, tê-lo em meus braços. Ao contrário da última vez, ele pisou para perto de mim. Sua cabeça foi para o meu ombro, meu pescoço e ele passou os braços em volta de mim.

Ficamos assim por um longo tempo antes de ele se afastar, o polegar passando rapidamente pelo canto do olho. — Desculpe. Eu... merda. — Ele soltou um suspiro irregular, sentando ao meu lado.

— Isso é difícil, — disse Jordan suavemente.

Cross assentiu. — Sim.

— Ei!

Jordan se virou. — Ah. Z está voltando.

Zellman estava carrancudo e balançando o telefone no ar. — Por que Taz está toda chateada com vocês? Vocês não atenderam as ligações dela ou algo assim?

Cross riu e Jordan revirou os olhos, ficando de pé novamente. — Sim. — Ele ignorou a pergunta, gesticulando

para as mãos vazias de Z. — Vejo que você trouxe muito de volta para queimar, hein?

Zellman levantou um dedo do meio. — Queime isso.

Jordan riu, batendo no ombro de Z. — Vamos. Eu tenho coisas na caminhonete. Material seguro que podemos queimar. Me ajude a carrega-lo para baixo.

— O que? Por quê?

— Apenas *venha*.

Ouvimos Zellman discutindo, mas ele foi com ele, protestando o tempo todo.

Uma vez que estavam fora do alcance da audição, Cross se inclinou para a frente, a cabeça caindo, quase entre os joelhos. — Porra, Bren.

Eu não consegui tirar sua mágoa, mas eu queria. Muito. Em vez disso, eu só podia esfregar suas costas. — Sinto muito pelo seu irmão.

Uma risada irônica rasgou dele. — Papai teve um filho, na mesma época em que engravidou nossa mãe. Você consegue imaginar isso? Quase duas vidas.

— Ele sabia disso o tempo todo?

Ele endureceu. — Eu não sei. — Ele suspirou. — Merda. Eu deveria saber disso antes de julgá-lo, certo?

Eu não sabia como responder. Cross ficou quieto com sua família por tanto tempo. O pouco que eu conhecia acabara de desaparecer ao longo dos anos. Mas eu sabia que o torturava. Eu sabia que havia tanta raiva, e agora fazia sentido, mas não fazia ideia de como conversar com ele sobre isso.

Ele queria que eu fizesse perguntas? Oferecer palavras de conforto? Esquematizar como enviar esse meio-irmão para longe?

Eu não tinha ideia, então desliguei a cabeça e fui com a barriga.

Comecei baixo, em voz baixa, e me movi para que nossas pernas estivessem se tocando. — Eu não posso dizer como é descobrir que seu pai tem um filho secreto, ou teve um caso, ou como sua mãe teve um caso próprio. Não tenho ideia de como tudo isso funciona em uma família. Suponho que haja uma confiança que foi roubada. Machucados. Dor. Raiva. — Eu estava tentando, mas não fazia ideia do que estava dizendo.

— Olha, eu... pelo que ouvi, parece que seus pais estão bem com o divórcio...

Cross se levantou. — Mas *eu* não *estou* bem! Quem diabos decide dissolver uma família? Taz e eu não tivemos voz nisso. Foi - eu pensei que eles estivessem bem. Eu pensei que…

Ele não pensava, e eu sabia disso.

— Cross. — Eu peguei sua mão, puxando-o de volta. — O que-

— Eles estavam forçando isso. Fingindo tudo.

Fechei minha boca.

— Olhando para trás, eu sei o momento exato em que eles pararam. E não é quando eles começaram a brigar. Foi quando eles pararam de fingir ser essa unidade sólida e feliz. — Ele se inclinou para frente novamente, as mãos pegando a cabeça. Seus dedos deslizaram pelos cabelos. — Eu tenho tentado lembrar uma época em que eles não eram tão rígidos um com o outro, quando eles não pareciam querer arrancar a cabeça um do outro, quando os sorrisos não eram forçados, e eu juro por Deus. Eu não me lembro. Sempre houve essa corrente de ódio entre eles, e eu senti isso crescendo. *Crescendo*, Bren.

Ele olhou para mim, seus olhos assombrados. — Taz não tem ideia. Ela está sofrendo, mas está tentando fazer toda essa farsa de que 'está lá' para mamãe e papai, que 'se é isso que faz mamãe e papai felizes, precisamos apoiá-los'. E foda-se isso. Foda-se ela. Foda-se ELES!

— Sinto muito, Cross.

Ele balançou a cabeça, suspirando. — Você já cresceu e descobriu que a maior parte da sua vida era uma mentira? Porque é assim que me sinto agora.

Isso eu pude sentir. Isso eu pude entender.

— Sim.

Uma palavra, tão simples, mas Cross ouviu. Uma parede caiu ao seu redor, uma que eu não tinha percebido que estava lá, e ele pegou minha mão. — Deus, Bren. Eu sinto muito. Estou choramingando e gemendo sobre minha família quando...

Eu o parei. — Eu cresci em uma casa onde não havia mentiras. Era óbvio que Channing odiava todo mundo. Minha mãe estava morrendo. Meu pai era alcoólatra. Quero dizer, não tenho ideia de como me relacionar com a sua situação, exceto que você está perdendo sua família, e que... — eu enrosquei nossos dedos, apertando. — Isso eu posso me relacionar, e isso é péssimo.

Ele assentiu. — Sinto muito por não ter deixado você entrar. — Ele apontou na direção em que os caras tinham ido. — Eles também. Não foi realmente uma decisão manter vocês fora. Eu estava tentando me manter de fora. Eu não queria negociar. Você sabe?

Eu entendi — Sim, — eu sussurrei enquanto descansava minha testa contra a dele. — Mas não faça isso de novo.

Ele abriu um sorriso. — Combinado.

— Be-leza! — A voz de Jordan cresceu atrás de nós. De repente, ele e Zellman estavam lá, marchando sobre a areia. Ambos tinham os braços cheios de madeira e refrigeradores. — Estávamos esperando, mas vimos vocês dois prestes a começar a transar, então achamos que era seguro novamente.

Zellman franziu o cenho para nós. — O que está acontecendo? O idiota aqui não me disse, então vocês precisam. Agora. — Ele apertou mais as toras contra o peito. — Digam-me, ou estou deixando cair um tronco em seus sapatos agora, e talvez não esteja falando sobre a madeira que estou segurando.

Eu fiz uma careta. — Essa é a maior ameaça que já ouvi de você.

Zellman não quebrou. — Desembucha, ou eu vou agir. — Ele nos encarou com um olhar vazio. — Não pense que estou blefando.

Nós não pensamos.

É por isso que o amamos.

Cross se levantou, pegando alguns dos troncos. — Que tal fazer uma fogueira, grelhar um pouco de comida, beber um pouco de bebida, e eu vou te informar durante o processo?

Zellman resmungou. — Por que você não fez isso em primeiro lugar? Você acha que eu gosto de recorrer a ameaças? Isso machuca minha alma.

Todos nós bufamos. Isso era mentira.

Zellman sorriu.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

— É ele? — Zellman apareceu na traseira da caminhonete de Jordan.

— O que? — Cross olhou, inclinando-se para a frente e depois descansou de novo. — Não. Já lhe disse, só vi uma foto dele e foi quando ele era pequeno - tipo doze ou algo assim. Ele joga futebol. — Ele fez uma pausa. — E ele tem cabelos castanhos. Aquele garoto tem cabelos loiros.

Nós não estávamos na escola. Nós não estávamos onde deveríamos estar. Não. Depois de contar tudo a Zellman, Z sugeriu que ficássemos acordados a noite toda bebendo e depois viéssemos na Fallen Crest Academy assim que nosso zumbido havia desaparecido para encontrar o meio-irmão.

— Eu quero vê-lo. — Foi o que ele disse e isso começou a cadeia de eventos.

E porque Jordan e Cross já estavam sentindo um burburinho, anunciaram como a melhor ideia de todos os tempos. Então aqui estávamos nós. Espiando.

Meu telefone tocou e, vendo o nome de Channing na tela, murmurei um xingamento.

Cross olhou e riu. — Você não disse a ele que sairíamos ontem à noite?

Eu gemi. — Você sabe a resposta para isso. Acabei de receber essa coisa ontem.

Ele continuou tocando.

Jordan balançou a cabeça, ainda olhando pela janela. — Apenas responda. Não queremos que seu irmão nos rastreie até aqui e tenha Moose ou Congo aparecendo para nos levar de volta.

— Sim. — A cabeça de Zellman empurrou a janela de trás. Sua respiração flutuou sobre minha orelha. — Especialmente quando estamos tentando fazer espionagem.

Afastei minha cabeça, fazendo uma careta. — Tenho certeza de que você colocou um muco no meu ouvido usando essa palavra. Não.

Ele torceu o nariz. — Pensei que você fosse mais alegre desde que tivesse seu café. O que há com a atitude?

Eu estava pronta para mata-lo. Minha mão formou um punho enquanto eu ignorava meu telefone ainda tocando. Comecei a me virar. — Realmente?

Cross agarrou meu pulso ao mesmo tempo em que Jordan pegou meu telefone da minha outra mão. — Bren.

Jordan atendeu o telefone. — Padrinho. E aí?

Eu rosnei para Zellman. — Essa 'atitude' veio de ser acordada pelos seus peidos a cada cinco fodidos minutos. Você percebe o quão alto você está quando está dormindo? 'Vamos todos ficar na praia, pessoal.'— Eu o imitei. — 'Temos sacos de dormir, pessoal. Vai ser divertido, pessoal. Momento de ligação da equipe, pessoal. — Eu atirei para frente, quase atingindo-o com o rosto. — Afaste-se de mim agora. Eu te amo, Z, mas eu quero te matar.

Ele bufou, recuando. — Eu peido quando bebo demais e como cachorro-quente. Não é o tempo todo.

— Foi isso que você conseguiu com isso? Realmente?

Cross riu, me puxando de volta. — Deixe. Depois tomaremos mais café.

— ...sim. Ela está aqui. — Pausa. — Não. Ela está prestes a matar Zellman. Eu não sei. Eu acho que ele respirou nela. — Ele segurou o telefone, com um sorriso no rosto. — Seu irmão quer falar com você. Ele não está muito feliz.

Peguei o telefone, levantando as sobrancelhas. — Sério? Não me diga.

Ele riu, sentando-se em seu assento. — Ele é o padrinho. Ele liga; nós atendemos. É assim que funciona. — Ele encolheu

os ombros. — Além disso, eu fui amável com ele porque você ignorou a ligação dele. De nada.

Meu punho estava se agitando novamente, ansioso para ir na direção de Jordan agora.

Cross suspirou, pegando o telefone de mim. — Ei, Channing. — Uma batida. — Sim. Foi um acampamento da equipe ontem à noite. Estamos bem, estamos apenas procurando alguém agora e depois indo para a escola. — Pausa. Uma pausa mais longa. — Sim. Ela está... está com disposição para lutar hoje. Talvez mais tarde? — Ele assentiu. — Tudo bem. Sim. O jantar parece bom. Tchau. — Ele desligou, entregando o telefone e, sem olhar para mim, disse: — De nada. Estamos jantando com seu irmão. — Ele deu um sorriso arrogante para mim. — Vingança pelo próximo domingo à noite.

Coloquei o telefone no bolso. — Se você não quer ir, não vá. Eu disse que iria como amiga de Taz.

Ele balançou a cabeça, concentrando-se na escola do outro lado da estrada. — Minha irmã laçou você.

Eu fui laçada por uma amiga.

Eu considerei e dei de ombros. Eu acho que sim.

— É ele? — Zellman enfiou a cabeça pela janela, novamente respirando em mim.

— Z! — Eu rosnei.

— Espere. — Cross agarrou meu pulso automaticamente, mas se inclinou para frente. — Eu acho que pode ser.

Toda a luta me deixou, e eu olhei, vendo um cara com uma constituição atlética saindo de um...

— Jesus! — Veio da janela.

— Zellman! — Eu gritei.

— Esse é um Mercedes G Wagon. Cara. — Ele deu um tapa no meu ombro, empolgado, com os olhos arregalados. — Isso é novo, deste ano. Puta merda.

Jordan assobiou. — Seu meio-irmão é um idiota rico.

Cross grunhiu, cruzando os braços sobre o peito. — O que você espera? Ele vai para a Academy e você ouviu aquela senhora - a mãe dele vale quinze mil. Não estou surpreso.

O corpo da caminhonete era branco, com uma borda preta e um teto preto, e, embora parecesse bonito, meus olhos estavam em Cross. Pela primeira vez, ele não estava ciente da minha atenção. Ele sempre estava ciente de mim, mas desta vez não conseguiu desviar o olhar do irmão. Ele ficou em silêncio e imóvel, sua mandíbula apertando um pouco, e eu senti a tensão em seu corpo.

— Você não sabe se seu pai sabia sobre ele esse tempo todo? — Jordan estava assistindo Cross também.

— Eu não sei. A única razão pela qual eu sei sobre ele é porque ouvi meus pais discutindo uma noite. Taz estava na casa de Race. Entrei para pegar algumas coisas antes de ir para a casa de Bren e ouvi-os. Eles eram tão barulhentos. Eu poderia ter tocado a campainha e eles não teriam me ouvido. Eu ia ignorá-los. Eles estavam brigando o ano todo, mas depois que peguei minhas coisas e saí, ele soltou a bomba. Tenho outro filho. Suas palavras exatas. Minha mãe ofegou, depois começou a soluçar, e ele saiu furioso. Eu saí depois disso - não tinha vontade de ficar para confortá-la. Qualquer um deles.

— Onde você viu a foto então?

— O escritório do meu pai. — Cross quebrou, um sorriso malicioso puxando o canto da boca. — Entrei e bisbilhotei outra noite. Peguei uma pasta inteira que ele tinha dele. — Os olhos dele ergueram-se. — Você pode imaginar? Ter um dossiê do seu filho? Como se ele fosse um paciente ou um cliente ou algo assim. — Aquele sorriso malicioso se transformou em um sorriso duro. — O nome dele é Blaise.

— DeVroe. Foi o que aquela senhora disse que é o sobrenome da nova mulher do seu pai. Blaise DeVroe.

Z balançou a cabeça. — Até o nome dele soa como rico.

Todos estavam assistindo esse garoto, mas eu ainda estava assistindo Cross. Seus olhos seguiram o garoto enquanto ele atravessava o estacionamento, todo o caminho para dentro.

Eram quase oito horas. A Fallen Crest Academy começava mais cedo do que as outras escolas. Isso nos dava trinta minutos para chegar a Roussou e ir direto 'pra' nossas próprias salas de aula.

— Bem. — Jordan sentou-se. — Lá estava ele. Nós o vimos, se era ele.

— Era ele. — Cross não se mexeu, seu queixo ainda cerrado. — Ele se parece com meu pai nessa idade.

Todos nós ficamos em silêncio.

A mão de Cross formou um punho, apoiada no joelho.

Zellman saltava quando estava agitado. Cross ficava quieto, super quieto, quando ele queria arrancar a cabeça de alguém.

— Oh, porra.

Eu estava prestes a sugerir que saíssemos quando Zellman xingou, levantando-se na traseira da caminhonete de Jordan. Esse foi todo o aviso que recebemos. Ele bateu os punhos no topo do carro quando Jordan se afastou, xingando também.

Tudo parou quando vimos Zeke e todo um grupo de amigos indo em nossa direção. Eles estavam apontando, e não havia erro no que pretendiam.

— Não desta vez, idiotas, — Jordan respirou enquanto guardava as chaves no bolso. — Não são doze em um, e eu não vou parar. — Ele olhou para nós. — Vamos.

Zellman já estava gritando: — Você quer alguns de nós, hein? Desta vez, as probabilidades são mais justas, filhos da puta.

Cross não disse uma palavra. Ele estava fora da caminhonete num piscar de olhos.

Parei, apenas por um segundo, escrevendo uma mensagem antes de enfiar o telefone de volta no bolso. Então eu me atrapalhei, porque não estávamos esperando desta vez.

Zeke parou quando se aproximou, como se quisesse ter palavras primeiro.

Nós não. Não dessa vez. Não depois de Jordan.

Zellman pulou do carro, uivando: — Vamos fazer isso!

Jordan saiu à nossa frente. Zeke estava focado nele, e eu podia ver seu rosnado se formando em câmera lenta. Ele foi total e completamente cativado por Jordan, seus amigos

também. Eles estavam bufando e estufando o peito, batendo os punhos juntos na frente deles.

Cross foi quem ninguém viu chegando.

Ele veio até eles, correndo atrás de Jordan e Zellman. Então ele se virou, cortando.

Eu corri para o lado quando ele virou para o outro lado.

Zeke nunca o viu.

Cross estava sobre ele, acertando-o com um gancho de direita, usando todo o corpo atrás do golpe. Ele era mais baixo que Zeke e, mais musculoso.

O tempo pareceu parar e todos assistimos juntos.

Os olhos de Zeke se arregalaram, choque e medo brilhando, e então sua cabeça se virou para a esquerda com o golpe, e ele não pôde reagir. Seu corpo estava indo, indo, caindo e *bam*. Ele caiu e desmaiou.

Cross o nocauteou com um soco, e como todos estavam assistindo Zeke, Cross passou para o próximo cara, usando seu impulso.

O segundo cara teve um aviso de uma fração de segundo para dar um passo atrás, então o punho de Cross não bateu no rosto dele, mas o acertou no pescoço. O cara se dobrou, ofegando.

Cross caiu – era inevitável depois da maneira como ele usou seu corpo para os dois ataques. Mas ninguém o atingiu ou o empurrou. Ele apenas foi incapaz de combater a gravidade. Mas depois de um momento ele se levantou. Jordan entrou atrás dele, pegando o segundo cara com um segundo golpe, e esse cara caiu bem ao lado de Zeke.

Então foi isso.

Todos nós entramos, porque essa era a nossa equipe. Jordan era um de nós.

Enquanto brigávamos – batendo, desviando, recebendo golpes – uma parte de mim se deliciava com isso. Aquela velha Bren, aquela trancada em uma jaula dentro de mim, era ela quem estava me controlando agora.

Foi ela quem sorriu quando o sangue escorreu de um corte no meu rosto. Foi ela quem finalmente respirou, e foi quem se aqueceu porque, sob a aspereza da luta, há algo bonito na violência.

A feiura, a dureza, a realidade.

É simples.

Com violência, alguém se machuca. Isso vai acontecer. Você está de um lado ou de outro. Não há meio termo, porque esse é o resultado final da violência. Sua mente pode desligar. Seu corpo assume. E seu corpo sabe se proteger.

Neste momento, neste dia, nesta manhã, escolhemos.

Eles conseguiram um dos nossos antes, mas não hoje. Agora não. Agora era a nossa vez.

Esta foi a nossa retribuição.

Você se machuca ou você machuca. Escolhemos machucar primeiro.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Uma buzina soou, rasgando o ar.

Todo mundo parou.

A luta parecia começar, mas essa não era a verdade. Assim que começou, metade dos homens fugiu e a plateia avançou.

Alguém gritou: — LUTA! — Então, quando a buzina tocou, não fiquei chocada ao ver uma plateia ou os telefones apontados para nós.

O que me surpreendeu foi quem tocou a buzina no ar.

O meio-irmão de Cross.

E agora eu estava tendo uma visão melhor dele.

Ele era... merda. Cross estava certo.

Endireitei-me de onde pulei para trás para evitar um braço. Cross parou também, um som gutural saindo de sua garganta.

— Bren, — ele disse baixinho, movendo o cara que ele estava segurando na minha frente para me bloquear dos telefones. — Corre.

Jordan também o ouviu, e clicou para nós dois. Ele enfiou um boné sobre meu rosto.

Eu estava em liberdade condicional. Não foi a primeira luta em que participei com esse status, mas essa foi mais televisionada. Eu estava com problemas, muita merda de problemas.

— Bren. — Outra ordem sussurrada de Cross. — Vai. Vá 'pra' Roussou para ter um álibi.

Era um pouco tarde para isso, mas eu sussurrei de volta: — Estou coberta. Enviei uma mensagem antes de começarmos.

Cross e Jordan olharam para mim, sobrancelhas arqueadas.

Seu irmão veio andando pela multidão.

— TODOS, VOLTEM PARA DENTRO AGORA! — Ele gritou. — E apaguem esses malditos vídeos! Nós não somos malditos dedo duros!

Para seu crédito, muitos estudantes pareciam mexer nos telefones. Um casal mostrou suas telas. Alguns hesitaram, e ele parecia sentir quem eles eram, zoneando-os. Apontando a buzina para eles, ele latiu: — Se eu ver um desses online, vou descobrir quem o colocou e, confie em mim, vou destruí-lo. EXCLUA OS VÍDEOS! AGORA!

Ele estava fervendo, seu peito subindo e descendo, e quando alguns não correram rápido o suficiente, ele se lançou contra eles. Tocando a buzina e pressionando o botão novamente, ele gritou: — Vá para a porra da escola! Agora!

— Sim, Blaise.

Outro se apressou, correndo para a porta. — Desculpe, Blaise. Me desculpe, cara.

Alguns dos caras de Zeke ainda estavam lá, e o que Cross estava segurando se afastou. Cross o empurrou para uma boa distância. Zellman estava interligado com outro cara, e eles se empurravam para fugir. Jordan parou na minha frente, Cross se aproximando do outro lado como um escudo.

Blaise examinou o chão. Três caras foram nocauteados e outros dois estavam tentando se levantar, sangrando de seus rostos.

Blaise balançou a cabeça. — Vocês estão falando sério? Essa merda? — Então ele olhou ao redor, encontrando Jordan. — Vocês vêm aqui para começar uma briga conosco? Vocês sabem quem nós somos? HÃ?

Eu estava dura. Esse cara…

Cross entrou em erupção com seu próprio rosnado selvagem e deu dois passos rápidos para entrar em seu espaço.

Ele ficou bem na cara dele. — Quem diabos você pensa que é? Você não sabe quem *somos*?

Blaise deu uma boa olhada em Cross e deu um passo para trás.

Cross estava indo com ele, mantendo o ritmo. Ele ficou furioso. — Você sabe quem sou *eu*? Você sabe *meu* nome?

Puta. Merda.

Meu queixo estava no chão e soltei um suspiro para acalmar meus nervos repentinos.

Jordan voltou, sua mão encontrando meu ombro. Ele falou baixinho: — Nós o pegamos. Não se preocupe.

— Vá embora. — Zellman chutou o ar, perto de um dos caras ainda de joelhos. Ele estendeu a mão. — Pegue seus amigos e não brinque conosco novamente.

Ele estava examinando o resto dos caras, e eu sabia quem ele estava procurando: o pai do bebê de Sunday. Eu não sabia com quem me preocupar mais, Zellman ou Cross.

Jordan apertou meu ombro. — Eu tenho Z. Você pega Cross.

Decisão tomada. Eu dei um passo à frente, puxando o boné ainda mais para baixo.

À primeira vista, Blaise DeVroe era outro garoto de ouro. Características clássicas e bonitas, maçãs do rosto altas, queixo quadrado. O rosto de Blaise era mais magro que o de Cross. Seu nariz era um pouquinho maior e ele tinha uma testa mais redonda. Seus cabelos eram um pouco mais claros que os de Cross, os tons eram castanhos caramelo. Os cabelos de Cross eram mais claros tipo o sol. Cross era mais alto, mas Blaise tinha ombros mais largos e redondos. Cross era mais magro que Blaise.

Os olhos eram diferentes.

Cross tinha olhos castanhos avermelhados, o que fez todo mundo dar uma segunda, terceira e às vezes quarta olhada. Garotas desmaiavam por aqueles olhos. Blaise tinha olhos amendoados escuros, quase pretos.

Mas droga. O pai de Cross tinha alguns genes fortes, com certeza.

— Não, amigo. — Blaise se segurou, sua boca se fechou e seus olhos brilharam. Ele pisou em volta de Cross, inclinando a cabeça para tentar olhar para Cross. — Eu não te conheço, na verdade. Sou novo este ano.

— Você não age como se fosse novo. Você age como se tivesse peso para jogar por aqui.

Blaise resmungou. Ele estava se preparando para uma luta, mas todo mundo sabia que isso havia passado. — Estou aqui para ajudar meu melhor amigo.

— Seu melhor amigo? — Os olhos de Cross estavam frios, seu tom ainda mais frio. — Não há melhores amigos aqui. Anda, amigo. Volte para a escola.

— Não sem Zeke.

— O quê? — Jordan e Zellman foram para o meu lado.

— Allen é seu melhor amigo? — Jordan perguntou.

Zellman coçou atrás da orelha. — Esse é o cara, certo? Cross?

Cross examinou tudo e tomou uma decisão. Ele deu um passo para trás, abrindo caminho, com a cabeça inclinada para o lado.

— Sim, este é o cara, — disse ele firmemente. — Você o ouviu. Deixe-o ajudar seu *melhor amigo a* sair daqui. — Ele arqueou uma sobrancelha, silenciosamente lançando um desafio ao meio-irmão. — Vamos deixa-lo pegar seu amigo. Temos lugares para estar de qualquer maneira.

Um dos caras inconscientes estava acordando. Seus olhos se abriram com um gemido e ele se sentou.

Blaise fez um gesto para ele. Seus olhos nunca deixaram Cross quando ele caminhou até Zeke. — Você pode me dar uma mão, Darby?

O cara ainda estava tentando limpar a cabeça. — Sim. Uh... espere. — Ele continuou piscando. — O que aconteceu?

— Você derruba um dos nossos, — disse Zellman. — Voltamos duas vezes mais duro.

Jordan bateu no ombro dele. — Vamos lá, Z.

Ainda de olho neles, seu lábio superior enrolado em desdém, Z começou a se afastar. — Sim. — Ele virou o dedo do meio no ar. — Até a próxima vez.

Cross desviou o olhar de seu irmão, sua mão pegando a minha. Ele se virou e começou a nos levar até a caminhonete de Jordan. Então foi como um feitiço levantado, e a realidade correu contra nós. Tínhamos acabado de lutar com os alunos da Fallen Crest Academy, perto do campus. Eles com certeza tinham câmeras de segurança e, embora estivéssemos do outro lado da rua, eles poderiam ter capturado tudo.

— Precisamos sair a jato. Agora!

— Vamos! — Jordan bateu no topo de sua caminhonete, o motor acelerando e a janela baixa. Zellman deu um pulo nas costas, ainda olhando para os caras.

Cross pulou atrás dele e eu me joguei no banco da frente. Jordan decolou, suas rodas girando sujeira antes mesmo de eu fechar minha porta. Então partimos, e eu não tinha dúvida de que colocaríamos outro problema em nossa pilha para enfrentar, mas eu não podia ignorar a emoção dentro de mim.

Eu me senti viva.

Não deveria ser assim, mas não pude negar.

Eu me virei, fazendo contato visual com Cross, e ele leu minha necessidade. Ele assentiu, estendendo a mão pela janela entre nós. Eu me movi, encaixando a minha contra o dele do outro lado do capô. Eu achei melhor contar a eles, quando chegássemos à escola, que já havia mandado uma mensagem com antecedência. Race iria nos cobrir, divulgando que estávamos na escola se as pessoas começassem a perguntar. A diretoria poderia mostrar que estávamos atrasados, mas a notícia nos corredores seria que estávamos na hora certa.

Precisei fazer isso caso alguém nos questionasse.

Assim que viramos a esquina, vi três funcionários da escola atravessando o estacionamento.

Chegamos à escola cinco minutos depois que o último sinal tocou para começar o dia.

Separando-me no banheiro, entrei e fiz uma limpeza rápida, mas ainda cheirava a bebida, fogueira, suor frio e sangue. Além disso, sujeira. Eu gemi, lavando meu rosto e puxando meu cabelo para cima em uma trança. Eu não poderia fazer muito mais, a não ser vestir um moletom diferente. Isso não disfarçaria o cheiro, mas eu tinha desodorante no meu armário e Taz tinha um spray corporal.

Quando saí, Cross estava terminando em seu armário. Ele parou, livro na mão, e recostou-se nele. Ele me deu um sorriso arrogante enquanto cruzava os braços sobre o peito.

— Olhe para você, — eu quase murmurei.

Ele riu, mas esse sorriso apenas cresceu. Abri meu armário e ele esperou que eu vasculhasse, conseguisse o que eu precisava e recuasse.

Espiando o novo moletom na minha mão, ele perguntou: — O que você está fazendo?

— Eu cheiro mal.

Coloquei as mangas de volta para que elas seguissem o caminho certo.

— E daí? — Ele se inclinou, me cheirando. — E você não está.

Eu estava. — Não importa. Garotas não gostam de cheirar mal.

— Uh, garotas geralmente não cheiram mal. Elas acham que sim, mas não cheiram.

Eu não ia ter um debate de gênero com ele sobre meus sentidos olfativos. Balançando a cabeça para o armário de Taz, perguntei: — Você pode abri-lo? Pegar seu spray corporal? Eu sei que ela tem alguns lá.

Enquanto ele fazia isso, usei meu desodorante e vesti uma camiseta. Eu fechei o zíper, tirei minha outra camisa e joguei no meu armário.

Cross percebeu o que estava acontecendo. — O que você está fazendo? — Ele entregou o spray, ainda me olhando como se eu tivesse perdido a cabeça.

— Essa camisa cheira a fogueira. Meu cabelo cheira mal. Eu vou me contentar com essa coisa.

Ele me empurrou, indo para o seu armário. Digitando o código, ele se inclinou para dentro enquanto eu me pulverizava e colocava o spray corporal de volta no armário de Taz. Cross tinha uma camisa na mão quando me virei.

— O que é isso?

— Uma camisa.

— Está limpa?

Ele o levou ao nariz, deu uma grande tragada e começou a tossir. Então, abrindo um sorriso, ele a entregou. — Estou brincando. Sim. É uma camisa velha minha que coloquei lá na semana passada. Eu não usei. Pegue. É melhor que um moletom. Você sabe que a bibliotecária tem alguma coisa contra moletons.

Eu estremeci. Ele estava certo. Ela pensava que eles eram casacos. Todos os casacos e bonés tinham que estar fora para entrar na biblioteca dela.

Eu fiz todo o processo novamente, puxando-o por baixo da minha camiseta.

O sorriso de Cross agora era um sorriso de merda, e seus olhos estavam presos no meu peito.

Fiz uma pausa, desenhando um círculo sobre meus seios. — Você está me olhando como se estivesse privado de sexo.

Eu sabia que ele não estava.

Ele deu um sorriso feliz, transformando seu rosto de quente e ardente para um filhote adorável que meus braços estavam doendo para agarrar.

Deus, eu amo esse cara.

— Estou apenas curtindo o show. E pensando em como vou comprar uma blusa de tamanho grande para fechar em torno de nós dois. Sua missão será trocar de roupa por dentro. — Seu sorriso era perverso novamente, seus olhos escurecendo. — Essa imagem vai me deixar passar o resto do dia.

Estávamos atrasados, no corredor. Tínhamos problemas, mas eu não conseguia me conter. Estendi a mão, tocando seus lábios. Eu disse suavemente: — Você está feliz.

Não foi uma pergunta.

Ele parou, pegando minha mão e considerou minha afirmação. Ele me abraçou, mas não se inclinou para um beijo. Ele continuou segurando meu olhar.

— Sim. Eu acho que estou.

Recostei-me um pouco, inclinando a cabeça para o lado. — Por causa do seu irmão?

Cross passou o livro para a outra mão e o deixou cair no chão. Então as duas mãos dele se espalharam pelas minhas costas, deslizando por baixo da minha camisa. Ele descansou o queixo no meu ombro, e eu passei meus braços em volta dele, meus dedos deslizando até seus cabelos.

Eu sabia sem olhar que seus olhos estavam fechados.

— Eu não sei, — ele sussurrou, beijando meu ombro onde a gola da camisa deslizou para o lado. Senti seu corpo inteiro respirar fundo e expirar. — Ele não sabia quem eu era.

— Não pareceu pra mim.

— Você acha que ele estava mentindo?

— Eu não sei.

Desenhei círculos na parte de trás do pescoço dele. Nesse momento, éramos namorado e namorada. Sem equipes. Sem problemas. Nenhum irmão ousou interromper.

— Acho que ele não sabe.

Eu assenti. — Você vai contar para Taz?

Cross endureceu e se afastou. Eu levantei minha cabeça para encontrar seu olhar, e ele me deu um sorriso tão triste. Suas mãos se moveram para os meus quadris, mantendo-me ancorada contra ele.

— Eu não sei. Como não? Ele se parece muito comigo.

Eu sorri torto. — Quase como você. Você é muito mais gostoso.

— E Zeke Allen é seu melhor amigo. Como diabos isso aconteceu?

Eu balancei minha cabeça. — Quem sabe, mas seu meio-irmão é rico. Zeke Allen parece um cretino, que gosta de coletar todas as ferramentas certas em seu galpão. Entende? Talvez seja uma dessas coisas?

— Talvez. — Suas mãos flexionaram, cavando meus quadris antes que ele me soltasse. — Nós devemos ir.

— Ei.

Ele estava prestes a se afastar, mas eu o parei, um dedo no queixo.

Ele parou, esperando.

— O que quer que esteja acontecendo, você e eu estamos bem. Equipe é tudo o que importa no final.

Ele assentiu. — Eu sei. — Ele se endireitou e beijou minha testa. — Me acompanhe até a biblioteca?

CAPÍTULO VINTE E SETE

Naquela tarde, depois da escola, desci ao inferno -*meu* tipo de inferno, não o tipo de inferno de uma garota normal, mas definitivamente o meu.

Eu estava comprando um vestido de baile e ainda fedia. Eu sabia que parecia um pesadelo – bolsas debaixo dos olhos. Eu tinha tomado três bebidas energéticas, e eu estou falando das grandes, não das pequenas latinhas bonitinhas. Então, eu estava meio que agindo como se estivesse em algo também, o que talvez eu estivesse.

Meu telefone tocou no meu bolso. Vendo que era Cross, eu respondi. — Olá, meu pênis.

Silêncio.

Puxei o telefone, verifiquei se era ele e cutuquei. — Alô?

— Você acabou de me chamar de pênis?

Eu continuei descendo a fila. Quantas cores de preto havia? Preto. Preto meia noite. Preto chumbo. Preto básico. Ônix. E eu nem estava olhando para os diferentes cortes dos vestidos ou dos tecidos.

— Bem, se você pensar sobre isso, você meio que é.

Ooh. Eu nunca pensei que seria a garota que gostava de renda preta, mas enfiei o telefone entre o pescoço e o ombro e estendi a mão para pegar o vestido de onde estava pendurado. Eu dei um passo para trás, segurando-o na minha frente. — Eu não tenho pênis, mas você tem, e você é meu cara. Aí está.

Eu gostei das mangas de babados?

Eu coloco de volta. Eu não era do tipo de manga plissada.

— Tudo bem. Você parece estranha. Onde você está?

— Estou fazendo compras.

E eu estava distraída novamente. Rosa? Por que eu estava me sentindo atraída por essa engenhoca rosa? Eu nem pensei que era um vestido. Parecia um lenço, algo que eu pendurava na minha cabeça. Seria perfeito como uma arma. Eu poderia envolve-lo no pescoço de alguém, subir de costas e depois torcer... eu me forcei a seguir em frente. Esse tipo de pensamento não era saudável, não para esta Bren nova e atualizada.

Eu escolhi não me concentrar nas duas últimas lutas das quais participei.

— Compras? — Cross xingou no telefone. — Você tomou alguma coisa? Não acredito que estou fazendo essa pergunta.

— O que? Compras ou o outro?

Ele ficou em silêncio por um momento. — Uh, ambos?

Eu sorri, sentindo-me corada por todo o meu corpo. — Não, mas acho que não preciso beber tantas bebidas energéticas depois de uma noite de equipe. É café ou uma soneca. — Um bocejo subiu e esperei até que passasse antes de murmurar: — Talvez eu devesse ter feito as compras amanhã.

— Hum. — Ele estava tão confuso. — *Por que* você está fazendo compras? Eu estava procurando por você depois da escola.

— Oh. — Sim. Eu esqueci. — Estou comprando porque o baile é neste fim de semana.

Ele ficou quieto. Novamente.

Então, — Oh, merda.

— Ha. Vejo que não sou a única que esqueceu.

— Eu preciso de um smoking para isso?

Dei de ombros, embora ele não pudesse ver, e fui em direção a essa criatura brilhante. Eu pareceria uma sereia nele.

— Pergunte a Race. Faça o que ele disser. *Mas não* diga a ele que agora estou comprando. Isso chegará a Taz, e ela vai surtar. Aparentemente, eu deveria ter feito isso há muito tempo.

Ele riu, parecendo tenso. — Tudo bem. Eu vou falar com Jordan e Z também. Onde você *está*?

Cerrei os dentes, sabendo que ele não ficaria feliz. — Estou em Fallen Crest.

— O quê?!

— Antes que você fique bravo, eu estou anônima, — corri para dentro.

E eu estava. Eu parei em casa, não para tomar banho como deveria, mas para pegar algumas roupas. Heather deixou algumas de suas coisas no quarto de Channing, então eu vesti uma de suas jaquetas de couro com uma blusa branca por baixo e um par de jeans. Meu cabelo ainda estava em uma trança, mas eu puxei um dos bonés de Channing.

Ninguém me reconheceria, especialmente aqui.

— Roussou não tem boas lojas, — continuei. — Fallen Crest sim. Há uma loja em Frisco, e é uma loja de dólar. É aqui ou ir para a cidade grande. Não tenho tempo para isso.

Ele gemeu. — Eu não gosto disso.

Eu também não. — Fazer compras não é minha coisa. Confie em mim. Eu vou fazer isso rápido.

Peguei outro vestido da prateleira. Era de tule branco, com brilhos rosados alinhados no tecido, e não demorou muito.

Tule.

Eu odiava tule.

Usualmente.

Gah.

Por que eu não posso largar isso?

Era tão feminino. Não era *o meu estilo.*

— Isso ficaria perfeito em você!

Eu pulei quando uma atendente apareceu magicamente ao meu lado, os olhos arregalados de admiração e a boca aberta. — Oh meu Deus, — disse ela, pegando-o das minhas mãos. — Vou encontrar um provador para você. Você tem que experimentar. Seu corpo, você ficaria magnífica, e eu estou com muita inveja agora. Estou de olho nisso desde que o conseguimos, mas não tenho corpo para isso. Minha irmã também não. Você, no entanto. — Ela me olhou de cima a baixo, balançando a cabeça. — Você estaria pronta para uma foto do Pinterest. Que sorte.

Ela se virou, indo para os fundos.

— O que acabou de acontecer? — Cross perguntou. No telefone. Ele ainda estava aqui.

— Eu... eu realmente não sei.

Ele bufou. — Tudo bem, eu não vou brigar com você, mas pegue seu vestido e me diga quando você estiver indo embora. O sistema de amigos ainda está em jogo, e você está violando. — Ele baixou a voz. — É a vez deles de vingança agora. Realmente não gosto do pensamento de você estar aí sozinha.

Eu sabia disso. Eu sabia disso, mas era um vestido. Um vestido.

Eu resmunguei no telefone: — Posso ir ao baile em calças de moletom da moda?

— Existe uma coisa dessas?

Tinha que existir. Todas aquelas fotos chiques de aeroporto. — Celebridades voam em coisas assim.

— Sim. Tudo bem. Não sei do que você está falando. Pegue o vestido. Envie uma mensagem ou me ligue quando sair da loja, quando entrar no veículo e quando estiver dirigindo de volta. Não esqueça que jantamos hoje à noite com seu irmão.

Eu estremeci. Eu tinha esquecido isso também. Era o que acontecia com poucas horas de sono e um dia inteiro de zoneamento enquanto dois estudantes normais foram entrevistados. Quando eles foram questionados sobre as equipes, eu chamei sua atenção e olhei. Eu fiz o meu melhor encarando.

Depois que souberam que eu estava anotando o que todo mundo estava dizendo, não precisei fazer muito mais do que olhar ocasionalmente. Mas fiquei muito boa nisso. Algumas vezes eu puxei minha faca. E eu tive que fazer isso quando estava na parte de trás e quando sabia que nenhum cara de câmera se virava e me via. Porque, merda ruim cairia para mim se isso acontecesse. Mas valeu a pena. Os olhos ficaram muito grandes quando minha faca aparecia, mesmo que por um segundo, e o resto dos alunos passou por suas perguntas sem revelar muita coisa depois disso.

— Eu vou. Te amo, — eu disse a ele.

— Lembre-se, fique anônima.

Os sinos da loja tocaram atrás de mim quando alguém entrou.

Eu assenti. — Considere-me um camaleão. Ninguém vai me reconhecer. Confie em mim.

Desliguei e me virei, cara a cara com o meu ex.

— Oh, merda. É você.

Drake Ryerson sorriu para mim, convencido. — Você pode estar se misturando com os vestidos atrás de você, mas tenho certeza que é Bren Monroe diante de mim.

— Olhe para mim rindo. Um comediante entrou no prédio.

Ele riu, mas um pouco de sua arrogância desapareceu. Ele se moveu ao meu redor, procurando alguma coisa. A mão dele traçou alguns dos vestidos. — Imagine meu choque, dirigindo por esta rua em Fallen Crest e vendo uma das caminhonetes de seu irmão.

Veja? Eu realmente tinha tentado o anonimato, mesmo passando a mão nas chaves de um dos veículos de Channing.

— E eu tenho certeza que a garota que eu vi saindo daquela caminhonete e entrando aqui não era Heather. — Ele tocou no final da minha trança. Afastei a mão dele: — Sua futura cunhada não tem cabelos escuros. — Ele me analisou de cima a baixo, da mesma forma que a atendente, mas toda uma camada de sujeira seguiu seu caminho. — E Jax mostra mais pele do que você – não que eu esteja reclamando. Você poderia mostrar *muito* mais pele.

Deus. Aquele sorriso.

Eu queria socar sua garganta. — O que você está fazendo aqui, Drake? — Eu olhei para trás dele. — E sozinho?

— Por que *você* está sozinha? — Ele respondeu.

Eu não achava que Drake fosse meu inimigo, atualmente, de qualquer maneira, mas eu realmente precisava pegar essa coisa maldita e ir embora. A funcionária não voltou. Continuei procurando, apenas por mais opções.

— Estou fazendo compras e me escondendo de Taz, pois ela acha que eu já deveria ter esse vestido. Minha desculpa é justificada. Por que você está sozinho? Você faz parte do sistema de amigos, você sabe.

Ele seguiu, puxando um vestido para mim. — Isso ficaria bem em você. — Ele apontou a bainha curta. — Muita coxa. Cross me agradeceria.

Peguei o vestido, pendurei-o novamente e encostei-o contra ele. Acho que não deveria ser multitarefa aqui. Um oponente de cada vez.

— Você está aqui por uma razão. Você me *seguiu até* aqui por uma razão. — E eu não estava esquecendo o que Alex havia nos avisado sobre ele - que Drake não estava aqui para liderar a equipe Ryerson.

Alex estava errado? Drake estava realmente aqui por mim? Isso não parecia certo. Drake já estaria me incomodando muito antes. Muito tempo se passou desde quando ele voltou.

Drake vai atrás do que quer. Uma vez eu pensei que era agradável. Agora eu usei isso como um sinal de aviso.

Não. Drake não me queria, mas e então?

Eu o prendi com um olhar. — Apenas diga o que você veio aqui para dizer.

Ele hesitou e eu sabia que estava certa.

Ele deixou de fingir, seus olhos examinando a loja mais uma vez, permanecendo na rua, antes de baixar a voz. — Você sabia que seu diretor anterior se casou no verão passado?

Eu fiz uma careta. Que porra? — Diretor Neeon?

Ele continuou como se eu não tivesse falado: — Que a nova esposa dele é irmã do seu novo diretor?

Uma Kenneth do sexo feminino?

Eu perguntei suavemente, mais cautelosa: — Onde você está indo com isso?

Mais uma vez ele ignorou minha pergunta. — E a filha de Neeon sofreu um colapso durante as férias. Ela teve que ser enviada para um colégio interno, que não é apenas uma escola de ensino médio.

Ele estava tentando me dizer uma coisa. Seus olhos brilharam, escondendo um significado lá, mas eu não estava seguindo. Ele estava dando dicas, querendo que eu seguisse a trilha.

— Drake.

— Você sabia que a irmã de Broghers é policial? — Aquela sobrancelha solitária se levantou novamente. — Ela é policial aqui, em Fallen Crest. — Seu olhar ficou vazio depois disso.

Ele terminou. Ele disse o que veio dizer, e eu não fiquei s

urpresa quando ele caminhou ao meu redor, quase em um círculo completo.

— Pense em todas essas pistas. Elas não são *interessantes*? — Com isso, ele saiu.

Um último olhar para mim antes que ele se virasse e saísse, assim que ouvi a atendente voltar.

Ela bateu palmas, ainda radiante. — Espero que você não se importe, mas eu puxei mais alguns vestidos para você. Estão todos prontos. — Ela se inclinou, sussurrando: — E entre você e eu, conversei com a gerente. Eu disse a ela que poderia ter encontrado uma modelo local para o desfile de moda da nossa loja. Você seria paga e, é claro, temos que garantir que o vestido fique bem em você, mas acho que tudo ficará incrível. Você está pronta? Você não está animada?

Sim. *Animada.* Não é a palavra que eu usaria agora.

Mas eu ainda precisava de um vestido. — Onde fica o provador?

CAPÍTULO VINTE E OITO

Minha casa estava um caos quando entrei.

Quando eu mandei uma mensagem para Cross quando estava voltando, ele disse que o jantar estava quase pronto. Eu esperava Channing, Cross, talvez Heather.

Mas ouvi vozes do meio-fio onde eu tinha que estacionado. A entrada estava cheia. Subindo a calçada, olhei de volta para a rua. Cinco Harleys estavam estacionadas, junto com o Ford de Taz, a caminhonete de Jordan, e eu tinha quase certeza do carro de Race. O que estava acontecendo?

Entrei e o barulho me bombardeou ao mesmo tempo que os cheiros. Grelha. Cachorros quentes. Hambúrgueres. Vozes rindo, gritando. Algumas risadas profundas e murmúrios de barítono. Tudo com música baixa por baixo: Beastie Boys, — Sabotage.

Uma festa. Isso é o que estava acontecendo.

Zellman estava tocando violão quando fui para a cozinha. Jordan estava fazendo tambores de ar, sentado à mesa. Duas colheres de pau eram suas baquetas.

Se ‘Make Some Noise’ aparecesse a seguir, eu os expulsaria da rua.

— Bren! — Taz acenou para mim da escada do porão. — Venha aqui. Temos que conversar.

Os caras pararam o show no ar e acenaram para mim. — Ei, Bren.

— Onde está Cross?

Jordan apontou para o pátio com uma de suas colheres de pau. — Eu não iria lá fora, no entanto. Seu irmão está com a mão no ombro de Cross. A equipe dele também está lá fora.

Eu balancei a cabeça, dizendo para Taz: — Um segundo.

Meu vestido estava pendurado nas minhas costas. Eu não tinha certeza se ela já tinha visto, mas eu não queria anunciar o quão atrasada estava em estar preparada para o baile.

Ela fez uma careta. — O que é isso?

— Limpeza à seco. Para Channing. Uh... Ele tem uma camisa favorita. — Eu corri para trás. — Eu deveria pendurar isso.

— Desça depois disso. Algo sério aconteceu com Monica. Você precisa saber sobre isso.

Oh céus. Monica. Eu estava tremendo nas minhas botas.

Virei-me ao mesmo tempo em que Heather estava saindo do quarto. Ela parou, inclinou a cabeça para o lado e estreitou os olhos. — Bela jaqueta.

Meu sorriso era rígido. — Sim.

Ela olhou para minha camisa também. — E regata.

— Obrigada.

Ela estava olhando para o meu jeans quando passamos uma pela outra.

— Esses são meus. — Ela assentiu.

— Eu percebi, mas também estou me perguntando, por que não tenho um par também? — Ela me olhou com um olhar. — Isso vai ser um problema? Compartilhando roupas?

— Não, a menos que você comece a compartilhar as minhas.

Ela resmungou. — Touché, pequena Monroe. Touché.

Heather passou por mim, dando a Zellman e Jordan o sinal dos chifres, balançando a cabeça com a música.

— Ei! Sim!

Jordan partiu em um solo de bateria quando Zellman jogou seu próprio sinal das buzinas para Heather. Então ele voltou a tocar ao lado de Jordan.

Heather sorriu para eles, pegando uma garrafa de rum antes de sair para o pátio.

Eu estava apenas colocando meu vestido no armário quando uma batida suave soou na minha porta. Ela se abriu e Cross entrou. Seus olhos se aqueceram, me vendo. Ele veio, sua mão deslizando pela minha cintura. — Ei. — Ele se moveu, e sua boca estava na minha.

Eu poderia provar o rum. Prazer e calor me encheram, e eu juro, meus dedos enrolaram. Tão brega, mas era a verdade. Eu não estava preparada para esse beijo.

— Hummm. Uau. — Eu me afastei. — De onde isso veio?

Ele se mexeu, me puxando firmemente contra ele.

Eu sorri, sentindo-o. — Oh. Aqui.

Ele riu, beliscando meus lábios novamente. — Sim. Aqui. — Sua boca se moveu sobre a minha, exigente, quente. — Eu quero você.

Eu fiquei tentada. E eu não deveria estar. Havia uma casa cheia, literalmente, mas Cross me pressionou contra o armário, sua boca crescendo comandando e *poooorra*. Sua mão deslizou dentro do meu jeans, encontrando exatamente onde eu estava latejando, e minha mente começou a se desligar.

Então a maçaneta da porta sacudiu.

— Ele... o quê?

Taz. Ela bateu contra a porta. — Bren? Bren! Você está aí?

Cross amaldiçoou, sua boca rasgando. — Merda. Desculpa. Eu estou... — ele sorriu, um pouco envergonhado. — Parece estranho dizer isso, mas estávamos escondendo bebidas em nossas bebidas.

— Certo. — Eu disse secamente. — Porque eu tenho certeza que meu irmão não tinha noção.

Ele deu de ombros, mergulhando a testa para descansar no meu ombro. Sua mão alisou sobre meu estômago, saindo do meu jeans. — É um relacionamento satisfatório. Ele não perguntou, eu não fui voluntário. Aí está.

— Bren! — A porta inteira estava chocalhando agora. — Você está aí?

Suspirei, puxando para fora dos braços de seu irmão. — Estou aqui. Um pouco ocupada agora.

— O que? Por quê? Eu só vi você cinco segundos atrás.

— Taz. — A voz de Cross provocou minha pele, sua testa ainda no meu ombro. — Vá embora.

— Oh, meu Deus! Você está transando?

— Não mais. — Ele suspirou novamente antes de levantar a cabeça. Dois passos atrás, ele destrancou a porta e a abriu. — Minha irmã. Bloqueadora de pau extraordinária.

Taz não estava sozinha.

Tabatha estava ao seu lado, mordendo o lábio para não rir. Sunday era a próxima, uma mistura de nojo e algo que eu não pude colocar em seu rosto. Elas tinham outra garota com elas, mas eu não a reconheci. Sem Lila e sem Monica. Eu fiquei aliviada. Elas ainda tinham afeição por Cross.

Taz *apareceu*, entrando no meu quarto, empurrando o irmão para o lado. — Você a pega o tempo todo. É a nossa vez agora. — Ela se virou, cruzando os braços, as pernas afastadas.

Ela estava? Ela estava. Ela estava lutando contra seu irmão gêmeo.

— Cai fora, irmão. Quero minha amiga hoje à noite.

Duas garotas riram.

Cross estreitou os olhos. — Não se esqueça, eu sou a razão de você ter sido convidada hoje à noite.

— Fui convidada porque você queria uma proteção entre você e o irmão de Bren. Todos sabemos que você caga nas calças quando são apenas vocês dois.

Cross olhou para mim, e eu reprimi algumas risadas. Cross pode ter sido um pouco cauteloso, mas Taz estava longe.

Ele balançou sua cabeça. — Você está certa, mana. Tenho pavor do cara com quem estou morando. — Seu tom era provocador. — Você me pegou aqui.

A boca de Taz se fechou, e as lágrimas brotaram.

Ela havia esquecido, por um momento, que seu irmão não estava mais morando com ela.

— Certo, — ela continuou depois de um momento. — Bem, eu não ligo. Saia. Eu quero Bren agora.

Cross parecia pronto para discutir, provavelmente apenas porque estava gostando de agitar sua irmã, quando Tabatha se adiantou.

— Temos coisas de garotas para discutir. Você pode garantir que eu ainda tenho um namorado?

O olhar brincalhão nos olhos de Cross caiu. Eu tinha razão.

Uma máscara tomou o seu lugar. — Eu não dou a mínima. Foda-se. — Seus olhos encontraram os meus por um segundo antes dele passar pelas meninas.

Uma batida cheia de silêncio o seguiu. Então as mãos de Tabatha foram para seus cabelos. — Jordan está distante de

mim, e isso confirmou. — Ela se virou para mim. — Você *disse* a eles.

Eu balancei minha cabeça. — Você pensou que eu não faria? Está falando sério?

Sunday zombou: — Código de equipe. Tab. Lembra? Não há código de garotas com Bren.

Eu girei para ela. — Você tem algum problema comigo? — Meu tom era de gelo.

As meninas se mexeram. Quando elas esqueciam quem eu era, eu as mostrava. Eu deixava algumas vezes a velha Bren espreitar, e Sunday recuou um passo.

Ela tossiu, seus olhos olhando para qualquer lugar, menos para mim. A voz dela estava tensa. — Olha, tanto faz. Diga a ela o que aconteceu.

— Certo. — Taz assumiu. — Estamos chamando isso de motim da Monica.

— Motim da Monica?

— É uma loucura. — Ela acenou com a mão em movimentos rápidos e afiados. — E eu estou tão chateada com isso.

— Apenas diga a ela. Ela precisa saber. — Sunday parecia pronta para explodir.

— Certo. Tudo bem. — Taz respirou fundo. — Monica deixou o grupo. Ela levou Lila e Angie com ela.

— Quem é Angie?

— Bom Deus, — Tabatha murmurou. — É como se você não conhecesse ninguém. Ela foi uma das minhas melhores amigas nos últimos três anos.

Anotado. Angie era importante para Tabatha. Eu fiz uma careta. — Por que eu preciso saber disso?

— Porque o código está fora. Se foi. Destruído.

— Qual código?

— Código de garota! — Sunday estalou, depois levantou as mãos em sinal de rendição. — Desculpe. Eu só... é uma coisa. Não apenas as equipes têm códigos. Amigas também. — Ela gesticulou para Taz. — Sua. Desculpe.

— Sim. — Taz virou-se para mim. — Então isso é um problema para você, porque ela tem uma entrevista marcada para o final da semana com esse programa. Sabemos que você deveria ajuda-los...

Tabatha bufou. Sunday tentou abafar sua própria risada, e ela se virou de frente para o corredor. As meninas estavam rindo.

Taz revirou os olhos. — Sim. Supostamente. Todo mundo sabe que você está realmente apenas assustando as pessoas para falar sobre as equipes, mas de qualquer maneira. Monica. Ela vai lá, vai vê-la, e não dá a mínima. É guerra para ela.

— Guerra? Por quê? — Estava perdendo alguma outra coisa?

— Ela está cansada de seguir as regras. — Isso veio da garota que eu não conhecia.

— Quem é você?

Ela corou, seu rosto ficando vermelho.

— Oh meu Deus. Veja? Isto é o que eu estava dizendo. Ela não sabe de nada! — As mãos de Sunday voaram no ar. — É tão agravante. Também somos pessoas, Bren. Nem tudo é sobre os caras.

Eu não pude evitar. — Você parece triste.

— Agh!

Eu ri. — Relaxe. Eu sei, mas de quais regras você está falando? O código de garota de novo?

— Não. O código de amizade.

Havia tantos códigos.

— E sim, o código de garota... na verdade não. Deixa pra lá. O código de amizade. Ela se separou do grupo porque está namorando alguém da Fallen Crest Academy agora. Ele disse que o sistema de equipes é estúpido, portanto, é claro que agora Monica pensa também. Ele fez uma lavagem cerebral nela, pensando que vocês são o inimigo. Ela acredita que é sua missão ajudar a destruir o sistema de equipes. Vocês estão com muitos problemas porque ela vai falar. Ela vai dizer tudo, e eu quero dizer *tudo*.

— Mas o que ela poderia dizer? Entramos em brigas?

— Que vocês hospitalizaram Alex Ryerson! — As mãos de Sunday estavam novamente em pé. — Que Cross pegou uma arma quando vocês foram procurar Alex. Ela vai falar sobre como você esfaqueou o diretor e como seu irmão administra a cidade e consertou para que você não tivesse tempo de prisão. Ela provavelmente vai inventar coisas também. Você não está me ouvindo. Isso é grande, tipo, *grande,* gigante. Todo mundo sabe que o documentário é sobre as equipes. O diretor Broghers quer que o sistema acabe – tipo, evapore. Vocês são baratas para ele. Brilhe a luz, e as baratas se espalham. É isso que ele espera que aconteça e está funcionando. Você sabia que duas equipes se separaram esta semana?

Ela se moveu em minha direção. — A equipe nova da Frisco está acabada e essa outra. Eu nunca me lembro do nome deles, mas eles também se separaram. São vocês e a equipe

Ryerson. Isso é tudo... ah, e a do seu irmão, mas eles não estão na escola. E eles não são mais caçadores de recompensas agora? Eles ainda são uma equipe?

Esse foi o debate interno, eles são ou não? Eu levantei um ombro. Mesmo eu não pude responder isso.

Eu a estava ouvindo, observando tudo. Vamos cuidar de Monica, mas uma coisa estava me incomodando. — Por que você está tão chateada com isso?

— PORQUE EU ME IMPORTO COM VOCÊ E SUA ESTUPIDA EAUIPE E ZELLMAN E EU ME IMPORTO! — Sunday gritou. — Tudo bem?! Eu só faço. Eu apenas me importo. Eu nem sei por que, e é tão frustrante, mas eu faço. Tudo bem?! — Ela estava gritando na minha cara, sua respiração me explodindo.

Tive o impulso repentino de abraça-la, mas isso foi insano. Em vez disso, eu sorri. — Obrigada.

Ela parou. Suas bochechas incharam e então ela gritou, as mãos nos cabelos. — OH MEU DEUS! Ela é tão frustrante!

— Ei, ei, ei. — Jordan entrou na sala, com as mãos para cima, como se quisesse suavizar as coisas. Ele se virou, ficando ao meu lado. Zellman permaneceu no corredor, franzindo a testa. Vi outros chegando pelo corredor, mas Z balançou a cabeça para eles. Eles pararam, mas não se afastaram.

— O que está acontecendo aqui?

— Sua garota é muito frustrante! — Sunday ainda estava gritando. — É isso que está acontecendo.

— Tabatha?

— NÃO! Bren! — Ela me apunhalou no ar.

— Sim. Eu entendo de amizades, — disse Tabatha. — Bren não. Você é da família dela ou não é. Não há meio termo.

— Ei. — Havia muito entre mim. — Nós somos... amigas... mais ou menos?

— Você falou sobre mim para o meu namorado.

Minha cabeça recuou. — Existe uma hierarquia. Você está embaixo do Jordan.

Zellman começou a rir.

Sunday virou-se para ele. — Isso não é engraçado!

— É meio que é.

Ela entrou na cara dele. — Não é assim! Você não estava ouvindo? Monica e Lila se separaram do grupo. Lila vai fazer um movimento em Cross, e Monica quer destruir tudo agora.

— TUDO BEM! — Jordan levantou a voz para falar sob Sunday. — Nós cuidaremos da Monica. Lila não é realmente um problema, mas quem é o cara que Monica está namorando?

— Por que? — Sunday mostrou o lábio inferior, as mãos nos quadris. — Então vocês podem bater nele?

— O que? Não. — Jordan cruzou os braços. — Para que a equipe de Channing vá espanca-lo.

Um dos caras no corredor ouviu e deu uma risada. — Sim. Certo. Achei que isso era uma coisa do ensino médio para lidar.

Outro cara começou a rir antes de se afastarem, seus passos indo para a cozinha.

A porta do pátio se abriu e eu pude ouvir a voz de Heather. — O que está acontecendo aqui?

Um dos caras disse: — Drama do ensino médio.

Ao ouvir isso, Sunday gritou: — OH MEU DEUS! Ninguém está me levando a sério!

— Oh meu Deus, Sunday! — Zellman tocou em seu braço. — Acalme-se. Nós estamos, mas também estamos brincando com você. Jordan está. Bren também. Acalme-se.

— Oh. — As sobrancelhas dela se apertaram. — Vocês estão?

Jordan e eu assentimos. — É realmente muito fácil agora, — acrescentei.

Ela olhou para nós e quase pudemos ver o vapor saindo de seus ouvidos. Ela estava perdendo a paciência, se preparando para nos explodir novamente.

— Z, — eu disse.

Ele bateu a mão na boca dela quando ela gritou. — Entendi.

Ele pegou a mão dela e a puxou da sala. Eles saíram um segundo depois.

— Está bem então. — Foi a vez de Tabatha. Ela estava muito mais calma. — A coisa da Monica é um problema real, estejam vocês levando a sério ou não.

— Ela está namorando alguém de Fallen Crest. Isso, por si só, é um grande erro de merda. — Eu disse a ela. — Então, sim, estamos levando a sério, mas nós lidamos com merda por lá. Vamos lidar com ela, mas faremos do nosso jeito.

— Então violência física? — Tabatha foi até o namorado. Ela inclinou a cabeça para trás. — Você vai bater nele, certo? Você pode ter rido de Sunday, mas é assim que você lida com as coisas. É isso que você tem feito. Por que você de repente mudou de tática?

Jordan compartilhou um olhar comigo. — Nós não usamos apenas violência.

Eu assenti. — Ameaçamos a tortura. Isso é diferente.

— Você está certa. Nós temos. — Jordan se animou, lutando contra outro sorriso.

Tabatha balançou a cabeça. — Desisto. Tanto faz. Você sabe o que vai fazer. — Ela começou a tempestear, mas parou de repente e virou-se de volta. — Só que a violência nem sempre funciona. Simplesmente não vai. Por que você acha que as câmeras estão aqui? Porque isso vai funcionar, e me incomoda dizer isso, porque enquanto eu pensava que as coisas das equipes eram estúpidas – mas quentes e perigosas ao mesmo tempo - eu odeio isso agora. Eu odeio que meu namorado esteja na gangue mais perigosa e mais rígida que existe. E eu odeio que eu me preocupo constantemente com ele. Eu odeio ter pesadelos, e a 'surra' foi longe demais. Eu odeio que eu acorde gritando às vezes. Minha mãe corre. E eu *realmente* odeio ter que mentir o tempo todo para que meu namorado não seja odiado por pessoas que me amam, que se preocupam comigo. E eu realmente, realmente odeio que, não importa o quanto eu o ame, outras três pessoas sempre terão precedência sobre mim. É isso que eu odeio, mas mesmo com tudo isso, há uma necessidade das equipes da nossa escola. Porque *é* perigoso por aí, mas porque eu sei que quando estou em Roussou, estou segura. Eu não vou ser estuprada, nem assaltada, nem ser

roubada. E pode ser apenas em Roussou que eu sei que estou segura, mas isso significa alguma coisa. Minha prima foi estuprada em uma festa no ano passado, e meu primeiro pensamento quando soube disso não era sobre ela. Era sobre mim. — Sua voz tremeu, ficando mais grossa. — Foi *graças a Deus que nunca aconteceu aqui*. E eu pensei isso por causa das equipes, porque *vocês* não deixariam isso acontecer. Todo mundo está com muito medo de vocês. Quero dizer, a equipe Ryerson ficou assustada por um minuto por causa de Alex, mas ele está bem agora. Eles estão bem agora. Você entende o meu desvio. Alex ficou louco por alguns meses, mas vocês pararam com ele. Esse é meu argumento.

Alex. *Drake*.

Eu tinha esquecido dele, o que ele disse. Eu precisava contar aos outros.

Olhei para Jordan, mas ele não estava prestando atenção. Ele estava totalmente focado em sua namorada, e eu toquei a parte de trás de seu braço. Ele olhou para baixo. Eu balancei a cabeça em sua direção. *Vá para ela.*

Os ombros dele caíram. Eu não tinha percebido que ele estava tenso, mas então ele foi até ela.

— Babe, — ele disse suavemente, juntando-a em seus braços.

Ele deu um beijo na testa dela, e ela começou a soluçar.

Ela agarrou a parte de trás dos ombros dele e segurou-o, enterrando a cabeça no peito dele. Ele a embalou, passando a mão pelos cabelos e pelas costas.

Taz foi a primeira a sair da sala. Eu estava atrás dela.

Jordan murmurou para mim: — Obrigado.

Eu balancei a cabeça, sentindo um déjà vu porque estivemos aqui antes.

As pessoas estavam reunidas na sala, exceto os amigos de Channing. Eles estavam do lado de fora.

Cross e Race estavam sentados nos sofás, esperando por nós, cotovelos nos joelhos.

Cross levantou a cabeça quando entramos. — Está tudo bem aí?

Eu afundei no sofá ao lado dele, batendo em sua perna. — Mais tarde. Reunião da equipe. — Taz foi afundar no colo de Race e eu a encontrei. — Temos um problema com a Monica para resolver.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Cross pairou acima de mim, seus lábios na minha garganta enquanto ele entrava e saía.

Ele escapou quando Channing e Heather saíram. Eu assumi que eles foram à casa dela, provavelmente para que eles não tivessem que ficar tão quietos. Seu irmão tecnicamente morava com ela, mas eu sabia que havia noites em que ele não estava lá. Esta noite foi provavelmente uma daquelas noites, e eles pensaram que poderiam esperar até depois das três, certificando-se de que nós, crianças, estivéssemos bem, adormecidos e alheios. Mas eles eram idiotas - idiotas que eu não ia educar.

De jeito nenhum.

Cross deslizou de volta para dentro, movendo-se agradável e lentamente -delicioso. Ele moveu a boca para o outro lado da minha garganta, sua mão e polegar esfregando sobre o meu peito. Quando ele entrou, pensei que seria uma viagem brutal e difícil. Ele estava com fome mais cedo, mas fiquei surpresa. Foi um encontro lento e terno, fazendo amor, que me fez chorar pouco antes de chegar ao topo, e já tinha feito isso. Duas vezes.

Eu gemi quando ele começou a ganhar velocidade, suas mãos deslizando pelos meus braços para se entrelaçarem com as minhas. Ele as segurou acima da minha cabeça e olhou nos meus olhos. Eu já estava sendo uma garota, e quando ele fez isso, mais algumas lágrimas escorreram. Ele podia ver dentro de mim, estar dentro de mim, e eu quase não conseguia lidar com isso.

— Mostre-me, — ele sussurrou, seus lábios beliscando os meus. Ele empurrou com mais força em seu comando. — Mostre-me você. Eu quero te ver.

Deus.

Ele rasgou um buraco bem no meio do meu peito, onde eu a mantive enterrada. Ela estava lá, junto com toda a dor do meu passado, tudo trancado agradável e apertado. Ele sabia onde eu a tinha enjaulada e queria que ela aparecesse.

— Cross, — eu sussurrei, um apelo na minha voz.

— Mostre-me. — Ele soltou minha mão, capturando o lado do meu rosto. Seu polegar esfregou meus lábios. — Eu preciso ver você, Bren. Não é você em meus braços agora, não a *você* que você mostra a todos os outros. Eu preciso da verdadeira você, aquela que eu sei que você esconde. Eu preciso de você.

Eu ofeguei, e minhas costas arquearam.

Eu a senti subindo.

Eu não poderia mantê-la no chão, não quando Cross chamava.

Eu comecei, minha voz rouca e crua, — Só você. Apenas para você.

Ele gemeu, fechando os olhos enquanto empurrava novamente, empurrando profundamente e segurando. Então, a dor me inundou. Em toda parte.

Não era apenas dor. Foi tudo. Eu senti tudo.

Amor.

Agonia.

Dor.

Raiva.

Eu podia sentir o cheiro do suor em nossos corpos. Eu podia sentir o cheiro que Channing ou Heather haviam lavado minha fronha recentemente. Eu podia sentir o cheiro do perfume lilás que Cross tinha me comprado de presente e eu estava obcecada. E pude provar minhas lágrimas – não as de quando ele me levou ao clímax, apenas para fazer meu corpo subir mais uma vez por outro, mas as lágrimas do passado. As lágrimas de sentir falta da minha mãe, de sentir falta do meu pai, de negar-me a visitas com ele, as lágrimas de me ressentir de meu irmão e não o amar totalmente como família, as

lágrimas de ver Jordan machucado, de ver Zellman rasgado por Sunday, e acima de tudo, as lágrimas de sentir o tormento dentro de Cross sobre sua família sendo rasgados pela separação.

Eu experimentei tudo.

E eu pude ver dentro dele também.

Ele estava ali, olhando para mim, e vi o profundo desejo que ele mantinha controlado, porque sabia que eu me segurava demais.

Mas eu precisava. Eu não suportaria a vida se a vivesse assim, sentindo tudo. Eu não podia, mas agora, com minhas pernas enrolando mais forte em torno de seus quadris, este era o único lugar que eu tinha que estar.

Seus lábios encontraram os meus, segurando, reivindicando.

Ele começou a se mover com mais força, mais profundo, depois parou e girou os quadris, movendo-se para tocar todas as partes de mim, e eu quase gritei. O prazer quase me cegou. Minhas costas arquearam novamente. Eu estava quase fora da cama, apenas minha cabeça e quadris me mantendo lá. Cross levantou comigo, sua boca se movendo para provar meu mamilo quando ele rosnou e agarrou minha cintura, me segurando. Ele

começou a empurrar, e eu estava uma bagunça frenética, empurrando para trás com a mesma força.

Lágrimas escorreram pelo meu rosto.

Ele subiu, provando-as e encontrou meus lábios. — Eu te amo, — ele respirou.

Um gemido profundo me deixou. — Eu te amo.

Quando nós dois empurramos a borda, ele encontrou minha mão, seus dedos deslizando contra os meus e empurrando mais uma vez. Nós dois caímos, nossos corpos se sacudindo da ferocidade e, depois, calmos.

Total. Completo. Quieto.

Isso me encheu tanto quanto todo o resto, e eu fiquei quieta, totalmente imóvel, saboreando- a.

Eu o senti. Eu nos senti.

Seus lábios estavam na minha garganta, e então eu os senti roçar meu rosto. Ele estava provando mais das minhas lágrimas.

Eu ofeguei, a dor inevitável me cortando enquanto meu clímax se movia e a vida se filtrava.

— Cross, — eu chorei, minha voz ainda rouca. — Cross.

Ele se mexeu, me reunindo em seus braços. Ele espalhou beijos sobre minhas bochechas, minha testa e depois permaneceu nos meus lábios.

— Estou aqui. Não, Bren. Por favor. Fique comigo. Eu sei que você vai trancá-la de volta, mas não hoje à noite. Não até a manhã.

Não pude. A negação foi rápida nos meus lábios, mas vendo sua agonia, sabendo o quanto ele precisava de mim, eu a sufoquei. Eu segurei e a puxei de volta para mim. — Tudo bem.

— Tudo bem? — Ele procurou meus olhos.

Eu assenti. — Tudo bem.

E eu fiquei.

Eu a colocaria de volta pela manhã.

Ele se enrolou ao meu redor, a cabeça no meu pescoço, a mão no meu peito e uma das pernas entre as minhas. E fomos dormir.

CAPÍTULO TRINTA

Eu poderia ir para a cadeia pelo que estava fazendo.

Eu não me importei. Acordando nos braços de Cross, eu comecei a me esconder. Eu me entorpeci, apenas sentindo um terço do que eu podia aguentar, mas eu parei no meio do caminho. Eu não sabia o porquê. Normalmente, eu mal podia esperar para desligar minhas emoções, mas esta manhã, depois de sentir isso com Cross, sabendo o quão especial era, havia uma dor que não sentia há muito tempo. Meses talvez.

Eram quase sete da manhã agora. O tempo estava estupidamente próximo, mas eu não conseguia me conter.

Rastejando por cima da cerca, eu não soltei a trava porque vi que eles finalmente se machucaram e compraram uma cerca completa que percorria todo o caminho em volta do gramado. Quem sabia que outras mudanças haviam feito. Eles tinham comprado um cachorro desde a minha última visita, mas os brinquedos eram os mesmos.

Eu já os assisti antes. Parecia outra vida atrás, muita coisa havia acontecido. Tantas mudanças, mas eu tive que vir. Eu tinha que ver se a via.

Esgueirando-me por cima da cerca, não querendo arriscar que eles tivessem um alarme ou dobradiças estridentes, eu caí e depois estava oficialmente invadindo. Não importava que aquela tivesse sido minha casa crescendo, ou que era ali que minha família fora arrancada de baixo de mim. Em um ponto, a casa de dois andares tinha sido minha, e eu sabia que era irracional, sem sentido, mas ainda me perguntava se poderia vislumbrar minha mãe andando pelos corredores.

Assustador, eu sei.

Eu estava muito longe de me importar.

Uma boneca Barbie olhou para mim da grama. Um pequeno triciclo. Uma infinidade de caminhões e trens. Um dinossauro. Algumas figuras de super-heróis. Grandes peças de plástico para um quebra-cabeça.

Peguei cada uma delas, levando-as para o pátio da frente e colocando-as em frente aos degraus de madeira. Eu conhecia aqueles rangidos. A casa não havia sido reformada, e eu pude ver que eles não haviam subido as escadas ou o pátio, então guardei a viagem para o final.

Uma viagem após a outra, peguei um brinquedo, peguei-o em frente ao convés e o deitei na grama. Uma segunda viagem. Uma terceira. Mais de seis até eu ter todos os brinquedos coletados. Depois disso, mudei para o modo furtivo. Eles tinham dois grandes baús de brinquedos ao lado da janela. Ambos

estavam abertos, os topos, e por que não? A cerca era alta o suficiente para impedir as pessoas de invadir seu espaço, dando a eles um pouco de privacidade, mesmo que fosse o gramado da frente. Roussou não era grande em casas sociais.

Ajoelhei-me e silenciosamente coloquei todos os brinquedos no parapeito do convés. Havia espaço suficiente através dos potes menores. O triciclo eu deixei para o final. Era muito grande. Quando tudo estava lá, exceto isso, pulei os degraus e subi no corrimão do meio. Era o mais resistente e o único que não iria ranger sob o meu peso. Então, pisando no degrau do meio – outra que eu sabia que ficaria em silêncio – comecei a colocar os brinquedos no peito. Um por um. Quando tudo terminou, fechei a tampa e me inclinei para trás, levantando o triciclo. Girando sobre os calcanhares, descansei o triciclo entre os baús.

Estava feito.

O gramado estava limpo.

Era quando eu deveria ir.

Eu deveria me virar e me esgueirar de volta do jeito que vim, porque eu não era do tipo que invadia e roubava coisas. Mas não consegui ir embora.

Engolindo em seco, meus instintos estavam quietos. Eu gostava de ouvi-los, mas não conseguia me mexer. Soltando um

suspiro silencioso, me aproximei do convés, certificando-me de tocar levemente as tábuas, para que apenas duas protestassem sob o meu peso e eu estivesse no banco de balanço. Descendo, sentando-me de costas contra a extremidade, pude ver a casa e só precisava virar a cabeça para ver a rua.

Eu assisti a casa.

Eu nem estava mentindo para mim mesma, dizendo que ficaria apenas um pouco.

Eu nunca olhei para a rua. Minha cabeça estava na casa, meus olhos treinados para um vislumbre de uma sombra, um movimento na cortina. Se me perguntassem o que estava procurando, não seria capaz de explicar. Como você pode procurar por um fantasma? Mas era o que eu estava fazendo, ainda fazendo.

Eu só queria vê-la. Mais uma vez.

Latido!

Eu fiquei tensa, congelando por uma fração de segundo. Eu esqueci do cachorro.

— Sim. Sim. Tudo bem amigo. Estou indo.

Uma luz acendeu.

Ouvi patas no chão lá dentro.

Antes que eu pudesse pular do banco, o cachorro estava do outro lado da porta. Ele congelou, captando meu perfume. Um rosnado baixo começou, seguido por latidos altos e raivosos.

Merda. Merda. Merda.

Eu estava fora do banco, pulando o corrimão, mas em vez de ir para o portão da frente, corri para o lado da cerca entre a casa deles e a do vizinho. Escalando para cima e para cima, eu caí do outro lado no momento em que os ouvi abrir a porta.

— O que está acontecendo com você? — O marido estava meio agarrado, meio rindo quando saiu.

Houve uma corrida de pés no pátio, e ouvi o cachorro rosnar e cheirar do outro lado da cerca. Um gemido desesperado veio dele, e ele tentou cavar no fundo.

— Groot! Pare com isso.

Eles chamam seu cachorro de Groot. Eu sorri.

— Ei menino. O que você está cheirando aí?

Ele estava se aproximando.

Saí correndo pela grama do vizinho. Eles não tinham erguido uma cerca. O cachorro me seguiu e ouvi o dono dizer: — Oh. Uau. Que diabos...?

Então eu estava na calçada, e depois de passar por alguns veículos, diminuí a velocidade, dando um passo para frente. Puxei o capuz da minha blusa e enfiei as mãos nos bolsos. Era o fim de abril, mas ainda estava frio de manhã.

Eu tinha andado alguns quarteirões quando meu telefone começou a tocar e ouvi um motor atrás de mim.

Eu sabia, como sempre sabia, porque ele sempre vinha atrás de mim, que era Cross.

Eu nem olhei.

Ele diminuiu a velocidade e eu peguei a maçaneta da porta. Entrei, respirando seu perfume de areia e pinheiro, e desmoronei. As lágrimas não paravam, e eu não estava apenas chorando porque sentia falta da minha mãe.

— Bren. — Cross estacionou a caminhonete e deslizou, me puxando para seus braços. — Babê.

Eu apenas chorei mais.

A vida era difícil, às vezes quase dura demais.

Foi por isso que chorei.

CAPÍTULO TRINTA E UM

Na manhã seguinte, trinta minutos antes das portas da escola se abrirem, eu ainda estava crua.

Depois que Cross me pegou e me segurou durante o meu colapso, não fui capaz de afastar todas as emoções. Isso me deixou volátil, e ninguém gosta de uma Bren volátil -eu em particular. Então, depois de discutir as coisas com Cross (e com isso, quero dizer, apenas esperamos até Channing chegar em casa, trocar de roupa e voltar), tirei um dia de folga. Cross me chamou porque ele estava aperfeiçoando sua imitação de Channing. Então ele foi para a escola e eu fiquei em casa para controlar minhas emoções.

Não havia funcionado completamente.

Mas eu estava melhor hoje, e depois de uma reunião de equipe para atualizar todos da surpresa de Drake e das pistas que ele deixou escapar, decidimos lidar com Monica primeiro.

Estava contra meus ossos estar na escola tão cedo, mas aqui estávamos nós.

Zellman parecia pronto para mijar, fazendo uma careta. — Eu não acho que este é o caminho certo para lidar com ela.

Nós íamos confrontá-la.

Eu fiz uma careta. — Por que não?

— Primeiro, parece que você quer arrancar a cabeça de alguém.

Os caras olharam para mim.

Eu assenti. — Verdade. — Monica seria preferível.

— Dois, Monica não tem medo de nós. Ela sabe que não vamos realmente fazer nada. — Ele fez uma pausa. — A ela.

Eu levantei uma mão. — Eu posso.

Zellman gesticulou para mim. — Você acabou de provar meu ponto de vista. Mas três, o que realmente vamos fazer? Ameaçá-la? Monica é um pouco louca, e ela é mais louca do que o normal, porque ela não tem mais amigos para segurá-la. Também... — Seus olhos brilharam para Cross. — Monica realmente odeia Bren. — Ele tossiu. — Por sua causa.

Todos nós entendemos isso. Ninguém estava discutindo esse ponto.

Eu fiz uma careta. — Monica está seriamente tão louca?

Cross e Zellman disseram ao mesmo tempo: — Sim.

Hã. Eu não tinha percebido. Está bem então.

— Novo plano. — Eu levantei uma mão. — Cross conversa com Monica-

As sobrancelhas dele se ergueram. — Você está brincando comigo?

Continuei como se ele não tivesse dito nada, — ...e finge que ele está com ciúmes de quem ela está namorando. Então podemos descobrir com quem ela está namorando.

Jordan inclinou a cabeça. — Por que não podemos simplesmente perguntar a Tabatha?

— Porque elas não sabem. Monica não contou a elas.

Cross assentiu. — Taz disse que Monica não lhes daria um nome, mas elas sabem que é alguém da Fallen Crest Academy.

Zellman rosnou. — Eu realmente odeio aqueles filhos da puta. Espere! — Ele ficou tenso. — E se for o mesmo idiota que engravidou Sunday?

— Dupla razão para bater na cabeça dele? — Jordan refletiu.

— Não importa. Eu não acho que ela vai me dizer. Ela sabe que eu não dou a mínima para ela.

Eu tinha um namorado tão bom. Orgulho rodou em volta do meu estômago, fazendo-o vibrar.

— Mônica é louca, mas ela não é assim. — Disse Jordan. — Sunday e ela eram melhores amigas. Ela era do grupo delas por causa dos laços de Sunday conosco. — Ele apontou para Zellman, que sorriu. — Não por causa de um deles.

— Meu namorado é Zeke Allen, — uma voz ecoou atrás de nós.

Oooooh.

Meeerda.

Todos nos viramos como, provavelmente, expressões variadas. Não ouvimos nada. Nem um som, nem um carro, nem um passo.

Zellman grunhiu, as sobrancelhas erguendo-se.

Jordan fez uma careta, dando um passo para trás.

Eu não sabia como Cross estava, porque ele estava calado, como sempre, a menos que ele precisasse dar um passo à frente. Mas eu? Eu estava toda sobre isso.

Comecei a sorrir e sabia que Monica estava surpresa. Ela piscou algumas vezes, sua carranca achatando.

Eu andei em direção a ela. — Realmente? É Zeke Allen?

Ela moveu a bolsa para o outro ombro e se afastou de nós, em direção à escola. — Por que você está feliz com isso? — Ela

gesticulou ao nosso redor. — E não se incomode. Posso dizer que você está se preparando para uma 'intervenção da equipe' ou algo assim, mas não vai funcionar. Eu sei que vocês não machucam garotas, e eu realmente não estou fazendo nada com vocês de qualquer maneira.

Os caras estavam hesitantes. *Eu* não estava. Eu estava quase salivando. Sim, a velha Bren estava de volta, e ela estava subindo à superfície e se divertindo *muito*.

— Você quer dizer que não vai falar com os entrevistadores hoje? Porque você está programada para esta manhã. Becca me enviou a programação por e-mail, caso eu estivesse doente de novo.

A boca de Monica se fechou com um estalo. Ela parecia abalada.

— Você não está pensando em dizer nada sobre eu, Cross, Zellman ou Jordan?

Ela engoliu em seco. Sua voz saiu baixa. — Eu não preciso falar sobre vocês.

— Mas sobre a equipe Ryerson, você vai?

Ela abriu a boca, mas depois parou e fechou novamente. Ela não disse uma palavra.

— O que você vai dizer quando perguntarem sobre as equipes? — Eu perguntei.

Suas expressões faciais mudaram até que ela decidiu algo e um sorriso presunçoso saiu. — Você sabia que nenhuma equipe Ryerson teve que assinar um acordo com a polícia? — Ela assistiu todos nós, aquele sorriso presunçoso se aprofundando. — Vocês todos estavam envolvidos em suas próprias vidas, então eu aposto que vocês não perceberam isso. Eles foram presos. Assim como nós. Para eles foi oferecido o acordo. Assim como nós. Eles não aceitaram o acordo. E, no entanto, ao contrário de nós, eles foram libertados no dia seguinte. Ninguém tem acusações contra eles. Todos saíram livres e limpos. Querem saber sobre isso? Eu faria se fosse você.

— Eles pagaram fiança. A mesma merda aconteceria conosco, — eu disse.

— Não. — Ela disse isso com muita calma, com tanta confiança. Ela sabia. Ela sabia de algo que não sabíamos. — Eles não pagaram. Eles foram libertados. Minha tia trabalha no Departamento de Polícia de Fallen Crest. Ela poderia me dizer isso porque não havia restrições. Todos eles andaram livres. E eles ficaram quietos. Você percebeu isso também?

— Porque Drake é o líder deles, — disse Zellman, mas ele não era tão cauteloso quanto ela.

Isso não era um bom sinal.

— Realmente. — Ela riu, zombando. — Você tem certeza sobre isso? Os Ryerson ainda são uma equipe? — Seus olhos encontraram os meus e se estabeleceram. — Vocês notaram a falta de atividade da equipe? Quero dizer, eles saíram da cola da sua. Se ela está na escola, está trancada na biblioteca, cumprindo seus deveres de ajudante.

Ela estava certa.

Um sentimento estrondoso se enraizou em mim.

— Eu ouvi a conversa que Broghers esteve com a texugo. Ela não queria desistir de suas sessões de aconselhamento com você. As coisas ficaram aquecidas. E, no entanto, veja quem mais esteve ausente nas últimas duas semanas. Não tivemos nenhuma reunião do comitê. Estou aqui para a decoração do baile, sabe, e é por isso que está aqui?

Outra coisa que ela estava certa.

Porra.

Eu senti um tema aqui.

Como se estivesse tomando nossa decisão, ela começou a andar para trás em direção à escola. — E mais uma coisa, você pode querer conversar com a produtora que está ajudando. Ela tem alguns laços perto de você. — Ela estava direto comigo. — Eu saberia. Zeke é um grande fã de Mason Kade. Ele é obcecado por ele.

Eu levantei meu queixo. — Esses caras não têm nada a ver comigo.

— Não você, mas seu irmão, sua futura cunhada... — Ela deixou isso entre nós antes de se virar e entrar na escola.

— Cara. — Zellman suspirou quando ela se foi. — Eu não tinha certeza se queria ver Bren puxando a faca ou não.

— Não teria funcionado, — eu disse fracamente. Eu me virei para os caras. — Ela está certa. Monica está certa. Não podemos fazer nada físico. Precisamos fazer outra coisa, alguma coisa...

Cross disse isso para mim. — Não de eauipe.

Eu me senti mal do estômago.

Zellman xingou baixinho. Ele estava falando pelo resto de nós.

— Então o que você vai fazer? — Jordan perguntou.

Dei de ombros. — Falar com Becca. Essa é a única coisa que posso fazer.



— O que você quer fazer?’

A descrença de Becca Sallaway era evidente.

Montamos um pequeno plano depois de conversar com Channing, depois com Heather, e eu estava incorporando a primeira fase. O resto da equipe de câmeras estava se preparando. Monica devia entrar pela porta a qualquer segundo, mas eu a queria em pausa.

Eu disse de novo. — Eu quero ser entrevistada.

— Você? — As sobrancelhas dela estavam levantadas. — Disseram-nos que você não faria parte deste documentário. De fato, seu diretor nos disse para nem mesmo perguntar a você ou àquele cara lindo com quem eu a vi se aconchegar. — Ela parecia melancólica. — Mas posso dizer que a câmera amaria. Seria *uma* exposição *incrível* para ele.

— Ele também.

— Desculpe? O que?

— Ele também. E Jordan. E Zellman. E tenho quase certeza de que posso conseguir que outras pessoas refaçam suas entrevistas.

A cabeça dela abaixou. Ela apertou o laptop no peito e olhou para mim. — Por que as pessoas teriam que refazer suas entrevistas?

— Por minha causa.

— O que você quer dizer?

— Eles não foram tão honestos quanto poderiam ser, e isso é por minha causa.

— Eu não entendo. Por que por sua causa?

— *Kenneth* realmente não contou a você?

— Nos disse o que?

— Que eu estou em uma equipe.

— Você está no que? — Ela recuou um passo, quase deixando cair o laptop. — Não. Ele não disse uma palavra. Embora... — Ela balançou a cabeça, suspirando. — Parte disso foi por nossa causa. Nos pediram para entrar e fazer uma peça um pouco mais pessoal sobre a história de Roussou - como é agora versus como era antes.

Eu estava perdida.

— Não somos a única equipe que trabalha em Roussou. Existem outras duas. Somos apenas os designados para entrevistar os alunos atuais.

Eu engoli. Uma grande pedra havia penetrado na minha garganta. Foi doloroso pra caralho. — Desculpe?

— A outra equipe não está totalmente baseada aqui. Eles estão entrevistando estudantes mais velhos, e um está na prisão agora. Outra equipe está fazendo varreduras pelas cidades. É uma peça mais aprofundada sobre Fallen Crest e Roussou. Frisco também. Queríamos chegar aqui a tempo para o final de semana do distrito, mas não conseguimos.

— Vocês... — Eu não conseguia falar. Aquela pedra estava se expandindo, esmagando minha garganta inteira. — Por quê? Quero dizer, o que há de tão importante nessa área?

— Bem, quero dizer, existem alguns fatores. Primeiro, Mason Kade ainda é uma grande história. Ele ganhou dois Super Bowls e só joga futebol profissional há dois anos. Misture isso com quem ele é casado, e isso é novidade. O primeiro documentário de Mason Kade não acabou com o apetite, para ser sincera. O público quer mais sobre ele, e se não estivéssemos aqui, outros entrariam. Há também uma participação pessoal dos produtores executivos. Eles têm... eu não deveria estar lhe dizendo isso..., mas eles têm sua própria motivação para garantir que o artigo sobre Fallen Crest e Roussou saia bem, que a sujeira velha não está sendo despertada. Acredite ou não, esse não é o nosso foco.

— Eu pensei que você estava aqui pelas equipes? Seu projeto é intitulado como *Crew Gang World*.

— Oh! — Ela começou a rir. — Isso é apenas pelo bem de Kenneth. Sua agenda é bastante óbvia, então estamos seguindo em frente. Estamos fazendo as perguntas que queremos, mas ainda outras para ele, e quem sabe, talvez nos concentremos nas equipes. Não foi totalmente decidido.

Eu pensei sobre isso. — Você disse alguns fatores. Esses são dois.

— Sim. A terceira é que Roussou tem sua própria pessoa famosa e ninguém aqui fala sobre ele.

— Quem?

— Brett Broudou.

— O cara na prisão?

— Não, o irmão, que também conhece Mason e Sam, e que ele percebeu que é realmente bom em futebol na faculdade. Ele tem sua própria história, mas ninguém está falando sobre ele. Isso é realmente estranho.

Oh.

Fiquei atordoada.

— Os Broudous não são realmente mencionados aqui.

— Eu sei, por causa do que Budd tentou fazer. Eu estava na escola então. Eu sei o que aconteceu.

— Eu também.

Ela franziu o cenho, franzindo o nariz. Seu cabelo era normalmente impecável, mas enquanto eu falava, ela pegou uma mecha. Ela começou a torcer, como se fosse um hábito nervoso. — O que você quer dizer com você também.

— Conheço a história, que Budd Broudou tentou estuprar. Eu sei quem o parou. Eu sei quem era seu alvo pretendido.

Ela engoliu em seco, piscando algumas vezes. — Eu... isso não é conhecido publicamente. Algumas pessoas saberiam, mas o público em geral... — Ela balançou a cabeça, como se tentasse se convencer.

Larguei meu último cartão. — Eu menti para você sobre não conhecer Channing Monroe.

Ela parou. Franzindo a testa. — Repita?

— Channing Monroe é meu irmão. Heather Jax vai ser minha cunhada. E eu conversei com os dois hoje de manhã. Eles me disseram que você costumava ser Becky Sallaway. Eles me disseram um monte de coisas sobre você.

Ela ficou calada, com os olhos cheios e redondos. Seu queixo tremia, mas depois de um momento ela soltou um suspiro profundo e revirou os ombros para trás.

Cinco segundos se passaram.

Trinta.

A testa dela estava enrugada. Um pedaço inteiro de cabelo caiu sobre a testa, pendendo nos olhos.

Ainda. Nada.

Então ela pareceu decidir alguma coisa, e seus olhos encontraram os meus, cristalinos, e ela começou.

— Os produtores executivos pediram informações apenas às pessoas que concordaram em ser entrevistadas. Seu diretor e seu conselheiro se aproximaram de mim. Os dois se ofereceram para entrevistas fora dos registros. Eu os recusei. Era óbvio que eles queriam nos dar informações que não tínhamos certeza de que queríamos saber, e qualquer coisa que fazemos fora de registro, não podemos usar. Ambos foram inflexíveis quanto a estar fora do registro. Estou me perguntando agora se os dois, a seu modo, queriam me contar sobre sua relação com alguém que eu costumava considerar uma amiga. — A voz dela falhou. — Eu errei há um tempo, mais do que algumas vezes, e tenho alguns encargos a suportar por causa disso. Este documentário é meu pedido de desculpas a ela. Os produtores executivos deste projeto... acho que também pedem desculpas. Entramos com nossa própria agenda, mas não é o que você está pensando. Não é o que as pessoas estão pensando, então, embora eu não possa lhe dizer completamente o que vai acabar no chão da sala de edição, posso dizer que você nos quer aqui.

Outros projetos chegaram ao vento sobre vir aqui, e esses não teriam sido tão favoráveis. Chegamos aqui primeiro. Isso é grande em nossa indústria. Esses outros documentários não serão tão gentis.

Seus olhos estavam nadando em lágrimas não derramadas, mas sua cabeça estava levantada. O queixo dela era sólido como uma rocha.

— Eu estava noiva de alguém que queria machucar Samantha e Mason. Sam tentou me dizer, mas eu o escolhi. Eu escolhi errado. Estou tentando fazer o certo por *eles* desta vez.

Eu desviei o olhar.

Pensando.

Pesando os prós e contras.

Eu decidi.

— Eu ainda gostaria de ser entrevistada, porque, se foi sua intenção ou não, sei que meu diretor quer atenção no sistema de equipes daqui. Eu preciso garantir que ambos os lados sejam informados.

Ela estava assentindo antes que eu terminasse, e colocou o fio de cabelo atrás da orelha. — Acho que ouvir os dois lados seria bom. — Ela tossiu, limpando a garganta, voltando ao controle. — Gostaríamos muito de entrevistar você e *sua equipe*.

Eu olhei para ela.

Ela se encolheu. — E todo mundo que precisa refazer suas entrevistas, aparentemente.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Depois de conversar com Becca/Becky, fui oficialmente deixando de ser sua ajudante.

Eu tinha cumprido minhas horas de serviço comunitário até então, então não era tão grande coisa.

Monica entrou no momento em que Becca estava dizendo que precisava conversar com o diretor Broghers. Eu não sabia do que se tratava, mas não era problema meu. Nada disso era mais meu problema. Quando Becca saiu pela porta, Monica mordeu o lábio, parecendo esperar o que eu ia lhe dizer.

Eu realmente não tinha muito em mim, surpreendentemente. — Pode dizer o que quiser.

A boca dela se abriu. — O quê?

Comecei a passar, parando ao lado dela, minhas palavras quietas e apenas para seus ouvidos. — Você não tem nada sobre nós. Não mais. E sobre Allen... — Agora eu olhei para ela. Ela se virou e eu vi o começo do medo em seu olhar. — Tenha uma ótima vida com ele.

Foi isso. Boa sorte e adeus.

O baile era em dois dias. Talvez fosse porque eu estava me escondendo tanto deste ano, talvez porque eu sentisse que estava parada enquanto todos passavam por mim, talvez porque eu agora tivesse que falar publicamente sobre minha equipe, talvez porque hoje era apenas mais uma ameaça contra nós, e eu sabia que não seria a última e sabia que sobreviveríamos, não importa o quê. Talvez fosse todas essas coisas, ou talvez fosse apenas porque eu estava *sentindo* novamente, mas qualquer que fosse o motivo, eu senti esperança.

Eu senti um novo começo chegando. E enquanto eu olhava para o futuro em pânico, imaginando quem tiraria isso de mim, não o fiz desta vez.

Quando a campainha tocou, entrei na biblioteca e vi Jordan sair, o braço em volta de Tabatha. Zellman já estava no corredor, brigando com Sunday, e esperando no meu armário estava Cross.

Eu estava quase ansiosa para que o futuro reservava.

Ou talvez eu estivesse apenas crescendo.

Fosse o que fosse, sorri para Cross quando me aproximei, e ele olhou para trás. — Não vejo alguém que você queira espancar. Isso deve ser para mim. — Os olhos dele esquentaram. Ele estendeu a mão, passando a mão na minha bochecha e me puxou para perto, sua testa descansando contra a minha.

Ele disse de maneira suave e simples: — Eu te amo.

Oh sim. A vida estava boa agora.

— Eu também te amo.

— Oh, caramba! Vocês dois. Pare com as exibições públicas de merda. — Zellman estava gemendo. — Só podemos aguentar um tanto antes de começarmos a ver o rosto de Bren quando nos masturbamos nas revistas de nudez.

Todo mundo parou.

Ninguém disse uma palavra.

Então:

— Nojento!

— Ai credo!

— Oh meu Deus! Você está falando sério?

Eu me sinto doente.

Cross parecia doente.

Até Jordan estava de olho no seu melhor amigo. — Cara. Isso é nojento.

— O que? — Zellman examinou o grupo. — Ninguém mais faz isso? Sério?

Cross deu um passo em sua direção. — Você e eu precisamos conversar?

Zellman engoliu em seco. — É um elogio. Bren é gostosa.

Sunday não disse uma palavra. Ela inclinou o braço e as costas da mão balançaram. *Smack!* Bem na cabeça de Zellman.

— Ow! — Ele abaixou no segundo tapa, olhando para ela. — Mulher. Pare.

— Isso é nojento. Você pensa em sua companheira de equipe quando se masturba? — Ela perguntou.

— O que? Como você não? — Ele encolheu os ombros. — Para com isso. Você nunca imaginou Cross quando está brincando com você?

— Não! Eu penso em você!

Ele se animou. — O que? Você pensa? — Ele avançou para ela, capturando a mão dela. — Porque noventa por cento das vezes, penso em você. Quero dizer, se todos nós estamos sendo transparentes aqui...

— Ninguém está sendo transparente aqui. Só você. — Cross cortou. — Por favor. Pare.

Zellman o ignorou. — Bren é como dois por cento do tempo, e é o suficiente onde me sinto desconfortável com isso. Por isso eu disse alguma coisa.

— E os outros oito por cento? — Sunday cruzou os braços sobre o peito.

Zellman esfregou a lateral da mandíbula. — Eu tenho que ser transparente sobre isso também? — Ele se inclinou para frente, baixando a voz, embora todos ouvissem. — Porque, amor, você não deveria saber disso. Eu sou um cara. Nós somos grosseiros. Muitas vezes.

— Pare enquanto está na frente, — sugeriu Cross.

Zellman virou-se para ele. — Estou na frente?

— Não, mas sua garota não quer esfaquear você agora.

— Mas eu posso, — eu rosnei.

Zellman me lançou um sorriso despreocupado, como se ele assumisse que eu estava brincando, mas quando Sunday saiu e ele foi com ela, ele olhou para trás. Havia uma pontada de inquietação ali.

Ele parou no meio do corredor e gritou de volta: — Estamos bem. Certo, Bren? Você não vai me cortar quando eu desmaiar no sábado à noite? Porque tenho 98% de certeza de que isso acontecerá.

Eu o joguei fora. — Como somos transparentes agora, sim.

Ele se apressou para alcançar Sunday. — Tudo bem. Eu - por favor, não me mate. Companheiros de equipe não matam companheiros de equipe.

Inclinei minha cabeça para trás. — Companheiros de equipy não dizem a companheiros de equipe o que você acabou de dizer sobre mim!

— Sim. Tudo bem. Eu vejo isso. — Sunday estava virando a esquina, com Zellman nos calcanhares. Ele levantou o livro no ar. — Desculpa B! — Então eles se foram.

Jordan tossiu. — Estou percebendo que você está aqui. No corredor.

Eu sabia o que ele estava perguntando. — Sim. Eu disse a ela. Está sendo preparado.

— Sobre todos nós? — Cross perguntou.

— Ela está salivando sobre você, especialmente.

— Ótimo.

Eu ri.

E como antes com o meu sorriso, o próprio sorriso de Cross apareceu. Jordan sorriu um pouco também, e até Tab amoleceu com o som. É como se eu nunca risse.

Eu ri?

Porcaria. Eu nunca poderia rir.

Suspirei. Eu teria que trabalhar nisso. Mas agora não.

— Como está Sunday com o bebê? — Eu perguntei a Tabatha.

Ela se endireitou em Jordan, encolhendo os ombros. — Eu não sei. Às vezes eu trago à tona, mas ela não quer falar sobre isso. — Ela olhou por cima do ombro para onde Sunday e Zellman haviam ido. — Eu estava na casa dela na outra noite. Z se aproximou e eu os ouvi brigando. Não sei o que ele disse a todos, mas ele está tentando descobrir quem é o cara. Ela não dirá a ele. Nem a mim, porque... — Ela se recostou no lado de Jordan. — Por razões óbvias.

Cross franziu a testa. — Eu não gosto de saber que um desses pedaços de merda machucou um dos nossos, e ele está se safando.

— Sim. — Ela mordeu o interior da bochecha. — Eu sei.

Jordan estava olhando para ela, mas olhou para mim.

Cross notou o olhar e nós três estávamos no mesmo comprimento de onda. Ou eu tinha certeza que estávamos.

— O telefone dela, — eu comecei.

— É uma boa ideia, — disse Cross.

E Jordan esclareceu para nós. — Pegue o telefone dela.

— O que?

— Você sabe a senha dela para entrar no telefone? — Eu perguntei.

Tabatha balançou a cabeça. — Não.

Isso foi fácil o suficiente. — Observe-a um dia. Por exemplo, observe-a abrir o telefone, digitar o código e depois largar o telefone. Podemos bisbilhotar, se você quiser.

— Vocês estão sugerindo que invadamos o telefone dela? — Tabatha parecia chocada.

Jordan grunhiu. — Sim. Por que não? Ela está protegendo um pedaço de merda. Deveríamos saber quem é.

— Mas é isso mesmo

— Não pense sobre isso. — Cross balançou a cabeça. — Ou apenas observe-a digitar o código de acesso. Faremos todo o resto. Quando o telefone dela desaparecer, você pode ser honesta e dizer que não tem ideia de onde está.

— Oh caramba. — Ela mordeu a outra bochecha. — O que vocês vão fazer?

Abaixei minha cabeça, meus olhos ainda nela. — Você realmente quer saber?

Ela engoliu em seco. — Talvez não.

O sinal estava prestes a tocar. Todos nós sabíamos disso, e como eu não era mais necessária como ajudante da equipe de filmagem, imaginei que não olharia durante entrevistas futuras. Eu tinha uma aula para ir também.

O sino tocou.

Jordan levantou a mão, caminhando para trás. Tabatha permaneceu.

Cross esperou que eu pegasse meus livros.

— Basta pegar o código, — eu disse a Tabatha quando passamos. — Faça isso mais cedo ou mais tarde, apenas para estar segura. É melhor conhecer uma situação como essa do que não saber.

Normalmente não éramos um casal de PDAs[8], mas Cross levantou o braço e o colocou em volta do meu ombro. Eu não me importei.

Eu era uma garota do PDA naquele momento.

8 São casais que demonstram afeto em público.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

— Oh, uau.

Eu fiquei tensa, colocando os últimos fios do meu cabelo na trança antes de olhar para a porta. Heather ficou com um olhar atordoado no rosto.

Ela balançou a cabeça. — Quero dizer, uau. — Uma enxurrada de olhos piscando. — Bren, você está incrível.

Oh, porra.

Eu parecia uma garota.

Eu estava no vestido de tule branco com brilhos rosa. As atendentes da loja tinham um monte de nomes sofisticados sobre como ele foi projetado, mas não tinha alças. O topo era elegante, mergulhando um pouco entre os meus seios. Havia uma quantidade mínima de tule no fundo. Não era inchado nem nada. Mas o que me vendeu foi quando vesti a jaqueta de couro de Heather novamente.

O olhar. O sentimento. A vibração. Era eu.

— Obrigada?

Ela começou a rir. — Você odeia isso, não é?

Eu levantei um ombro, indo para o meu armário. Peguei uma bolsa. Taz disse que precisávamos de bolsas. E elas tinham que combinar. Eu olhei para a minha. Era preta. Meu vestido era branco e um tom suave de rosa.

Minha bolsa não combinava.

Taz ia ter um colapso.

— Bren? — Heather se aproximou, sua voz calma.

A bolsa deveria combinar.

Por que não fiz essas coisas antes do tempo? Quão difícil era isso?

Vestidos. Bolsas. Até mesmo pulseiras. Maquiagem. Nada disso era natural para mim. Eu sabia que era bonita, ou bonita o suficiente. Ninguém tirou sarro da minha aparência. E Cross me amava. Ele não era um tipo superficial de cara, mas ele me amaria se eu fosse feia?

Taz. Sunday. Tabatha. Eu sabia que aquelas meninas estariam todas enfeitadas. Vestidos que se moldavam perfeitamente ao corpo. Seus cabelos sempre estavam arrumados, mas eu sabia que eles seriam obras de arte hoje à noite. Elas entendem sobre manicure, pedicure e maquiagens. Tudo isso era uma segunda natureza para elas. E jóias – quem sabia que havia tantos tipos de brincos.

Eu não tive minhas orelhas perfuradas.

— Bren. — Heather estava logo atrás de mim agora.

Eu sabia que estava chegando. Eu estava preparada, sabendo que ela sentiria o quão tensa eu estava.

Quando a mão dela tocou meu ombro, um xingamento suave saiu. — Oh querida.

Eu estava chorando. Senti lágrimas vindo o dia todo e as empurrei.

O baile era um rito de passagem, certo? Não para mim. Isso era um pesadelo.

— Você não deveria aprender sobre maquiagem, unhas, a diferença entre salto plataforma e estiletes? Irmãs. Uma mãe. Você aprende isso com elas, não é? — Eu olhei para ela. — Onde você aprendeu essas coisas?

Heather era linda. Sempre foi. Ela tinha um olhar sexy para ela e nunca pareceu constrangida. Ela era confiante, forte como o inferno, e usava seu apelo sexual como uma arma às vezes.

Eu cresci assistindo ela, vendo como ela lidava com seu irmão, como ela lidava com meu irmão, como ela era uma chefe durona em seu restaurante.

Ela me abraçou, seu lábio tremendo.

Eu nunca tinha visto o lábio de Heather tremer. Nunca. Eu nunca vi Heather chorar, engasgar. Ela não era fraca, não do jeito que eu estava agora.

— Bren, querida. — Ela passou a mão gentilmente pelas minhas costas, depois pegou alguns fios e enfio-os na minha trança novamente.

Eu olhei para minha bolsa. — Eu fui ao Fallen Crest Spa esta manhã. As outras garotas usavam camisas de botão. Alguém explicou depois que elas fizeram isso para que pudessem tirar a camisa, vestir os vestidos e não bagunçar o cabelo. — Suspirei. — Eu usava jeans e uma blusa. Uma bem apertada. O cabeleireiro olhou para mim horrorizado, mas eu não sabia. Ninguém me disse. Eu não faço merda feminina. Taz vai ao salão, e eu vou mergulhar em cavernas com os caras. Foi assim que eu cresci.

— Bren.

Eu ouvi as lágrimas na voz de Heather. Ela me abraçou mais uma vez e colocou a cabeça no meu braço. — Eu perdi minha mãe quando eu também era jovem, mas não tão jovem quanto você. Não sei quem te ensinou sobre tampões, mas fiquei com minha mãe por mais um tempo. Ela me ensinou algumas dessas coisas. Mas eu tinha Rose, Marie, Theresa. Elas trabalharam quando meu pai ainda dirigia o Manny's, e aquelas mulheres eram como segundas mães para mim. Elas me

perguntavam se minhas calças estavam muito apertadas, mas esse era o meu estilo. Era como eu era. Não sei porquê, mas nunca me importei. Nunca me incomodou, mas você sabe o que me incomodou?

Eu levantei uma sobrancelha.

Ela sorriu. — Me encaixar. Isso é algo que você sempre teve que eu não tive. Chan estava em Roussou. Eu estava em Fallen Crest. Eu nunca me senti como se pertencesse a um lugar ou outro, então eu era uma espécie de solitária. Havia amigos, conhecidos, mas não uma equipe como a sua. Então eu me juntei a uma boa amiga, ela trouxe alguns mauzões e, de alguma forma, isso evoluiu para anos de amizade.

Eu sabia a quem ela estava se referindo. — Agora você está fazendo negócios com eles.

— Sim. E vai dar certo porque todos no nosso grupo se amam antes dos negócios. Essa é a única maneira que funcionaria para nós.

Fiz um gesto ao redor da sala. — Eu não sabia que havia algo errado aqui até Taz perguntar um dia por que eu não tinha fotos. Acho que isso é normal para outras garotas. Eu nunca soube. — Eu não estava fazendo sentido. — Você é...

Nós não tínhamos conversas emocionais. Heather ou eu.

De certa forma, éramos tão parecidas, de outras maneiras, tão diferentes.

Lembrando disso, eu me fechei, me afastando. Minhas palavras secaram e eu as engoli. A inquietação se instalou. Eu queria terminar essa merda – ir para a casa dos pais de Cross, onde todos estavam reunidos para tirar fotos. Ir para a coisa antes do jantar. Tabatha estava hospedando um baile para mais fotos, e então irmos ao baile.

E depois da dança, eu poderia respirar.

Eu poderia escapar.

Eu não precisaria mais ver todas *as* mães tirando fotos. Eu não teria que ver *os* pais *deles de* má vontade lá, ou orgulhosamente lá.

Até Cross pertenceria à mãe, o pai dele durante o processo de filmagem. Ele pode ficar comigo, mas eles estariam lá – esperançosamente, se divertindo – querendo sua atenção, querendo falar com ele, abraça-lo, amá-lo. E no fundo, ele adoraria. Era disso que ele precisava.

Cross era normal.

Eu respirei, me recuperando apenas depois que comecei. — Não sei por que Cross está comigo às vezes.

Um suspiro engasgado veio de Heather quando ela se sentou. — Desculpe. O que?

Merda. Eu já tinha dito isso.

— Nada.

— Oh, não, não, não. — A cadeira de Heather raspou no chão quando ela se afastou. Ela estava do outro lado da sala, me prendendo.

Eu ia fugir, mas ela pegou meu braço e sentou ao meu lado. — Ei.

Eu não olhei. Não pude.

Eu não podia acreditar que tinha dito isso. Quero dizer, não era o meu lugar para questionar a decisão de Cross, mas... eu estava.

— Ei! — Heather bateu no meu queixo. — Olhe para mim. Fale comigo. O que está acontecendo nessa sua cabeça?

O chão rangeu.

Eu congelei.

Heather xingou.

Nós olhamos para cima.

Channing estava parado na porta, com os olhos tristes e uma mão apoiada no batente da porta.

— Por que você disse isso? — Ele perguntou.

— Quanto você ouviu? — Eu perguntei sobre um nó na garganta.

— Tudo, mas isso -por que você disse isso, Bren?

Ele olhou para mim, sabendo. Ele sabia porque eu tinha dito isso. Por que ele estava me fazendo dizer de novo? Explicar isso?

— Você sabe, — eu assobiei.

— Não. — Ele balançou sua cabeça. — Não. Isso não. Eu não sei disso. Diga-nos, Bren. Agora.

— Não é nada-

— Não é nada! Nos diga. Conte-me! Me deixa entrar!

— Channing. — Heather ficou de pé.

Ele estendeu a mão, silenciando-a, mas seus olhos nunca deixaram meu rosto. — Não, Heather. Isso é merda de irmão e irmã, e Bren está prestes a dizer algo real e significativo e algo que fará tudo fazer sentido. Eu posso sentir isso nos meus ossos, e também estou sentindo esse enorme alarme vermelho

dizendo para empurrá-la. Faze-la falar. Faze-la se abrir, porque se não o fizer, ela nunca o fará.

Ele deu um passo à frente. — Não sei porque isso aconteceu, mas há uma rachadura. Você abriu um pouco e eu estou aqui. Estou empurrando meu caminho, todo o caminho. Me. Deixa. ENTRAR!

Minhas emoções rodavam dentro de mim, ganhando velocidade, poder, como um tornado tentando me empurrar.

Então, silêncio.

Heather não se atreveu a falar.

O quarto era tão pequeno, tão pesado.

Channing estava respirando com dificuldade, mas ele lutou: — Bren. Por favor.

Eu desmoronei. Esse último, *por favor*. Era macio, delicado e muito diferente de tudo, e ele estava certo. Houve um estalo. Ele se formou esta manhã e cresceu o dia todo, e eu não podia negar o que estava me encarando.

Eu era diferente. Eu não era como as outras garotas, mas não foi porque eu escolhi. Foi o que eu disse a mim mesma. Eu cresci lavando o cérebro pensando que era melhor, elevada acima delas, mas essa não era a verdade.

Eu era apenas uma garota sofrendo e não sabia o porquê, mas hoje eu podia ver. Eu não conseguia abaixar a cabeça e ignorá-la, não mais, e a razão para isso eu não tinha certeza. Eu simplesmente não conseguia me segurar mais.

Channing estava no meu rosto, respirando com dificuldade, seus olhos suplicantes, tão feridos, e eu -eu a senti.

Os pelos da minha nuca se arrepiaram.

Ela estava aqui, e quando eu olhei para Channing, seus olhos se arregalaram também. Os pelos de seus braços se arrepiaram. Ele também podia senti-la.

— Você... — Ele começou.

Um calor surreal tomou conta de mim. Calmante. Pacífico.

— Channing, — eu sussurrei.

— Merda, — ele xingou suavemente.

Dois passos e eu estava em seus braços. Ele me envolveu apertado, me puxando para seu peito.

Eu podia ouvir o choro suave de Heather.

Ela estava aqui. Eu sabia. Eu podia senti-la.

— Oh meu Deus, — Channing respirou.

Palavras teriam desvalorizado este momento.



Eu sabia e sabia que Channing sabia, e isso foi o suficiente para mim. Eu deveria encontrar Cross na casa dos pais dele. Isso é o que todos planejaram -se encontrar lá para a primeira rodada de fotos. E Taz se envolveu quando Cross disse que ia se arrumar na minha casa. Ela insistiu, com os soluços cheios e o rosto parecendo o de um cachorrinho, que ele precisava fazer isso em casa. Por ela. Este era o último baile para os dois, e eu estava bem com isso.

Estive antes.

Estive agora.

Saindo de casa, me senti crua e inquieta. Pela minha vida, eu não conseguia me conter dessa vez. Eu assumi que estava me curando. Talvez?

Quem se importava?

Bem, eu. Porque me senti exposta e vulnerável, e estava tentando ao máximo fingir o contrário. Ninguém poderia saber. Ninguém.

Quando saí pela porta, ouvi Heather sussurrar para Channing na sala de estar. — O que é que foi isso? O que aconteceu?

Ele não respondeu, e eu congelei, incapaz de me obrigar a sair. Eu precisava ouvir o que ele diria, se ele dissesse.

— Foi - eu nem sei o que dizer. Algo aconteceu. — Uma pausa e sua voz caiu ainda mais baixo. — Não consigo parar de senti-la. Isso é normal?

— Quem?

— Minha mãe.

Nossas vidas, do jeito que éramos, difíceis. Nós sangramos ou fizemos os outros sangrarem. Não compartilhamos ou choramos nos ombros um do outro, a menos que estivéssemos tão quebrados que era o único caminho de volta. Se Heather zombasse de nós ou dissesse algo zombeteiro, eu a esfaquearia. Em um segundo.

— Às vezes sinto minha mãe, — ela disse depois de um momento.

Esperei, mas não ouvi mais nada e, sabendo que havia chegado a hora e não podia mais adiar, abri a porta. Sai. Fechei a porta e desci a calçada até o meu veículo.

Significou alguma coisa, ouvir Heather levar o que havia acontecido a sério. Significou muito.

E de alguma forma, isso me deixou menos vulnerável do que antes.

Talvez eu devesse ter pensado mais nisso, mas estava além do limite emocional de hoje. Eu estava exausta e a noite nem tinha começado.

Eu tinha uma sessão de fotos para terminar.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Estacionando e subindo a calçada até a casa de Cross e Taz, ouvi todos lá dentro.

Subi na varanda da frente e fiquei lá. Eu esperei. Eu saboreei. A sensação da minha mãe ainda estava comigo. E quando eu entrasse, eu a perderia. Ela desapareceria, substituída por Cross, os caras, Taz, tudo mais.

Uma porta de carro bateu atrás de mim.

Fui empurrada para fora do meu transe e olhei para ver quem estava vindo, minha boca abrindo de surpresa.

— O que você está fazendo aqui?

Heather riu, jogando o cabelo por cima do ombro. Ela atravessou o gramado enquanto Channing contornava a traseira da caminhonete. Ele jogou as chaves no ar, pegando-as e me dando um sorriso.

Os olhos dele brilharam. — Você realmente acha que vamos deixar você lidar com isso sozinha?

Heather parou ao meu lado e apertou carinhosamente.

Channing caminhou pela calçada. Revirei os olhos, mas seu sorriso apenas se aprofundou. Seu telefone tocou, mas, enfiando a mão no bolso, ele nem olhou para ver quem era. Ele silenciou e colocou de volta. Ele parou na minha frente.

— Você é uma Monroe. Você vai ao baile. — Ele se inclinou, pressionando a testa contra a minha por um segundo enquanto ria. — Onde diabos mais estaríamos? Nós somos sua família. — Ele deu um passo atrás. — Você não tem mamãe e papai hoje, mas você tem gente velha em vez disso. Lide com isso.

Heather se aproximou, me abraçando, e ela sussurrou: — Eu sei que geralmente não sou assim, mas você tem paciência comigo? — Ela deu um passo para trás e o braço de Channing envolveu seus ombros. — Estou sentindo um momento mãe chegando.

— E mais. — Channing levantou a cabeça, indicando dentro. — Vamos gostar de assustar alguns desses pais lá. Alguns não sabem como reagir respirando o mesmo ar.

Heather empurrou o cotovelo ao lado dele, mas a porta se abriu naquele momento e Cross estava lá.

— Bren?

Então Taz gritou seu nome e ele xingou, saindo. Fechando a porta, ele se afastou. — Porra, inferno. Ela é pior que a nossa mãe. Eu juro.

Sua voz sumiu quando ele olhou para mim.

E eu não tinha voz porque estava olhando para ele.

Ele estava...

— Bren. Puta merda. Você está-

...quente!

— ...fodidamente linda. — Ele piscou algumas vezes. — Uau. Deus, apenas... uau.

Channing bufou, batendo a mão no ombro dele. — Sim. Você usa essa educação, filho. Nós vamos entrar. — Ele puxou Heather atrás dele, e quando a porta se fechou, ouvimos Taz perguntando onde eu estava.

Channing murmurou alguma coisa, mas a porta se fechou, deixando Cross e eu em uma varanda vazia.

De repente, senti-me constrangida novamente e cruzei um braço sobre o peito, agarrando meu outro braço. — Ei.

Ele ainda estava me observando. — Bren. — Cross levantou a cabeça, sua voz rouca. — Nós não vamos ao baile.

— O que? Nós não vamos?

— Não. — Ele pegou minha mão, procurando no bolso as chaves. Ele as puxou para fora, me levando para a calçada. — Estamos indo pra um quarto de hotel. Estou pegando champanhe, vinho, rosas, chocolates e passamos a noite toda lá. Ninguém mais. E preservativos. Estou pegando uma porra de cesta de Páscoa de preservativos.

Eu ri, puxando-o de volta. — Pare.

Ele girou, suas mãos chegando aos meus quadris. Respirando com dificuldade, parecendo feroz, ele olhou direto nos meus olhos. — Eu não estou brincando. Estou falando sério. — Suas mãos flexionaram. — Eu não quero compartilhar você agora. Ou, tipo nunca. — Ele gemeu quando beijou minha testa. — Você é linda 'pra' caralho. Eu não tenho outras palavras. Eu só quero manter toda você para mim e...

Ele parou.

Eu pressionei uma mão em seu peito, alisando-o.

— Bren?

Eu não estava mais olhando. Havia lágrimas novamente, e eu estava tentando mantê-las afastadas, mas ele estava dificultando.

Eu o amo tanto.

Eu precisava tanto dele.

Eu ansiava tanto por ele.

E ouvindo essas palavras, sentindo sua necessidade emanar dele, eu não conseguia falar.

Finalmente, depois de algumas respirações, engasguei: — Eu disse a Channing e Heather hoje que não sabia porque você estava comigo.

— Bren. O que? — Sua mão veio ao meu braço. Ele me puxou para perto.

— Todo o dia de hoje, eu estava sentindo falta de uma mãe. Eu estava com medo de vir aqui esta noite porque seria a única sem pais. E eu pensei nisso por um tempo, me perguntando porque você está comigo. Eu pensei que era porque você tinha pais. Pais normais. Até o divórcio deles é normal. E uma irmã. Você e Taz são tão próximos, mas são normais. — Eu levantei minha cabeça agora. Eu queria que ele realmente me ouvisse. — Eu não sou normal.

— Bab...

— Não, me escute. — Eu deveria ter saído de seus braços, mas não consegui. Então fiquei e derramei meu coração, dentro de seu abrigo. — Eu não sou. Mas você é. Eu costumava pensar que estava acima dos normais, mas hoje, hoje à noite, tive que parar de acreditar nessa mentira. Eu não estou acima deles. Não sou especial porque tenho seu amor e a amizade de

Zellman e Jordan. Eu *ajo*. Nós agimos, mas somos apenas mais duros. Nós somos mais maus. Somos leais ao extremo. É assim que somos diferentes, mas não estamos acima deles. Eu acho que, de certa forma, somos o que há de errado. Não é a escola. Não os normais. Nós. As equipes.

— Bren. — Ele balançou sua cabeça. — De onde isso tudo está vindo?

Uma imagem brilhou na minha cabeça. Jordan com Tabatha. Seguindo Zellman por Sunday. Taz e Race juntos. Então Cross e eu.

Eu estava segurando todo mundo.

— Vocês nunca falam sobre faculdade. — Era o assunto proibido. — Eu sei que é por minha causa. Vocês estão me protegendo, mas eu sei que vocês todos fizeram planos.

— Não, nós não fizemos. Nós-

Eu o parei. Eu tinha que dizer isso, ficando separada. Meu corpo contra o dele derrotou o propósito.

Eu dei um passo para longe. — Eu estou segurando vocês aqui. Sei que eu estou. Estou com medo de mudar para o futuro. Estou com medo de perder vocês, mas eu vou. Pessoas mudam. Vidas evoluem. E eu também. Eu também *vou*.

Desviei o olhar, minha garganta inchando de emoção. — Talvez seja o aconselhamento. Talvez eu esteja realmente me curando, mas... não podemos ser uma equipe se não crescermos como indivíduos. — *Porra*. A Texugo ficaria tão orgulhosa de mim. — Aquela entrevista que eu vou fazer, serei eu deixando vocês irem.

— Bren!

— Não deixando vocês irem como equipe, mas liberando vocês de colocarem seu futuro em espera por mim. Isso é tudo. Eu não estou sendo um bom membro da equipe se eu não lidar com essas coisas dentro de mim. Eu não posso ficar parada, paralisada sobre quem ou o que eu vou perder enquanto vocês estão crescendo. É isso aí. Vocês estão crescendo. Eu me recusei a crescer. Mas não posso, não mais. Eu seria egoísta em te segurar. Você entende o que eu estou dizendo?

— Bebê. — Ele abaixou a cabeça e beijou meu pescoço. Seu corpo inteiro estremeceu. — Eu nunca estive mais apaixonado por você. — Ele inclinou a cabeça para trás, olhando profundamente para mim. — Eu te amo. VOCÊ. Ninguém mais me completaria. Ninguém mais me faria sentir animado pelo dia, agradecido pelo dia. Ninguém mais me faz sentir como se fosse uma meia pessoa. Minha outra metade está nos meus braços. Não importa o que aconteça no futuro... para onde vamos, para onde não vamos..., isso permanece.

Ele tocou meu peito, a palma da mão logo abaixo da minha garganta. — Você. Eu. Isso fica. Porque precisa, porque eu preciso muito de você, porque eu não sou Cross sem Bren. É tão forte para mim, e eu não dou a mínima se você quer crescer separadamente. Nós dois podemos crescer. Zellman. Jordan. Eles podem crescer também, mas nós crescemos juntos. É assim que vai ser eu não vou deixar você ir. — Ele balançou sua cabeça. Os braços dele se apertaram. — Você e eu, vamos morrer de pé aqui. Eu estou muito comprometido. Foda-se o baile.

Eu sorri para ele e percebi que estava errada.

O amor, calor e paz que eu sentia da minha mãe, eu ainda o tinha.

Cross me fez sentir essas coisas também.

— Eu te amo muito, porra.

Ele sorriu para mim, apoiando a palma da mão na minha bochecha. — Eu te amo muito mais, porra.

— Por favor. Calem a boca, — Zellman gemeu da porta. — Somos equipe. Nós somos durões. Calem-se. As pessoas podem ouvi-los. Temos uma reputação a defender. Jesus. — Ele bateu a mão no batente da porta. — Ah, e coloquem suas bundas para dentro. Ordem de Taz, não a minha. Acho que sua mãe entrou no vinho e ela está prestes a desmaiar no sofá. Taz quer que as

fotos sejam feitas antes que alguém vomite ou dê em cima do irmão de Bren. A mãe de Sunday está babando. É embaraçoso.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

Nós posamos.

Nós fizemos poses de *Charlie's Angels*. Nós fizemos caretas. Fizemos poses de fingir que somos ninjas. Poses de animais. Sensuais. Misteriosos. Com óculos, sem óculos, óculos de sol lançados no ar.

Eu não ficaria surpresa se a mãe de Tabatha pedisse que fizéssemos uma pose de líder de torcida, mas ela não pediu. Eles trouxeram pompons, que eu me recusei a segurar.

Zellman aplaudiu sozinho.

Jordan proibiu Zellman de tocar em pompons novamente.

A próxima parada foi na casa de Tabatha, onde ela recebia um alerta de texto após alerta. Todos se abraçaram e beijaram. A mãe de Cross e Taz estava embriagada, com bafo de Pinot Grigio (vinho). A mãe de Tabatha piscou para conter as lágrimas, borrando o delineador e também enviando a Channing um olhar lateral faminto. Heather acabou com isso, literalmente em pé na frente dele, com os braços cruzados e o queixo erguido em desafio.

Os Normais se juntaram a nós aqui, e havia comida e bebida na mesa, distribuídos em canecas de café e pré-embaladas em garrafas de suco. Um cara continuou andando com um pedaço de pão, e eu só vi o álcool quando ele abriu o fundo. Uma garrafa inteira de Jack Daniels estava presa lá.

Taz reclamou do desperdício de pão.

A mãe de Race estava chorando. Ela nem estava tentando se conter. Race continuou indo até ela e abraçando-a, e isso a fazia chorar mais. Depois das fotos, ele ficou com ela, a cabeça enterrada em seu peito enquanto ele a afagava com uma expressão de dor no rosto.

A mãe de Sunday tinha uma expressão permanente. Eu a ouvi sussurrando para o marido sobre – engravidar na noite do baile. Imaginei que Sunday ainda não tinha dado a notícia.

Então nós entramos em um ônibus de festa para ir ao restaurante. Quando entramos, Taz me informou que ela e as meninas haviam decidido contra a limusine. Era 'tão milenar' deles, e estávamos tentando ir contra o tema milenar. Era ônibus de festa e eu não podia reclamar. Mais espaço para as pernas e mais espaço para sair do caminho quando Jordan e Zellman começaram a se esfregar no pole dance.

Alguns dos normais vieram conosco, e foi quando vi Lila se infiltrando em nossas paredes. Ela estava sentada no colo de um homem, usando um vestido de renda preto decotado. A mão

dele estava no quadril dela, mas o olhar dela estava em Cross. Era tudo Cross, e ao me ver olhando, ela lambeu os lábios e ajustou as pernas, abrindo-as mais. O vestido mal a cobria, e agora a cobria menos ainda. A mão do cara mergulhou, alisando a parte interna da coxa dela. Ele não olhou nem parou de falar com o amigo, mas havia um sorriso secreto no rosto.

Sim. Ele pensou que esse movimento era para ele.

Cross riu no meu ouvido. — Você sabe que eu não dou a mínima para ela.

Eu olhei para ela quando disse: — É o princípio disso. Ela deveria instintivamente me temer.

Ele riu de novo. — Não te respeitando, tendo medo de você.

Eu me inclinei contra ele. — Você entendeu.

Ele se moveu, então minhas costas descansaram em seu peito. Seu braço veio ao meu redor para descansar no meu estômago, e ele olhou para baixo quando de repente eu fui levada até ele. Nossos lábios estavam a centímetros de distância -e quem era aquela garota mesmo? Ela fugiu da minha mente. Eu me concentrei apenas em Cross, tanto que Taz teve que bater na minha perna para chamar nossa atenção.

Senti o golpe e reagi sem pensar. Eu segurei o pulso dela antes de qualquer um de nós registrar o que tinha acontecido.

Um piscar de olhos, e eu a tinha em minhas mãos. Ela não teve tempo suficiente para se sentar.

As sobrancelhas de Race subiram. A boca de Taz caiu.

Até Zellman notou, e ele já estava arrasado. Isso disse muito.

Soltando-a, recostei-me em Cross. — Desculpe, Taz. Eu-

— Não. Isso foi por minha conta. Sei que não devo bater em você e esqueci. — Mas ela estava desconfortável com isso. Eu poderia dizer quando ela não encontrou meu olhar imediatamente.

Race a puxou para perto. Ele levantou o queixo em saudação. — Então, a namorada não veio para fotos hoje. Tenho certeza que você ficou aliviado ao ver isso?

Demorou um segundo, mas ele estava falando com Cross. Não sobre a namorada de Cross, mas a namorada *do pai* de Cross.

Oooh.

Olhei para Cross, que se enrijeceu embaixo de mim. Sua mão livre foi para a minha perna e ele começou a mexer no meu vestido.

— Sim. Um bom alívio.

— Mas você a encontrará amanhã.

Por que Race estava trazendo isso à tona agora? Eu joguei uma careta para ele, mas ele clicou. Os olhos de Taz estavam colados em Cross, que não estava olhando para ela. Ela parecia estar estudando ele para obter algumas respostas, e eu estava começando a pensar que talvez ela soubesse do meio-irmão deles?

O olhar de Race saltou para o meu e eu recuei. Oh sim. Eles estavam procurando por algo. Aquele algo brilhou em seu olhar com a minha reação, e eu mordi o interior do meu lábio. Porra. Eu era membro da equipe fria como gelo, eu não estava naquele momento.

Bem, tudo bem. Dois poderiam jogar esse jogo, e eu sorri para Race, que visivelmente ficou tenso.

— Como está indo com seu pai? — Eu perguntei. — Não tenho visto muito Alex ultimamente. Está tudo bem lá?

Taz respirou fundo. As pessoas ao nosso redor pararam, ouvindo.

Cross levantou a cabeça, olhando entre mim e Race. Ele notou Taz então, um leve brilho de lágrimas nos olhos dela.

— Por que você pergunta isso? — Ela perguntou.

— Por que você acha? — Eu atirei de volta.

Race abaixou a cabeça. Ele se sentou no banco e inclinou o corpo, para não estar mais de frente para nós. Taz estendeu a mão e entrelaçou-a nas dele .

Ela olhou para baixo, brincando com o polegar. — Isso não foi legal da sua parte.

Eu levantei uma sobrancelha. — E a pergunta dele foi?

Eu esperava que Taz desistisse. Eu não estava tentando ser prejudicial. Eu só queria que minha mensagem fosse enviada e recebida, mas ela falou novamente, me surpreendendo.

— Há mais na história. Coisas com as quais meu irmão precisa lidar, e você nem sempre pode pular por ele. É coisa de família. — Ela levantou o olhar, parecendo triste, mas também desafiadora. Vi uma centelha de fogo naqueles olhos, igual aos do irmão dela. — E eu sinto falta do meu irmão.

O olhar dela era para mim. As palavras dela eram para ele.

Cross notou. — Chega, — disse ele. — Deixe isso pra lá.

Ela abriu a boca, mas Zellman escolheu aquele momento para tropeçar e tropeçar em nossos colos. Ele piscou antes de se levantar e roubar um lugar entre Cross e eu.

— Ei pessoal! — Ele levantou os braços em volta de Cross e eu. — Sinto falta dos meus caras. Bren, você é um cara agora

para mim. Não há mais essas outras coisas. — Ele balançou as sobrancelhas, mas eu vi um pouco de sobriedade nele. Ele sabia o que estava fazendo.

— Z, — murmurei.

— Cara?

— Se você não desacelerar o Jack, vai desmaiar, — eu disse a ele. — Você vai perder o baile.

— Sim. — Ele suspirou, afundando no assento. Ele chutou as pernas para fora. — Jordan me mudou para a água. Água estúpida. Água sóbria. Água sem bebida. Você entendeu o meu desvio?

Oh, nós estávamos entendendo.

— Então, quem vai dar um tiro em mim? — Ele perguntou, levantando a camisa.

♥♥♥

Descemos do ônibus em um bom restaurante em Fallen Crest. Era novo, aberto recentemente, e eu sabia que Heather estava preocupada em um momento sobre como o impacto do Manny's seria afetado por causa disso.

Olhando em volta, observando os óculos elegantes, o resto dos clientes e como eles endureceram e lançaram olhares horrorizados em nossa direção, eu sabia que ela não precisava se preocupar. Pessoas eram pessoas. As pessoas gostavam de se soltar e embebedar-se, não de serem espinhosas e atoladas. O lugar dela continuaria arrasando.

Eu reconheci um dos empregados quando ela chegou ao nosso final da mesa.

Esbelta, seu cabelo loiro puxado para cima em um coque firmemente embrulhado, absolutamente perfeito. Seu uniforme era uma camisa branca de botão sobre calças pretas.

— Ava?

Ela fez uma pausa, olhando por cima. — Oh, ei, Bren. — Ela olhou em volta da mesa. — Vocês todos estão ótimos.

Eu compartilhei um olhar com Cross. Zellman e Jordan olharam para mim. Eles a reconheceram também.

— O que você está fazendo aqui?

Tabatha riu, pegando sua água. — Ela obviamente está trabalhando, Bren. Quanto você bebeu?

Eu a ignorei. — Você está trabalhando em três empregos?

Ava enrijeceu, mordendo o lábio. — Uh... não é tão ruim assim. O dinheiro é bom.

Foda-se isso. Ela trabalha quase em período integral no lugar de Heather e passou a trabalhar também em turnos na pizzaria de Roussou. Agora ela estava aqui? Ela estava tentando trabalhar até a morte? Lembrei-me de Heather falando sobre ela, como seu último namorado tinha sido um idiota e agora ela tinha um cara legal.

Ava também ia para a nossa escola, a escola que tinha baile hoje à noite, e ela estava trabalhando.

Eu não empurrei, e Ava pareceu relaxar enquanto ela enchia o resto das águas, depois voltou para receber ordens.

Quando ela veio até mim, abaixei minha voz. — Você não vai ao baile hoje à noite?

Ela congelou. — Eu não sou uma grande pessoa de dança.

Eu achei besteira isso. Eu odiava danças e estava indo.

Cross tocou meu braço, balançando a cabeça levemente. Eu sabia o que ele estava sinalizando, mas estava errado. Eu não deixaria passar. Eu gosto da Ava. Não éramos amigáveis, mas eu sabia que ela era uma boa trabalhadora. Ela ficou quieta, fez seus estudos. Ela não tinha muitos amigos e, pensando nisso agora, eu não sabia com quem ela andava na escola. Ela também não parecia sair com ninguém fora da escola. Ela trabalhava.

— Roy.

Ela levantou a cabeça do tablet de pedidos. — Hmm?

— Esse é o nome do seu namorado. Roy, certo?

As sobrancelhas dela se abaixaram. — Uh. Sim. — Uma risada inquieta. — Ele também está trabalhando. O que você gostaria de pedir?

Eu disse a ela, entregando meu cardápio e, quando ela saiu, Tabatha perguntou, não tão baixo: — Você a conhece?

Ava fez uma pausa, seus ombros enrijecendo.

Jordan deu uma cotovelada nela. — Tato, querida. — Ele assentiu em minha direção. — Ela é amiga de Bren. Obviamente. — Então ele foi puxado para conversar com os caras do outro lado.

Tabatha ainda estava franzindo a testa. — Sim. Eu sei, mas essa garota é uma perdedora. Ela costumava estar em julgamento simulado[9]. — Ela bufou, rindo sozinha. — Você acredita nisso? Julgamento simulado.

Isto. Bem aqui. Foi por isso que Tabatha e eu ainda éramos um trabalho em andamento.

Taz estava quieta desde o ônibus da festa, mas ela levantou a cabeça agora. — Vai se foder, Tabatha.

---

9 Um julgamento simulado é como se fosse um questionário oral sobre várias matérias com jurados avaliando as respostas.

Tabatha ofegou.

Jordan voltou, os olhos arregalados.

Zellman estava no meio do arremesso, mas o silenciou, pressionando um punho na boca.

— O que você disse? — Tabatha perguntou.

Race começou a falar, mas Taz se inclinou para frente, os braços cruzados firmemente sobre o peito. — Eu disse, vá se foder. Se você quer ser nossa amiga, precisa puxar a vara de superioridade da sua bunda. Nós não aguentamos essa merda.

Tabatha sentou-se na cadeira. O pescoço dela estava vermelho e subia pelo rosto. — Você está brincando, porra-

Race começou a dizer algo novamente.

Ele foi interrompido novamente.

Cross venceu-o desta vez. — Você está iludida?

Tabatha parecia ter levado um tapa na cara. O vermelho sumiu e ela empalideceu.

— Nós não somos assim. Eu não me importo se você está namorando Jordan. Você está prestes a dizer a merda errada para minha irmã. Você está pisando errado. O que você deveria ter feito foi acertado na primeira vez ao perceber que Bren estava conversando com aquela garota por um motivo. Bren se

preocupa com ela, e isso significa que ela é boa gente. Recue e aprenda o seu lugar.

A boca de Tabatha estava aberta. Um som gargarejo escapou, e ela se virou para Jordan. — Você vai deixar ele falar comigo assim?

— Baby.

— Sou sua namorada-

— Baby.

— Eu não ligo 'pra' quem eles são para você! Eles não chuparam seu pau antes das fotos hoje!

Zellman bufou, abaixando a cabeça, os ombros saltando para cima e para baixo. Os outros caras não eram tão atenciosos. Eles riram completamente.

Tabatha lançou-lhes um olhar sombrio. Sunday bateu no peito de Zellman com as costas da mão.

— Desculpe. — Ele tossiu, pegando a água. — Tudo está um pouco mais engraçado agora.

— Cale a boca, Zellman!

— BABY!

— O que? — Tab voltou para Jordan, segurando um garfo.

Calmo. Tranquilo. Definitivamente amansando-a, Jordan acenou com a cabeça em direção ao nosso final da mesa. — O que você fez foi errado. Taz está certa. Cross está certo. E Bren provavelmente está duvidando da sua amizade agora mesmo.

Ele penetrou. Você podia ver. Tabatha ainda tinha o olhar picado no rosto e as bochechas incharam como um peixe-boi, mas depois de alguns segundos, de repente ela esvaziou.

Naquele momento, Ava voltou. Ela estava colocando um prato de aperitivos no meio da mesa quando Tabatha começou.

— Hum...

Ava fez uma pausa, com a mão estendida, ficando entre Sunday e Zellman.

Quando Tabatha não continuou, Ava perguntou: — Você precisa de mais água, senhorita?

Senhorita.

Merda.

Zellman começou a rir novamente.

— Cale a boca, Z!

— Meus amigos me chamam de Z. Eu sou Zellman para você.

Tabatha parecia abalada, realmente tecendo em sua cadeira. Seus olhos se encheram de lágrimas. — Ava.

Ava já havia recuado agora. — Sim?

— Como meus amigos me apontaram agora, eu não sei se você está ciente, mas eu tenho esse problema... — ela rolou o pescoço, levantando o queixo e se mexendo no assento. — Eu sou uma cadela arrogante. Ou estou tentando não ser, e ainda tenho crises quando a parte presa mostra sua cabeça feia. Eu tive um daqueles momentos com você agora e sinto muito. — Ela mordeu o lábio. — Por ser uma cadela com você.

Zellman deu-lhe um aceno de aprovação.

— Uh. Tudo bem. Obrigada, mas está tudo bem, senhorita. — Ava abaixou a cabeça. — Eu já volto com o segundo aperitivo.

Depois que ela se foi, ninguém se mexeu para pegar a comida. Eles estavam esperando.

Tabatha olhou para baixo, com as mãos no colo. — Eu sinto muito. Eu quis dizer o que disse. Estou tentando mudar. — Ela procurou Taz primeiro, depois Cross, depois eu. — Tornar-me amiga de vocês é importante para mim. Eu não esperava mudar, mas depois que Jordan e eu começamos a namorar, eu me apaixonei por ele. Isso acabou acontecendo. Mas tenho um caminho a percorrer e sinto muito novamente.

Agora me senti desconfortável.

Estar em uma briga era o meu terreno. Isso -chamar alguém e pedir que ele não apenas se desculpe, mas seja genuíno -era um terreno estranho para mim.

Taz estava sorrindo, sorrindo radiante.

Race deu de ombros, pegando seu refrigerante.

Cross estava me olhando.

Então todos se viraram para olhar. Eu levantei minhas mãos. — Tudo bem?

Zellman começou a rir. — Aí está nossa garota, sem saber como agir. Ela está acostumada a bater por pedidos de desculpas de cadelas como você.

— Cara, — Jordan advertiu.

— Certo. — Zellman levantou a água em direção a Tabatha. — Você pode me chamar de Z de novo, e *cara,* — disse ele a Jordan, apontando para mim. — Isso é cara. Já falamos sobre isso.

Todo mundo começou a rir – até Tabatha, um pouco vermelha na cara novamente. — Você é um brincalhão, Zellman.

Ele sorriu. — É Z para você.

Ela sorriu de volta, as linhas em torno de sua boca suavizando. — Z.

— E eu não vou ouvir nada além disso.

Zellman estava brincando, mas ele não estava errado.

Senti uma sensação prolongada de desconforto durante o jantar.

Tabatha olhou para Ava por quê? Por trabalhar em três empregos? Estar em um julgamento simulado? Eu não sabia o que era um julgamento simulado, mas parecia melhor do que qualquer coisa que eu fiz na escola. Eu estava em uma equipe. Era isso. Esses caras cumpriam os papéis de família e amigos para mim, mas as coisas estavam mudando. Eu tinha conversado sobre crescer com Cross, e eu quis dizer isso, mas isso me deixou desconfortável também.

Quão longe você poderia esticar seu pescoço -tentando aprender, se esforçar, se adaptar, crescer -antes de ser cortado? Era diferente para Tabatha, para os normais. Era esperado que eles fossem para a faculdade. Eu estava no escritório da Texugo quando eles entraram, pedindo ajuda com os pedidos da faculdade. Eles recitaram suas opções, pesando para onde queriam ir. Sem problema algum.

Não para mim. Até a conversa me encheu de terror, mas eu sabia que isso iria acontecer. Crescer. Se mudar. O que

então? Se meus caras saíssem e eu voltasse? Com que cadela como Tabatha eu teria que lidar, olhando para mim porque eu também precisava trabalhar três empregos?

Quando terminamos o jantar, voltamos para o ônibus da festa, desta vez para dançar.

Cross veio atrás de mim, colocando o braço em volta dos meus ombros. — Você ficou quieta lá.

— Sim.

— O que está acontecendo?

O que estava acontecendo comigo?

Eu não tinha uma resposta para ele. Era o mesmo material sobre o qual eu comecei a falar antes, mas eu não queria entrar aqui.

— Eu te conto depois, — eu disse.

— Tudo bem. — Ele deu um beijo na minha testa e entramos no ônibus.

Acontece que eu falei cedo demais.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

Minha barriga dói de tanto rir.

Meus pés doem de dançar.

Meus ouvidos estavam zumbindo com a música.

Minha cabeça latejava. Meu vestido estava uma bagunça. Minha maquiagem era inexistente. Meu cabelo era um ninho.

Mas o baile tinha sido tudo.

Fiquei chocada. Durante todos esses anos eu evitei a vida, escola, colegas de classe, bailes -talvez eu não devesse ter evitado? Eu saí do banheiro e fui para o estacionamento -depois de mandar uma mensagem para Cross -enquanto considerava isso.

Não. Foi divertido, porque eu estava pronta. *Agora*. Não antes. Eu precisava apenas da minha equipe e, agora, estava me abrindo, tentando aceitar os outros, não ser tão reservada.

Eu estava passando pelo vestiário dos caras quando ouvi a porta se abrir.

Eu não pensei em nada disso. Não pensei em nada no corredor vazio. Eu não pensei em nada das luzes baixas até ouvir – Bren.

Um calafrio percorreu minha espinha. Meu intestino apertou. Isso não era bom, o que quer que estivesse por vir, porque eu senti que estava acontecendo. Era como um trem saindo da estação. Estava indo bem para mim, e eu sabia, não importava o quê, não conseguia sair das pistas a tempo. E. Esse. Trem. Não. Ia. Parar.

Eu me virei e li no rosto dele.

— Alex?

Seu rosto estava desfigurado -bolsas sob os olhos, e parecia que ele não se barbeava há uma semana. Ele estava vestido um smoking, mas o paletó tinha sumido. Sua camisa estava meio desabotoada, os botões arrancados. Suas calças estavam sujas, raspadas na parte de baixo e, na mão, uma garrafa cheia de Jim Beam. Ele nem estava parado. Ele cambaleou de volta para a porta, batendo com a cabeça e não disse uma palavra. Ele não reagiu.

Ele não sentiu isso.

Mas seus olhos tinham uma tempestade neles, e eles não deixariam os meus.

Eu deveria ter ido. Ido embora.

Mas dei um passo em sua direção. — O que está acontecendo, Alex?

Ele balançou a cabeça, levantando a garrafa e olhando para ela como se tivesse aparecido magicamente em sua mão. — Eu te avisei.

— Me avisou? Sobre o quê?

— Sobre Drake. — Ele balançou a cabeça e, uma vez que começou, não conseguiu parar. Ele começou a cair, depois bateu na parede perto da porta. Agora a porta podia se fechar atrás dele, e ele recuou, mas a porta não estava lá. Ele recuou rapidamente, batendo na parede agora.

Um golpe duro. E ainda sem reação.

Ele apenas levantou a garrafa novamente e apontou para mim. — Eu te disse que ele não estava aqui pela razão que ele disse que estava. A equipe se foi. Eles expulsaram Drake. Eu estou fora. Não é mais uma equipe Ryerson.

Eu fiz uma careta. — Eles ainda são uma equipe?

Ele encolheu os ombros. — Quem sabe. Eu não. Estou fora desde Taz.

A dor cortou seu rosto e ele fechou os olhos. — Sinto muito pelo que fiz com ela. A merda só desceu. Foi para cima, para os lados, 'pra' todo canto. Tudo estava rolando e eu não conseguia

entender. — Ele engoliu em seco, sua voz espessa. — Eu deveria ter conseguido um controle. Eu não sou ruim, não de tudo.

Ele apertou a garrafa no peito, abraçando-a. — Eu tenho partes ruins, partes boas. Estou tentando ter mais bem do que mal. Estou tentando, Bren. Eu realmente estou.

Dei outro passo em sua direção, mas estava hesitante. Meu interior estava em alerta total, gritando para eu sair.

— Alex. — Suspirei. O que eu poderia realmente fazer? — O que está acontecendo? Apenas me diga.

— Drake. — Ele olhou para baixo. — Sempre foi tudo sobre você, e você nunca soube. Você deveria estar lá. Eles deveriam prendê-la, mas você não estava. Ou se você estava, escapou. Você se escondeu. Você estragou os planos deles.

Deus. Isso não parecia bom.

Meu telefone estava zumbindo. Provavelmente Cross, imaginando onde eu estava, mas não consegui atender. Isso. Isso era importante. Se eu pegasse meu telefone, ele quebraria o que quer que fosse. Era delicado, como gelo fino. Qualquer movimento errado, uma palavra errada, e Alex iria fechar.

Zumbiu novamente.

Eu ignorei isso.

Começou a tocar e eu enfiei minha mão na minha bolsa e o silenciei. Fiz isso com o mínimo de movimento possível.

— Alex, — insisti. Ele tinha que continuar.

— Princesa da equipe. É você. Você é a liga.

Minhas sobrancelhas se arquearam. — O que isso significa?

— Aquela festa quando todo mundo foi preso? Eles só queriam uma pessoa.

Seus olhos estavam brilhando, subitamente sóbrios, embora eu soubesse que ele não estava.

— Eles só queriam uma pessoa, mas não conseguiram encontrá-la, então pegaram todo mundo.

— A festa do fim de semana do distrito? Mas-

— Plano B. — Ele soluçou, girando o Jim Beam antes de recuar e dar uma longa golada. Limpando a boca com as costas da mão, ele acrescentou: — Esse era o plano B. Prenda todo mundo, faça-os assinar esse papel. As câmeras eram do plano B, mas você era o plano A. Você era a primeira prioridade.

— Como você... — Minha cabeça estava nadando. Não fazia sentido, nada disso. — Como você sabe disso? Por que eles queriam me prender?

— Para que eles pudessem te prender, machucar as equipes. Você esfaqueou Neeon. Ele ficou vingativo, começou a odiar você, sua equipe. A filha dele teve um colapso. Ela está em alguma instalação mental agora. Isso aumentou a raiva de Neeon, o suficiente para fazê-lo ficar motivado. — Alex começou quente, mas diminuiu a velocidade, suas palavras se perdendo.

Alex! Saia dessa. Me conte o resto.

Deus por favor. Me conte o resto.

Seus olhos piscaram, esbugalharam-se e depois recostaram-se. — Sim. Hum sim. — Ele estava pensando, lembrando. — Você é a liga. Você. Channing é o rei. Você é irmã dele. Eles queriam machucá-la, afastá-la, machucar o seu irmão. — Ele parou de novo, recuando devido a uma dor invisível. — Machucar seu pai.

— O que? — Meu pai?

— Os Demônios Vermelhos assumiram em Frisco. Eles não podem vender em Frisco se os demônios estiverem lá.

Quem eram *eles*?

Os Demônios Vermelhos eram um clube de motocicletas, e meu irmão os havia combatido há pouco tempo. Fizemos parte disso. Nosso pai ingressou no clube, mas ele estava na prisão – estava o tempo todo. Tudo isso estava saindo do nada. Eu sabia

o que tinha acontecido, mas Channing protegeu Roussou. Eu nunca pensei que essa vida chegaria à escola, na *minha* escola.

— Eu pensei que o documentário era sobre colocar as atenções nas equipes?

— Plano B. Eles querem acabar com as equipes, livrar-se delas, trazer traficantes e começar a vender aqui, o único lugar que seu irmão não está policiando, porque ele sabe que sua equipe está aqui, perseguindo-a. Como eu disse, machucar você, vai machucar seu irmão e seu pai. Tudo se espalha. Seu irmão ficaria distraído, seu pai também. Eles não estavam focados no que estava acontecendo na sua escola, apenas focados em salvar você, porque ambos querem que você tenha um futuro.

Ele começou a cair, batendo as costas na parede, e desceu, todo o caminho até o chão. Ele gemeu, suas palavras murmurando: — Drake é o cara deles. Eles o trouxeram, o forçaram a entrar, e ele sabe tudo sobre isso. O trabalho dele? Fazer nossa equipe ir embora, o que ele fez. E o outro trabalho dele... — Ele olhou para cima, abrindo os olhos com algum esforço. — Você. Enganar você.

— Me enganar?

Alex acenou com a cabeça novamente, mas sua cabeça estava mais baixa, e quando ele não olhou novamente, eu corri para ele. — Alex!

Eu o sacudi.

Ele não se mexeu.

Eu o empurrei.

Nada.

— Alex!

E então aconteceu.

Sobre o que ele esteve aqui para me avisar.

As portas se abriram quando bombas flash foram lançadas. Gás lacrimogêneo. A fumaça encheu o corredor, e eu pude ouvir os passos deles. Foi uma debandada.

Eu não conseguia me mexer, mas precisava.

Eles teriam óculos de visão noturna.

Mas foda-se. Eu tinha que tentar.

Empurrei a parede, levantando-me e mantive os olhos fechados. Movi-me pelo corredor, meus braços esticados, até bater na parede oposta. Rasgou minha pele, mas mordi meu lábio, segurando o choro. Eles estavam entrando pelas portas, pelo corredor principal também. Eles estavam me circulando, mas havia uma porta lateral. Não estava longe, e eu só tinha que chegar lá.

Tudo dentro de mim estava gritando para ceder. Sente-se. Espere.

Eu não podia fazer isso.

Centímetro por centímetro, segui em frente, sentindo a parede até ela ceder. Minhas mãos tocaram no vidro e foram para a maçaneta da porta.

Sucesso!

Eu empurrei isso. Estava trancado.

Eu queria gritar de novo, gritar, mas eu me mantive. Recuando, tentando não respirar a fumaça e o gás, joguei meu corpo na porta, chutando-a com tudo o que tinha, e ela se abriu. Então eu estava de joelhos, do lado de fora, e puxei o ar até as luzes brilharem em mim.

Pernas.

Havia pernas sobre pernas, luzes brilhando atrás deles até que um se adiantasse. Uma mulher com a arma apontada.

Ela se aproximou, ajoelhou-se e embainhou a arma. — Bren Monroe?

Verdade? Eu poderia mentir neste momento? Até tentar fingir que não era?

Eu não respondi. Não tive tempo porque outro policial apareceu na porta. Ele falou sem emoção, como se tivesse pisado em uma formiga.

— O cadáver é Alex Ryerson.

Cadáver!

Cadáver?!

— DOA?[10]— Ela perguntou.

— Acabou de acontecer, — disse ele.

— Reanimação?

— Mal sucedido.

DOA.

Alex.

Morto à chegada. Ele estava morto.

Eu não pude processar isso. Nós salvamos a vida dele meses atrás e agora...

E então aqueles olhos frios viraram na minha direção, e ela puxou a mão do seu lado. Ela segurava um par de algemas.

— Bren Monroe, você está presa.

---

10 DOA significa Dead on Arrival, ou seja, uma sliga para quem chega morto ao hospital.

CAPÍTULO TRINTA E SETE

Cross

A porta da frente da delegacia se abriu.

Eu sabia que ele estava vindo. Eu tinha feito a ligação, sabendo que isso não era mais uma coisa do colegial. Policiais estavam envolvidos, e isso significava que havia coisas maiores em jogo, e eu não estava brincando. Ver Bren ser conduzida àquele carro da polícia, com as mãos algemadas, por alguma maldita cadela fria como uma pedra, foi um dos meus pesadelos que vieram à vida.

Foda-se isso.

Quero dizer.

Fooooooda-se isso.

Eu terminei de jogar de acordo com as regras, jogando bem, fazendo merda, então a menor quantidade de dano era infligida. Eu estava pronto para jogar uma bomba, agarrar Bren e dar o fora depois disso.

Jordan e Zellman me seguraram. Race se envolveu e os três ainda estavam de guarda.

Eu estava. Furioso.

Eu estava vendo vermelho.

Sangue.

Eu queria provar, e assim que a porta se abriu, eu estava pronto. Eu estava mais do que pronto.

Channing entrou como uma tempestade de raios, nem mesmo vestindo uma camisa. Era assim que o irmão durão de Bren era, porra, e ele era minha maldita salvação naquele momento.

Digitalizando. Me encontrando. Ele me prendeu no lugar e caminhou em minha direção.

Todo mundo sabia que Channing estava lá. Foi como uma onda varrendo o prédio, e todos prestaram atenção. Os policiais atrás de suas mesas estavam assistindo, reunindo cautela. Estava lá desde que eles trouxeram Bren, desde que invadimos, desde que eu tentei convencer o primeiro policial que me disse para – tomar um assento.

Fui rebocado antes que eu pudesse fazer contato, mas foda-se. Fiquei tentado a ser preso, só para voltar para lá e ver Bren.

Foi apenas Race me dizendo para relaxar e que Bren provavelmente já estava em uma sala de interrogatório que penetrou. A única maldita coisa.

Eu precisava de Bren. Eu precisava salvá-la, custe o que custar. Eu não me importo. Eu por ela. Eu estava pronto para oferecer a troca, mas Channing estava aqui. Ele tinha puxado. Ou ele fez com o departamento de Roussou.

Sua mandíbula estava cerrada e a raiva fervia logo abaixo de sua superfície. — Por que diabos estamos em Fallen Crest? Ela foi presa na escola?

Eu balancei a cabeça. Isso foi tudo o que pude perceber porque a necessidade de machucar alguém se enfureceu em mim. Vendo Channing, alguém que a amava quase tanto quanto eu, pronto para fazer o que ele precisava fazer desencadeou uma porra de monstro dentro de mim. Eu literalmente queria arrancar a cabeça de alguém e tive que forçar uma respiração calma. Não estava funcionando.

Os olhos de Channing se estreitaram. — Controle-se. Você não pode ajudar Bren se você está assim.

— Porra fácil para você dizer, — eu fervi. — Você não a viu sair para o carro da polícia.

Merda. A imagem estava queimando minha mente novamente. Eu me encolhi, incapaz de vê-lo. — Eles jogaram

gás nela. Eles jogaram fumaça a bombardeando. Eles foram até ela com a SWAT, usando roupas da SWAT, segurando suas armas contra ela. — Minha voz aumentou. — Eles apontaram suas armas para ela!

Channing xingou baixinho, depois fez sinal para a porta. — Dá uma volta. Quebre algo. Eu não dou a mínima para o que você tem que fazer, mas faça. Preciso do líder da Wolf Crew com a cabeça limpa em cerca de uma hora.

— Por que uma hora?

— Porque eles não vão nos deixar chegar até ela antes disso, e eu tenho a cavalaria entrando para isso.

Ele se virou e foi para a recepção como se estivesse lutando contra o goleiro do time adversário, o placar estava empatado e ele estava patinando para ganhar a medalha de ouro. Não. Nem isso. Ele estava indo para eles como se estivessem entre ele e sua irmã.

Senti um pouco de pena... não, não senti. Isso era uma mentira, que eu estava tentando me dizer para me acalmar, mas não estava funcionando. Eu rosnei. Eu nem percebi até Channing se virar para olhar para mim.

Ele fez uma careta, estalando os dedos em Jordan e Zellman. — Tirem-no daqui. Ele precisa se acalmar.

Eles assentiram, mas Race estava lá antes que qualquer um deles pudesse me tocar.

Ele começou a me empurrar para a porta, mas eu resisti, plantando meus pés.

— Cross. Vamos.

— Nós o pegamos.

Jordan e Zellman estavam aqui, mas eu ainda não estava indo. Não pude. Tudo dentro de mim estava gritando para ficar, estar aqui por Bren, apenas no caso deles passarem pela recepção. Eu tinha que estar aqui. Eu só tinha que estar -mas os caras tinham um pensamento diferente.

— Leve-o para fora, — Channing gritou. — Agora!

Todos os três estavam em mim, e eu estava no ar. Jogando-me para trás, subi sobre Zellman, empurrando o ombro de Jordan, mas então mais dois caras estavam lá, me agarrando. Eles me carregaram para fora. Torcendo, dolorosamente, jurando que eu chutaria todas as suas bundas - eles me ignoraram até voltarmos ao estacionamento.

Eles me colocaram de pé e Jordan resmungou: — Segure-o até que ele possa pensar com clareza. Ele está louco agora.

Eu agitei meus braços. Bren precisava de mim. Eu tinha uma necessidade primordial de estar lá, o mais perto possível

dela. Eu estava quase raivoso. Eu não conseguia ver direito. O ar estava úmido, me sobrecarregando. Eu tinha que me libertar. Eu tinha que lutar contra...

— SENTA AÍ, PORRA!

Aquele era o Jordan. Gritando na minha cara.

— Cross! Oh meu Deus!

Aquela era a Taz. Minha irmã. Sua voz passou, mas eu não consegui parar. Eu simplesmente não consegui.

— Puta merda.

Alguém grunhiu de surpresa. A porta do carro se fechou.

Eu estava brigando. Eu não me importava em quem estava batendo. Eu podia sentir o gosto de lágrimas, suor, sangue. Meu. Dos outros. Eu. Não. Me. Importo.

Bren era tudo o que importava.

Depois, passos bateram, e eu fui empurrado para o cimento. Uma caminhonete de duas toneladas estava em cima de mim e eu não conseguia me mexer. Haviam mãos nos meus braços e pernas, me prendendo.

Mas.

Eu.

Ainda.

Estava.

Lutando.

Porra!

Minha cabeça raspou contra o cimento. Mais sangue. Era a única coisa em minhas narinas agora, a única coisa que eu podia sentir o cheiro.

— Merda, — alguém respirou.

— Oh, Cross. — Minha irmã. Eu reconheci a voz dela. Ela estava chorando. — Eu peguei ele. Eu peguei ele. Deixe-me…

Eles se moveram. Os pés bloqueando minha visão se moveram, e Taz estava lá, ajoelhando-se para olhar diretamente para mim.

— Cross. — Lágrimas escorriam pelo rosto dela. Também não. Ela não estava prestando atenção. Ela estava pálida, tão pálida.

Ela estava assustada.

Começou a afundar então.

Minha irmã estava com medo. Por mim. De mim.

Porque eu estava agindo como um animal raivoso.

— Cross, — ela disse suavemente, me acalmando.

Ela estendeu a mão, lentamente, até ter minha mão em suas mãos. Ela ligou nossos dedos. E então ela começou a falar, mas ela não fazia sentido.

Eu nunca senti esse monstro em mim, mas ele estava aqui. Ele estava com raiva. Ele foi ameaçado. Ele não era humano. Aquele era eu agora, e eu ainda conseguia pensar, reconhecer o que estava acontecendo, e eu estava me assustando. Mas eu precisava saber que Bren estava bem. Eu não conseguia respirar. Ela era a única coisa que o faria ir embora.

Taz não sabia disso. Não pude contar a ela porque não conseguia falar.

Eu precisava-

— É isso aí, irmão, — disse ela, ainda calmante.

Ela respirou fundo.

Eu me senti fazendo o mesmo, indo com ela. Sincronizando.

— Outra vez.

Juntos, respiramos.

Dentro e fora. Segurando. Expirando, ainda devagar.

E depois de um longo tempo, comecei a sentir meu medo. Ninguém me disse que isso poderia acontecer. Foi revoltante, e meu estômago se contraiu em sinal de protesto.

— Cross, — Taz sussurrou, apertando minha mão e pressionando-a na bochecha. — Eu preciso que você se acalme. Também estou com medo, mas preciso do meu irmão. Eu preciso dele. Lembra quando éramos pequenos? Ficávamos deitados assim, lado a lado, nos observando até que um de nós quebrava e começava a rir. Vamos fazer de novo. Mas vamos nos acalmar. Tudo bem? Apenas calma. Isso é tudo.

Eu não conseguia ficar calmo.

Ela não entendeu. Ninguém estava entendendo.

Bren.

Era tudo sobre Bren.

O pânico queimou meu peito, me queimando.

— Cross. Por favor. — Ela estava chorando de novo.

Eu tentei balançar a cabeça. Tentei sinalizá-la, porque ainda não conseguia falar.

O pânico cego e quente estava me dominando, e comecei a lutar novamente. Eu precisava deles fora de mim. Eu não conseguia respirar. Não consegui me mexer. Eu não podia - eu

só podia ficar com raiva da minha cabeça, e eles não estavam me ajudando.

— Ele está com medo. — Taz disse que ela estava percebendo alguma coisa. Ela se levantou. — Saia dele. Saia dele! Ele precisa se mover. Ele precisa disso. Eu posso sentir isso nele! Saia dele agora!

As coisas começaram a se mover.

Houve um empurrão repentino em mim e se foi, mas eu ainda não conseguia me mexer. A princípio não.

Eu tinha que me orientar.

Então eu me levantei e ofeguei por ar. Taz jogou os braços em volta de mim, a cabeça enterrada no meu ombro e pescoço.

— Por favor, — ela murmurou. — Você precisa se acalmar. Você precisa se acalmar.

Movi minha cabeça para cima e para baixo, ou tentei.

Ela ainda estava chorando em mim e eu levantei minha mão. Estava todo ensanguentado, mas tentei dar um tapinha nas costas dela. Sentindo isso, toda uma nova onda de soluços tomou conta dela.

— Baby.

Era a voz de Race. Ele a alcançou, tentando tirá-la de mim, mas eu olhei com um aviso nos meus olhos. *Recue. Afaste-se agora.*

Ao vê-lo, ele assentiu e recuou um passo. Mas ele não foi longe.

Eu poderia levantar meus braços agora. O sentimento voltou, e eu a envolvi. Sentindo o outro braço, Taz quebrou. Ela não estava mais tentando me acalmar. Ela estava desmoronando e xingando.

Toda a minha merda começou a clarear.

Esta era minha irmã e ela precisava de mim. Comecei a acalmá-la, confortando-a.

Eu descansei minha cabeça em seu ombro enquanto ela continuava a soluçar.

— Mas o que...? — Alguém se perguntou.

Eu sabia. Eu não tinha que me perguntar. Isso era sobre a minha família, a família dela. Nós tínhamos perdido, e eu não tinha estado lá por ela. Porra. Merda. Maldito. Eu não tinha estado lá 'pra' minha irmã.

— Taz, eu sinto muito.

Ela se enrolou em si mesma, formando uma bola enquanto seus braços deslizavam para longe do meu pescoço.

Senti Race voltando e assenti desta vez. Eu olhei para cima e vi um corte em seu rosto, sangue escorrendo por sua bochecha. Estremeci porque sabia que tinha sido a causa disso, mas isso era para mais tarde. Ele começou a se curvar por ela, mas parou, esperando por mim.

Eu assenti. — Sim. Ela precisa de você agora.

Os braços dele deslizaram por baixo dela, e ele a pegou, embalando-a no peito. Eu esperava que ele a levasse embora, mas ele não o fez. Ele apenas se sentou ao meu lado, segurando-a, e ela me alcançou.

Peguei sua mão, entrelaçando nossos dedos, e ela pareceu se acalmar um pouco com o contato.

Ela estava com a cabeça apoiada no peito dele agora.

— Desculpe, — eu disse a ele.

Ele levantou um ombro. — Não posso dizer que não me perderia se Taz estivesse lá.

Verdade. Ainda assim, eu deveria ter lidado melhor comigo mesmo.

Finalmente olhei em volta, sentindo minhas sobrancelhas subirem.

Jordan, Zellman – e eles não estavam sozinhos. Eu sabia que alguns dos caras Normais tinham vindo ajudar, mas o

mesmo aconteceu com quatro membros da equipe de Channing. Moose – o grande filho da puta que estava sentado em mim. Vendo meu olhar, ele apenas sorriu. Congo, Lincoln e Chad, o grande imbecil ruivo. Eu fiz uma careta para todos eles, mas o único que reagiu foi Lincoln.

Com o rosto impassível, ele disse: — Relaxe. Você estava psicótico. Chan disse para contê-lo, então nós contivemos você.

— Foda-se. — Aquele idiota tinha feito parte para tentar me esmagar. Eu não dava a mínima para a semântica disso. Meu peito ainda sentia que estava vazio dentro de mim.

Ele sorriu, como a porra do Moose.

Mas depois houve outra surpresa, porque atrás da nossa multidão havia outra. Eles estavam parados no final do lote, e eu não conseguia pensar em uma razão para eles estarem aqui, a menos que tivessem feito parte do problema de Bren.

Empurrando-me, senti meu sangue ferver novamente.

— Ei ei! — Jordan estava na minha frente. A mão dele no meu peito. Z estava bem ao lado dele.

— Que porra eles estão fazendo aqui?

Zeke Allen e seus idiotas estavam lá embaixo, com as vadias ao lado deles, e eu não dava a mínima se eles não pareciam prontos para lutar. Eu estava pronto. Eu estava mais

do que pronto, e eles eram o alvo perfeito -até Blaise sair de trás deles, um olhar totalmente diferente da última vez em seu rosto.

Então eu soube. Eu *sabia*.

Ele também *sabia*. Ele olhou entre mim e Taz, parecendo todo tipo de perturbado.

— Não! Dê o fora daqui. Não! Você não vem aqui, não agora, não quando minha garota foi tirada de mim hoje à noite.

— Merda, — disse Jordan baixinho.

Zellman resmungou. — Eu preciso de uma bebida. Não me importo se é uma injeção de adrenalina ou um Jack.

Blaise continuou olhando para Taz, olhando para mim, ainda me dando aquele olhar.

Eu estava vendo vermelho tudo de novo. Comecei a escalar meus irmãos. Eu não dava a mínima. De jeito nenhum *aquele* irmão iria entrar, de jeito nenhum no inferno.

Jordan xingou, me pegando quando eu pulei. Congo, Moose, Lincoln e Chad se mexeram. Dois deles correram ao redor de Jordan para me pegar. Os outros dois estavam vindo atrás de mim. Vislumbrei-os pelo canto do olho, e então Moose estendeu a mão, agarrou minha camisa e puxou.

O material rasgou, mas eu estava pronto para ele neste momento.

Ao me lançar, saindo de seu peito enorme, pulei entre Jordan e Zellman. Chad e Lincoln foram me agarrar, mas eu pousei e saí do chão, esquivando-me deles. Foi um esforço desesperado e de última hora, porque eu só ia dar uma chance nele, mas funcionou. A sorte estava do meu lado, e então eu agarrei meu meio irmão.

Ele apenas se preparou.

Zeke Allen gritou. O grupo deles ficou tenso de surpresa, mas eu já estava lá. Minhas mãos o encontraram e eu levei Blaise ao redor, batendo-o no veículo ao lado deles.

— Você não chega perto dela! Você entendeu?! Eu vou acabar com você se você tentar machucá-la. Eu juro!

Ele nem estava tentando lutar. Ele mal estava me prestando atenção, a cabeça virada, os olhos ainda em Taz.

— PARE DE OLHÁ-LA!

Foi quando as pessoas entraram em ação. Ouvi alguns suspiros. Mais maldições. O silêncio repentino caiu sobre a multidão, apenas interrompido pelo som de pneus entrando no estacionamento. Uma porta se abriu. Uma segunda.

Então, — Cross?

Uma porta se fechou. — Cross! Tire suas mãos dele.

Uma voz diferente, feminina: — Saia do meu filho!

Eles estavam atropelando, mas o tempo todo ele continuou olhando para Taz.

Eu tinha duas opções. Concluir isso mais tarde ou fazer agora.

Eu escolhi agora. Recuei, pronto para dar o primeiro soco, mas meu pai estava lá. Ele se empurrou entre nós, rosnando, — Droga, Cross. VÁ PARA ATRÁS! AGORA!

— Papai? — Taz perguntou. — O que você está fazendo aqui?

— Recebemos uma ligação, disseram que nossos filhos precisavam de nós.

— Blaise. Querido.

Uma mulher se lançou para ele. Assim que eu me afastei dele, ela estava lá, segurando e abraçando-o. Ele não se mexeu, não levantou os braços. Seu rosto estava inexpressivo. Mas ela continuou atacando-o, alisando seus cabelos, seus braços.

Taz veio ao meu lado, com os olhos colados nos dele.

Eu rosnei novamente.

Meu pai me deu um tapa no peito. — Pare com isso. Eu sei que você sabe, então se acalme.

E no meio de tudo isso, um SUV preto entrou no estacionamento e estacionou. Duas portas se abriram e dois caras saíram. Um era famoso e o outro era famoso por aqui.

Zeke Allen ofegou, os olhos esbugalhados. — DE JEITO NENHUM!

O maior dos dois, com cabelos negros, nos deu uma varredura antes de entrar. O outro tinha cabelos castanhos, ainda tão bonitos, e um sorriso arrogante.

Ele parou e olhou para nós, depois suspirou. — Ah, boas lembranças. Lembra dos momentos em que batíamos as pessoas no chão, só por diversão?

O cara maior estava na porta agora e gritou de volta: — Logan! Entre aqui.

Eu sabia quem Channing agora queria dizer com cavalaria. Ele chamou os Kades.

— Por que ele ligou para eles? — Jordan perguntou, mudando para ficar ao meu lado.

Eu resmunguei. Havia apenas uma razão. — O pai deles é o maior benfeitor desta delegacia.

Ele e Zellman olharam para mim. Meu pai e Blaise também. Eu senti a atenção deles.

— Como você sabe disso? — Z perguntou.

Eu olhei para ele. — A polícia prende todos os alunos da nossa escola e não os da deles? Pode apostar que estou fazendo meu dever de casa. Eu tenho uma lista de quem tem o poder de puxar as cordas, e James Kade está no topo.

Jordan sorriu. — E aí está a nossa porra de líder. Sempre dois passos à frente.

Eu me libertei de todo mundo. Channing chamou seus amigos chiques. Isso me disse uma coisa: Bren estava com mais problemas do que eu pensava.

CAPÍTULO TRINTA E OITO

Bren

A porta se abriu e os dois detetives de antes entraram. A mulher carregava uma pasta.

— Vamos tentar isso de novo.

O outro policial não se sentou. Ele se moveu contra a parede atrás de mim, com os braços cruzados.

Ela sentou, com a cabeça baixa enquanto folheava os papéis.

Primeiro, eu sabia o que eles estavam fazendo.

Segundo, eles já tentaram o ato amigável, de estamos apenas tentando ajudar você.

Terceiro, essa cadela sabia exatamente quem eu era, porque eu sabia quem ela era.

Quarto, eu pedi meu advogado, então o máximo que eu precisava me preocupar era refrear a Bren selvagem que eu me tornei quando me sentia encurralada, o que sem dúvida era a

nova agenda deles. Estava nos meus arquivos. Eu havia passado por aconselhamento. Estava bem documentado que eu atacava quando me sentia acuada em um canto. Então, agora estávamos na segunda tentativa: intimidação emocional e física.

A detetive Broghers estava me fazendo esperar, e ela estava fazendo isso intencionalmente.

Um minuto inteiro. Três. Então, depois do quinto, ela fingiu terminar de ler sobre mim. Ela fechou o arquivo e levantou a cabeça, com um sorriso no rosto. Ela inclinou a cadeira em minha direção, ao lado da mesa, em vez de não na minha frente.

— Bren, — disse ela. — Você gostaria de uma água? Refrigerante? Algo para comer?

— Água.

— Nós podemos ter água. — Ela assentiu atrás dela, e aquele policial saiu da sala.

Enquanto esperávamos, ela me olhou e estremeceu. — Nós não deixamos você se lavar, hein? Gostaria de uma toalha? — Ela indicou minhas mãos. Elas foram raspadas, a pele rasgada.

Puxei minhas mãos para o meu colo. As algemas haviam sumido, mas as linhas vermelhas permaneciam. Eles empurraram a linha, apertando-as mais do que era confortável. Em certo sentido, eu sabia que eles estavam apenas fazendo

seu trabalho: forçar a linha, deixa-las desconfortáveis, apoiar-se em mim, fazer com que eu desistisse do que eles queriam e, então, o caso seria encerrado.

— Então. — Ela fingiu estar entediada, até cansada. Ela bocejou. — Você estava no baile mais cedo? — Ela apontou para o meu vestido. — Aposto que as fotos são lindas.

Todas as táticas deles estavam funcionando, mas eu sabia o que eles estavam fazendo, por que eles estavam fazendo, e eu tinha que lembrar disso. Eu tinha que manter a cabeça fria, não importa quanto tempo eles me mantivessem aqui. Tinha que me controlar, ou eu daria a eles algum motivo para me segurar. Essa é a verdadeira razão pela qual eles estavam pressionando, porque não haviam perguntado sobre Alex desde que eu disse que queria um advogado. Não havia fotos nesse arquivo. Eu estava procurando. Apenas documentos com palavras, números e assinaturas.

Eu tive que me perguntar algumas coisas.

Por que Alex reservou um tempo para me contar tudo sobre Drake me preparando, se ele ia morrer? Do jeito que ele caiu, ele teria que estar drogado. Se ele dissesse que Drake me enganou, isso indicaria que ele sabia que Drake estava me enganando para mata-*lo*. Alex não estava pedindo ajuda. E ele teria, se esse fosse o cenário correto.

O que significava que ele não sabia que estava drogado, e ele estava me dizendo que Drake havia me enganado de outra maneira. Essa é a única coisa que fazia sentido. Eu não tinha sentido o pulso dele, apenas vi que ele desmaiou.

Eles me disseram que Alex estava morto... não, eles *sugeriram que* Alex estava morto.

Alex pode não estar morto.

De certa forma, era irônico. Aqui estava eu, esperando mais uma vez que Alex Ryerson não estivesse morto.

Uma batida na porta. O outro detetive entrou e colocou uma garrafa de água na minha frente.

A detetive Broghers estendeu a mão para tirar a tampa. Ela colocou no bolso, empurrando a garrafa aberta para mim. E, novamente, ela ofereceu o mesmo sorriso amigável. — Aí está.

Eu não o alcancei. Ainda não. — Eu pedi meu advogado.

— Você pediu.

Eu odiava o quão condescendente ela era.

Ela recostou-se na cadeira, batendo os dedos na mesa como se fosse a impaciente, como se fosse ela quem quisesse acabar com isso. — Estamos apenas esperando que eles cheguem.

Não havia relógio nesta sala, outra coisa que eles faziam de propósito. Tire tudo do criminoso. Enfie-o em uma sala sem janelas -uma sala fechada e confinada, e faça-o ansiar pelas necessidades básicas. Como saber as horas. Como água. Como conversa. Você toma isso como garantido até perder isso. Isso é o que eles usam contra você.

— Então você está na escola?

Eu não respondi.

Ela não se importou. Ainda amigável. — Sênior, certo? Foi o que seu arquivo disse. Faculdade? Planos depois da formatura?

Novamente. Silêncio. Mas eles não estavam esperando que eu falasse.

— Eu estava tão preocupada com o que faria a seguir quando tinha a sua idade. Pensei que não tinha tempo. Muita pressão, certo? Ainda mais agora, hoje em dia com a internet. O grama...

Ela estava falando, mas eu a desliguei.

Eu olhei para cima, encarando o ponto entre as sobrancelhas dela. Era um truque que eu já ouvira. Você poderia olhar lá, e a pessoa pensava que você estava fazendo contato visual. Era uma sugestão não-verbal que você estava interessado no que eles estavam dizendo, e eles continuariam.

Eu estava apostando nisso porque tinha meu próprio pensamento a fazer.

Primeiro: Drake.

Ela continuou. Eu nunca desviei daquele ponto entre as sobrancelhas dela.

Drake me encontrou quando eu estava em Fallen Crest. Ele não estava usando o sistema de amigos. Ele não estava na cena da equipe. Meses antes disso, ele anunciou que estava de volta à cidade, mandando uma mensagem para onde Alex estava esperando uma surra de mim. Ele nos presenteou com vingança pelo que Alex fez com Taz, e nós a aceitamos.

Mas Drake sabia onde, sabia como, quando.

Ele poderia ter montado um vídeo para nos gravar.

Mas tivemos seus textos nos presenteando com seu próprio irmão.

O que mais ele tinha sobre nós ou sabia? Ele sabia quando era o fim de semana do distrito. Todos aqueles policiais estando lá, foi um evento organizado. Isso significava que eles foram alertados com antecedência. Alguém disse a eles onde estava a festa, mas poderiam ter sido os Crusties da Academy. Foram eles? Eles atacaram Jordan no bosque. Eles fizeram isso sabendo que os policiais estavam chegando e não teríamos tempo de retaliação? Eles poderiam ter...

Alguém queimou a escola de Frisco. Segundo Alex, era esse grupo secreto que queria vender drogas.

Quando os alunos da Fallen Crest Academy foram apanhados, com a intenção de queimar nossa escola, eles alegaram que era Alex quem lhes disse para fazê-lo. Isso poderia ter sido uma mentira dita para cobrir suas costas. Nós nunca os questionamos. Merda. Deveríamos ter questionado eles.

Em vez disso, Zellman explodiu seus carros.

Eles tentaram ir à festa de Tabatha. Nós os expulsamos. Eles descobriram quem queimou seus carros.

A noite seguinte foi quando eles bateram em Jordan.

Desde então, nós aparecemos na escola deles. Eles vieram até nós, esperando por uma briga. Eles estavam esperando uma briga. Nós não estávamos lá para uma luta, mas quando ela se apresentou, nós a pegamos.

Nesse mesmo momento, Blaise viu Cross frente a frente. Ele agiu como se não soubesse quem ele era. Isso poderia ter sido real ou uma mentira.

Mas desde então, não havia nada além da visita de Drake comigo na loja de roupas.

Foi ele quem me contou sobre Neeon se casar com a irmã do diretor Broghers, que agora estava sentada à minha frente.

Eu olhei para o dedo anelar dela. Havia uma linha branca lá. — Broghers... esse é o seu nome de solteira? — Eu perguntei, parando o que ela estava dizendo,

Os lábios dela se separaram.

Eu a surpreendi. Ela estava esperando uma pergunta diferente, mas eu não perguntei se ela era parente do meu diretor.

Ela limpou a garganta.

Eu notei essa reação e, ao mesmo tempo, o cara atrás de mim tirou as mãos dos bolsos. Eu peguei pelo canto do meu olho, mas seus olhos se voltaram para ele e ele os colocou de volta.

Ela me deu aquele sorriso novamente. — Por que você pergunta?

Eu balancei a cabeça em seu dedo. — Você é casada.

Seus lábios não se separaram dessa vez. Eles pressionaram juntos. Ela não estava feliz comigo.

Ela não ia responder. Vi o muro cair e a desliguei antes mesmo que ela começasse. Eu tive minha resposta.

Drake havia dito a verdade. Sobre essa parte.

Lembrei-me do que Alex havia dito, que o grupo recrutou Drake para vir e ser sua pessoa comigo. Se isso era verdade, Broghers estava nesse grupo ou estava sendo usado por esse grupo. E depois o que? Alex disse que o grupo queria usar drogas na escola de Roussou. Como eles conseguiram isso?

A resposta veio para mim, surpreendentemente e rápido. Eles tinham mais alguém na minha escola, alguém pronto para começar a usar as drogas por eles.

Eles poderiam ter usado Drake, mas, de acordo com Alex, ele foi expulso da equipe. Isso significava que Drake estava fora. Eu tinha sido presa na suposta morte de Alex, então isso significava que Alex estava fora. Quem então?

Eu poderia ter me chutado, porque não estávamos prestando atenção. Ninguém estava prestando atenção. O documentário não estava lá para nos ameaçar com a exposição nacional. Estava lá para nos distrair do que realmente estava acontecendo.

A equipe Ryerson.

Se Alex estivesse certo, se Drake tivesse sido expulso, isso significava que havia um motim. Alguém reuniu sua equipe. Alguém se aproximou para ser seu novo líder. Alguém que iria empurrar as drogas. Tinha que ser. É a única coisa que fazia sentido.

Mas Fallen Crest? Eu estava aqui. Como eu estava aqui? Que parte disso estava faltando?

O diretor Broghers queria que o documentário estivesse aqui. *Kenneth* pediu que eles estivessem aqui. Mas ele estava beijando a bunda de Becca. Por que ele estava beijando sua bunda se o objetivo final era apenas para nos distrair? Isso não fazia sentido. Uma pessoa beija a bunda de alguém porque quer alguma coisa. A equipe do documentário já estava lá. Mas se Kenneth já estivesse conseguindo o que queria, não teria beijado a bunda de Becca.

Ele queria outra coisa.

Eu senti isso nos meus ossos. O documentário *estava* lá para nos distrair, o que significava que o diretor não sabia.

Ele era um fantoche.

E essa policial? Ela também era uma marionete?

Quem estava puxando suas cordas?

Neeon? Drake havia conversado sobre a filha de Neeon.

Se Drake não estava usando drogas, ele também estava sendo usado.

Alex sabia. Drake não. Quem estava usando Drake? Como Alex saberia?

Então eu percebi uma coisa. O que os uniu? A família deles. Alguém na família estava por trás de tudo isso. Isso faria sentido. Use a delegacia de Fallen Crest para desviar a atenção de Roussou. Faça-nos focar aqui, não em Roussou. Tudo foi uma distração. Tudo.

Isso significava que eu precisava encontrar alguém que estivesse ativo na delegacia de Fallen Crest, encontrar alguém que estivesse conectado a Drake, a Alex, encontrar alguém que estivesse em comunicação com o novo líder da Ryerson Crew - o cérebro de tudo isso.

Drogas. Tudo se resumia às malditas drogas.

Eu estava aqui por causa de drogas.

— Por que estou aqui?

A detetive Broghers parou, piscando uma vez. — Por que você pergunta?

— Era uma equipe de tarefas conjuntas? Roussou e Fallen Crest juntos?

Ela não respondeu, mas estava ouvindo.

— Quem montou isso? De quem foi a ideia?

Ela não ia responder. Eu sabia que ela não ia, mas eu estava apostando que ela sabia. Volte atrás. Sempre retroceda, e haveria uma pessoa que conectaria tudo.

Nós apenas tínhamos que seguir a corda certa.

Alguém bateu na porta. Ele se abriu e a cabeça de um cara apareceu.

— O advogado dela está aqui.



Não era apenas um advogado. Channing teve sua equipe normal entrando, junto com outro cara que sorriu largamente para os detetives quando minha fiança foi paga.

Broghers suspirou. — Continue assim, Kade. Tenho certeza de que poderíamos encontrar algo em você enquanto estiver na cidade. E não pense que não sabemos que você ainda está na faculdade de direito. Você ainda não é advogado pleno.

O sorriso do cara apenas se aprofundou. — Continue assim, hein? Isso é um desafio? Uma insinuação? — Ele mudou, encarando-a. — Você vem até mim, detetive Broghers? Tem certeza de que quer fazer isso? Tenho certeza de que toda a sua força está ciente de como eu lido com os desafios. Eu sempre *estou pronto* para a ocasião.

Broghers corta para o meu irmão. — Você chamou *esses* caras? Seus advogados normais não foram suficientes?

Channing estava quieto, estranhamente quieto quando fui conduzida, mas agora ele virou os olhos frios para ela.

— Você não quer me perguntar até onde irei pela minha irmã. — Ele mudou, o poder mortal irradiando dele.

Havia outro cara parado com ele, mas naquele momento, ninguém conseguia desviar o olhar de Channing.

— Você levou a SWAT. *SWAT*.

O policial na parte de trás se mexeu. — Recebemos uma dica de que havia um atirador. Esse é o protocolo...

— Pare! — Outro policial o calou.

Os olhos de Channing eram fendas agora. — Eu não posso deixar de imaginar, quem realmente paga seu salário? Se algo fica abalado, acaba caindo do fundo do saco.

Ele não estava perguntando, e ela não estava respondendo, mas sua mensagem foi recebida. Os olhos dela ficaram planos e ela se endireitou, a mão caindo do quadril.

O policial na recepção terminou com minha papelada, deslizando o papel para mim. — Assinatura, por favor.

Eu levantei meus pulsos, amarrados mais uma vez.

Channing falou: — Você está falando sério? Até eu não tinha algemas quando estava saindo.

Broghers levantou um ombro. — Apenas seguindo o protocolo. Você nos conhece. Seguimos todas as regras do livro.

Bem, nesse caso... eu terminei de assinar, estendi minhas algemas e olhei para ela. — Você sabe que há um vídeo de quando você prendeu apenas estudantes de Roussou e não os alunos de Fallen Crest naquela festa. Esse foi o protocolo?

Os olhos dela se estreitaram. — O que você está dizendo para mim?

Foda-se. Eu andei em direção a ela. — Ouvi um boato de que alguém estava usando drogas em Frisco. Que alguém não gostou quando os Demônios Vermelhos se concentraram apenas lá, então eles queimaram a escola Frisco para enviar estudantes para Roussou e Fallen Crest, e eles me designaram para esse documentário para distrair minha equipe de perceber que um novo líder estava se aproximando na equipe Ryerson. Também ouvi que Drake Ryerson foi contratado para me enganar, que Alex foi usado como um peão para me prender e que quem está puxando todas as cordas também está puxando a sua.

E o meu último. — Também ouvi boatos de que Alex Ryerson está completamente bem. Ele está dormindo bêbado na cela dele.

Eu esperei. Assistindo. Estudando.

Os olhos dela brilharam. Sua boca caiu, só um pouco, mas foi o suficiente.

Eu passei meu olhar pelo resto da estação. A maioria estava assistindo e ouvindo, mas apenas um reagiu -um cara nas costas. Ele virou os olhos para os meus, depois desapareceu em um corredor lateral.

Olhei para Channing para ver se ele também estava olhando para ele. Ele estava.

Quando saímos, Channing disse suavemente: — O que foi aquilo?

— Puxando uma corda. Você sabe quem era aquele policial atrás?

Ele assentiu. — Sim.

— Você acha que poderia pegar o telefone dele, ver pra quem ele ligou?

Os olhos dele brilharam. — Por quê?

Eu saí. — Quero ver se eu puxei a corda certa.

Seu olhar não se afastou de mim, apenas se intensificando. — Estou pensando que precisamos ter uma longa discussão hoje à noite.

Isso era certo, mas uma multidão havia se formado lá fora. Não ao nosso redor ou em mim, mas ao redor dos dois caras que vieram com Channing. Ou um deles, para ser específico. E não eram apenas as pessoas de Roussou, mas também os Crusties de Fallen Crest. Zeke Allen parecia estar mijando.

— Bren!

Cross.

Eu peguei meu ritmo, indo até ele.

O cara famoso gritou sobre a multidão: — Channing.

A mão do meu irmão estava nas minhas costas. — Eu sei, — ele chamou. — Venha para o armazém.

O cara assentiu, voltando a assinar um autógrafo.

Mas Cross estava na minha frente então, e seus braços estavam ao meu redor quando ele me levantou no ar. Tudo, toda a estratégia, toda a preocupação, tudo se foi naquele instante. Éramos apenas Cross e eu, e eu não queria deixar ir.

— Merda, — ele ofegou, me enchendo de beijos. — Eu estava tão preocupado. Eu me perdi. Totalmente perdido. Eu poderia ter matado alguém.

Se isso deveria me assustar, teve o efeito oposto. Eu apenas o abracei mais forte. Então Jordan e Zellman me

arrancaram dos braços de Cross para me abraçar, um por um. Então vieram Taz e Race.

Eu sussurrei para ele: — Eles me disseram que Alex estava morto.

Ele deu um pulo para trás. — O que?!

— Você não ouviu?

— Não. Mas o que?

Eu dei um tapinha no braço dele. — Segura. Temos que conversar mais tarde.

Ele assentiu antes de recuar, já pegando o telefone. Com a mão na de Taz, ele a levou ao veículo.

Tabatha. Sunday.

Depois vieram Moose, Lincoln, Congo e Chade. Uma caminhonete parou e, em vez de encontrar uma vaga de estacionamento, parou e o motorista saiu correndo, dando a volta na frente para me pegar. Scratch.

— Ei, prima. — Ele me virou. — Ouvi dizer que você estava causando problemas. — Ele me colocou no chão, sorrindo e alisou meu cabelo. — Por que não estou surpreso?

Eu ri, me afastando e socando suavemente seu ombro. — Você acabou de chegar aqui? Preguiçoso.

Ele deu uma risada e depois falou por cima do meu ombro. — Heather ligou. Ela está segurando o forte, mas quer conhecer o plano.

Channing se aproximou de mim. — Nós vamos nos encontrar no armazém, mas eu preciso de um momento com Bren e sua equipe sozinho.

— Entendi. Eu vou falar com ela. Ela vai nos encontrar lá.

Scratch voltou para a caminhonete e Channing se abaixou. — Vou colocar Lincoln no cara, mas me faça um favor, — disse ele suavemente. — Encontre-me no escritório antes de irmos para o armazém. Quero saber tudo o que está acontecendo antes de entrar no armazém.

Eu balancei a cabeça quando Cross pegou minha mão.

Ninguém disse uma palavra.

Eu estava fora. Agora era hora de se reagrupar, fazer um plano e executar.

CAPÍTULO TRINTA E NOVE

Nosso inimigo nos derrubou.

Nós nos reunimos.

Agora partíamos para derrota-lo, conquistar, vencer.

Eu queria pensar que esse era o nosso próximo curso de ação, mas algo -algo irritante no fundo da minha mente -estava me dizendo o contrário.

De certa forma, o que eles fizeram foi simples, embora parecesse complexo. Distrair e depois jogar uma tonelada de merda para nós para nos dispersar. *Então* agir. Vender drogas. Manter os lucros. Mas de outra maneira, não era nada simples. Na verdade, era muito idiota, porque eles não acreditavam em ninguém. E eles estavam apostando em todos os diferentes fatores que haviam usado como uma distração para ir embora.

Eles não iam embora.

A meio caminho de Roussou, chegou um texto.

Race: *Alex está bem. Ele está no hospital.*

Eu tinha razão. Eles foram instruídos a me prender. Pelo menos uma pessoa dentro do departamento sabia que isso era uma configuração e estava agindo sob ordens externas. Precisávamos descobrir quem era.

Um segundo texto entrou.

Channing: *Sabemos para quem o policial estava ligando. Mudança de planos. Você e sua equipe vão para casa. Tranque tudo. Fique segura. Estamos assumindo o controle.*

Eu queria xingar, jogar alguma coisa, discutir; mas eu não fiz nada disso. De certa forma, Channing estava certo, e eu sabia disso. Eu conhecia meu papel. Eu estava no ensino médio, logo me formarei, e ainda não tinha decidido como seria meu futuro.

Depois que eu descobri que toda essa bagunça tinha a ver com drogas, eu sabia que estava fora de jogo. Eu sabia que meu irmão iria intervir e sabia que ele iria lidar com isso. Ele sempre fez. Foi ele quem manteve contatos dentro do Departamento de Polícia de Roussou. Ele tinha contatos em todos os lugares. Tornar-se um grande caçador de recompensas em tão pouco tempo dizia muito. Ele não era apenas bom; ele tinha contados.

Mas Alex, Drake. Esses eram os nossos problemas.

Jordan estava entrando na estrada que levava ao escritório de Channing quando eu lhe disse a mudança de planos.

— O que? — Z virou-se. — De jeito nenhum. Ajudamos sua equipe com os demônios. Ele pode nos ajudar desta vez. Vamos. Esta é a nossa luta.

Mas não era.

Eu balancei minha cabeça. — Você realmente quer entrar nesse mundo? Drogas? Guerra de território? Eu não. Eu quero continuar sendo uma estudante do ensino médio, preocupada com o que vou fazer no próximo ano. Eles me disseram que Alex estava morto. Eles apontaram armas para mim. Eles vieram até mim com equipamento da SWAT. Não quero essa vida, pelo menos ainda não.

Ainda não.

Jesus.

Não era essa a frase-chave aqui.

— Nem nós queremos, — disse Jordan. — A decisão é sua. Seu irmão. Sua prisão. Nós fazemos o que você quiser.

O que eu queria...

O que eu queria?

Minha mão roçou meu vestido – mais do que um pouco pior para o desgaste agora – e torci o nariz. — Quero trocar de roupa. Eu quero tomar banho. Eu quero fazer merda simples.

Eu não queria ser membro de uma equipe agora. E eu esperava que eles não pensassem menos de mim, mas eu estava cansada. Puro e simples, eu estava apenas cansada.

— Então é isso que vamos fazer, — confirmou Jordan.

Zellman começou a dizer algo, mas houve um movimento e ele resmungou. — Ooomph. Sim, Bren. Sim. Merda simples.

Nós fomos à minha casa. Cross foi comigo ao quarto para se certificar de que eu estava bem. Houve abraços, beijos. Ele continuou querendo ter certeza de que eu estava bem. Nós podemos ter caído na cama, ignorando os outros na casa. Mas quando a campainha tocou, Cross xingou e se afastou.

Eu ouvi muitos passos, a voz de Taz filtrou pelo corredor para nós.

Cross gemeu, empurrando para cima e para fora de mim. — Sinto que todos estão vindo aqui. Eu vou lidar com eles. — Ele parou, olhando para mim. — Você está bem?

Toquei seu rosto, minha palma alisando sua bochecha. — Eu vou ficar.

Os olhos dele nublaram-se. — Tem certeza disso?

Eu assenti. — Tenho certeza.

Endireitando a camisa, ele me lançou um olhar sombrio e triste. Eu me encontrei sorrindo quando ele abriu a porta e saiu.

Eu parei de ouvir depois disso e fui para o banheiro.

Eu queria um chuveiro, mas principalmente eu queria limpar a sensação dessas algemas, essas acusações, naquele corredor, vendo Alex cair.

Eu queria lavar essa imagem.

Entrei no chuveiro e uma vez que a água me atingiu, eu a perdi. Cabeça enterrada em minhas mãos, a água batendo em mim, eu quase desmoronei.

Mas eu não fiz.

Fique forte, Bren.

Ouvi minha mãe sussurrando no meu ouvido e me contive. Eu apenas parei.

Eu respirei e depois me lavei e saí.

A água ainda estava caindo. Eu estava voltando para desliga-la, mas novamente parei.

Cross estava parado na porta, com os olhos aquecidos. Sua mandíbula apertou.

Meu corpo começou a tremer, reagindo à necessidade que eu vi nele. Ele se levantou rapidamente, quase ameaçando me sufocar.

Eu pensei que tinha desmoronado no chuveiro, mas isso - não se comparava a isso.

Eu precisava dele. Ser presa, ouvir aquelas palavras sobre Alex, ser interrogada e depois sair -tudo voltou para mim, me dando uma lembrança de cada vez, mas houve uma onda de renovação. Eu estava bem. Eu ficaria bem. Eles não podiam me destruir e aqui estava Cross. Eu vi tudo isso nele, um reflexo no espelho. E quem estava na casa, que se dane. Esqueça eles.

Nesse momento, éramos Cross e eu.

Eu larguei minha mão e ele começou por mim. Fome gritante queimando nele, então ele estava na minha frente. A mão dele se curvou em volta da minha cintura. Ele entrou, com a cabeça inclinada. Sua boca passou por cima do meu ombro e eu tremi novamente. Um calafrio de corpo inteiro, porque me senti tão bem.

Ele murmurou lá: — Eu não posso, eu preciso disso.

Eu estava assentindo, já contando como eu precisava dele mesmo antes de ele terminar.

— Eu preciso de você, — ele terminou, esviscerando.

Estendi a mão, agarrando a parte de trás de sua cabeça e levei sua boca na minha.

Então eu não precisava de mais nada. Sua boca se abriu sobre a minha, e tudo se foi.

Indo para o chuveiro, ele ficou encharcado em um instante.

Ele me empurrou contra a parede e eu estava puxando a camisa dele enquanto ele tirava a calça jeans. Tudo foi jogado fora até que era apenas ele e eu, e então ele estava me levantando. Minhas pernas estavam em volta da cintura dele.

Boca na boca.

Neste momento, éramos apenas nós.

Ninguém mais existia.

Nada mais existia.

Não havia prisão.

Não havia delegacia de polícia.

Estávamos limpando tudo.

Ele. Eu. E então ele estava dentro de mim, e nós dois paramos com o contato.

Ele gemeu, sua boca se movendo para a minha garganta. — Eu te amo demais.

Eu enrolei meus braços em torno dele. Não consegui falar. Minha garganta estava cheia de emoção, então eu movi meus quadris. Suas mãos agarraram minhas coxas e ele começou a se mover comigo. Nós montamos um no outro até que nós dois gozamos, e mesmo assim, eu não queria libertá-lo.

— Cross, — eu sussurrei, incapaz de falar novamente.

Sua cabeça estava enterrada no meu pescoço e ombro. Ele sacudiu, apenas me abraçando. — Ainda não. Deus. Ainda não.

Nós ficamos.

Muito tempo depois que a água foi desligada, muito tempo depois que nossos corpos esfriarem, muito tempo depois que o ar começou a nos secar.

Nós ficamos.

Então ouvimos a campainha tocar, e eu sabia que o mundo havia voltado para nós.

Gemendo, Cross me deixou recuar e, sem falar, nós dois nos secamos e nos vestimos. Eu estava passando os dedos pelos cabelos quando saímos para o corredor.

Eu podia ouvir a voz de Tabatha e a risada de Sunday. Race. A equipe estava aqui. Todos eles.

Eu fui para a porta. Cross estava logo atrás de mim, então eu a abri e ouvi Cross xingar atrás de mim.

Blaise estava lá. Alguns passos atrás estava Zeke, com mais deles esperando em veículos na rua. Eu vi algumas garotas, mas principalmente os mesmos caras com quem brigamos antes.

Cross passou por mim, observando. — Você está *fodidamente* brincando comigo?

— Apenas espere. — Blaise deu um passo para trás, com as mãos no ar. — Espere. Por favor.

Zeke deu um pulo para a frente.

— Você dá mais um maldito passo, e eu vou tirar sua cabeça do seu corpo, — disse Cross.

Blaise se virou. — Pare. Eu acredito nele.

Zeke abaixou a cabeça. — Eu também acredito nele. Não significa que estou deixando meu melhor amigo sozinho aqui.

Eu levantei minha cabeça.

Zeke tinha um ar submisso, mas ele ainda era desafiador. Eu acreditei *nele*. Se Cross desse um passo, Zeke avançaria, não importando a quantidade de derrotas que ele certamente receberia. Ele era leal. Eu não esperava por isso.

— Olha. Deixe-me falar, tudo bem? Só um minuto. — Blaise ainda estava com as mãos no ar. Ele as abaixou e se moveu para olhar para trás, para dentro de casa, mas Cross se moveu para bloqueá-lo. — Tudo bem, tudo bem. Eu não sabia. Ok? Eu não sabia quem você era, quem... — Ele levantou a cabeça, indicando atrás de nós. — Sobre ela. Eu não tinha ideia.

Cross estava rígido, a tensão vazando de todos os poros.

Cheguei mais perto, encostando-me nele, e coloquei minha mão nas costas dele. Ele respirou fundo, soltando-o lentamente. Um pouco da tensão o deixou. Um pouco, não o suficiente.

Mas ele estava ouvindo.

Blaise falou mais rápido, molhando os lábios. — Sempre me disseram que eu era filho único, que meu pai era um idiota que não dava a mínima para mim. Eu não tinha ideia. Honestamente. Então meus pais estão subitamente se divorciando. Voltamos para cá, onde minha mãe cresceu e ela tem um cara aleatório por perto.

Cross rosnou.

— Sem ofensa, mas você pode ver do meu ponto de vista? Minha mãe *acabou de se* divorciar do meu pai. Meu pai não se importa mais comigo, e esse novo cara está entrando e agindo de maneira paternal. Isso me irritou. Quem é esse cara? Não me

disseram nada. Nada. Nada. Então eu reencontro Zeke. Nós nos reconectamos. Isso é ótimo e tudo. Meu velho melhor amigo ainda está aqui, então as coisas não são ótimas, mas são decentes e depois *bam*. Ele me conta sobre as equipes de Roussou. Vocês explodiram alguns dos carros de nossos amigos do nada-

— Vocês enviaram dois de seus idiotas para queimar a nossa escola.

Zeke deu dois passos para o lado - não em nossa direção, mas no gramado para um melhor ponto de vista. — Nós *realmente* não estávamos por trás disso. Juro pela buceta. Nós não estávamos. Esses dois idiotas não vão para a nossa escola. Nós nem sabemos quem eles são. *Vocês* nos contaram sobre eles. Essa foi a primeira vez que ouvimos falar sobre isso. Então, sim, derrotamos seu garoto, mas sabíamos que vocês estavam por perto. Nós sabíamos que vocês iriam intervir. Nós não fizemos muito mal à ele. Era o que estávamos pensando e funcionou. Vocês apareceram. Vocês venceram nossos traseiros. E então isso seria para nós. Vocês explodiram nossos carros. Batemos no seu garoto. Estávamos quites, até onde estávamos preocupados.

— Então vocês vieram para a nossa escola, — disse Blaise.

Zeke fez um som frustrado. — Sim. Quero dizer, tudo bem. Vocês aparecem na nossa escola? Nosso campus? Nossas

garotas estão lá. Pode apostar que vamos lutar. Vocês trouxeram a luta para nós, cara.

— Não estávamos lá para lutar, — disse Cross.

Eu ainda não tinha dito uma palavra. Isso era entre Cross e seu irmão, mas eu queria dizer a eles que estávamos lá para ver Blaise. Eu não disse. Não pude. Essa era a decisão de Cross, mas uma parte de mim ansiava por gritar.

A família era preciosa. Porra. Toda a merda que eu dei a Channing, e ele estava agora lá fora, lutando por mim.

Mordi as lágrimas, sabendo que tinha que fazer as coisas certas com ele. Toda a raiva de crescer, isso já era. Estava na hora de começar de novo. Recomeçar. Apertei minha mão com mais força contra as costas de Cross porque queria o mesmo para ele.

— O que está acontecendo?

Eu girei. Z estava lá, e seus olhos se arregalaram ao ver quem estava na porta. — Porr...

Eu estava nele em dois passos. Minha mão apertou sua boca. — Pare. Não diga uma palavra. — Olhei por cima do ombro, para a cozinha, mas todo mundo estava lá fora. Meus ombros caíram de alívio. Se Taz entrasse, Cross ficaria louco, e isso não seria bom.

Fiz um gesto atrás dele. — Vá lá fora. Feche a porta. Aja normalmente.

— Mas... — Ele apontou por cima do meu ombro.

— Eu sei. Faça o que eu digo. Confie em mim.

— Bren!

— Confie, filho da puta.

Os olhos dele subiram. — Confiar, minha bunda.

Mas ele foi e fechou a porta, e eu vi como ele revirou os ombros para trás. Ele estava tentando, mas eu sabia que Jordan veria através de seu ato.

Um segundo depois, Jordan abriu a porta do pátio, entrando, e eu suspirei. Não havia nada que eu pudesse fazer agora, então, quando Jordan se aproximou, eu o deixei ver quem estava parado na nossa porta.

Ao contrário de Z, Jordan apenas pressionou a boca em uma linha firme e se moveu atrás de mim. Voltamos, prontos para ter as costas de Cross de volta, se ele precisasse de nós.

Ele precisava de nós. Eu poderia dizer. Eu me movi para trás dele novamente, minha mão nas costas dele, subindo entre as omoplatas dele.

Ele estremeceu, sensível ao meu toque.

— Só estou dizendo que me disseram que uma equipe da Roussou estava na frente, batendo no meu melhor amigo, e eu fui lá para fora. Então eu vi você, realmente vi, e... — Blaise parou, balançando a cabeça. — Meu mundo estava fodidamente abalado. — Ele olhou para baixo. — As pessoas que não procuram uma conexão podem não vê-la. As pessoas parecem semelhantes o tempo todo, mas você? Eu? Assim não. Eu tentei ignorar. Eu tentei. De jeito nenhum eu estava relacionado a alguma escória de Roussou.

— Pelo amor de Deus, — Jordan murmurou sobre minha cabeça.

Blaise olhou para cima. — Desculpe, mas é assim que eu estava me sentindo. Eu pensei que você era um primo ou algo assim. Minha mãe é daqui. Ela guarda muitos segredos. Talvez ela tivesse uma família da qual não me falasse. Então o namorado dela estava mais e mais por perto. Ele estava se mudando e falou sobre seus filhos. Cross. Tasmin. Entrei em contato, perguntei a Zeke os nomes da equipe com quem ele estava se metendo, e isso não pareceu coincidência. Digamos que minha mãe e eu tivemos um momento de confissões uma noite. Ela derramou tudo, e agora aqui estou, aprendendo que meu pai de verdade realmente se importa comigo, não preciso me sentir culpado por odiar o idiota que me bancou a vida toda, e eu tenho irmãos. Gêmeos também. Jesus. Isso é sério? Gêmeos do caralho, e eles têm a minha idade. — Ele se virou

para trás e fez um gesto para Cross com um movimento brusco. — Aí está. Estamos envolvidos.

Zeke avançou um passo. — Ouvimos falar da sua prisão e chegamos à delegacia para ver se poderíamos ajudar, — ele me disse. — Os policiais aqui são corruptos. Na verdade, queríamos que todos soubessem disso.

Blaise fez um gesto entre ele e Cross. — Você e eu, isso muda tudo do nosso lado. Não quero ser inimigo do meu meio-irmão.

Cross ficou em silêncio - estudando, medindo.

Então, como se fosse algum sinal cósmico, ouvimos a voz de Taz atrás de nós. — Bren? O que vocês estão fazendo?

Nós esperamos. Um segundo inteiro, dois, cinco.

Jordan xingou e se afastou.

Eu me virei, sabendo que ela veria culpa nos meus olhos, então tentei não olhar. Mas seus olhos não estavam em mim.

Eles passaram por mim, vendo Cross, e depois foram para a porta e além.

Seus olhos ficaram grandes, muito grandes.

— Cross? O que está acontecendo? — Ela avançou, apenas parando porque minha mão ainda estava nas costas dele.

Ele ficou tenso. Ele era todo tipo de rigidez, mas se virou e, quando nossos olhares se encontraram, um flash de entendimento passou entre nós.

Eu o deixei ir e, ao fazer isso, abrimos o caminho.

Taz fez o resto do caminho para o irmão. Ela franziu o cenho para Blaise. — Você é de Fallen Crest. O que você está fazendo aqui?

Todos esperamos.

Foi uma decisão de Cross.

— Taz, — ele finalmente disse. — Este é o nosso meio-irmão.

CAPÍTULO QUARENTA

Taz perdeu a cabeça. E isso era subestimar.

Ela gritou, chorou, soluçou, gritou e se dobrou em uma bola. Então ela começou a rir, balançando a cabeça, ameaçando seus pais, ameaçando Cross. Ela se virou para mim algumas vezes com fogo nos olhos.

Blaise decolou após cinco minutos. Fiquei chocada que ele durou tanto tempo.

Taz estava histérica, e ninguém poderia acalmá-la. As meninas entraram. Race. Até Z tentou uma mão. Ela empurrou todo mundo para longe, virando-se e saindo com soluços cheios que a atravessavam.

Race olhou para Cross.

Cross olhou para Race.

— Não sei o que fazer, — disse Race.

Cross levantou as mãos. — Ela perdeu para mim mais cedo. Tenho certeza de que tudo isso é do divórcio, eu me mudando, tudo. Mas acho que ela não precisa do irmão. — Ele inclinou a cabeça para frente. — É com você, amigo.

Race resmungou. — Idiota.

— Amo você também. — Cross riu.

Race olhou para mim antes de sair. — Você queria conversar? Você mencionou isso antes.

Eu acenei para ele. — Não. Isto pode esperar. Cuide da sua mulher.

Ele passou a mão cansada pelo rosto. — O baile foi péssimo. Obrigado, porra, é o último.

Z arrotou e levantou uma cerveja no ar. — Brindemos a isso.

Encontramos Jordan na cozinha, recostando-se no balcão com as pernas bem abertas. Tabatha estava enrolada nele, a cabeça apoiada no ombro dele, os braços em volta da cintura. Ele tinha uma mão estendida atrás dela, apoiada no balcão. Ele estava me observando. Ele levantou a cabeça em direção a Cross e Z. Ele levantou uma sobrancelha em questão, mas eu apenas balancei a cabeça.

Estava *tão* tarde.

Eu não queria ter uma reunião. Não queria checar com a equipe. Sim, havia coisas a dizer, mas a luta havia me deixado. Channing estava lidando com as coisas. Se eu quisesse simplesmente ir para a cama e me abraçar com meu namorado

na noite do baile, eu poderia. E o mundo não terminaria no dia seguinte.

Channing estava cuidando de mim e, pela primeira vez, eu estava deixando.

Estava tudo bem. Parecia muito bom.

Mas isso não era bom o suficiente para Jordan. Ele saiu do balcão. Tabatha fez beicinho, perdendo sua rocha semi-ereta para se apoiar, mas ele se aproximou. — Nenhuma reunião? É isso aí? Toda a merda caiu hoje à noite, e não estamos fazendo nada?

— Jordan, — eu suspirei.

— Bren, — ele zombou.

— Ei. — Uma repreensão de Cross.

— Não me *encare*. Não faça isso. — Jordan deu um passo atrás, a mandíbula cerrada. — Não funciona assim. Eu cresci. Cresci muito, mas quando vejo um dos meus ser preso, tenho que ajudar a enfrentar o *outro* eu para impedir que ele perca a merda na delegacia, e agora o quê? Então sua irmã perde a cabeça na festa depois do baile e o quê? Não há mais sistema de amigos, mas e daí? Estamos todos bem? Eu não estou bem. Eu estou chateado.

Ele apontou para Z, para Cross, para mim. — Eu fui a rocha dessa vez. Eu tenho estado firme, assumindo tudo de vocês. Até a noite em que deveria ser sobre mim, acabou sendo sobre vocês. — Suas mãos subiram. — Com o que eu estou bem, estou, mas estou irritado, e tenho sentido ameaça após ameaça contra a minha equipe, e agora o quê? Nada? Ir para a cama. Foder sua garota? Não estou afim disso.

— Jordan, — Z silvou, com a mão no ombro de Jordan. — Acalme-se. Você está ouvindo o que está dizendo?

— Sim, — ele retrucou, afastando-se. — Quero quebrar a cabeça de alguém. É isso que fazemos. Ameaça chega até nós, combatemos.

— Não cara. — Z balançou a cabeça. — Você nunca diz que não gosta de foder. Especialmente uma garota gostosa que você ama. Isso é tipo santidade ou santuário, ou o que seja. Eu não posso falar muito bem. Estou um pouco bêbado.

Jordan o ignorou, fervendo. — Eu preciso fazer algo para proteger minha equipe.

— Jordan... — Cross se aproximou dele.

— Eu preciso disso! — Seus olhos eram selvagens, seu pulso latejava. Eu pude ver uma veia inchada em seu pescoço.

Ele estava certo. Nos últimos dois meses, Jordan havia mudado. Ele tinha namorada. Ele se apaixonou. Ele deixou de

ser o líder e porta-voz autoproclamado e passou a ser o pilar. Ele estava completamente certo, e por causa disso, porque podíamos nos apoiar nele, afrouxamos as rédeas em nossa própria merda. Fomos autorizados a desmoronar, porque ele não deslizava. Porque ele estaria lá, nos puxando de volta, e agora, quando terminamos, saciamos e percorremos toda a nossa merda, ele não estava pronto.

Nós o expulsamos, mas ninguém o trouxe de volta.

Cross olhou para mim.

Não havia decisão a ser tomada. Jordan precisava de nós, e foi isso.

Eu murmurei, — vamos encontrar Drake.



Nós nos escondemos em uma das caminhonetes do meu irmão, então tínhamos um carro maior para que nós quatro pudéssemos caber. Jordan dirigiu. Eu estava bem com isso. Ele estava no limite, não eu.

Fomos à casa dos pais de Drake. Ninguém estava lá. Fomos ao motel local. Nada. Fomos para os outros dois hotéis

menores nas proximidades. Verificamos os hotéis em Fallen Crest. Havia um motel em Frisco, mas estava meio queimado. Ainda assim, nós fomos. Nós passamos. Estava fechado, não havia veículos no estacionamento.

Fizemos um balanço pelo parque de trailers. Frisco. Fallen Crest. Roussou.

Nós até corremos e perguntamos no hospital enquanto estávamos em Fallen Crest. E, como último esforço, verificamos o Departamento de Polícia de Roussou. Eles não o prenderam.

Nós não encontramos Drake.

Mas nós dirigimos. E nós dirigimos.

Dirigimos um pouco mais.

Dirigimos o resto da noite até de manhã.

Dirigimos até que Jordan nos disse para parar.

Quando alguém precisou comer, paramos para o café da manhã. Quando alguém precisou do banheiro, fizemos uma parada. Fomos ao posto de gasolina, tomamos café e entramos na caminhonete para outro passeio.

Fizemos outro círculo completo, percorrendo todo o caminho até Frisco, pelas estradas secundárias em Fallen Crest, passando pelo Manny's, e seguimos a longa rota que circundava Roussou. Quando nos aproximamos dos limites da

cidade, Jordan entrou em outro posto de gasolina. Desta vez para colocar gasolina.

Silenciosamente, um por um, todos nós caminhamos para dentro. Mais café. Lanches. Tudo o que precisávamos.

Quando voltamos à estrada, ninguém disse uma palavra. Isto era para Jordan. Continuaríamos até que ele estivesse satisfeito e, finalmente, seis quilômetros ao norte de Roussou, ele virou para o acostamento da estrada e girou a caminhonete.

— Eu estou bem, — ele anunciou.

Então estávamos indo para casa.

Ninguém fez piada. Ninguém reclamou. Ninguém fez nada. Estávamos aqui por ele nesta caminhonete, fedendo, suando, tremendo (eu), estômagos roncando até enchê-los, e agora estávamos meio privados de sono e meio ligados à cafeína.

— Z, você primeiro?

Zellman bocejou, sentando-se. Ele tinha as pernas levantadas no painel, o copo em uma mão, um cachorro-quente pela metade na outra. — Não, cara. — Ele lançou um sorriso torto por cima do ombro para onde Cross e eu estávamos atrás. — Vamos levar a caminhonete para a casa dos pombinhos, em seguida entrar no meu. Tabatha levou Sunday para casa em sua caminhonete. Vou te deixar.

Jordan não respondeu; ele acabou de nos levar para casa.

Quando chegamos lá, Zellman e Jordan foram até a caminhonete de Z, e Cross permaneceu na calçada.

Ninguém se despediu. Nós apenas dispersamos.

— O que há de errado? — Eu perguntei.

Z e Jordan ouviram, parando.

Cross tinha as mãos nos bolsos, a cabeça baixa. — Eu sei que devo entrar lá com você, mas Taz. Ela está... — Ele apontou para a cabeça. — Ela está em minha mente. Não posso tirá-la de lá e acho que... não sei, acho que é uma coisa de gêmeo. Eu acho que ela precisa de mim.

Minhas sobrancelhas se levantaram. — Você está indo para sua casa?

Ele encolheu os ombros. — Ou onde quer que ela esteja. Se ela não estiver em casa, irei ao Race. Não tenho problema em entrar e bater no sofá deles. Ele nos disse onde está a chave. — Ele me olhou. — Tudo bem pra você?

— Sim.

Fiquei surpresa, porque realmente estava. Não sabia se Channing estava em nossa casa, mas isso não importava. Não me sentia sozinha andando por aqui -não do jeito que costumava evitar ir para casa.

— Eu vou ficar bem.

— Tem certeza? — Ele pegou minhas mãos e me puxou. Seus lábios roçaram os meus. — Eu te amo.

Eu o beijei de volta. — Eu te amo.

Ele se afastou primeiro, depois virou-se para a caminhonete. Z e Jordan, vendo que estávamos bem, acenaram e entraram na caminhonete de Z. Um segundo depois, eles se foram. Cross estava esperando minha entrada, então eu o fiz. Destrancando a porta, dei-lhe uma última olha por cima do ombro e entrei.

Eu o ouvi ir embora quando entrei na cozinha. Então os pelos da minha nuca se arrepiaram e eu congelei, no meio do caminho. Mas não havia ninguém na cozinha.

Eu girei.

Ali, sentado na cadeira mais distante da sala, perto da lareira, estava Drake, um atiçador na mão.

— Nós precisamos conversar.

CAPÍTULO QUARENTA E UM

Meu coração estava batendo forte.

Thump. Thump. Thump.

— Drake.

Apenas continuou batendo. Alto. Forte.

Usando o atiçador, ele se empurrou para fora do assento e, do outro lado da sala, ele parecia pairar sobre mim. Ele não parecia bem. Ele tinha um limite diferente, mais duro, mais desesperado.

Ele se moveu em minha direção.

Eu recuei. — Pare.

Ele não me reconheceu, apenas largou o atiçador e retomou seu caminho em minha direção.

— Vamos. — Seu tom era rápido. Os olhos dele estão cansados. Seu cabelo parecia que ele estava passando os dedos sem parar, e por baixo da borda, do desespero, da aspereza, era a exaustão. Ele estava resignado -eu vi agora quando ele passou por mim.

Ele sempre teve um objetivo -tudo o que fazia, cada movimento que fazia. Agora, ele estava apenas caminhando. A vida o pesara.

O rosto redondo que ele e seu irmão compartilhavam estava mais abatido agora, desde que eu o vi pela última vez na loja. Seus olhos escuros pareciam quase desbotados, e eu não tinha notado na loja, mas ele havia perdido parte do seu peso. Ele estava emagrecendo.

Ele tocou minha camisa, me puxando por trás dele. — Vamos.

Eu resisti. — Drake, o que você está fazendo aqui?

— Eu só quero conversar. Isso é tudo. Eu não estou aqui para machucá-la. Não estou aqui para ameaçar, para jogar. Acabou, Bren. Tudo acabou.

Uma faísca brilhava em seus olhos. Finalmente. Ele estava aqui, o Drake que eu conhecia. Ele estava mascarado esse tempo todo, mas estava olhando para mim, ainda que sombriamente, mas ele estava lá.

— Tudo bem. — Eu me ouvi concordando. — Onde?

O tormento brilhou por um segundo. — Quero que você me leve ao seu lugar. Você nunca me deixa ir com você, e eu sei que você levou Cross. Uma noite. Noite passada.

Eu ainda vacilei. Esse era o meu lugar. — Por quê?

— Porque eu vou lhe contar tudo, então você precisa me dar uma coisa. Você manteve isso de mim o tempo todo que estivemos juntos. Uma última vez, me mostre... por favor.

O *por favor* me fez entrar. Minha garganta estava áspera. — Tudo bem. — Eu me movi ao redor dele. — Mas eu estou dirigindo.

Eu peguei o movimento atrás de mim. Ele levantou os braços no ar, a cabeça caindo para trás. — Bem. Sim. Você dirige. Uma barganha tão difícil.

Revirei os olhos. — Acho que o que estava acontecendo realmente está feito. Você voltou a me irritar.

Ele grunhiu, me seguindo pela porta. — Você não me diga. Você sempre me irritou. — Eu peguei seu sorriso, incapaz de me impedir de me juntar a ele.

Depois que chegamos ao bosque e estacionamos, eu olhei atentamente para ele enquanto caminhávamos. Ele estava vindo em silêncio. Nem um pio dele desde que saímos de casa, e quando ele deu um passo atrás de mim, com as mãos nos bolsos, a cabeça baixa, ele parecia receptivo.

Era isso? Ou estava o meu primeiro pensamento certo? *Derrotado*.

— É aqui? Para onde você costumava desaparecer? — Ele passou por mim, entrando na minha clareira. Havia uma garrafa de uísque escondida embaixo de algum arbusto, junto com um cobertor cuidadosamente embrulhado, mas eu não estava puxando isso. Isso era para Cross.

Sentei-me, puxando meus joelhos até o peito, e esperei que ele sentasse ao meu lado. Ele fez, deixando uma distância respeitável entre nós. Ele espelhou minha posição por um momento, depois deixou as pernas se esticarem. Ele se recostou, descansando nas mãos atrás dele.

Foi quando ele viu. — Caraaaaalh... — A boca dele se abriu. — É para onde você vinha? Para vigiar sua casa antiga?

Eu levantei um ombro. De jeito nenhum eu estava compartilhando o porquê.

Ele xingou baixinho, passando as mãos ao redor do joelho. — Eu estava com tanta inveja de Shaw. Ele sabia onde você ia e nunca me contava. Aquele filho da puta. — Ele resmungou, estremecendo. — Eu sabia que vocês dois ficariam juntos no segundo em que eu estivesse fora de cena. Sempre perto demais. Não era natural, a menos que um de vocês fosse gay ou fossem irmãos. E vocês não eram nem um nem outro.

— Você disse a Race para tentar me namorar.

Eu fiz uma careta. Ele riu.

— Eu disse. Alex relatou os efeitos. Isso foi demais. Também valeu a pena. — Ele me olhou, sua cabeça inclinada para trás. — De qualquer maneira que eu possa mexer com Shaw, eu estou aceitando. Ainda. Até hoje. Foda-se. Eu nunca tive uma chance com você, não realmente.

Talvez. Provavelmente. — Estávamos bem, até você ir embora.

— Não, não estávamos, — disse ele. — Você ainda não tinha acordado sobre Shaw. Eu sabia que você faria. Eu partir não era sobre você, mas era o momento perfeito. Você e Cross, vocês eram inevitáveis. Eu sabia. Todo mundo sabia disso. Até seus colegas de equipe. Eles também sabiam. — Ele fez uma pausa. — E por falar nisso, como eles aceitaram? Eu sei que vocês tinham essa regra de 'não namorar' em sua equipe. Tenho certeza de que eles devem ter ficado chateados.

Lembrei de quando Jordan nos encontrou. Ficar bravo era a última coisa em sua mente.

— Jordan descobriu no mesmo dia que levamos seu irmão ao hospital para fazer sua lavagem estomacal.

O sorriso de Drake desapareceu. — Oh.

Agora eu o observei. — Você se importa?

Suas narinas dilataram. — Eu me importo que vocês salvaram a vida do meu irmãozinho? Porra. Que tipo de monstro você realmente pensa que eu sou?

Bem. Vamos entrar nisso.

Eu me mexi para encará-lo e ergui meus ombros. — Um que manda o primo mexer com o meu relacionamento. Um que voltou para me enganar. Um que está envolvido com toda uma trama que não consigo entender completamente. — Fiz uma pausa e me inclinei para a frente, baixando a voz para um assobio. — Estou esquecendo alguma coisa?

Ele ficou fascinado, ficando absolutamente imóvel. — Não. Continue. O que mais você sabe?

— Você contou aos policiais sobre o final de semana do distrito?

— Sim.

Eu me assustei. Eu não esperava honestidade tão rapidamente. Mas eu li o rosto dele novamente, e ele falou a verdade. Ele realmente ia me dizer.

— Tudo? — Eu perguntei.

Seus olhos escureceram, junto com meus pensamentos. — Tudo. Próxima pergunta.

— Os policiais vieram me prender?

— Sim. — Uma batida. — Mas não apenas você. Eu sei o que Alex pensou, e ele não estava completamente certo. Isso era uma aliança entre Neeon, sua esposa policial e Broghers. Eles só querem as equipes fora de Roussou. Isso é tudo. A coisa da TV não ia entrevistar os alunos, mas de repente eles descobriram uma maneira de obter todas essas renúncias assinadas. E não, o pessoal da TV não conhecia essa parte. Ninguém poderia contar a eles, e eles nunca questionaram. *É claro que as pessoas querem ser entrevistadas* -é assim que pensam.

— Então a coisa da TV não era um plano para distrair minha equipe?

— Não, foi apenas um movimento do querido velho Kenneth Broghers. Meu chefe queria que você fosse presa para ser enviada para o Juvie. Quando isso não aconteceu, foi fortemente sugerido ao diretor Broghers que você fosse designada como sua assistente. Você e sua equipe se distraíram com o plano B para o meu empregador. O cara que eles têm na força policial do FC é quem sugeriu a ideia para a irmã de Broghers. Ele apenas cimentou quando você não foi presa naquela noite. — Ele se virou para vigiar minha casa. — Ele estava apenas fazendo seu trabalho.

O trabalho dele.

— Você queimou a escola Frisco?

— Sim.

Eu pisquei. *O que?* Eu não esperava isso. Novamente.

E antes que eu pudesse continuar minhas perguntas, ele disse: — E sim, recebi dois punks do FC Public, dei a eles o nome de Alex e disse a eles para queimarem sua escola. Disse que eu tinha um prêmio legal para cada um, se eles fizessem.

— Você armou para seu irmão?

— Você diz armar, eu digo removê-lo da equação para que meu empregador não pudesse usá-lo contra mim.

Minha boca caiu. — Você estava tentando proteger Alex?

Ele não respondeu.

— Ele poderia ter sido espancado na escola.

— Eu disse a minha equipe que lavasse as mãos e sabia que você e seus brinquedinhos não se sentiriam bem com isso. Eu pensei que vocês o interrogariam, só não percebi que seria na manhã *seguinte*. Jesus. Vocês dois apenas fodem e saem da cama? Você dorme depois que o trabalho foi feito?

Não. A velha Bren estava se reunindo.

Mas.

Eu *não estava pegando* a isca. Eu *não* ia reagir.

Ele estava respondendo perguntas. Era o que eu queria.

— A intenção era levar drogas para a escola Roussou? — Eu perguntei. — É por isso que a escola de Frisco foi incendiada?

— Sim e sim, mas não do jeito que você está pensando. Meu empregador não tinha um vendedor na escola Frisco. Ele tem em Roussou, e ele tem em Fallen Crest. Ele quer drogas nas duas escolas e apenas nas escolas. Quando os estudantes de Frisco voltarem, ele quer que as drogas os acompanhem. Ele já trabalhou com alguém para lidar com a distribuição e venda lá.

— Então não tinha começado antes?

Ele balançou a cabeça, bocejando. — Não. Nada disso começou até alguns meses atrás. — Ele olhou para mim, segurando, esperando.

— Quando você chegou?

— Quando eu cheguei. — Sua boca se levantou em um sorriso. — Sempre soube que você era inteligente. Você deveria ir para a faculdade no próximo ano, não ficar sem fazer nada.

Eu dei-lhe um olhar duro, mas ignorei isso também. — A coisa da SWAT? Eu ser presa?

A boca dele se afinou. — Aquilo não fui eu. Não tive nada a ver com isso.

— Quem teve?

Ele não respondeu, não imediatamente, e eu percebi que isso exigiu esforço dele. — Foi o Alex.

— Alex chamou a polícia para si mesmo?

— Não. — Ele riu. — Alex deveria plantar drogas em você. O cara do departamento de polícia do FC chamou na dica anônima que havia um atirador. Ele é o cara por trás de todas as tarefas conjuntas com as duas cidades. Eles chegaram lá, e Alex não colocou as drogas em você. Em vez disso, ele próprio as pegou.

— O policial disse que ele era DOA.

Ele rolou um ombro. — Meu palpite é que é o contato, e a irmã de Broghers foi com ele, prendendo você. Qualquer desculpa para prendê-la, ela vai aceitar. Ela gosta muito de você desde que você esfaqueou o marido recém-casado. — Ele me deu um sorriso. — Eu te avisei sobre eles.

— Como você deveria me enganar?

— Eu deveria entrar na sua cabeça, causar o caos. Além do fim de semana do distrito e da escola Frisco, eu realmente não fiz nada.

— E naquele dia em que eu estava comprando um vestido?

— Eu me encontrei com o contato. Ele estava louco. Disse que não estava fazendo o suficiente, mas nunca fiz parte disso de bom grado, então o que eles esperavam? Eu vi você fazendo compras e pensei, *foda-se*, ela precisa de um aviso. Eu sabia o que estava planejado para esta noite, sabia que eles envolveriam você em alguma coisa. — A bochecha dele ticou. — Eu *não* sabia que eles planejavam usar Alex para as drogas. Eu pensei que seria o novo vendedor da equipe Ryerson.

Então havia um.

— Quem é o aluno? — Eu me inclinei para frente. — Quem são os alunos de todas as escolas?

Ele me ofereceu um sorriso preguiçoso desta vez. — Não posso te dizer isso. Eu sei que sua equipe vai atrás. Você faça a coisa esperta e diga ao seu irmão -deixe que ele e seus amigos assustadores cuidem dos vendedores -ou você e sua equipe vão arrebentar suas cabeças. Eu tenho que ficar quieto por enquanto.

Eu abri minha boca.

— Estou guardando para a polícia, — disse ele antes que eu pudesse falar. — Estou esperando o contato do meu empregador para sair do turno. Preciso ter certeza de encontrar a polícia certa, ou as coisas podem ficar ruins para mim.

Eu suprimi um arrepio. Eu sabia o que acontecia com os delatores.

— Drake, — murmurei.

Eu molhei meus lábios.

Restava uma pergunta. E eu não sabia se tinha isso para perguntar.

Ele esperou, me olhando, um sorriso no rosto. — Pergunte-me, Bren. Diga as palavras.

Fechei os olhos. — Quem é? Quem está por trás de tudo isso?

Eu senti ele se aproximando. Sua boca foi para o meu ouvido e ele disse: — Você sabe quem é.

Ele se inclinou para trás e eu abri meus olhos.

— Você reuniu a maioria dos jogadores, — continuou ele. — Eu sei que você sabe que há uma conexão. *Você* me diz quem é.

Eu não disse uma palavra. Meu peito esvaziou. Eu não pensei que queria saber, por causa do que mais isso significaria.

— Não é meu pai, é? — Eu sussurrei com voz rouca.

— Não. E, a propósito, eles querem encurralar as escolas secundárias de drogas para evitar os Demônios Vermelhos. Essa é a única conexão com seu pai, caso você esteja se perguntando.

O alívio me atingiu com força.

Então pensei em denominadores comuns.

Alex.

Drake.

O tempo.

Quando Drake veio para Roussou.

Uma pessoa da força policial de Fallen Crest.

A facilidade e velocidade com que eles fizeram tudo isso me disseram que já haviam feito isso antes. Isso me disse que eles provavelmente tinham dinheiro.

— Pense, Bren. Quem estava se mudando para a cidade na mesma época?

Alex. Drake... Race...

Eu sabia. Eu nunca conheci a pessoa, mas sabia que ele não era uma pessoa boa. Eu sabia que ele já havia separado duas famílias.

— Seu tio, — eu disse.

— Bingo.

— Pai de Race.

— Mesmo cara.

Minha cabeça girou. — Como você -como você se meteu nisso?

O pai de Race tinha dinheiro, mas pensei que era do negócio da Harley.

Drake riu, o som amargo. — Como eu fui amarrado a isso? Eu tive alguns problemas onde estava hospedado. Ele me salvou, literalmente. Eu acumulei uma dívida de jogo. Meu tio pagou por mim e disse que eu poderia resolver isso se voltasse aqui e sussurrasse palavras manipuladoras em seus ouvidos. Você é a princesa da equipe, Bren. Você é o coração desse mundo *e* do mundo normal. Sua equipe. Vocês são os cães de guarda da escola, e seu irmão é o Pitbull de Roussou. Não era possível leva-lo para fora porque seu pai está conectado agora. Os Demônios Vermelhos se esforçavam ao máximo para que um de seus filhos fosse assassinado.

Eu estremeci.

Um olhar duro estava em seus olhos. — E não, eu nunca faria parte disso. Não. Meu tio sabia que isso não poderia de

jeito nenhum acontecer com você. Esse é o trabalho que me foi dado. Foder com você, então sua equipe e seu irmão iriam embora, pelo menos por um tempo, pelo menos o tempo suficiente para entrar e configurar alguma coisa. Você era o meu trabalho, mas eu cheguei aqui e não queria fazer minha parte por ele. Eu brinquei. — Um sorriso lento e sensual se espalhou por seu rosto. Os olhos dele brilharam. — Eu me diverti um pouco, talvez muito, e de repente recebi outro incentivo para brincar, ganhar dinheiro, não estragar tudo e ter *mais* problemas.

Eu fiz uma careta. — O que?

— Eu tenho uma criança a caminho.

Uma criança -Sunday. Sunday!

Eu me levantei. — Você é o cara que engravidou Sunday?

Ele inclinou a cabeça para trás, me observando. — Realmente? É isso que recebe a maior reação de você? Uma gravidez na adolescência?

Eu me sentei em um bufo. — Ela nos disse que era alguém de Fallen Crest.

Ele riu, o som suave. — Eu sei. — Ele levou um minuto para se rachar. — Eu disse a ela para dizer isso, — ele riu. — Ela e eu estávamos sendo gentis um com o outro, imaginamos que é por isso que ela realmente disse isso. Eu sabia que estaria

ligando para a festa do fim de semana do distrito, e talvez ganhasse tempo para vocês suspeitarem daqueles idiotas por estarem por trás disso. Z tendo isso em mente, era apenas uma questão de tempo antes dele explodir.

Idiotas ricos.

Uma parte de mim desabou por dentro. Eu sabia onde tinha conseguido essa frase de repente e, pensando nela, lembrei-me de todas as coisas odiosas que Drake costumava sussurrar sobre Fallen Crest. Eu odiava as pessoas de lá, mas mesmo este ano, eu tinha provado estar errada várias vezes.

Drake. Eu tinha conseguido essa antipatia dele, e eu nem tinha notado. Eu nunca questionei. Eu acreditei cegamente e adotei seu mantra. Vergonha floresceu no meu peito.

— Você não está mais com Sunday? — Eu perguntei.

— Não. Foi uma semana de romance. Foi isso, mas o garoto está chegando. Ela está mantendo, então há meu outro incentivo para não ferrar e enfiar uma faca nas minhas costas. E se eu pudesse ganhar algum dinheiro, uma parte de mim era tudo sobre isso.

— O que mudou?

— Alex.

Em um instante, seu rosto se transformou em escuro e levemente assassino. — Meu tio nunca deveria ter incluído Alex.

Eu olhei para ele. — Você o presenteou para nós. Lembra?

— Eu tive que fazer isso, e você sabe disso. Se eu não tivesse, sua equipe teria fervido. Seu cara teria explodido um dia, e eu não poderia controlar essa situação. — Sua mandíbula apertou. — Eu gosto de Taz. Ela é normal e nunca deveria ter se machucado. Meu irmão estava chegando, e todo mundo sabia disso. Além disso, não o entreguei. Ele se ofereceu. Esses textos vieram dele, não de mim.

De Alex?

Mais vergonha, mais arrependimento, mais... dúvida me encheu.

Violência.

Sunday estava certa.

Nós sempre fomos à violência primeiro. Talvez a violência precisasse ser o último recurso? Como estávamos fazendo ultimamente. Era uma sensação melhor, não tão sombria, nem tão cheia de ódio, raiva, todas as coisas que entram em você e consomem sua alma.

Talvez...

— Não se bata. Alex não é tão ruim. Ele só tem um problema com drogas. — Um grunhido subiu sua garganta. — Um problema de drogas que meu tio explorou, pedindo-lhe para plantar as drogas em você. Foi a porra do movimento errado.

Então eu soube. Eu entendi. E eu entendi por que ele veio até mim primeiro.

— Você está se entregando para salvar seu irmão, não é?

Ele se levantou, tirando um pouco da grama do jeans. Ele olhou para mim. — Sim e não. Eu descobri o que eles fizeram e fiquei chateado, mas eu iria entrar de qualquer maneira. Está tudo terminando. As drogas deveriam ser plantadas em você, mas a dica foi sobre um atirador, não drogas. O contato do meu tio estragou tudo, ficou muito grande. Agora há pressão nele antes mesmo de eu entrar. Tudo se desenrolaria de qualquer maneira. Estou apenas fazendo isso em alta velocidade. Eu não entro, eles matam Alex. Ele é uma ponta solta. Eles acabariam comigo também. Vou salvar nossas duas cabeças.

Eu assenti. — E você quer que eu junte minha equipe, encontre Alex e cuide dele?

— Não. Quero que vocês ajudem a cuidar de Sunday. Meu filho. Se algo acontecer comigo, ajude com meu mini-eu. — Ele se inclinou, a mão apoiada no meu ombro. Ele apertou e disse suavemente: — Eu realmente te amei uma vez, Bren.

Ele foi embora e eu fiquei.

Não me movi por muito tempo depois.

CAPÍTULO QUARENTA E DOIS

Drake fez o que havia prometido.

Ele foi à delegacia, a de Roussou. Eu me perguntei se ele havia mudado de ideia porque os únicos policiais sujos em Roussou foram os que deram informações ao meu irmão. Talvez. Quem sabia. Mas, por qualquer motivo, ele foi até lá. Eu sabia que Drake havia pedido imunidade em troca de sua história, mas não sabia se ele conseguiria. Eu esperava por isso.

De qualquer maneira, ao meio-dia, todos haviam sido presos.

Pai de Race.

O policial sujo no FCPD.

Os vendedores -deixando a equipe Ryerson sem liderança mais uma vez.

Eu me perguntei se eles iam entender a dica e simplesmente se desfazer. E Alex foi para a reabilitação. Eu estava perdendo a conta de quantas vezes ele esteve lá. Talvez um dia fosse ficar. Eu esperava que sim.

Zellman recebeu as notícias que identificaram o pai do bebê de Sunday bastante bem, considerando a maneira como Drake apareceu com tudo.

Quanto a mim, tive um inferno de um jantar estranho me esperando.

Cross e eu sentamos em sua caminhonete, estacionada no meio-fio ao lado da casa da namorada de seu pai. Ainda estávamos jantando, e foi a primeira reunião oficial da família com tudo sobre a mesa -o caso de dezenove anos atrás, quem Blaise realmente era - e cada pessoa teria lá um apoio para eles. Eu não tinha dúvida de que isso não teria acontecido de outra maneira. Outras pessoas tinham que estar lá ou Cross não teria aparecido.

Taz, por outro lado, estava empolgada.

Ela e Race entraram, embora Race estivesse se movendo lentamente. Eles não nos viram desde que estávamos estacionando, já que eles já estavam na porta.

Cross desligou o motor, ainda sentado. Nós dois assistimos a casa. Nenhum de nós se mexeu.

— Race não está indo muito bem, — disse Cross.

Eu assenti. — Não estou surpresa. Saber que o seu pai é uma merda é uma coisa, mas descobrir que ele está vendendo drogas é outra questão.

— Você acha que ele e a mãe dele serão afetados? Policiais apreenderão seus bens.

Dei de ombros. — Quem sabe? Espero que não. O divórcio foi limpo, não foi?

Cross ergueu as sobrancelhas. — Nós poderíamos perguntar aos amigos chiques de seu irmão. O que está na faculdade de direito, certo?

— Eu suponho. Acho que eles ainda estão na cidade.

— Como estão as coisas com você e seu irmão?

Cross me contou tudo o que aconteceu depois que eu fui presa, enquanto eles estavam esperando para me libertar sob fiança. Eu não conseguia imaginar, mas desejei com tudo em mim que eu pudesse estar lá, vendo todos se unindo por mim. Isso trouxe lágrimas aos meus olhos.

Minha garganta inchou novamente. — Estamos bem. — Mais que bem. — Não o vi muito hoje, mas ele me checou. Ele e seus caras foram os que pegaram o pai de Race. Ele recebeu a notícia e estava no meio de fazer uma mala. Ele ia fugir.

Cross resmungou. — Porra.

— Sim, mas de qualquer maneira, esses amigos ainda estão aqui. Channing está passando um tempo com eles. Eles estão entrando em negócios juntos, então têm coisas a discutir.

— Eu olhei para ele, um sorriso irônico no meu rosto. — E, a propósito, todos estão convidados para outro churrasco da família Monroe nesta sexta-feira, assim como tivemos na outra noite.

Outro carro parou à nossa frente, mas entrou na garagem. Um Maserati preto desta vez. Estacionou ao lado do Mercedes G Wagon. O meio-irmão de Cross e de Taz saiu do banco do motorista e Zeke Allen saiu do outro lado.

Cross assentiu para eles. — Acha que deveríamos convidar esses caras?

— Acho que Allen cagaria nas calças para jantar com o jogador de futebol.

Cross sorriu, embora não chegasse a seus olhos. Nós assistimos enquanto os dois passeavam para dentro.

Eu não ia perguntar como Cross se sentia em relação ao irmão. Eu sabia que ele ainda não sabia. Taz, no entanto. Taz estava apaixonada. Ela estava me mandando mensagens metade do dia, perguntando sobre quais roupas vestir.

— Taz me perguntou se eu achava que o amarelo girassol era muito ruim para este jantar.

Ele bufou. — Ela me perguntou a mesma coisa sobre sua blusa azul-petróleo. Eu disse a ela para não dar a mínima.

Eu sorri.

Taz estava nervosa. Os vinte textos explicando como ela não iria beber cafeína por quatro horas antes do jantar eram uma prova de como ela estava nervosa. Ela não queria chegar e ter que usar o banheiro imediatamente. Ela tinha programado para usar o banheiro além da marca do meio do jantar, pouco antes da sobremesa ser servida.

Então ela enviou uma enxurrada de textos perguntando se eu achava que eles serviriam uma refeição de vários pratos. E se sim, quantos? Três? Cinco? Sete? Certamente, não é uma refeição de nove pratos.

Eu já tinha parado de responder, mas os textos continuavam chegando. Mas um veio de Race.

Race: *Desculpe.*

— Você está pronto para isso? — Eu perguntei.

Cross apenas suspirou.

Foi uma resposta tão boa quanto eu conseguiria. Eu peguei a maçaneta da porta. — Tudo bem. Vamos lá.

A porta se abriu para nós quando entramos no pátio e, embora Cross me dissesse que a namorada de seu pai havia chegado à delegacia, eu não a havia notado. Ela era linda – pequena, com um rosto em forma de coração e um pequeno queixo quadrado. Olhos arregalados. Cabelo beijado pelo sol. Parecia que era naturalmente marrom claro, mas ela tinha uma boa mistura de mechas loiras. Metade do cabelo estava puxado para trás e a outra metade balançava na frente do rosto, tocando logo abaixo do queixo e mergulhando para enquadrar o queixo. Vestida com uma blusa branca, capri verdes, sandálias bronzeadas e um broche baixo que eu tinha quase certeza de que poderia ter comprado a casa de Channing, ela tinha uma aparência muito de Jennifer Aniston.

— Oi!

Oh, que bom. Ela até parecia Jennifer Aniston. Ela manteve a porta mais aberta, mas de repente encheu o espaço, seus braços em volta de mim.

Eu congelei no lugar.

Ela me inspirou. — Você cheira tão bem.

Oh. Meu. Deus.

— Lilás. Eu amo lilás. — Ela se afastou, abrindo os braços para Cross.

Ele deu um passo para trás, com o rosto de pedra. — Eu estou bem. Obrigado.

— Certo. — Ela abaixou os braços, passando a mão nervosa pelos cabelos e gesticulou para dentro. — Você gostaria de entrar? Seu pai me disse absolutamente nenhum álcool para vocês dois.

Cross franziu a testa. — Você deixou seu filho beber álcool?

Outra risada, que me lembrou a luz do sol e as ondas da praia. — Meu Deus, não, mas estou de acordo com todas as novas tendências, e permitir que seus filhos tenham um copo de vinho é aparentemente uma *coisa* nova. Você acredita nisso? — Ela estendeu a mão para mim. — Eu sou Marie, a propósito. Desculpe. Eu apenas fui direto para o abraço. Eu sou ruim com limites. Blaise fica bravo comigo o tempo todo. Ele disse que eu bato em suas namoradas.

Ela piscou. — Não que existam muitas. Ele não é o tipo que namora. Uma vez eu me preocupei que ele não tivesse um desejo sexual. Ele sempre ficou tão quieto que eu não tinha certeza se ele gostava de meninos ou meninas, ou ambos – porque, sabe, isso também é uma coisa. Uma coisa boa. Uma coisa saudável. Uma coisa igual. Eu amo todas as coisas. — A mão dela ainda estava pendurada entre nós. Ela não pareceu notar. — E divago quando estou nervosa. Seu pai me disse para

não compartilhar que estou nervosa, mas estou. Eu sou humana. Qual é o seu nome, querida?

Apertei sua mão, quase paralisada por suas divagações. Não sabia o que fazer — Uh. Bren.

— Bren! — Ela sorriu para mim, apertando meu braço com a outra mão. — Um nome adorável. Você é tão amável. Você poderia ser uma modelo. Alguém já te disse isso? Eles deveriam, se não o fizeram. Ó MEU DEUS!

Eu pulei de volta.

As mãos dela voaram para o peito. — Você é a garota que Malinda me contou. Eu amo Malinda. Ela veio algumas semanas atrás, se apresentou, disse que eu e ela seríamos boas amigas. E nós somos. Ela me dá toda a fofoca, porque, como você pode ver, sou um pouco amigável demais quando você me conhece, mas prometo que me acalmo. Eu fico quieta, até. Acredite ou não, as pessoas dizem que esquecem que eu estou lá, mas não imediatamente. Eu sempre tenho ataques dos nervos. Você tem nervosismo? Você provavelmente tem nervosismo. Cross, como estão seus nervos?

O pai de Cross apareceu então, descendo um corredor. — Oh! Entrem. — Ele disse. — Marie, querida. — Ele passou a mão pelas costas dela e a puxou para o lado dele.

Cross endureceu.

Seu pai não percebeu, ocupado tirando sua mão da minha. — Vamos, não toque em Bren. Ela tem limites muito fortes. — Ele sorriu para mim quando afastou a mão dela gentilmente. — Se eu me lembro bem?

— Sim, senhor.

— Senhor! — Marie começou a rir, batendo a mão no peito dele. — Ela chamou você de senhor. Eu serei senhora agora. — Sua risada desapareceu abruptamente. — Oh Deus. Eu não quero ser uma senhora. Por favor, não me chame de senhora.

Meus lábios pressionaram com força, e eu apenas balancei minha cabeça. — Não, se... — Eu me parei.

Eu era extremamente educada e formal, ou olhava para adultos com suspeita. Não havia um meio termo comigo. Isso era algo que eu deveria trabalhar.

— Uh... — O pai de Cross se afastou, o braço ainda em volta da cintura de Marie. — A comida está quase pronta, vocês querem entrar? Temos bebidas. Água? Leite? Suco? Refrigerante? Qual a sua preferência?

Sem perder o ritmo, Cross disse: — Cerveja.

— Cerveja saindo. — Ele riu, parecendo forçado. — Boa. Escolha algo apropriado para a sua idade.

— Cerveja é. O que você acha que tivemos ontem à noite?

— Bem, não é noite do baile, sua namorada não foi presa e você está em minha casa. — Ele tossiu. — A casa de Marie. Regras diferentes.

Cross estava assustadoramente imóvel.

Minha casa. Foi o que ele disse primeiro.

— Eu vou tomar água.

Marie olhou para mim e eu disse: — O mesmo, por favor.

— Perfeito! — Ela bateu palmas duas vezes antes de ir para a cozinha, deixando Stephen para trás. Taz e Race haviam migrado e pude ver que ela ainda estava nervosa também. Todo o seu rosto estava rosa – um rosa claro. Como o vinho. Ela estava fazendo exercícios de respiração profunda, a mão pressionando contra o estômago. Race estava alheio, pela primeira vez não sintonizado nela.

Foda-se essa coisa estranha. Por que não deixar mais estranho?

— Quer conversar, Race? — Fiz um gesto para fora.

As sobrancelhas dele se ergueram. O mesmo aconteceu com todo mundo, mas o pai de Cross parecia aliviado.

— Uh. — Race tossiu, olhando para Taz antes de avançar. — Sim. Certo.

Cross encontrou meu olhar, e sua mão serpenteou, agarrando meu braço enquanto eu passava. Fiz uma pausa, apenas o suficiente para ele passar o polegar na parte interna do meu braço.

Então Race e eu saímos.

Eles tinham um balanço pendurado na varanda, e Race estava lá.

Assim que me sentei ao lado dele, um bom espaço entre nós, ele respirou alto. — Porra, inferno. Obrigado por isso. — Ele esticou as pernas, os pés apoiados no fundo da grade da varanda. — Normalmente, eu posso lidar com a tensão -lidei com isso o suficiente na minha vida -mas estar com a família de Taz no dia em que meu pai foi preso... — Ele me deu um sorriso trêmulo. — Obrigado.

Eu estava sentindo a mesma necessidade de escapar. Coloquei minhas mãos embaixo das pernas. — Você sabe o que eu vou perguntar. — Esse foi o meu passo para a conversa estranha.

— Sim. — Ele ficou quieto, virou-se para a rua, mas eu duvidava que ele estivesse vendo. — Estou bem. Eu estou. Eu estou apenas... *pooooora*. — Ele se inclinou para a frente, os cotovelos apoiados nos joelhos. Sua cabeça caiu e ele a pegou nas mãos. — Porra, Bren. Porra. — Ele gemeu, sentando-se de novo. — Sinto muito por tudo. Eu sei tudo isso. Drake me ligou

hoje de manhã, disse que tinha conversado com você e me contou o que disse. Eu... não há palavras.

Eu senti meus olhos se arregalarem. Não era assim que eu pensava que iria acontecer.

— Nada aconteceu comigo, — eu disse suavemente. — Estou preocupada com você. Você está no nosso grupo. Como vai ser?

Ele balançou sua cabeça. — Eu... — Ele tossiu, sua voz rouca. — Eu não posso responder isso. Estou aqui. Estou fazendo a coisa do namorado, mas... — Ele ficou quieto por um longo tempo. — Posso dizer que estou aliviado? Posso dizer que estou bem com ele estar na prisão? Posso dizer... posso dizer que estou feliz por minha mãe estar longe dele? Que ele conseguiu o que mereceu depois do que fez com ela? Posso dizer tudo isso e ainda ser uma boa pessoa?

Eu não tinha respostas para essas perguntas.

Eu sentei. Eu fiquei calada. Eu escutei. Era disso que ele precisava.

— Posso dizer que me pergunto se ele vai compartilhar uma cela com seu pai? E se ele o fizer, o que seu pai fará? Quero dizer, foda-se. Drake me disse que o negócio da Harley era apenas uma fachada. Eles talvez vendessem uma moto por ano. O resto eram drogas. Como diabos isso começou? Quando

isso começou? Com quem ele está conectado? De quem ele estava tirando essa merda? Quero dizer, sempre há alguém, certo?

Ele se virou para mim, mas era uma pergunta que eu não conseguia responder.

Sua voz saiu rouca. — Lamento muito que ele estivesse tentando atingir você, e estou muito feliz por ter sido seu irmão que o pegou. Bom karma, certo? Eu sou um filho da mãe por pensar em tudo isso? Qual é o meu papel agora? Vou visita-lo? Tenta fingir que ele não é um merda? Porra. Com quem eu vou? Minha tia ou minha mãe? A ex-esposa ou a namorada dele? Ou a ex-namorada dele? Quem diabos sabe sobre isso.

Ele ficou em silêncio novamente.

— E Alex, — ele acrescentou de repente. — Não sou fã do meu primo, mas acho que sabemos onde ele conseguiu as drogas no último semestre. Difícil odiá-lo, sabendo que era meu pai quem o estava fornecendo. Sinto um pouco da culpa.

Eu balancei minha cabeça. — Você não é. Você sabe disso, certo?

— Isso importa? Eu não sinto que sim. — Ele olhou para mim. — Como você lidou com isso? Seu pai foi preso. Quero dizer, como você lidou com isso?

Dei de ombros.

A situação era diferente. Eu *era a* culpada.

Eu murmurei, — Apenas passei por isso, eu acho. Cross — ele ajudou.

— Sim. — Ele se virou, olhando para a rua, mas sem vê-la.

Ficamos em silêncio depois disso, dois amigos sentados um ao lado do outro. Ficamos até o pai de Cross chegar à porta. — A comida está pronta.

Quando nos aproximamos da mesa, os olhos de Taz estavam arregalados e imaginando. Ela se sentou em uma extremidade da mesa, a cadeira vazia ao lado dela, e ela quase pulou. Eu peguei a preocupação e a vergonha inundando seu rosto um segundo depois, mas apenas balancei minha cabeça quando fui para o assento vazio ao lado de Cross.

Ela mordeu o lábio e seus olhos lacrimejaram. Mas ela engoliu em seco e deu a Race um sorriso hesitante quando ele deslizou em seu assento. Ela se inclinou, sussurrando em seu ouvido, e ele assentiu.

Cross me deu uma olhada, uma sobrancelha levantada.

Eu levantei um ombro. Não, eu não sabia como Race realmente estava. Teríamos que observá-lo, porque essa não era uma situação que se resolvia imediatamente, para que a cura pudesse começar. Haveria cobranças. Fiança. Se o pai dele conseguisse uma fiança. As consequências na comunidade.

Escola. Se isso afetaria as perspectivas da faculdade de Race ou não. E a mãe dele. Essas eram apenas as coisas superficiais, não os tons emocionais.

Cross se inclinou e beijou minha bochecha. Sua mão apertou a minha debaixo da mesa.

— TUDO BEM! — Marie trouxe a última tigela e a colocou no meio da mesa. Uma panela de pão achatado estava em uma extremidade. A salada no meio. Pão de alho. Espaguete na outra extremidade. Uma garrafa de vinho tinto. E ao redor da mesa, latas de refrigerante ao lado de cada um dos outros pratos. Os adultos pegaram o vinho.

Pena.

— Mmmm... comecem todo mundo. — Ela acenou com a mão sobre a comida, sentando-se ao lado de Stephen e puxando um guardanapo de pano para o colo. — Estou tão feliz que todos vocês estão aqui. — Seu olhar encontrou o filho, que estava sentado do outro lado da mesa, do outro lado de Stephen e em frente a Taz. — E que vocês finalmente se conheceram, embora eu tenha certeza de que há muitas perguntas.

Seu rosto se apertou, como se lembrando quem exatamente essas pessoas eram e como elas estavam relacionadas.

Ninguém se moveu para a comida.

O irmão de Cross não estava olhando para a mãe. Seu olhar estava fixo em uma das tigelas de comida, e como Race lá fora, eu tinha a sensação de que ele também não estava vendo aquela comida. Zeke estava ao lado dele, um sorriso presunçoso em seu rosto enquanto ele observava a cena.

Eventualmente, seus olhos encontraram os meus. Eu me recostei.

Aqui vamos nós.

— É verdade que Mason Kade estará em sua casa nesta sexta-feira? — Ele perguntou-me.

Minhas sobrancelhas se ergueram. — O que?

Ele se inclinou para frente, quase espumando pela boca. — Fala sério. Quão incrível ele é como pessoa? Se eu pudesse ter seus bebês, eu teria, e digo isso com orgulho, sendo um homem heterossexual. Mas cara, se eu fosse para o outro time, eu iria para ele. Esse cara é ouro maciço. Como ouro de buceta.

— Zeke! — Marie latiu.

Blaise estava lutando contra um sorriso, mas ainda não estava olhando além da saladeira na frente dele.

— O que? — Então aquele sorriso presunçoso apenas cresceu, e eu percebi que era um elemento permanente em seu rosto. — Oh. Desculpe, senhora DeVroe.

— Cara. — Um assobio ao lado dele.

— Ah. *Senhorita* Devroe. — Ele estava tentando ser educado, mas parecia irônico. — Eu tenho um pouco de obsessão de homem com Mason Kade, — continuou ele. — Você conhece os Kades? A cunhada de Blaise os conhece...

— Oh meu Deus! — Eu explodi.

— Cara! — Blaise advertiu.

— Pare de falar, porra! — Cross adicionado.

— O que? — Zeke franziu a testa, olhando ao redor da mesa. — O que? Você conhece. Você não pode mais mentir sobre isso. Eles apareceram quando você foi presa.

— Ela não é minha cunhada. Nós não somos... — Mas Blaise se aquietou, lançando um olhar furtivo para Cross. — Deixa pra lá. Não é desse jeito. Cale a boca.

Cross se inclinou para trás, olhando através da mesa. — Fale sobre a sua merda, não a dos outros.

— Sim. — Taz se levantou em seu assento. — Tipo, cadê a Monica? Eu tenho algumas coisas para lhe dizer.

— Quem?

Taz esclareceu: — Sua namorada. Monica.

— Eu não tenho namorada.

— Você fodeu com a Monica por algumas semanas, — apontou Blaise.

— Eu fodi?

— Rapazes! — Marie gritou.

Zeke apenas sorriu para a mãe de Blaise.

Taz franziu a testa. — Ela era minha amiga até o motim de Monica, ela e Lila.

— Lila? — Zeke ainda estava franzindo a testa.

Quase entediado, Blaise pegou um pouco de água. — A garota que você fodeu *na* noite *passada*.

— Pequena delicada boc... — Ele se pegou, lançando um olhar de desculpas para a cabeceira da mesa. — Desculpe, senhora DeVroe.

— Senhorita e... — Ela franziu a testa para o filho. — Língua, Blaise.

Blaise revirou os olhos.

Zeke não parecia irritado, no entanto. — Lila Jamison? Você conhece ela?

— Sim. — A boca de Taz se fechou com um clique audível. — Ela era minha amiga até que ela decidiu se revoltar com Monica, porque ela queria... queria meu irmão.

Zeke olhou para Blaise.

Taz percebeu seu erro. — Meu outro irmão.

Cross jogou o guardanapo de pano sobre a mesa. — Porra, inferno.

— Cross, — alertou o pai.

Cross empurrou o assento para trás. — Eu não posso. Eu não posso fazer isso.

— Onde você vai? — Stephen também se levantou.

Os olhos de Marie se arregalaram e preocuparam-se.

Blaise ainda não estava olhando para nós.

Zeke apenas parecia confuso.

Taz piscou para conter as lágrimas.

E Race se levantou conosco.

Taz virou-se para ele. — Race?

— Eu não posso. Eu sinto muito. — Ele olhou para mim, sua voz ficando rouca. — Hoje não, Taz. Eu sinto muito. — Ele acenou com a cabeça para o pai de Cross e Marie. — Peço desculpas. É... Minha família recebeu más notícias hoje. Eu não deveria -eu deveria estar com minha mãe, para ser honesto.

— Nós também estamos indo, pai. — A mão de Cross foi para o encosto da minha cadeira e eu já estava empurrando-a para trás.

— Race, — eu chamei quando Cross se despediu por nós dois.

Ele parou na porta, esperando por mim.

— Vamos leva-lo. Dê suas chaves a Taz. Porque ela está ficando. — Eu sabia no segundo em que Race estava de pé e ela não.

Ele olhou por cima do meu ombro, apertando a mandíbula, mas ele cavou no bolso e tirou as chaves. Eu os peguei, voltando para a mesa.

— O que é isso? — Taz perguntou.

— Você vai ficar, certo?

Ela lentamente estendeu a mão, pegando as chaves. — Está errado se eu fizer?

Meu coração afundou. Eu não queria, mas queria. Eu amo Taz. Ela era uma boa namorada, uma namorada amorosa e uma boa amiga, mas hoje ela estava focada em suas próprias coisas. Talvez estivesse tudo bem.

Eu forcei um sorriso. — Ligue para nós quando voltar. Vamos informa-la para onde levar a caminhonete dele.

Eu me virei para ir embora.

— Bren?

Eu olhei para trás. Ela estava de pé agora, com as mãos segurando a mesa. — Eu não sei o que dizer. Eu não posso... você sabe. Você sempre sabe nessas situações.

Eu ri amargamente. — Certo. Porque meu pai está na prisão? Por causa disso?

A vergonha inundou seu rosto, apertando suas feições, e ela olhou para baixo.

Sim. Foi isso que ela quis dizer.

Senti uma faca entrando no meu esterno.

— Bren.

Fiz uma pausa novamente, pegando a maçaneta da porta. Foi o pai deles dessa vez. Ele se aproximou, passando a mão pela camisa. — Percebo agora que, à luz de tudo o que aconteceu, provavelmente deveríamos ter cancelado este jantar, mas... — Ele olhou por cima do meu ombro. — Sinto falta do meu filho. Eu me preocupo com meu filho. Ele não está realmente falando comigo ou com sua mãe, e eu estou... estou preocupado com ele.

Eu não sabia o que mais me incomodava.

Era o que aconteceu com o pai de Race, mas ele veio, tentando estar aqui por sua namorada. Ou era Taz, que estava concentrada nesse momento, sem saber como o sentimento dela doía, ou era esse pai que obviamente se importava com os filhos, mas parecia não saber como ter um relacionamento com eles. Uma estava ansiosa demais para agradar, muito preocupada por perder o pai, enquanto o outro mal podia estar nesta casa.

— Ele está morando conosco. Ele tem minha família.

Eu vi a mágoa em seus olhos e sabia que minhas palavras atingiram seu alvo.

— Você quer que ele não substitua a sua pela minha? Mostre-se. Apareça. Esteja presente. Ele tem dezoito anos. A menos que você pague a faculdade para ele... — E eu estava supondo, porque essa era minha deixa. — ...você não pode força-lo a nada. Mas pelo que vale, ele veio hoje. Ele não precisava, mas veio.

Ele assentiu quando eu terminei. — Tudo bem. Eu vou. Estarei por perto. Eu vou aparecer. — Ele tentou sorrir, mas caiu por algum motivo.

Eu não queria saber o porquê. Eu apenas me virei e saí. Precisávamos de um dia de equipe, e eu já estava mandando mensagens para Zellman e Jordan quando entrei no veículo de

Cross. Race estava no banco de trás. Ambos os telefones tocaram e Race o puxou para fora.

— Eu estou incluído?

Cross sorriu em aprovação quando se afastou do meio-fio.

Eu me virei. — Convidado de honra, a menos que você queira checar sua mãe.

Race não respondeu. A princípio não. — Simplesmente não pode ser a família agora. Isso é tudo.

Eu sabia que todos nós entendíamos isso.

CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS

Três semanas depois

Depois que eles prenderam o pai de Race, tudo se desenrolou.

A corrida para ver quem conseguiria um acordo começou depois disso, e desde que Drake entrou primeiro, ele conseguiu o melhor. O pai de Race não recebeu um pacote tão gentil, mas fontes confiáveis disseram que um tempo definido foi arrancado de sua sentença, ou seria.

Mas todos os Ryersons foram presos. Drake. Até Alex, já que confessou saber que deveria colocar drogas em mim, embora seu tempo fosse mínimo. E o tio deles. O tio deles, de fato, foi para a prisão onde estava meu pai.

Um dia, enquanto estávamos nos preparando para a formatura, meu irmão teve uma visita com meu pai -meu pai que estava conectado agora e era membro dos Demônios Vermelhos. Um dia depois, descobrimos que dois dos Ryerson haviam sido atacados na prisão. Drake foi espancado. Ele passaria quatro semanas no hospital, nos disseram. E o tio deles estava em coma induzido.

Não foi preciso um gênio para descobrir a conexão. Eu estava contente. Às vezes, às vezes a violência *era* necessária. Às vezes tinha um lugar.

Mas esse era o dia da nossa formatura, e eu estava mais focada nisso.

— Você está pronta para isso? — Cross perguntou atrás de mim.

Eu estava com meu vestido, meu chapéu na mão, mas não. Eu não estava pronta. Eu nem pensei que iria me formar.

— Bren?

Eu me endireitei no meu armário. A porta estava aberta e eu estava olhando para o nada. Vazio. Eu tinha limpado tudo duas semanas atrás, o último dia em que os sêniors precisavam estar na escola, mas era um hábito.

Eu vim para a escola. Eu estacionei. Eu entrei. Eu fui a este armário.

— Ei, — ele disse suavemente, fechando meu armário e me virando para encará-lo. Ele se aproximou. Disseram-nos para esperar no corredor. A formatura seria no campo de futebol. Tivemos que fazer fila e sair para os nossos lugares. Havia uma assembleia inteira sobre essa cerimônia, mas, para a minha vida, eu estava ignorando como quando cheguei aqui.

— Eu não estou preparada.

— O que? — Ele inclinou a cabeça para me ouvir melhor.

Limpei minha garganta, mas não importava. Minha voz ainda estava rouca. — Eu não estou preparada. Eu não pensei...

Eu não tinha pensado.

Eu não tinha planejado.

Eu não tinha olhado para frente.

Todos esses anos, eu apenas parei de me mover.

Eu estava no carro, mas o cenário estava passando por mim. Foi o que este último ano foi para mim e finalmente me atingiu. Eu não tinha um plano.

— O que você vai fazer no próximo ano? — Eu perguntei.

— Oh. — Sua cabeça inclinou quando ele olhou para mim.

Os olhos dele. Eles eram gentis, conscientes, mas com pena ao mesmo tempo. Eu não queria pena. Eu nunca quis ter pena, mas desta vez, hoje, nesta manhã, abaixei a cabeça.

Eu estava envergonhada. Eu não podia fazer nada ou afastar essa emoção, porque não importa quantas vezes eu não quisesse pensar no futuro, estava aqui.

Eu perguntei novamente. — O que você vai fazer no próximo ano?

Ele fez uma careta. — Você quer a verdade?

Eu bufei. — Quando eu não quero isso? — Sempre. Exceto toda vez que essa conversa surgia. — Sim.

— Nós três fomos aceitos na Universidade Cain.

Minha cabeça levantou. — Vocês foram?

Eles estavam saindo?

Todos eles?

Quero dizer... eu tinha assumido -não. Eu não tinha. Eu não queria seguir em frente. Eu queria ficar em Roussou, manter os caras comigo e nunca lidar com a vida. Ficar. Esconder. Lutar. Meu mantra por tanto tempo.

— Você está me dizendo agora? — Minha voz mal estava lá.

Ele olhou para mim com uma expressão intensa, e de repente algo brilhou. Ele deixou escapar um longo suspiro. — Sim. Não, o plano não era contar hoje. Nós estávamos indo para deixar você se formar. Não tínhamos certeza da sua reação, mas esperaríamos até você perguntar.

Meus olhos se estreitaram. — Estou perguntando agora.

— Eu sei que você está. — Ele levantou uma sobrancelha. — Eu estava pensando se eu deveria lhe contar a notícia quando sou apenas eu ou tentar adiar você mais tarde, quando Jordan e Zellman também possam participar dessa conversa.

Jesus.

Todos os três haviam planejado isso.

Fiquei mortificada e envergonhada, tudo ao mesmo tempo. Eu deveria ter pensado nisso. Eu estava me formando, pelo amor de Deus.

— Bren. — Ele avançou, seu dedo sob o meu queixo. Ele me avisou para olhá-lo. — Nós não estamos deixando você para trás.

Sim. Eu ainda teria três meses com eles...

Como se soubesse o que eu estava pensando, ele invadiu meus pensamentos. — E eu não estou falando sobre o verão. Nós não vamos morrer como sua mãe. Não vamos deixar você como Channing. Nós não estamos indo para a prisão como seu pai. Nós não somos uma família que você vai perder.

Ele se inclinou, suas mãos caindo nos meus quadris. Sua testa abaixou, descansando na minha. Eu senti sua respiração, me aquecendo. — Nós somos sua segunda família e você não vai nos perder.

Havia um punho dentro de mim.

Eu senti agora, pela primeira vez, mas estava lá. Enraizado profundamente em mim. Quando suas palavras tomaram conta de mim, relaxei.

— Nós não pressionamos você porque conhecemos seu medo. Mas sim, tomamos decisões sem você. Você não estava pronta, então fizemos isso por você. — Ele me puxou ainda mais perto. — Espero, espero mesmo, que você esteja bem com essas decisões, mas fizemos isso apenas com amor por você. Nós te amamos. Eu te amo. Channing ama você.

— Meu irmão?

Ele assentiu, movendo nossas cabeças para cima e para baixo. Seu polegar se enfiou dentro da abertura da minha toga, já que eu não a fechei com zíper, e ele começou a acariciar meu osso do quadril, debaixo da minha camisa. — Heather ama você.

— Heather também?

Eu estava morrendo.

— Zellman. Jordan. — Um sorriso irônico para mim. — Fizemos isso nas suas costas e me desculpe.

— O que você fez?

— Os amigos do seu irmão ainda têm uma casa lá. Eles vão nos deixar alugar com desconto.

O que?

Eu enrijeci, levantando minha cabeça.

Eles realmente foram pelas minhas costas, usando meu irmão para suas conexões.

— Bem, espero que todos vocês se divirtam.

Juntos.

Sem mim.

— Você está vindo. — Ele disse sem rodeios, sem emoção.

Eu estreitei meus olhos. — Do que você está falando? — Eu já estava balançando a cabeça. — Eu nunca me inscrevi na faculdade. Eu sei que não entrei...

— É fora do campus. — Suas mãos flexionaram, me segurando apertado e no lugar na frente dele. — Eles relaxaram suas restrições de moradia e os calouros podem morar fora do campus. Estamos indo. E você está indo. — Os olhos dele se estreitaram. — Você conseguirá um emprego. Tanto faz. Não ligo para o que você faz, mas você vem. Nós não estamos indo no próximo ano sem você. Todos nós decidimos. Você vem, ou nenhum de nós vai.

Minha boca secou. Meus lábios se separaram.

— O que?

Eu não o ouvi direito.

Eu esperava uma conversa. Eu esperava que Jordan e Zellman fossem para a faculdade. Ou talvez Cross ou um deles ficasse para trás. Eu estava me xingando. Eu simplesmente não tinha pensado. Eu me tranquei e tentei jogar fora a chave.

— Eu sinto muito.

— O que? — Sua mão levantou, deslizando ao redor do meu pescoço. Ele me inclinou para ele novamente.

Eu disse de novo, minhas mãos penduradas ao meu lado. — Vocês não deveriam ter feito isso pelas minhas costas. Vocês não deveriam ter feito nada disso, imaginando como eu reagiria. Eu sinto por isso. — Tomei uma respiração profunda, mas fodidamente dolorosa. — Eu não deveria ter colocado vocês nessa posição.

Seus olhos se fecharam por um segundo. — Você realmente acha que eu dou a mínima para isso? Eu te amo. Eu te *amo.* Você e eu. Ainda somos equipe, não importa o que aconteça.

Suas palavras eram bonitas e amorosas, e para a minha vida, elas não conseguiram lavar a repentina humildade que eu senti.

Aquela escuridão em mim, o vagalume que gostava de sair e me fazer companhia, tinha desaparecido. Eu não sabia quando isso aconteceu – se foi depois que salvamos Alex, ou talvez antes disso. Depois que esfaqueei o diretor Neeon, depois que todos se reuniram ao meu redor, ou talvez quando percebi que Cross me amava. Ou talvez tivesse sido apenas uma luz fraca e desbotada ao longo do ano, através de aconselhamento, deixando outras pessoas entrarem. Eu não sabia.

Eu só sabia que estava parada aqui, me sentindo envergonhada, mas também em choque porque estava viva.

O medo ou pânico habitual ou mesmo raiva que poderia ter surgido depois de ouvir que os caras fizeram um plano nas minhas costas não vieram. Simplesmente não.

— Você está bem? — Cross perguntou.

— Estou apenas envergonhada. — Eles foram a Channing sobre isso. Heather também. — Mas também um monte de outras emoções também.

Naquele momento, Harrison passou por ali, com a cabeça inclinada enquanto folheava os cartões.

— Ei, Harrison.

Ele fez uma pausa, a toga aberta e a gravata balançando para o lado. — Sim?

— Você é orador oficial, certo?

As sobrancelhas dele se ergueram. — Estou surpreso que você saiba disso.

Cross franziu a testa. — Que porra é essa?

Não foi uma ofensa. Eu não estava levando isso como uma. Eu assenti para ele. — Onde você vai para a faculdade no próximo ano?

— Yale.

Cross estava franzindo a testa para mim. Harrison estava franzindo a testa para mim. Depois da nossa conversa na reunião do sistema de amigos, não tínhamos conversado novamente, mas isso significava algo para mim, e agora eu estava percebendo.

— Obrigada.

As sobrancelhas dele se ergueram ainda mais. — Pelo quê?

Isso foi para mim, por enquanto. — Apenas obrigada. E boa sorte com seu discurso. Tenho a sensação de que será ótimo.

Seus olhos se estreitaram um pouco, mas ele deu de ombros. — Tudo bem. Vejo vocês por aí. Eu acho que eles querem que a gente faça fila agora.



Havia uma leve brisa com uma pontada de sal no ar. Quente, mas não úmido, e por que eu estava notando essas coisas estava além de mim, mas estava. Eu sabia que elas eram importantes porque esse momento era importante. Este foi o dia em que decidi olhar para a frente em vez de ficar paralisada e agarrar meus entes queridos com tanta força que eles também não podiam avançar.

Eu estava me formando.

Houve a introdução.

Eles tocaram músicas, músicas que eu não me lembraria.

Um discurso de um membro do corpo docente.

Um segundo discurso.

Estávamos todos nervosos, sabendo que este era um dia que nos lembraríamos por anos, mas também querendo que isso fosse feito. Eu sabia que havia festas planejadas depois.

Jordan e Zellman mencionaram cinco diferentes. Cada um deles teria sua própria festa também, a que seus pais fizeram para eles. Cross recusou quando sua mãe se ofereceu para ter uma para ele, então ela estava planejando uma para Taz no próximo fim de semana. E Heather perguntou se eu também queria uma. Eu disse que não, mas sabia que eles estavam planejando algo. Os amigos deles ainda estavam na cidade. Nós nunca tivemos aquele churrasco de sexta-feira, então eu tive a sensação de que o que ela estava planejando iria substituí-lo.

Eu esperei que os discursos terminassem, esperei que eles dissessem meu nome para que eu pudesse atravessar aquele palco e sentir que havia realizado alguma coisa, mas o sentimento parecia barato comigo. Eu não participei, não totalmente.

Eu não tinha abraçado a escola. Eu fui porque precisava. Eu fui porque minha gangue estava lá, e mesmo assim eu não estava mais feliz com Taz, porque ela estava lá também.

Fui forçada a fazer parte do comitê de planejamento de eventos, e essa foi a maior das minhas atividades no ensino médio. A gangue tinha sido tudo para mim, e aqui estava eu. Uma raça moribunda.

Era a Wolf Crew. Nós fomos os últimos.

— E agora um discurso do nosso orador oficial, Harrison Swartz! — O diretor Broghers começou a bater palmas, afastando-se do pódio quando Harrison se aproximou.

Ele passou a mão na frente da toga, um hábito nervoso porque a gravata não estava aparecendo. Post-its ainda na mão, ele limpou a garganta. Ele respirou fundo. Os ombros dele se levantaram.

Ele agarrou as bordas do pódio, e mesmo de onde eu estava, eu podia dizer que ele estava nervoso.

E aí -realmente chocante -seus olhos encontraram os meus.

Minhas sobrancelhas se levantaram.

Outra respiração dele, e ele se acalmou.

Ele se inclinou para a frente no microfone. — Meu nome é Harrison Swartz e tenho algumas coisas a dizer sobre a nossa escola...

Ele mencionou os alunos que ganharam prêmios. Ele mencionou suas memórias favoritas sobre ganhar a eleição do conselho estudantil, sobre o que ele aprendeu sendo nosso presidente de classe. Ele agradeceu e observou professores, alguns zeladores, alguns dos treinadores. Ele parabenizou algumas de nossas equipes esportivas que conquistaram títulos, estabeleceram recordes e foram ao estado para competir. Ele

falou sobre o ano atual da política e depois fez uma pausa, seus olhos encontrando os meus novamente.

Sua voz caiu, tornando-se mais real, menos suave e polida. — Eu tive uma conversa com uma pessoa semanas atrás, com a qual nunca havia conversado antes, e nunca pensei que fosse falar. — Ele assentiu para mim. — Bren Monroe.

Eu senti a atenção. Alguns estudantes na minha fila olharam para mim, e alguns na minha frente se viraram.

— E não é por causa das diferenças óbvias entre nós. Bren é muito bonita e, embora eu seja academicamente bem-sucedido, posso admitir que sou um pouco nerd. — Houve um punhado de risadas. Harrison sorriu, abaixando a cabeça um pouco. — Mas não é dessa diferença que estou falando, porque nas escolas normais isso teria um papel em nossa vasta separação. Em outra escola, Bren poderia ter sido considerada uma das garotas populares. Em outra escola, eu poderia ter sido considerado bem, como acabei de dizer, um nerd. Isso não aconteceu aqui.

Ele parou novamente, pigarreando. Os olhos dele ficaram sérios. — Quando ela veio até mim, foi a primeira vez que falei com ela. Ela perguntou se eu estava doente. — Ele riu levemente.

— Eu perguntei se você precisava do banheiro, — eu disse baixinho.

As pessoas ao meu lado ouviram e riram.

— Eu me apresentei a ela, expliquei quem eu era e a razão de eu estar naquele lugar em particular, — continuou ele. — Ela me agradeceu pelo meu serviço. — O sorriso dele cresceu. — Isso me fez rir, porque aqui estava eu, a definição de nerd, e lá estava ela, a definição do 'oposto' – e você pode entender isso do jeito que quiser – mas nunca esperei ser agradecido por ser aluno presidente do corpo discente. — Seu sorriso desapareceu. — Então ela começou a me chamar. Era como se ela pudesse ver dentro de mim e estivesse lendo meus preconceitos contra ela e seus amigos. Ela me disse que desejava que não houvesse ninguém como ela em nossa escola, mas também me alertou para me preocupar com como seria a vida se eles *não* estivessem lá. Ela estava certa. Sobre tudo. Eu *tinha* estereótipos. Eu não gostava de tê-los em nossa escola, mas me beneficiei deles também. E então ela parou a nossa conversa porque sentiu que estava me deixando desconfortável.

Uma batida. — Ela estava. Ela estava, mas depois que ela seguiu em frente, fiquei sem palavras por um momento. Eu nunca imaginei que minha primeira conversa com alguém como Bren Monroe fosse desse jeito. O que ela nunca descobriu foi que ela mudou minha percepção. Eu percebi que eles são como eu. Eles têm medos e inseguranças, amores e gostos. Eles estão nas mídias sociais, embora eu realmente não ache que Bren esteja.

Ele assentiu para mim. — Acho que até agora todos entenderam a que 'eles' estou me referindo e, embora eu saiba que existem opiniões variadas sobre o sistema de que estou falando, só posso falar sobre como elas afetaram minha experiência como estudante em Roussou. Porque em Roussou, eu não fui enganado. Não fui intimidado pessoalmente ou online. Eu não tinha os atletas típicos que poderiam ter me chamado de coxo ou me jogado em um armário -isso nunca aconteceu aqui. E sim, houve momentos assustadores ao longo dos anos. Ataques de violência, mas de certa forma, eu sempre soube que estava seguro. Eu nunca andei pelos meus corredores preocupado em ser pego. Eu nunca entrei no banheiro com medo de ser empurrado no vaso. *Eles se* mantiveram sob controle e, ao fazê-lo, mantiveram todo mundo sob controle. Nós realmente não tínhamos pessoas populares em nossa escola. Sempre há algumas exceções, mas, de certa forma, éramos todos iguais. Nós éramos iguais. Nós éramos normais. E eu era um deles.

Ele fez uma pausa. — Eu nunca disse a Bren que, por causa dela, por causa de seu grupo, por causa de seu irmão, nós aqui fomos presenteados com uma experiência que a nenhum outro ensino médio foi dado. Roussou não é como as outras escolas, e sou grato porque, se fosse, não sei se estaria por trás desse pódio, dando esse discurso e indo para Yale no próximo ano. Então, obrigado. — Ele deu um passo para trás,

deu um pequeno sorriso no meu caminho e voltou para o seu lugar.

As palmas começaram. Então a torcida.

Eu não tinha palavras. Ele não tinha que compartilhar esse momento, mas ele teve comigo e com minha equipe, com todas as outras equipes. Jordan e Zellman estavam gritando mais alto. Eu olhei para onde Cross estava sentado ao lado de Taz, e ele já estava me observando. Os olhos dele brilharam. Vi orgulho lá e olhei para baixo. Ele estava segurando a mão da irmã e ela chorava, enxugando as lágrimas com um lenço de papel.

Race alcançou atrás da cadeira de Cross, puxou o vestido de Taz, e ela soltou a mão do irmão e se ligou à de Race.

Eu não tinha perguntado. Eu não sabia o que havia acontecido depois que Taz não havia deixado o jantar para estar lá para ele, mas eles pareciam bem agora. Eu supunha que o tempo diria, mas o tempo diria para todos. Eu mesmo incluída.

Eu e Taz. Nós descobriríamos. Eu sabia que a cabeça dela estava bagunçada agora.

Broghers voltou ao pódio e as palmas desapareceram. Todos voltaram aos seus lugares.

Fila por fila, nós nos levantamos e nos mudamos para o fim. Um por um, fomos chamados.

Zellman foi o primeiro. Os aplausos foram altos.

Eu fui a próxima. Os aplausos foram ainda mais altos.

Jordan não estava muito atrás de mim.

Então Race. Cross. Taz.

Flashes dispararam. As pessoas assobiaram. Eles gritaram parabéns, e então o tempo terminou. Nossas borlas foram movidas da direita para a esquerda. Tiramos nossos diplomas e, no final, nos formamos oficialmente.

Eu estava no momento, pela primeira vez. Sentia tudo e não a calava -a tristeza, o arrependimento, a felicidade, até a empolgação, e eu estava pestanejando quando Channing me encontrou.

— Você está chorando?

— Não. — Eu fiz uma careta, mas uma escapou. — Talvez.

Ele riu e me pegou em um abraço. — Parabéns, irmãzinha. Eu te amo, — ele sussurrou antes de me colocar de volta. Recuando, ele disse: — Estou orgulhoso de você.

Então Heather estava lá, chorando e me abraçando.

Moose foi o próximo. Congo. Chade. Lincoln. Scratch.

Havia uma fila, e eu olhei, vendo Cross e Taz em pé com os pais. A namorada não estava lá, nem Blaise. Então era apenas a

família deles. E não muito longe estava Jordan com sua família, sua irmãzinha. Zellman estava com a dele, sua mãe limpando o rosto e a avó. Mas ele continuou olhando para Sunday, que estava de pé com os pais, a cabeça inclinada, uma mão protetora sobre o estômago. Ela ainda não estava aparecendo, mas eu me perguntei se eles já sabiam.

— Você está bem? — Channing chamou minha atenção de volta.

— O que?

Seus olhos estavam firmes, a testa franzindo um pouco. — Você parece diferente hoje. O que está acontecendo?

Dei de ombros. — Apenas... olhando para o futuro, eu acho.

Seu rosto ficou sem preocupação, e ele compartilhou um rápido olhar com Heather antes de sorrir para mim. — Sim?

Eu assenti. — Sim.

Seus olhos estavam brilhando agora. — Bom.

Eu não conseguia me ver, mas sabia que meus olhos estavam brilhando de volta para ele.

Bom foi bom o suficiente para mim.

CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO

Uma semana depois

— Bren? — Heather chamou.

— Hmmm? — Eu estava na varanda da frente da casa de Heather. Bem, ainda era tecnicamente dela, mas a maioria de suas coisas havia sido transportada para nossa casa. A mudança oficial estava marcada para o final do verão. Quando eu fui a Cain com os caras, Heather estava assinando os papéis para que a casa dela fosse para o irmão. Foi uma grande jogada. Aquelas pareciam estar acontecendo em toda parte agora.

Heather abriu a porta de tela quando nós duas ouvimos o cascalho triturando sob os pneus. Um SUV preto estava entrando, passando por Manny's e estacionando na nossa frente.

Meu estômago mudou, apertando, mas Heather prestava atenção no recém-chegados. Um sorriso largo no rosto, ela saiu e deixou a porta bater atrás dela. Suas mãos encontraram os quadris assim que duas portas se abriram. A estrela do futebol saiu do lado do motorista e a corredora olímpica do lado do passageiro.

— Ei! — Heather gritou. — Onde está Logan?

— Ele está vindo daqui a pouco com Taylor, — disse a corredora. — Eles estavam esperando Nate e Matteo chegarem aqui.

— Matteo está vindo? Ótimo.

Eu olhei para Heather, mas ela parecia genuína. Ela não estava preocupada comigo. Esses caras apareceram e eu era picadinho.

O ciúme explodiu, mas eu pisei. Aquilo foi estúpido. Eles eram seus bons amigos. Acabei de me acostumar com a atenção total de Heather ao longo do ano, e essa foi uma reunião de dois minutos. Eu precisava me controlar.

A mulher abraçou Heather enquanto o cara me olhava, quase exatamente do jeito que eu tinha olhado para Heather.

Meus olhos ficaram planos. Meus lábios afinaram, e eu relaxei na minha cadeira, jogando os pés no parapeito. Tanto faz cara. Se ele estava tentando intimidar, ele precisava escolher outra pessoa. Revirei os ombros para trás e levantei o queixo. Eu estava até disposta a mostrar um pouco de dentes, mas do jeito que os olhos verdes desse cara eram frios e sem emoção, e todas as histórias que eu ouvi sobre ele, eu não achei que ele se importaria de um jeito ou de outro.

Eu podia ver de onde veio todo o falatório, embora esse fosse um reconhecimento relutante. O cara era lindo. A garota

também. Ambos com cabelos negros, eles poderiam ser suportes para livros. Ela tinha pernas longas e esguias, e ele era malhado -bem, ele era um grande receptor. Channing me disse que teve que emagrecer quando mudou de posição no futebol. Ele ainda parecia um gigante, no entanto.

— Você é Bren.

A corredora exalou calor, e eu me virei para ela, ficando de pé sem conscientemente planejar. — Oi. Sim.

Ela veio até mim, apertando meus braços e espremendo.

Heather estremeceu. — Uh. Bren não é...

Ela ficou rígida, xingando baixinho. Afastando-se, ela fez uma careta. — Desculpe. Você é apenas... — Ela alisou meu cabelo e fez um gesto sobre o resto de mim enquanto ela dava um passo para trás. — Eu sou Sam, e você é perfeita, e eu estou querendo conhece-la há tanto tempo, mas Heather tem sido cautelosa. De qualquer forma, recentemente tive um bebê, e minhas emoções ainda são maternais, e Heather fala sobre você como se ela fosse sua mãe, e isso derrete meu coração toda vez, mas... — Seus olhos se voltaram para os meus e ela diminuiu a velocidade.

Ela mordeu o lábio, dando outro passo para trás. O jogador de futebol passou um braço em volta de sua cintura,

puxando-a para ele, mas os dois se levantaram, ambos me observando.

— Bem... — Eu estava cheia de piedade. — Não me sinto como um animal no zoológico agora.

— Bren! — Heather gritou.

O casal riu. Ambos. Eles gostaram disso em mim.

Eu não tinha certeza de como aceitar isso.

— Estes são Sam e Mason, — disse Heather. — São dois amigos muito, muito, *muito* bons meus e de seu irmão.

Ouvi o aviso em sua voz e sabia que precisava abaixar a bola. Eu não era adulta, e essas pessoas eram importantes demais para irritar a primeira vez que as conheço oficialmente. Era apenas o meu hábito.

— Eu deveria ir.

O cara falou, seus olhos se estreitando em mim. — Ouvimos dizer que você conheceu a madrasta de Sam.

— Mason, — disse sua mulher.

Ele ignorou a repreensão. — O que você achou dela?

Lembrei-me daquela senhora. Dei de ombros. — Nada demais.

Sam parecia tensa. O rosto dela não mostrou nada, mas eu senti. Minha indiferença a atingiu por algum motivo.

Seu rosto ficou mais frio. — Ela disse que conhece o pai e a mulher do seu cara. Disse que eles são vizinhos dela. Disse que você pode estar por perto mais porque você e seu cara são mais apertados do que Sam e eu quando estávamos no ensino médio.

Eu esperei, minha cabeça inclinada para o lado. Suas palavras podem ter saído apenas como palavras. Talvez um começo de conversa, mas eu não estava aceitando isso dele. Ele estava me avisando também, me avisando que Heather havia me avisado.

Isso foi interessante.

— Eu pensei que você disse que ela era sua madrasta? — Eu balancei a cabeça em direção a sua esposa.

— Ela é.

— Ela se casou com meu pai, — acrescentou a corredora. — Ela não é mãe de Mason.

— Por que você está me avisando sobre ela? — Eu perguntei.

— Cristo, porra, — Heather respirou.

A corredora lançou um olhar de desculpas a Heather. Heather enviou um de volta.

As duas pessoas que não pediram desculpas eram o cara e eu. Eu achei engraçado. Ele parecia perfeitamente satisfeito com o que estava dizendo. Bem. Foda-se. Ele queria metaforicamente me empurrar? Manda ver, cuzão.

Dei um passo em direção a eles e abaixei minha voz. — O que é isso? Você está circulando os vagões em torno de seus entes queridos? Me avisando para não mexer com eles ou algo assim? Você me conhece? — Minhas narinas se abriram.

Os olhos desse cara estavam cansados e velhos, e ele tinha visto e lidado muito. Eu vi tudo isso, senti tudo isso, e talvez seja por isso que eu estava ficando toda irritada.

Mas então eu não estava.

Seja qual for o motivo, eu me senti esvaziando em um sentimento sereno estranho. Nenhuma pista do porquê. — Você não precisa, — eu disse a ele. — Tudo o que você disse está certo e, embora eu não tenha visto a senhora de novo, tenho certeza de que vou. É inevitável, pois ela parece ser a vigia do bairro. Mas você está errado ao se preocupar comigo. Eu não sou uma típica punk do ensino médio. E acho que ela também nunca confiou em você. Aquela mulher conhecia minha mãe, disse que era amiga dela. Por que diabos eu mexeria com alguém que amava minha mãe?

Ouvi a entrada de ar de Heather.

Ela amava minha mãe. Ela disse isso. Ela e eu tínhamos isso em comum, e não era uma conexão que muita gente pudesse reivindicar. O certo seria apreciá-lo, e desde que Mason a criou, desde que eu estava declarando tudo isso, tomei a decisão naquele momento.

Eu ia procura-la e pedir que ela me falasse sobre minha mãe, me contasse mais.

Finalmente, o cara rachou um pouco e mostrou um pouco de emoção. Ele mostrou arrependimento, mas desapareceu assim que apareceu.

— Pelo amor de Deus, — disse Heather. — Onde está Logan quando você realmente *precisa* de uma piada inadequada para aliviar a tensão?

Eu sorri para Heather, mas sabia que era triste. Ela estava me observando e sabia que também era triste.

— Bren. — Ela alcançou para mim.

Evitei o toque dela, mas falei baixinho para que seus sentimentos não fossem feridos. — Você me conhece. Eu tenho as configurações padrão. Tenho certeza de que Jordan está distraindo Brandon para que Z possa esgueirar-se de bebida do seu bar, mas não se preocupe. Depois da última vez, eu chutei sua bunda. Ele vai deixar dinheiro para cobrir. Uma noite,

Jordan perguntou a Brandon quanto custa cada garrafa. Seu irmão não sabia o motivo real que ele estava perguntando.

Os olhos dela se arregalaram. — Você está brincando comigo?

Eu balancei minha cabeça. — Talvez você não nos conheça...

— Desculpe pessoal. Eu tenho que cuidar desses merdinhas.

Ela saiu correndo, correndo para a casa de Manny's rapidamente, e o oposto do que eu queria acabou de acontecer. Eu seria a única a lidar com eles.

— Lamentando suas palavras? — O cara perguntou.

Eu olhei para o cara novamente. — Talvez.

Outro puxão em seus lábios e a corredora mordeu os dela, olhando para baixo. Os ombros dela tremiam silenciosamente.

Ótimo. Eu era entretenimento para eles. Normalmente, essa não era a resposta que recebia de adultos.

— As pessoas mais velhas que geralmente têm medo de que eu puxe uma faca. Vocês estão rindo de mim.

— Oh meu Deus. — Os ombros da corredora pararam e sua cabeça levantou. — Não! Ah não. Nós não estamos rindo de

você. Apenas... — Ela se virou, compartilhou um olhar com o marido. — Mason é protetor de nossos amigos. Isso é tudo. Você pode machucar Channing e Heather facilmente, e geralmente são pessoas com as quais nos preocupamos. Isso é tudo.

Isso foi... — Isso é um insulto.

Os dois se endireitaram com isso.

— Eles são minha família. Quem é a sua? — Eu atirei de volta.

— Eles são uma família para nós também, — disse o cara.

Eu direcionei meu olhar para ele, agora encontrando meu pé. — Eu não me importo com o quão rico você é, quão você é famoso, com o que você pensa que é do meu irmão, e da minha futura cunhada. Você fode com eles, trai eles, eu não me importo com o que você faz, mas se o resultado final for doloroso para eles, eu vou te machucar. Não sei como, mas vou. Esse é o *meu* aviso.

A raiva brilhou dentro de mim, mas estava misturada com outras emoções como alívio. Esses caras estavam fazendo o que eu fiz para proteger os meus. Isso foi irritante, mas de um jeito bom.

Depois disso, o estranho sentimento sereno voltou, flutuando através de mim, me acalmando.

Ela se aquietou, observando seu homem.

Ele estava me observando, depois assentiu e deu um passo à frente. A mão dele se estendeu. — Parece bom para mim. Eu sou o Mason. Estamos aqui para a sua festa de formatura, então parabéns.

Minha festa de formatura. Eu tinha esquecido por alguns minutos. Merda. Isso significava que mais dessas pessoas estavam chegando, porque eu sabia que Heather havia fechado o Manny's e convidado quase todos em Roussou e Fallen Crest.

De repente, fiquei cautelosa de novo, apertando sua mão. — Há mais de vocês vindo? Um Logan e Matteo?

Eu conheci Logan, mas tinha sido breve. Nenhuma interação como esta.

Ela inclinou a cabeça para trás e riu.

Até ele estava sorrindo. — Logan vai te amar. Ele adorou como você estava na delegacia.

— É por isso que Channing e Heather nos mantiveram longe dela. Ela é como nós, Mason.

Ele resmungou, mas houve um pequeno sorriso lá. — Sim. Será interessante, para dizer o mínimo.

Eu não sabia do que eles estavam falando, mas nunca conheci Logan Kade oficialmente. Eu tinha ouvido falar dele. Eu

não tinha ouvido falar de Matteo, mas Nate parecia vagamente familiar.

Eu senti como se estivesse usando uma pele nova.

Tudo estava mudando, e eu não aguentava.

— Acho que vou resgatar meus amigos de Heather. Foi um prazer conhecer vocês dois. — Eu parei. — Samantha e Mason.

Eles acenaram com a cabeça e se afastaram quando eu desci as escadas, em direção ao fundo do Manny's.

Outra mudança para mim? Eu realmente quis dizer isso. Eu não fiquei impressionada com o que eles disseram, porque as palavras estavam vazias para mim. Mas ações e comportamentos falaram comigo, e eles estavam preocupados com Channing e Heather, que disseram algo para mim. Eu gostei. Eu respeitei isso.

— Vamos lá, Heather! — Ouvi Zellman gritando dentro de Manny's. — Fiz uma petição e consegui milhares de pessoas para assinar que você deveria nos dar rum grátis.

Eu estava sorrindo mesmo antes de abrir a porta de tela traseira.

— Sério? — Heather bufou. — E de quem são essas mil assinaturas? Sua mão esquerda e direita se alternaram?

Z estava quieto. Isso lhe deu a resposta.

— Meu Deus. Verdade? E por que você está tentando roubar bebida daqui? Você pode obter álcool em qualquer lugar. Seja como um adolescente menor de idade e esgueire-se para outro lugar. Pelo menos trabalhe para o seu álcool.

— Era isso que eu estava *tentando* fazer. Você ficou no caminho. Além disso, suas coisas são da melhor qualidade.

Desci o corredor e estava quase passando pelos banheiros e pelo escritório quando uma porta se abriu. Uma mão disparou, agarrou meu braço e me puxou para dentro.

— O que...

Uma boca estava na minha, me silenciando.

Não era nenhuma boca qualquer. Eu conhecia aquela boca. Eu senti essa manhã, e me levantei, coloquei meus braços em volta do pescoço dele e abri os meus em troca.

Todas as coisas estranhas desapareceram e a necessidade, quente e ansiosa, tomou seu lugar.

Cross se afastou. — Eu quero, mas não aqui. Não no escritório de Heather.

Dei uma olhada rápida na sala. Ele estava certo. Havia uma placa posicionada no canto que dizia Regras do Chef a seguir: Não deixe ninguém cozinhar fora.

Eu balancei minha cabeça. — Isso deve ter sido um presente. Por que alguém escolheria colocar isso em seu escritório?

Cross baixou a cabeça, salpicando beijos na minha garganta. — Se não estivéssemos aqui para celebrá-*la*, eu inventaria uma desculpa para abandonarmos. Acho que deveríamos ter um dia, só você e eu, onde fazemos isso. Onde nós comemoramos um ao outro. Você está dentro? Nós poderíamos ir a algum lugar. Sozinhos. Apenas. Você sabe?

Soou celestial. — Eu estou dentro.

Não havíamos conversado muito na noite anterior, quando ele se arrastou para a cama. Ele estava em outro jantar em família, exceto que este tinha sido apenas em família. Nenhum outro significativo. A mãe. O pai. Taz e Cross. Não achei que Blaise estivesse incluído, e Cross estava quieto esta manhã. E então Heather me pediu para vir mais cedo e ajudá-la a escolher decorações de última hora, já que a festa era para mim.

Eu segurei o lado do rosto dele, meu polegar correndo por sua bochecha. — Como foi a noite passada?

Seus braços se apertaram ao meu redor, e uma sombra cruzou seu rosto. — Foi o que foi.

Eu esperei, mas ele não adicionou nada. Dando um tapinha no peito dele, inclinei minha cabeça para trás. — Ei. Sou eu. Converse. Me deixa entrar.

Os olhos dele se ergueram. Eles estavam tão encapuzados, tão assombrados, que meu coração afundou.

Ele os fechou novamente. — Taz está indo para Grant West, e o que você disse se tornou realidade. Minha mãe está saindo com ela. Ela vai comprar uma casa lá, se instalar, conseguir um emprego.

Eu esperei, mas nada.

Minha mão flexionou em seu peito. — E seu pai?

— Ele está ficando aqui. — Ele olhou para cima novamente. — O que mais há a dizer?

As crianças foram para a faculdade. Os pais ficaram para trás. Isso era de se esperar. Não achei que Cross estivesse sentindo a dor disso. Era o fato de que toda a sua base estava mudando sob seus pés. Ele não tinha casa para onde voltar, mas então pensei sobre isso, e ele tinha. Era eu. Estava aqui. Isso era Zellman e Jordan.

— Onde Blaise está indo para a faculdade?

— Caim.

— Você está falando sério?

Ele assentiu, o rosto sombrio. — Ele deveria ir a algum lugar no leste. Não sei por que ele mudou.

— Você acha que é porque você está indo para lá?

Cross ficou em silêncio e depois balançou a cabeça. — Não. As duas vezes que nossos caminhos se cruzaram desde o jantar, ele não me deu a hora do dia. Meu palpite é que há alguma outra razão pela qual ele mudou.

Cross não tinha dito mais nada sobre seu irmão, nem seus pais, nem mesmo sua irmã. Eu perguntei a cada poucos dias, e ele respondeu, mas as respostas eram assim. Ele estava me deixando entrar, ele simplesmente não estava me deixando entrar *completamente*. Havia um oceano de coisas lá sobre sua família, mas eu estaria aqui quando ele estivesse pronto. E eu sabia que sairia em algum momento. Tudo sairia.

Passei a mão pelo peito dele, roçando seu jeans. — Depois desta noite. Você e eu. Sim?

Ele assentiu, descansando a testa na minha. Ele suspirou: — Parece perfeito.

— Eu te amo.

— Eu amo *você* .

Ouvimos Heather passar por nós, dizendo algo sobre Zellman. Suas palavras foram abafadas, mas foi o suficiente para nos lembrar onde estávamos.

— Hoje é sua festa, — disse Cross.

— Isto é. Todos os amigos de Heather e Channing também estão aqui. Ou eles estão vindo.

Cross suspirou, separando-se de mim. — Vai ser uma longa noite.

Seria. Eu dei um tapinha no peito dele. — Mas, ei, temos outra festa pela frente no final do verão. Exibição antecipada do documentário. Mal posso esperar por isso. — Eu estava sendo sarcástica, alegre e sim, fingindo totalmente aqui.

Os olhos de Cross se arregalaram em falso horror. — Quem é você e o que você fez com a minha namorada?

Eu ri. — Você não sabia? Essa cadela se formou no colegial. Ela já se foi há muito tempo.

Nos movemos para sair, e Cross passou a mão nas minhas costas. Ele se inclinou, beijando o lado da minha testa. — Nunca mude, sim? Eu realmente amo essa Bren.

Inclinei-me para ele, meu interior esquentando e derretendo. — Do que você está falando? Estou mudando.

— Não. — Ele me parou, subitamente sério. — Você está apenas removendo parte da bagagem e a verdadeira você está saindo. Você está mais brilhante, mais iluminada, mas ainda é a Bren. — Os olhos dele escureceram. — Eu realmente preciso de você agora.

Minha garganta inchou e eu sussurrei: — Eu sempre vou precisar de você.

Ele se inclinou e seus lábios encontraram os meus.

Ficamos um pouco mais no escritório de Heather.

EPÍLOGO

Três meses depois

A garota na tela estava sentada em um banquinho na frente de um fundo preto, com uma única luz apontada para ela. Uma câmera. Uma produtora. Isso era tudo.

Seu cabelo estava solto, embora ela não usasse maquiagem. Um top branco. Shorts jeans. Botas pretas. Um suéter foi colocado sobre os ombros porque ela estava com frio.

Aquela garota era Bren.

Aquela garota era eu.

Eu estava crua naquele dia. Este vídeo, não era o que eu queria, mas eu usei. Eu o transformei em algo que eu queria no final.

Eu me observei olhando para baixo por um momento, meu cabelo caindo para a frente e, quando olhei para cima, deixei-o lá. Eu tinha escurecido meu cabelo, quase preto. Eu não sabia o porquê na época, mas, vendo isso agora, misturava-se com o fundo. Talvez essa tenha sido minha intenção? Uma última tentativa de me misturar, não me destacar? Ou talvez eu só quisesse que meu rosto se destacasse mais.

Eu não sabia, mas gostei. Meu cabelo também tinha crescido.

Talvez, apenas talvez, eu estivesse tentando me tornar uma nova Bren. Eu estava tentando deixar a antiga para trás - aquela que queria ficar em Roussou para sempre, que não queria crescer, que estava com tanto medo do futuro que ela quase parou de acreditar que chegaria.

Talvez.

De qualquer maneira, lá estava eu. Em um banquinho. Me preparando para derramar meu coração. Então Becca me fez uma pergunta e minhas costas se endireitaram.

A voz de Becca veio da câmera. — Você pediu para ser entrevistada. O que fez você decidir fazer isso?

— Porque o outro lado precisa ser ouvido.

— E que lado é esse? — Ela perguntou.

— Foi para proteção. É por isso que as equipes foram iniciadas. Não para ser uma gangue. Não por violência. Não pelo poder. Foi simplesmente para recuar contra o poder.

— O que aconteceu naquela época?

— Um cara queria estuprar uma garota. Essa é a raiz das equipes. Um bandido queria estuprar uma garota inocente e um grupo se uniu contra esse bandido. Eles não aceitariam isso,

então eles reagiram, e foi quando a primeira equipe começou. A equipe do New Kings. A equipe do meu irmão.

— Houve muita contração por parte da administração da sua escola contra o sistema de equipes. Eles disseram que vocês são violentos e representam um perigo para a segurança de seus alunos. O que você acha dessas declarações?

Observando-me agora, não vi como tinha ficado tensa. Não vi como me senti tão triste ao ouvir a mesma coisa repetidamente. Em vez disso, vi minha cabeça levantar mais alto, meus ombros firmes. Eu parecia mais determinada, mais feroz e ouvi o quão forte minhas palavras saíram.

— Pergunte aos alunos se eles têm medo de nós.

— Nós perguntamos.

— O que eles disseram?

Houve um momento de silêncio, então: — Eles disseram que há um elemento das equipes que temem, mas sabem que vocês os protegerão, e isso lhes dá uma sensação de segurança. — Houve outra pausa. — Quase todos os alunos disseram que estavam felizes por terem frequentado uma escola secundária que possuía o sistema de equipes. Vocês não os alvejaram, vocês se mantiveram em segredo, mas se algo acontecesse, vocês estavam lá para ajudar.

Na tela, eu estava assentindo. Isso não era novidade.

— Quando nossa equipe começou, eu fui a primeira mulher a se juntar a uma, — eu disse. — As pessoas foram cruéis. As pessoas perguntaram se eu era a prostituta dos caras. Se eu era a vadia do grupo. Foi o contrário. Minha equipe estabeleceu o precedente de que não vemos gênero. Um membro do sexo feminino é um membro da equipe. É isso aí. Nada mais. Nada menos. *Eu* não era menos. Então outra garota se juntou a uma equipe, e me disseram que era o mesmo com eles. Cada equipee é diferente. Nem todos seguimos as mesmas diretrizes ou regras, mas o núcleo de cada equipe é a proteção e a lealdade. Vocês se protegem e são leais um ao outro.

— Mas você está namorando um de seus membros, correto? — Becca perguntou.

Eu assenti. — Havia uma regra de que não devia haver namoro em nossa equipe. E seguimos essa regra até nos apaixonarmos.

— Os outros da sua equipe ficaram chateados?

Era algo que não tínhamos compartilhado, mas essa entrevista era sobre ser honesto, ser cru. Então eu dei de ombros e disse: — Sim. Eles estavam loucos, mas nós trabalhamos nisso. Toda a equipe fez. Houve muitas conversas sobre os problemas que poderiam acontecer. Houve conversas sobre dissolução, ou o que aconteceria se tentássemos não namorar. No final, *todos* decidimos que o melhor resultado era

continuar sendo uma equipe, para continuarmos namorando e torcer pelo melhor. Se o melhor não acontecesse, um de nós iria embora.

— Isso já aconteceu?

Eu balancei minha cabeça. — Não. Ainda estamos juntos.

— Se há uma coisa que você deseja que o mundo saiba sobre o sistema de equipes em Roussou, qual seria?

— Pare de nos colocar em uma caixa que só você entende. Se você não consegue entender, tente aprender. Nós não somos ruins. Nós não somos bons. Nós não somos maus. Não há plano ou agenda. As equipes começaram a proteger uma garota. Era bom no começo e ainda há bondade no sistema de equipes. — Eu me virei, encontrando a câmera diretamente e ignorando a produtora próxima a ela. — A administração de Roussou manipulou todo esse documentário para fazer sua oferta. Todos os alunos, exceto eu, Cross Shaw, Jordan Pitts, Zellman Greenly, Race Ryerson e Tasmin Shaw foram obrigados a assinar um contrato com a polícia local que exigia que eles fossem entrevistados para este projeto.

Um zumbido sussurrando encheu a sala.

Lembrei-me então. Lembrei do rosto chocado de Becca. O cara da câmera que congelou. Outro diretor entrou na sala. Mas

não ouvi a comoção que ouvira naquele momento. Eles haviam editado isso.

— Há um vídeo online mostrando onde a polícia enfileirou os alunos em uma festa, — continuei na tela. — Eles liberaram os estudantes de Fallen Crest e prenderam todos os estudantes que iam para Roussou. Cada aluno recebeu um acordo. Inscreviam-se para participar deste documentário, seriam cooperativos e nenhuma acusação seria feita contra eles. Nós estávamos na mesma festa. As pessoas dirão que não fomos presos, mas é porque não fomos pegos. Nós escapamos. Houve outra festa de pessoas presas e eles conseguiram um acordo. Isso porque essas pessoas eram da equipe Ryerson. O líder deles na época estava trabalhando com um membro da delegacia de Fallen Crest em um plano para prejudicar minha equipe e trazer drogas para as escolas secundárias.

Fiz uma pausa, mas meus olhos nunca vacilaram.

Eu nunca me empolguei.

Eu nunca me ajustei.

Eu nunca me encolhi.

Minha cabeça estava erguida porque isso era importante.

Eu não mostraria fraqueza neste momento.

— A administração conseguiu o que queria. Todos, exceto uma equipe, se separaram. Minha equipe. Nós somos os últimos, e nos formaremos e deixaremos Roussou quando este documentário for ao ar. Não sei o que acontecerá com o sistema de equipes quando partirmos. Mais grupos podem iniciar. O sistema pode estar acabado e Roussou voltará a ser uma escola normal. De qualquer maneira, qualquer um que se importe tem o direito de saber o que realmente aconteceu. Ken Broghers, detetive Broghers do Departamento de Polícia de Fallen Crest e nosso último diretor trabalharam juntos para forçar os alunos a fazer parte deste documentário.

Um fantasma de um sorriso cruzou meu rosto. — Para não dizer que alguns desses estudantes não gostariam de fazer parte, mas a maneira como aconteceu não estava certa. De fato, alguns diriam que era discriminatório e coercitivo. Mas qual é a minha opinião? Eu sou apenas uma estudante do ensino médio.

O restante do documentário compartilhou entrevistas com outros estudantes. Todos apoiaram o que eu disse.

As novas entrevistas deram mais detalhes sobre a festa.

Tabatha compartilhou sua história sobre sua prima que foi estuprada.

Sunday chorou diante das câmeras, falando sobre como ela desejara ter engravidado um ano antes, porque sabia que minha equipe teria ajudado. Mas agora estávamos todos saindo

e indo para o mundo real, e ela não achava que conseguiria a mesma ajuda ou abrigo lá fora.

Ela estava certa.

Vídeo do discurso de orador oficial de Harrison foi incluído.

E mais contas de estudantes.

Todos eles tinham o mesmo tema.

Não fomos dados como garantidos. Nós não éramos odiados.

Nós *éramos* temidos.

Nós *éramos* amados.

Nós *éramos* respeitados.

O documentário terminou com uma nota de que uma investigação havia sido aberta e que estavam pendentes acusações contra Kenneth Broghers, Detetive Broghers e Robert Neeon.

O documentário inteiro não era apenas sobre nós, o que fiquei aliviada ao descobrir. Eles dividiram em documentários-séries, e nós éramos apenas a última metade do episódio três. A primeira metade foi sobre Channing e Heather, como eles eram a ponte entre as duas cidades. O primeiro episódio foi sobre Mason e Samantha Kade.

O episódio dois foi sobre Brett Broudou.

Não era um grande documentário, mas havia recebido muita atenção da mídia, principalmente por causa de Mason Kade. Foi captado pela ESPN e executado em conjunto em outra rede a cabo, por isso não mudaria nossas vidas. Saber que alguma atenção seria trazida à nossa escola, sabendo que nosso lado havia sido compartilhado, tudo isso era bom o suficiente para mim.



Nós nos mudamos na sexta-feira.

O documentário foi ao ar dois dias depois. Eles nos deram a série inteira cedo, então enquanto o resto dos episódios iria ao ar nas próximas semanas, nós assistimos os três em uma noite.

Jordan e Zellman fizeram uma grande festa. As meninas estavam todas aqui, junto com Race e Taz. Os dois haviam viajado de Grant West, que ficava a quatro horas de carro.

Taz havia empreendido um grande esforço para conhecer seu meio-irmão Blaise durante o verão. Isso se traduziu em ele ser convidado e, embora não ficássemos felizes, não ficamos

surpresos quando ele apareceu com Zeke Allen. Junto com alguns outros.

As coisas estavam tensas entre Blaise e Cross. Nenhum dos dois parecia inclinado a dar o primeiro passo para o que quer que fosse -ser inimigo ou tornar-se irmão ou apenas amigo. Mesmo com Taz, tinha sido incerto. Blaise parecia que ele a tolerava às vezes, e outras vezes, ele a evitava completamente.

Sunday e Tabatha passaram boa parte da noite tirando vídeos e selfies com Blaise e Zeke, depois publicando-as apenas nas contas do Instagram de Lila e Monica. Eu não conhecia a história lá, mas havia uma.

— O que você está fazendo aqui atrás? — Braços me envolveram por trás. Cross me puxou contra seu peito e descansei minha cabeça em seu ombro. Nossas mãos pegaram, nossos dedos entrelaçados.

Eu estava parada na porta mais distante que ligava a garagem e a cozinha. Havia uma linha de visão limpa na sala de estar e, na maior parte, eu tive meu próprio momento aqui. Assistir aquele documentário tinha sido surreal.

Era estranho assistir minha vida na televisão.

Minhas palavras estavam lá fora. Eu disse a eles. Este foi um capítulo muito diferente para mim. Eu tinha entrado no

registro. Fiz uma coisa muito pouco *típica de equipe* e fui atrás da administração nos termos deles. Eu usei o que eles queriam usar contra nós e não sabia como me sentia a respeito.

— Só estou ficando um minuto sozinha, — eu finalmente respondi.

Isso parecia diferente. Não Cross e eu, mas estar aqui. Uma casa nova. Estávamos morando com Zellman e Jordan.

— Quase toda a minha vida, ouvi o quão ruins as equipes são. Quase toda a minha vida, tive pessoas querendo se livrar de nós, e agora quase conseguiram. Não sei como me sinto sobre isso. Não éramos todos ruins.

Cross baixou a cabeça, passando um beijo no meu pescoço. — Eu sei. Nós sabemos. E agora... — Ele acenou em direção à televisão: — Você colocou isso lá fora.

— Muitas pessoas não se importam.

— Não, mas... — Ele abraçou os braços sobre o meu peito, me balançando para frente e para trás em seu abrigo. — Talvez alguns o façam. Você simplesmente não sabe.

Verdade.

Eu olhei para cima. — Você sabia que os produtores desse documentário são parentes de Nate Monson? Eles são os pais dele.

— Eu não sabia. — Ele fez uma pausa. — Quem é Nate Monson?

Eu sorri, cruzando as mãos sobre os braços dele. — Boa gente, de acordo com Malinda.

Cross riu, me apertando. — Você passou muito tempo com essa mulher. Ela é uma má influência.

— Realmente? — Inclinei minha cabeça, sorrindo. — Ela toma café comigo e me conta histórias sobre minha mãe.

— Como se eu não soubesse que foi ideia dela jogar de ding-dong[11].

— Tecnicamente, nenhum de nós fez isso.

— Não, você está certa. Você convenceu Taz a tocar a campainha e a voltar para onde você e Malinda estavam esperando no carro de fuga.

— Viu? — Eu dei um tapinha em seu braço, sorrindo para ele. — Na verdade, não fizemos isso. Nós apenas ajudamos Taz a fazê-lo. Além disso, Malinda disse que fez isso com minha mãe. Eu queria ver como era.

— Como se sentiu?

---

11 É um jogo que envolve tocar campainhas das casas e sair correndo antes que alguém atenda.

Como diversão inofensiva e boba, mas me senti perto da minha mãe naquela noite. E eu iria novamente se Malinda sugerisse. — É uma boa memória pra ter agora.

Ele franziu a testa. — Espere. Quem é Nate Monson mesmo?

Eu balancei minha cabeça. — É apenas uma conexão engraçada. Não é tão importante.

Ficamos assim, de pé atrás, ele me segurando enquanto observávamos o resto do nosso grupo. Naquele momento, eu estava contente. E essa era uma emoção que eu estava tentando aprender como ficar bem... não afastá-la, me deixar ser feliz. Era um trabalho em andamento, mas com esse novo começo, eu estava esperançosa com relação ao próximo ano. Eu tinha minha equipe, então estava bem.

— Bren?

Braço cruzado apertado em volta de mim. Nós dois endurecemos com a voz do meu irmão.

Eu fiz uma careta, desembaraçando de Cross. — O que você está fazendo aqui?

Nós os convidamos para a festa de exibição, mas ele e Heather escolheram ficar em casa, dizendo que eram velhos demais para as festas da faculdade.

Todo mundo ficou quieto, vendo Channing entrar na casa.

Ele não parecia feliz. Ele parecia preocupado.

O medo começou a tremer no meu estômago. Eu literalmente apenas tentei me esforçar para ficar bem em sentir algum contentamento, e então isso aconteceu -o que quer que Channing trouxe à minha nova porta.

Eu dei um passo à frente. — O que há de errado?

Os olhos de Channing se estreitaram e ele balançou a cabeça. — Nada. Algo de bom, na verdade.

Ele estava mentindo. Eu pude ver.

Zeke desceu da escada, com uma cerveja na mão. Ele parou, viu Channing e arrotou. — Kade está aqui com você?

Channing o ignorou, seus olhos firmes em mim. — Bren.

Essa não era a sua voz — algo bom. — Essa foi a voz dele — venha comigo para não fazer uma cena. — Eu comecei a avançar.

Cross veio comigo, mas, enquanto passávamos pelo grupo, nos aproximando da porta, Channing perguntou: — Posso tê-la sozinha por um minuto? Só um minuto.

Agora eu realmente sabia que isso seria ruim.

Eu encontrei o olhar de Cross quando ele moveu a cabeça para cima e para baixo com o menor aceno de cabeça. — Certo.

Mas ele não parecia tão certo.

Os olhos de Channing caíram em mim. — Vamos lá fora.

Eu o segui.

Ele fechou a porta atrás de nós e imediatamente ouvimos uma comoção lá dentro.

Alguém gritou: — Luzes!

A casa ficou escura no segundo seguinte. Então vimos as cortinas se afastando. Todos estavam olhando pelas janelas.

Channing xingou baixinho. — Malditos estudantes universitários.

Eu sorri — Tecnicamente, nenhum de nós começou as aulas ainda.

Ele revirou os olhos. — Certo. Malditos ensino médio? Isso soa melhor?

Eu não respondi.

Ele respirou, apontando para a calçada. — Vamos andar.

Fiquei tentada a recusar, a fazê-lo derramar o que estava errado naquele momento e ali, mas, em vez disso, entrei com ele, minhas mãos entrando nos bolsos.

Andamos pela fila de veículos até chegarmos ao dele.

— O que está acontecendo, Chan?

Ele parou bem perto de sua caminhonete e se virou para mim. Com a cabeça baixa, os olhos nublados, ele disse: — Estou sempre aqui para você. Você sabe disso, certo? — Ele colocou a mão no meu braço, certificando-se de que eu estava olhando nos olhos dele. — Sou seu irmão mais velho e estraguei tudo quando era mais jovem, mas nada... e quero dizer nada... me manterá longe de você. Lutarei contra qualquer um se achar que está machucando você. Você sabe disso, certo?

Tocada, senti minha garganta inchar. Eu assenti. — Sim, eu sei.

Ele olhou para mim, algo pesando sobre ele, e então ele me puxou para um abraço apertado. Segurando-me, ele murmurou contra o lado da minha cabeça: — Juro por Deus, se ele te machucar, eu vou... — Ele parou, engolindo em seco quando se forçou a dar um passo para trás.

Mas suas mãos ainda estavam nos meus ombros, como se ele não conseguisse me deixar ir completamente.

Eu estava realmente começando a me preocupar agora. — Do que você está falando? Sobre Cross?

— Não. Sobre...

A porta do passageiro de sua caminhonete se abriu. Alguém que eu não tinha percebido estava sentado lá, estava nos observando, estava esperando ‘pra’ sair.

— Bren?

Tudo girou em volta de mim em um círculo. Os veículos. A casa atrás de nós. Até a porra das estrelas no céu. Raios. A coisa toda, porque o chão foi varrido debaixo de mim.

— Papai?



AGRADECIMENTOS

Um agradecimento especial a toda a minha equipe habitual por isto!!

Todos os meus leitores beta, revisores, meu editor, meu formatador! Obrigada a todos os leitores da gangue. Eu queria divulgar este para vocês muito antes, mas consegui alguns problemas com outros prazos de projeto e os personagens não estavam falando comigo. Eu sou uma autora que tenta não forçar os personagens, então obrigada novamente pela compreensão! Além disso, apenas um grande abraço meu para todos os leitores de Crew que foram tão surpreendentes e apoiadores quando comecei a postar pequenos trechos da Crew's Princess. Eu não tinha certeza da recepção, mas vocês me avisaram que estavam mais do que prontos para a Crew 2! Isso é como o ar para os autores.

E agora que você leu Crew's Princess, espero que esteja pronto para a *Crew 3.*